



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA**

VILARIN BARBOSA BARROS

**NOS RASTROS DE UMA MIGRAÇÃO QUIXADÁ (CE) – SÃO PAULO:
representações, memórias e sensibilidades
(1973-2001)**

**FORTALEZA - CEARÁ
2011**

VILARIN BARBOSA BARROS

NOS RASTROS DE UMA MIGRAÇÃO QUIXADÁ (CE) – SÃO PAULO:
representações, memórias e sensibilidades
(1973-2001)

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

Área de Concentração: História e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá.

FORTALEZA - CEARÁ
2011

B277r Barros, Vilarin Barbosa.

Nos rastros de uma migração Quixadá (CE) – São Paulo: representações, memórias e sensibilidades. (1973-2001) / Vilarin Barbosa Barros. – Fortaleza, 2011. 212p.; il.

Orientador: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Migração. 2. Representações. 3. Memórias. 4. Sensibilidades. I. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD: 900

VILARIN BARBOSA BARROS

NOS RASTROS DE UMA MIGRAÇÃO QUIXADÁ (CE) – SÃO PAULO:
representações, memórias e sensibilidades
(1973-2001)

Dissertação submetida ao Programa de
Mestrado Acadêmico em História da
Universidade Estadual do Ceará, como
requisito parcial para a obtenção do grau
de Mestre em História.

Área de Concentração: História e Cultura.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof^a. Dr^a. Maria Izilda Santos de Matos
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC

Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Ao Sr. José Vilarin Barros, meu pai: eterna
lembrança de uma vida efêmera. Saudades!

AGRADECIMENTOS

Sincera gratidão para com todos os homens e mulheres que me ajudaram, apoiando-me nesta fase tão passageira e intensa de minha vida.

À minha família por sempre me dar suporte e equilíbrio para seguir os caminhos que almejo, e de forma bem especial, sou grato pela força recebida da Sra. Maria da Conceição, minha mãe, que sempre esteve disposta a ajudar e ajudou bastante; obrigado pela compreensão, dedicação e, obviamente, pelo apoio financeiro. Ainda sobre essas características de minha família, não poderia esquecer do homem que mais se parece com minha mãe, que é o meu irmão, Vilamar Barros, obrigado pela disponibilidade e presentes ajudas!

A vida acadêmica é muito feita de encontros, e um marcante foi exatamente o acontecido com a minha eclética turma de mestrado. Turma: 04 de 2009. Representada por: Alex Alves de Oliveira, de Barbalha (“este colega me deu um trabalho!”); Ana Flávia Goes Moraes, diretamente de Caucaia; Raquel Caminha Rocha; Camila Imaculada Silveira Lima e Letícia Lustosa Martins, todas de Fortaleza; Felipe da Cunha Lopes, diretamente de Teresina (“minha gente”, um grande amigo!); Jucilane de Sousa Carlos, de Iguatu; Raimundo Alves de Araújo, de Ipu; Eu, de Quixadá e Karla Torquato dos Anjos Barros, de Olinda-PE. As contribuições de todos vocês ajudaram-me na escrita e pesquisa, me obrigaram a melhor explicar, re-construir e a lapidar as ideias em meu trabalho. Obrigado pelos diálogos tornados possíveis, pelos encontros marcados e tornados inesquecíveis... Permitam-me, em meio a um saudosismo, afirmar que a nossa turma muito se identificou, era unida e vivia reunida, deveras se gostava. Falando nisso, devo destacar dessa turma uma pessoa especial, com quem tive o prazer de encontrar.

Você me ajudou bastante com suas orientações, atenção, carinho, bom humor e com seu exemplo de equilíbrio nos momentos mais adversos; obrigado minha amada esposa: Karla Torquato dos Anjos Barros (Karlina). Pois bem, parece que levamos mesmo a sério essa ideia de se identificar e se gostar, que foi gestada no encontro da Turma 04 de 2009.

Devo agradecer também aos meus amigos Alysson de Queiroz Lima e Marco Antônio Lima do Bonfim (Marquin), que bastante me ajudaram, seja dialogando sobre minha pesquisa, ou mesmo, quando deram ouvidos a tantas outras coisas miúdas que narrei quando se configuraram em minha vida. Como, o próprio Marquin gosta de saber: “superada essa fase”, como outrora prometi te falar, vamos adiante...

Agradeço também a um grupo de amigos por se fazerem presentes: Prof. Manoel Alves de Souza, Prof^a Isaíde Bandeira da Silva e Prof. Tyrone Apollo Pontes Cândido; vocês incentivam-me bastante por suas conquistas, suas práticas como profissionais e, sobretudo, pelos seres tão humanos que são!

Aos professores e amigos do MAHIS/UECE pelas oportunidades e dicas de pesquisa. Especialmente, para este momento, agradeço a dois grupos: 1) Prof. Dr. Erick Assis de Araújo, a Prof^a. Dra. Silvia Márcia Alves Siqueira e a Prof^a Dra. Zilda Maria Menezes Lima, por me darem a oportunidade, na seleção do mestrado, de ingressar no MAHIS/UECE e desenvolver meus estudos; 2) Ao Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno e ao Prof. Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa, por estarem a frente das difíceis e importantes disciplinas de Seminário de Pesquisa I e II;

Ao Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá, meu orientador, muito obrigado pelos ensinamentos e dicas de escrita. És uma pessoa que admiro, respeito e sou grato pelas contribuições que recebi enquanto estudante de história.

À Prof^a. Dra. Telma Bessa Sales e a Prof^a. Dra. Lucili Granjeiro Cortez pelas orientações, dicas e provocações preciosas dadas na ocasião da qualificação de meu trabalho;

À Prof^a. Dra. Maria Izilda Santos de Matos e ao Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago, pela atenção e gentileza em aceitar participar da banca de defesa;

A todos os entrevistados que graciousamente me concederam entrevistas e me doaram pistas que ajudaram a compor tramas de suas vidas;

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP, por financiar o desenvolvimento da pesquisa.

E a todos aqueles os quais não registro os nomes neste sucinto escrito. Saibam amigos, que apesar de momentaneamente ter sido traído por minhas lembranças, não me encarem como ingrato; por favor, levantem as mãos, me ajudem, e lhes direi: MUITO OBRIGADO!

Mande notícias do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço
Venha me apertar
Tô chegando

Coisa que gosto
É poder partir
Sem ter plano
Melhor ainda
É poder voltar
Quando quero

Todos os dias
É um vai e vem
A vida se repete
Na estação
Tem gente que chega
Pra ficar
Tem gente que vai
Pra nunca mais
Tem gente que vem
E quer voltar
Tem gente que vai
E quer ficar
Tem gente que veio
Só olhar
Tem gente a sorrir
E a chorar

E assim chegar
E partir
São só dois lados da mesma viagem
O trem que chega
É o mesmo trem da partida

A hora do encontro
É também despedida
A plataforma desta estação

É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida

Encontros e Despedidas
Milton Nascimento e Fernando Brant

RESUMO

Temos como objeto de pesquisa as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. Partiremos da análise de entrevistas realizadas com um grupo de homens e mulheres que, entre os anos de 1973 a 2001, emigraram e retornaram à Quixadá. Das veredas que percorreram, retalhos de suas histórias nos chegaram atualizadas, inclusive, as correspondências que encontramos: selecionadas e arquivadas com o tempo. Utilizaremos estas missivas, pertencentes aos migrantes, também como fontes. Assim, mediante a tais evidências escritas e orais, formulamos três questões: o que representou a experiência da migração para os nossos entrevistados? Quais as possíveis motivações de suas partidas? E, por que retornaram de São Paulo e passaram a morar novamente em Quixadá? As respostas serão mostradas em fragmentos, por meio de indícios deixados na estrada da vida, podendo revelar-nos subjetividades e sensibilidades, acontecidas numa migração. Comparando e contrastando as fontes, tendo como perspectiva a História Cultural, visamos compreender, partindo das representações, histórias sentidas e vividas, tessituras sociais, assim como um processo migratório reeditado pelas memórias dos quixadaenses.

Palavras - chave: Migração, representações, memórias e sensibilidades.

ABSTRACT

We as a research object representations of the lives of migrants quixadaenses on St. Paul. From the analysis of interviews with a group of men and women, between the years 1973 to 2001, emigrated and returned to Quixadá. Who have walked the paths, patches of their stories have survived to date, including the matches that we found: selected and retained over time. We will use these letters belonging to migrants, as well as sources. Thus, by such written and oral evidence, we formulated three questions: which represents the migration experience for our respondents? What are the possible motivations of his games? And, who returned to Sao Paulo and started to live again in Quixadá? The responses are shown in fragments, through clues left in the road of life, reveal-can subjectivities and sensibilities, that happened in migration. Comparing and contrasting sources, with the cultural history perspective, we aim to understand from the representations, felt and lived histories, social tissue textiles, as well as a migration process through the memories of quixadaenses reissued.

Keywords: Migration, representations, memories and sensitivities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO – ENTRE IDENTIFICAÇÕES E DIFERENÇAS: REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO DOS MIGRANTES QUIXADAENSES SOBRE SÃO PAULO	30
1.1 Síntese biográfica dos migrantes.....	31
1.2 Pensando o lugar do narrador.....	39
1.3 Representações e versões de histórias.....	41
2. CAPÍTULO – MOTIVAÇÕES DE UMA MIGRAÇÃO PARA SÃO PAULO: “SÓ LEMBRANÇAS E NADA MAIS”	71
2.1 Antecedentes de uma migração.....	78
2.2 A atração por São Paulo.....	112
3. CAPÍTULO – MOTIVAÇÕES DE UM RETORNO À TERRA NATAL: CONFLITOS, CONQUISTAS E MUDANÇAS	127
3.1 “Se você quiser vim vou avizando aqui não é bom não como era”.....	134
3.2 “É uma cidade que tem muitas indústrias, aonde o nordestino e as outras pessoas vão à procura do emprego”.....	139
3.3 “Eu achei que lá era uma vida bem diferente e quando eu comecei a trabalhar...”.....	150
3.3.1. “Eles não confiam no nordestino. A gente sempre lá tem uma discriminação por parte deles.”.....	154
3.4 “Eu vim numas condições financeiras mais ou menos, boa, preferi ficar aqui na terra da gente”.....	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
FONTES	201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	205

INTRODUÇÃO

Por um instante, poderíamos iniciar este trabalho pegando passagem na canção “Encontros e despedidas”, pensando, na verdade, de onde falamos. E, neste momento primeiro, seguindo o enredo da letra de Milton Nascimento e Fernando Brant refletir sobre a plataforma de nossa estação como sendo registrada por nossas recordações, “a vida desse meu lugar”¹. De tal forma, sendo este também o meu lugar tornou-se corriqueiro saber de idas e vindas, de vidas, mas, dos migrantes quixadaenses, registrando em minha memória um dinamismo, um ir-e-vir semelhante à referida canção: “todos os dias é um vai e vem/ A vida se repete na estação/ Tem gente que chega pra ficar/ Tem gente que vai pra nunca mais/ Tem gente que vem e quer voltar”², outros que vão e querem ficar, sujeitos que vieram apenas olhar, tem gente sorrindo e a chorar. E assim, os retornos e partidas dos migrantes são apenas dois lados de uma mesma viagem em que à hora de encontros pode ser também um momento de despedidas.

Sobre esses momentos dos quixadaenses, antes mesmo da pesquisa, tive a oportunidade de escutar histórias narradas, relatos das experiências de sujeitos, inclusive de familiares, meu pai, especialmente, que emigrou no final da década de 1960 para a capital bandeirante, e depois retornou à terra natal. Já no decurso de um pensar esta pesquisa, conterrâneos e colegas de infância deslocando-se para a capital paulista, dizendo, por exemplo, buscar melhores condições de vida, conquistar um trabalho, ou até mesmo se aventurar, foi cena presenciada em um dia-a-dia em Quixadá³. Despedidas foram vivenciadas e registradas em minhas lembranças, como por exemplo, a de colegas de infância:

¹ BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. Encontros e Despedidas. Intérprete: Milton Nascimento. In: **TRAVESSIA o melhor de Milton Nascimento**. Gravadora / Selo, UNIVERSAL / Polygram. Ano 1999. Faixa 7 (3 min 34 s). Disponível em: <<http://www.radio.uol.com.br/#/musica/milton-nascimento/encontros-e-despedidas/167823>>. Acesso em: 2 abr., 2011. Lançada em sua primeira versão no ano de 1985.

² Idem.

³ Quixadá atualmente é um dos principais municípios do sertão central cearense. Conta com Instituições de Ensino Superior como a Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central, agregada à Universidade Estadual do Ceará, e a Faculdade Católica Rainha do Sertão, mantida pela Diocese da Igreja Católica, ali sediada, além de contar com um Campus da Universidade Federal. Possui uma população estimada, pelo relatório de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 80.605 habitantes.

Messias e Francisco, pseudônimos, que tive a oportunidade de acompanhá-los em um terminal rodoviário de Quixadá, antes de uma viagem para a capital paulista:

Messias emigrou para São Paulo numa manhã de quarta-feira, no dia 17 de Fevereiro do ano de 2005. Ele se despedia de seus amigos e sua mãe, indo viajar de ônibus na companhia de sua irmã, cunhado, sobrinho e um amigo seu, Francisco, conhecido de infância. Esse último, que entrara primeiro no ônibus, chorava bastante ao ver seu amigo Messias se despedir de familiares e, ao pensar, possivelmente, em se desgarrar de seu pedaço querido, de sua terra natal. Era a sua primeira vez, semelhante ao Messias, que rumava a São Paulo pensando em lá estabelecer sua nova morada.⁴

As histórias contadas por um migrante dos anos 1960 se comparadas às de quixadaenses, que emigraram em 2005, podem revelar-se com peculiaridades bastante distintas em virtude, inclusive, da distância existente entre os momentos em que migraram. Porém, o que gostaríamos de demonstrar neste momento é o “lugar social”⁵ de quem escreve, entendendo que essas marcas em uma pesquisa são indestrutíveis; apenas procuramos evidenciá-las com os ditos acima.

Na verdade, o lugar de onde falo não foi condicionado apenas pelas relações entre familiares e com conterrâneos, nem somente por ter presenciado encontros e despedidas de indivíduos que emigraram para São Paulo, pois a pesquisa também está marcada por oportunidades e vivências acadêmicas, principalmente, quando ainda na graduação participei como bolsista de uma pesquisa financiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), realizada no período de primeiro de março do ano 2005 a 28 de fevereiro de 2006. Nesta ocasião, em que juntamente com a aluna Fabiana de Holanda, fomos orientados pelo Prof. Dr. Alexandre de Almeida Barbalho, realizamos entrevistas, visando o desenvolvimento do projeto intitulado: “Emigrantes e Imigrantes – Trânsito de culturas entre o sertão central cearense e as grandes metrópoles brasileiras”.

De fato, ao término da pesquisa, mais de vinte entrevistas tinham sido realizadas. Não eram apenas com os migrantes quixadaenses, mas incluíam os emigrantes e imigrantes sertanejos que tinham transitado, no final do século XX, entre o sertão central cearense e as grandes metrópoles do Brasil. Todavia, após o término em 2006, constatamos que a maioria dos entrevistados, na verdade, era de

⁴ BARROS, 2010. p. 625.

⁵ Sobre essa questão cf. CERTEAU, 1998.

Quixadá e, o lugar para onde foram e do qual retornaram era: São Paulo. Nove foi o total de quixadaenses entrevistados até o dia 28 de fevereiro de 2006. A pesquisa gerou também a seleção de inúmeras fotos, as quais foram doadas pelos migrantes.

É verdade que recorreremos às fotografias em nossa pesquisa, mas, na medida em que elas potencializaram as narrativas dos entrevistados, funcionando como uma espécie de “objeto biográfico”⁶. Sua função, de todo modo, está atrelada ao desenvolvimento das entrevistas que realizamos com os migrantes. As fotos foram solicitadas por nós em momentos que antecederam as entrevistas, pois acreditávamos que elas contribuiriam para o afloramento das lembranças dos quixadaenses. Assim, pedimos que os entrevistados selecionassem fotos que retratassem três momentos distintos de suas vidas, ou seja, antes deles terem emigrado, de quando eram imigrantes e uma fotografia de um momento em que retornaram a sua terra natal.

Ainda no ano de 2006 entrevistamos mais dois migrantes e, em 2009, foi concedida a entrevista que completou o quadro das doze pessoas, que foram protagonistas deste trabalho. São elas: Sr. Américo Soares; D. Alderiza Silva; Sr. Antônio Teixeira; Sr. Antônio Jorge; Sr. Gilberto Teixeira; Sr. Gilberto Nunes; D. Eliana Lima; D. Valquíria de Holanda; Margor-Marly, pseudônimo; Sr. Pedro Dehon; Sr. Nazareno Firmino e o Sr. Cláudio Laurentino.

Margor-Marly, em conversa que estabelecemos em 2009, disponibilizou a nossa pesquisa mais de quarenta correspondências. Recebemos também doações de missivas da D. Oscarina Soares, mãe dos migrantes: Sr. Américo Soares e Sr. Antônio Jorge; uma carta de D. Alderiza Silva e mais três correspondências de D. Francisca da Silva, que também tem filhos que emigraram para São Paulo. Temos um total de sessenta correspondências que foram doadas para nossa pesquisa e datam dos anos 1970 até o início do século XXI. Trata-se de narrativas escritas, que nos possibilitam traduzir sensibilidades distintas das afloradas pelas memórias dos entrevistados, mas que nos ajudam a compor nossa trama histórica, nossa ficção a ser controlada por fontes, metodologia e teoria.

⁶ DIETRICH, 2008, p.2.

Nas correspondências encontramos fatos narrados sobre os migrantes, quando se encontravam em São Paulo ou retornados, e também histórias de amores. Somos informados sobre encontros, tratos e destratos acontecidos com esses sujeitos nômades. As missivas ainda relatam sobre conquistas e dissabores, que se fizeram presentes nas vidas dos migrantes quixadaenses. A grande maioria dos escritos são “correspondências passivas”⁷, ou seja, recebidas de outros e não redigidas pelos próprios entrevistados; mas, mesmo assim, não deixam de contar um pouco das relações que estabeleceram em um passado. Várias das missivas encontradas estavam guardadas em arquivos pessoais a mais de trinta anos, e, de forma graciosa, foram doadas para realização desta pesquisa.

Todos os indivíduos que entrevistamos nos trazem uma peculiaridade: migraram para São Paulo, onde viveram pelo menos três anos e, no momento da entrevista, residiam em sua terra natal, na “casa natal”, para utilizarmos um conceito de Bachelard, há no mínimo quatro anos. O lugar em que nos concederam as entrevistas é preciso destacar, pois, devemos salientar que ele é “mais que um centro de moradia... é um centro de sonhos”⁸, aliás, donde todos os indivíduos apareceram neste trabalho contando as versões de suas idas e vindas. Escolhemos apresentá-los de forma mais detalhada apenas no primeiro capítulo, ocasião em que eles também nos falaram sobre o que se identificaram e estranharam, no processo migratório vivido.

Mediante os doze entrevistados: oito homens e quatro mulheres, que emigraram e retornaram à terra natal, depois de viverem no mínimo por três anos em São Paulo, e nos contaram suas experiências e versões de suas histórias, temos como objeto de pesquisa as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo e, para a realização deste trabalho, partimos das seguintes fontes: entrevistas e correspondências.

Nosso recorte temporal corresponde aos anos de 1973 a 2001, período em que, entre as pessoas que entrevistamos, foi registrada a primeira emigração, cuja protagonista foi a D. Valquíria de Holanda, e o último retorno de São Paulo, feito pelo Sr. Gilberto Nunes. Tendo por base a referida delimitação é que podemos

⁷ Sobre a ideia de correspondências passivas, ver: VENÂNCIO, 2005, p. 67-84.

⁸ BACHELARD, 1993, p. 34.

pensar nosso objeto: as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. Até porque é sobre as experiências desse tempo de idas e vindas, que se torna possível (re)elaborar representações dos sujeitos, que nos contam suas histórias enquanto migrantes, ou seja, que partiram e retornaram à terra natal. Dito de outra forma, só podemos analisar o nosso objeto de estudo se considerarmos um tempo em que os entrevistados se tornaram migrantes. São as memórias e representações sobre esse período que estamos, primordialmente, a refletir.

Recorremos à memória, ou seja, a esse “cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”⁹ como sendo ela, expressão de experiências coletivas vivenciadas pelos indivíduos. Nesse sentido, pensamos em uma “memória social”¹⁰ que, obviamente, está imbricada de relações históricas. Aliás, segundo Mônica Velloso: “entre a memória e a história é possível um espaço. Espaço poroso habitado pela poética de um tempo construído e vivido individualmente, mas revelado na tessitura do social. Essa tessitura que me interessa tocar”¹¹.

Assim, através da análise das narrativas, das falas dos quixadaenses, foram tecidas versões de uma migração, quando utilizamos a história oral enquanto metodologia, onde, por meio desta, visamos registrar também testemunhos e “interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais”¹². Objetivamos ainda com a metodologia representar e tecer a realidade através de um “mosaico de colchas”¹³ aos retalhos que, ao serem urdidos, nos possibilitem detectar as várias nuances de relações nas representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo.

Todavia, no contexto de fabricação da pesquisa, quais outras ferramentas teóricas podem ser utilizadas para operacionalizar nosso objeto? Pensemos um pouco nas reflexões que envolvem a temática do cotidiano...

Entre os trabalhos que analisam a referida temática, temos Silvia Petersen que, ao refletir sobre o cotidiano ressalta a importância de se pensar o

⁹ BOSI, 1994, p. 39.

¹⁰ Sobre o conceito de memória social, ver: FENTRESS; WICKHAM, s.d, p. 41.

¹¹ VELLOSO, 2009, p. 01-02.

¹² DELGADO, 2006, p. 15.

¹³ PORTELLI, 1997, p. 16.

“habitar (criar hábitos)”,¹⁴ esse que conforme a autora diz, para além de espaço, se refere a uma questão de tempo e se dá como produto de práticas cotidianas baseadas em inúmeros “ajustamentos tanto na escolha e apropriação simbólica dos lugares, como nas relações de vizinhança, nas repetições cotidianas de gestos, palavras, itinerários, convivências”¹⁵.

Relações que nos parecem, mesmo nos chegando por representações, que foram ajustadas com o tempo, através de um “criar hábitos”, ou conforme especificou o Sr. Gilberto Nunes: logo ao chegar a São Paulo estava “meio assombrado, mas, depois vai pegando o clima, se acostumando”. Esse acostumar diz respeito, possivelmente, a um “pegar o clima”, a necessidade de se criar novos hábitos, a ajustamentos de práticas em uma nova rotina que se fez cheia de significados para os emigrantes, que passaram a viver no final do século XX em uma grande metrópole.

Maffesoli, ao pensar a temática da vida cotidiana, faz uso do conceito de “socialidade”, chamando-nos atenção para “gestos miúdos” que ocorrem no dia-a-dia e que, na verdade, estão enovelados não de homogeneizações e de algo monovalente, mas, por um “misto de sentimentos, paixões, imagens”¹⁶ e contradições vivenciadas que, por sua vez, nos incita a relativização de certezas estabelecidas.

Mediante as reflexões, ou seja, entre o que Silvia Petersen entende por “habitar”, um “criar hábitos” e o que Maffesoli compreende por “socialidade”, pensamos o cotidiano como um palco onde tramas de vidas possivelmente foram sentidas, vividas, reconstruídas, e hoje são re-significadas, ou, podemos ainda dizer: representadas pelos migrantes quixadaenses. Um cotidiano marcado por sensações, valores, emoções, e que nos é apresentado aos “pedaços”, talvez mesmo nos chegue como flashes de inúmeros tempos, possíveis de serem investigados a partir das memórias e correspondências.

¹⁴ PETERSEN, 1994, p. 123.

¹⁵ Idem.

¹⁶ MAFFESOLI, 1984, p. 8.

Ao pensarmos ainda na ideia de cotidiano, entendemos que este foi vivido pelos entrevistados imigrantes de forma “tática”¹⁷. Eles próprios salientaram que, quando necessário, mudavam a maneira de falar, o sotaque, para jogar em território alheio, conforme nos disse o Sr. Cláudio Laurentino. Assim, entendemos que ao atentarmos para a temática do cotidiano detectaremos realidades que estão marcadas também por tensões, conflitos e contradições, onde são múltiplas as peculiaridades e formas “de resistência / luta, integração / diferenciação, permanência / transformação”¹⁸; semelhante às próprias trajetórias dos migrantes.

Todavia, quando pensamos neste trabalho: “cotidiano”, entendemos que, de fato, ele nos chega enquanto representações de migrantes quixadaenses que viveram em São Paulo, e possivelmente, estas passaram pelo filtro da memória, por atualizações no presente que reconstrói e transforma, dá outras formas a realidades do passado.

Temos, é verdade, como perspectiva em nosso trabalho a “História Cultural”¹⁹ que, como sabemos visa, em termos gerais, traduzir realidades de outrora por meio de representações, visando “chegar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo”²⁰. E, as representações “se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana”²¹, uma forma de conhecimento elaborada, desenvolvida e expressada conforme os modos de momentos vividos por indivíduos e grupos que desejam “fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem”.²² Dessa forma, ao refletirmos sobre o nosso objeto de pesquisa, entendemos que,

A representação é sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade, toda representação social é representação de alguma coisa ou de alguém. Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto; nem a parte objetiva do sujeito, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas.²³

¹⁷ Sobre essa questão “tática” Cf. CERTEAU, 1994.

¹⁸ MATOS, 2002, p. 26.

¹⁹ Sobre uma pesquisa que tem como perspectiva a História Social e aborda a temática da migração, ver: SALES, 2006.

²⁰ PESAVENTO, 2003, p. 42.

²¹ SÊGA, 2000, p. 128-129.

²² Idem.

²³ SÊGA, Op.cit., p. 129.

Dito isso, rastreamos a realidade e procuramos decifrá-la através das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. E estas nos chegaram e foram apresentadas, em grande medida, como já salientamos, através de memórias construídas sobre o passado, mas, que constantemente estão sendo atualizadas e renovadas no “tempo presente”²⁴.

Quando atentamos para as entrevistas, percebemos que os quixadaenses se remetem em grande medida às suas vivências de um período em que estiveram em São Paulo. Falam de prazeres e medos, de trabalhos, sensações, projetos de vida, de diferenças, identificações e, fundamentalmente, representam um passado acontecido fora da terra natal, sendo que corriqueiramente comparam através de suas narrativas relações estabelecidas quando imigrantes com a que atualmente vivem em Quixadá. Na verdade, além de falarem do presente e passado, se remetem a um processo consumado, ou seja, a realização de uma migração, de idas e vindas, de um desfecho de suas histórias agora lembradas, mas, do lugar em que nasceram.

Ao nos depararmos com os relatos de memórias dos migrantes, em vários momentos eles nos falam que São Paulo é um bom lugar, além do mais, foi onde conseguiram emprego e se adaptaram, afirmam. Então, mediante as informações, indagamos: por que mesmo, grosso modo, hoje eles relatam que não mais querem emigrar? O que de fato significou a migração para esses indivíduos?

Entendemos que os quixadaenses partiram rumo a São Paulo na expectativa de mudar de vida que inclui tanto questões objetivas: conseguir emprego e dinheiro na difundida capital do trabalho, quanto elementos subjetivos: como adquirir conhecimentos e ostentar novos valores, inclusive desejos de mudança que dizem respeito a uma necessidade de usar outras vestimentas e deixar de ser “comum” aos olhos da sociedade na qual nasceram, e mais, de voltarem realizados e marcados como sujeitos que acumularam experiências, indivíduos diferentes, agora migrantes quixadaenses. Entretanto, de que forma as representações de um passado vivido em São Paulo nos chegam? E ainda: quais sentidos conferidos ao mundo são possíveis de serem detectados através de nosso objeto?

²⁴DELGADO, Op.cit., p. 9.

Além de entrevistas, os significados de vidas representadas também nos foram apresentados por cartas. Obviamente, as missivas nos fazem pensar um pouco mais na definição de nossa metodologia.

As correspondências permitem explorar aspectos do dia-a-dia, que se tornam “inatingíveis em pesquisas macro-históricas, devido em parte à intimidade entre os correspondentes”²⁵. Através delas se estabeleceram também, além de contatos com familiares radicados nos lugares de destino da emigração, algumas orientações que podem ajudar indivíduos a decidirem suas partidas. Por sua vez, são textos de uso familiar, reveladores de peculiares valores manifestados entre os que se correspondem, e podem evidenciar o próprio teor de relações que foram estabelecidas no passado, isso, através de informações fornecidas em “primeira mão insubstituível, na qual se deposita uma confiança não concedida às estatísticas oficiais”²⁶, nem mesmo em documentos de agentes de emigração; pois, as missivas são potencialmente reveladoras de detalhes, de sensibilidades, que se expressam de forma bem diferente, em sua espontaneidade, dos conteúdos apresentados em documentos oficiais.

Portando tais fontes, como as cartas, foram por nossa metodologia de trabalho, contrastadas e comparadas às falas, representações, visando por critérios de verdades possíveis tramarmos a realidade através de um mosaico, que foi tecido em retalhos, urdido a partir de fragmentos de entrevistas e correspondências. Assim, “montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a História se vale, para atingir os sentidos partilhados pelos homens de um outro tempo”.²⁷

Entre memórias e representações percebemos os significados prováveis, que emergem através da análise de nosso objeto, marcado por lembranças diferentes, por tempos diversos, que às vezes se distanciam de um agora, mas, comumente estão marcados pelo presente. Vale ainda salientar que, apesar de portarmos inúmeras fontes, vivemos uma época na qual ter documentos em mãos não nos faz tocar verdades absolutas. Operacionalizamos, fabricamos conhecimentos sobre nosso mundo com caracteres de verossimilhança sim, mas os

²⁵ BATISTA, 2006, p. 22.

²⁶ CROCI, 2008, p. 30-31.

²⁷ PESAVENTO, 2003, p. 65.

produzimos em forma de uma “ficção”, por ser recortada, “inventada”, construída, enredada, porém controlada por fontes e teorias, ou seja, o que intentamos desenvolver é uma espécie de “ficção controlada”²⁸.

É assim que pensamos o construto do trabalho, estudamos nosso objeto de pesquisa e procuramos conduzir uma investigação, atentando-nos ainda às sensibilidades²⁹, às expressões de memórias e representações, ou seja, analisamos pistas, conduzimos nosso trabalho nos caminhos trilhados pelos sujeitos que entrevistamos.

Quanto aos migrantes quixadaenses, eles nos falam de suas idas e vindas, seus desejos e medos, de suas experiências de vida mencionando, inclusive, que ao emigrarem de sua terra natal tinham noutra estado alguns familiares ou amigos que os recebiam, que já se encontravam radicados no lugar para o qual se destinavam.

Assim, estamos falando de um trânsito acontecido nos anos de 1973 a 2001, onde as “redes migratórias”³⁰ já haviam sido estabelecidas e comportavam os quixadaenses. Tais redes consistem, na verdade, “em laços que interligam o local de origem e seus membros àqueles que estão no local de destino, com vias a facilitar a transposição de desafios, além de representar esta proximidade com a cultura de origem”³¹. Elas constituem também em apoios aos migrantes e isso se dá tanto em ordem objetiva como subjetiva, contribuindo para que eles tenham amenizadas as sensações de estranhamentos quando estiveram fora da terra natal. Através da existência de grupos de conterrâneos no lugar de destino, com o passar do tempo, se consolidaram fluxos migratórios, que acabaram por se estabelecer em redes, as quais se configuram como importante meio para indivíduos que desejavam, por exemplo, sair de Quixadá³².

²⁸ Sobre essas ideias refletidas Cf. PESAVENTO, 2003, p. 58.

²⁹ Para entender o conceito de sensibilidades que será utilizado principalmente no segundo capítulo, ver: PESAVENTO, 2008, p. 14.

³⁰ Sobre a utilização da ideia de uma migração estabelecida em redes, ver: ESTRELA, 2003, p. 155. Conferir também: SOUSA, 2006. p.44 e 81. Sendo que, para recorrer ao conceito de “redes migratórias”, ver: NETO; NAZARETH, 2006.

³¹ NETO; NAZARETH, op.cit..

³² Idem.

Temos como título: “Nos rastros de uma migração Quixadá (CE) – São Paulo: representações, memórias e sensibilidades”. Falamos de indivíduos inseridos em um tempo no qual as redes migratórias entre a terra natal e o lugar receptor já estavam estabelecidas. O período é posterior ao recorte que Ely Estrela faz em sua pesquisa ao pensar os “Sampauleiros”³³, baianos que transitaram de 1930 a 1970 entre o alto sertão da Bahia e São Paulo. Em seu recorte é possível falar de indivíduos que precisaram dos órgãos de arregimentação do Estado para efetivar uma nova vida em São Paulo, que foram pioneiros e emigraram sem contar com algum apoio de conterrâneos, e ainda, que não vivenciaram uma rede migratória já estabelecida. De fato, as condições em que viveram os entrevistados de Ely Estrela marcaram um período em que, pelas características mencionadas, se distinguiram dos anos 1973 a 2001, vividos pelos migrantes quixadaenses que entrevistamos; pois estes já tinham familiares ou amigos radicados em São Paulo que os apoiavam e ajudaram, na verdade, a tecer uma rede migratória já estabelecida.

Conforme Ely Estrela, os baianos recém-chegados à capital paulista sentiam uma espécie de abismo ao compararem a terra natal com o novo lugar que lhes cabia conhecer e passar a dominar seus novos códigos de conduta. Enfim, a autora salienta que tudo era estranho aos “Sampauleiros”, tudo lhes causava espanto e incertezas. Através da análise das entrevistas, ela constata que:

(...) dos indivíduos que foram para a lavoura, observa-se que a vida no novo ambiente lhes causava também medo e insegurança. Medo do desconhecido. Medo do desacerto. Medo da perdição. Medo da fome. Vergonha de retornarem em condições muito piores do que quando partiram³⁴.

Através do estudo de nosso objeto, evidenciam-se alguns medos representados pelos quixadaenses que se assemelham aos dos “Sampauleiros” de Ely Estrela, como o medo do desconhecido. Mas, também poderemos constatar fragmentos de um outro tempo que será analisado em nossa pesquisa, que se encontra principalmente marcado por uma rotina frenética própria da cidade grande, – não de uma vida na lavoura, não de temer a fome. Os quixadaenses protagonistas deste trabalho não emigraram em virtude de fenômenos climáticos como as secas. Os contextos configurados neste trabalho tiveram expressões e sentimentos

³³ Cf. ESTRELA, op.cit..

³⁴ Idem, p. 155.

específicos do período que delimitamos, como, por exemplo, o medo da violência urbana.

Diferentemente dos “Sampauleiros”, para os quixadaenses voltarem à terra natal em melhores condições de vida, parecia bem mais possível, tendo em vista que eles não tiveram que se desfazer de seus bens para emigrarem de Quixadá, ou seja, o seu deslocamento não demandou maiores esforços, nem o fizeram em meio a crises financeiras. Antes estavam inseridos em uma rede migratória já estabelecida, que os possibilitava serem recebidos por familiares ou amigos, tanto em São Paulo como em Quixadá, tornando seu transitar mais fácil do que para muitos dos entrevistados de Ely Estrela. Por isso, no caso dos quixadaenses, o retorno não apareceu como sendo uma vergonha, mas como uma opção desejável, uma possibilidade de recomeçar uma nova rotina, em um lugar no qual não foram desfeitas as moradas ao partirem para São Paulo.

Vale ressaltar também que a geração de migrantes que entrevistamos pode ser caracterizada como um grupo não-pioneiro, que se deslocava de ônibus, não em transportes ilegais de condições precárias como aponta a referida pesquisa de Ely Estrela, sequer em aviões, como podemos perceber com a maioria dos quixadaenses que retornam de férias de São Paulo no final da primeira década do século XXI.

Ainda sobre o grupo de quixadaenses, é possível detectar uma época em que indivíduos embalavam os romances na juventude através de músicas que eram oferecidas por meio de programas transmitidos pelo rádio. Sujeitos que, ao emigrar, mandavam fotos registradas em máquinas analógicas e se comunicavam através de cartas que ajudavam a realizar aproximações e a tecer redes de afetividade entre os entes queridos que se encontrassem distantes. Os doze protagonistas deste trabalho estão localizados e marcados por um tempo que antecede a popularização do telefone e, principalmente, a era digital com a internet e suas redes sociais, como: Orkut e Facebook, propagadas a partir de 2004³⁵. Redes essas que podem contribuir para a constituição de laços afetivos, onde é possível sujeitos dialogarem e se verem em tempo real, mesmo estando distantes. De fato, com os recursos

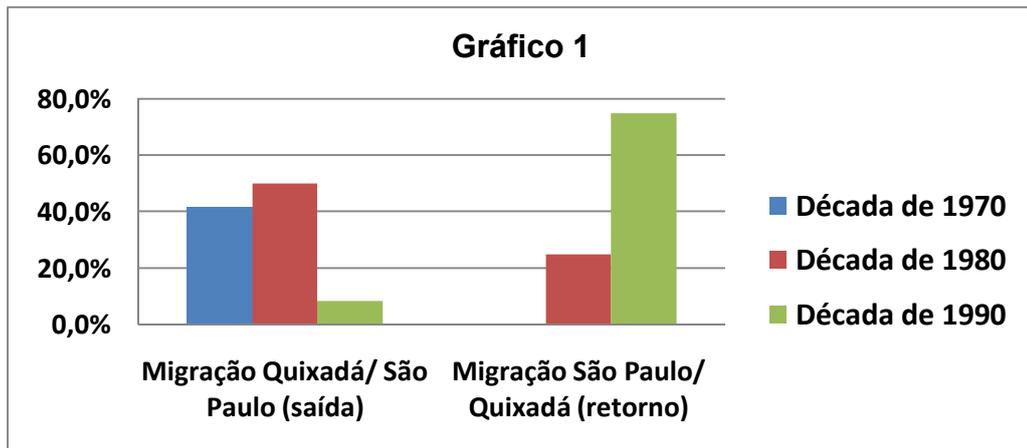
³⁵ Sobre as referidas redes sociais e virtuais que se popularizaram a partir de 2004, ver: VIEIRA; BARROS et. al., 2010.

utilizados através da internet são constituídos vínculos de afetividades bem distintos dos que foram tecidos através de manuscritos em papéis, de cartas, as quais eram correspondidas entre os migrantes em um período que traz suas peculiaridades.

Das doze pessoas, que entrevistamos, cinco se remetem à importância do apoio recebido pelo Sr. Sebastião Félix, quixadaense do distrito de Custódio, que morava em São Paulo desde o começo dos anos 1960. O Sr. Sebastião nos contou em março de 2011 que emigrou, – antes de ir morar na capital bandeirante no distrito de Bela Vista, Rua Santo Antônio, número 58, – para o município de Caiuá, localizado a 624 km da capital paulista. Segundo ele nos disse, antes de sua partida era lavrador em sua terra natal, atividade essa que continuou desenvolvendo por um ano em Caiuá, interior do Estado de São Paulo. Sua história de vida não será contada neste trabalho, porém, ela pontua um tempo anterior a emigração dos doze quixadaenses que entrevistamos e se assemelha a dos baianos, entrevistados de Ely Estrela, que também emigraram e trabalharam na lavoura ao partirem de seu lugar de origem.

As representações que nos chegam se remetem a São Paulo e suas imagens de multidão, um formigueiro formado por pessoas, de operários urbanos, e, em grande medida, relacionam-se a sujeitos que tiveram a experiência de trabalhar ou se assustar com as exacerbadas paisagens de concreto de uma cidade grande. Todavia, quando coletamos os dados pessoais de nossos entrevistados, descobrimos que estávamos lidando com sujeitos que emigraram não somente para distritos pertencentes à capital paulista, como: Pirituba, Bela Vista, Santo Amaro, Cidade Ademar, mas também para os municípios pertencentes ao Estado de São Paulo, como: Diadema, São Bernardo e Barueri. Contudo, não visamos através da análise de nosso objeto trabalhar especificamente um município ou distrito para o qual eles emigraram, não adotamos esta perspectiva³⁶. Entretanto, antes mesmo de falarmos sobre a ideia de espaço adotada neste trabalho, vejamos os tempos de saída e retorno de nossos entrevistados expressos abaixo (Gráfico 1):

³⁶ Para quem deseja pensar esse tipo de abordagem, ver: FONTES, 2008.



Obviamente o gráfico acima não representa a migração de cearenses para São Paulo, sequer dos quixadaenses em sua totalidade, mas, tem como função oferecer uma visão panorâmica de nossa delimitação. A partir de sua análise, percebemos que o grupo de pessoas que entrevistamos voltou em maior número na década de 1990, onde incluímos também o Sr. Gilberto Nunes que, embora tenha voltado somente em 2001, permaneceu em São Paulo durante aquele período semelhante à maioria dos entrevistados.

Em se tratando dos anos 1980, sabemos de uma conjuntura econômica do país divulgada como não-favorável, expressa, por exemplo, no trabalho de Teresa Caldeira³⁷. Todavia, detectamos que para além de quixadaenses, muitos foram do Estado do Ceará nesse período para São Paulo, contabilizando um saldo migratório de 101.950 pessoas, conforme constatamos através da pesquisa de Thiago Romeu³⁸. Assim, entendemos que contaram nas escolhas de uma emigração fatores de ordem micro ou subjetiva, os quais parecem ter afetado mais proximamente as vidas dos migrantes quixadaenses do que as tendências macro-econômicas do Brasil.

Muitos dos sujeitos entrevistados, que emigraram de Quixadá nos idos de 1970, falam hoje de forma eufórica das conquistas de emprego naqueles anos. No entanto, o que constatamos, quando recorremos aos registros contidos em suas carteiras de trabalho, cuja maioria havia sido emitida ainda no Ceará, foi uma generalizada ausência de indícios relativos à admissão destes indivíduos em algum tipo de trabalho formal durante os primeiros anos, em que viveram na metrópole

³⁷ Cf. CALDEIRA, 2000.

³⁸ SOUSA, op.cit., p. 79.

paulista. Sobre essa época, eles nos contam também seus desejos de conhecer algo diferente, de se aventurar e de viver em uma moderna capital.

Quanto à década de 1980, nos chegam representações de um lugar monumental sim, de oportunidades, mas ao mesmo tempo onde paira insegurança, violência e bastante desemprego. Já referente aos anos de 1990, fala-se de um lugar que não pára, agitado e impressionante. Cidade de multidões e solidão, mas ainda de orgulho por sua magnitude, capaz de despertar apego, e não por acaso, de forma contraditória, sendo recordada com marcas de um tempo em que a maioria dos nossos entrevistados desejou retornar à terra natal.

Todavia, vale dizer que, de uma maneira geral, entendemos os espaços recordados pelos quixadaenses como sendo qualitativos, vividos, e que podem despertar saudades ou, por definição, “um espaço nostálgico, um lugar aberto a todas as nostalgias, isto é, carregado de afetividade”³⁹. Quando pensamos de forma específica a cidade e São Paulo em nosso trabalho, temos como perspectiva um lugar redundante, que se repetiu e se repete por representações para fixar suas imagens nas lembranças dos quixadaenses. Ele é apresentado na reedição das histórias dos migrantes através de suas memórias que, por sua vez, têm como características também repetições de símbolos, os quais dão formas a uma cidade ambígua, que passa a existir conforme as experiências de indivíduos, revelada na tessitura do social⁴⁰.

Eis como pensamos o espaço, a cidade e São Paulo, este que foi o destino dos migrantes quixadaenses a partir de 1973 a 2001; recorte do qual partimos para analisar o objeto deste trabalho. Contudo, quando apresentamos as saídas e retornos de indivíduos (Gráfico 1), e falamos das representações do cotidiano dos entrevistados sobre São Paulo, especificando relatos que se referem às décadas de 1970, 1980 e 1990, entendemos que lidamos com memórias. Os tempos que afloram através das recordações não são lineares, e sim, superpõem-se, “pois a memória não tem margens nem limites, é solta, atrela-se apenas ao desejo”⁴¹, que pode ser manifesto tanto por valores que foram re-elaborados no

³⁹ SAYAD, 2000, p. 12

⁴⁰ Sobre as ideias de espaço e cidade apresentadas no parágrafo, ver: CALVINO, 1990, p. 23. E também: NOGUEIRA, 1998, p. 1.

⁴¹ NOGUEIRA, op. cit., p. 1.

passado, mas atualizados no presente, como pelas condições do momento da entrevista, marcada pelo agora, por um pretérito e também por prospecções de um futuro melhor.

Entre os tempos da memória e os espaços representados, partimos para a ideia de contexto que será utilizada neste trabalho, mas, devemos informar que não o pensamos como sendo estrutural, preestabelecido, generalizado a priori, para que a partir dele possamos analisar nosso objeto, mas, na verdade, temos em vista compor tramas que serão tecidas e entrecruzadas a partir de rastros deixados na estrada da vida, por meio de memórias⁴². Partimos das versões dos quixadaenses entrevistados, para que assim possamos constituir e analisar uma pluralidade de contextos, elaborados e necessários à compreensão de comportamentos que estudarmos⁴³. Visamos construir e representar um pouco do contexto, quando discutirmos, costurando e apresentando as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo.

Ora, se entendemos que “a memória é o depósito e a máquina dinâmica a revelar e reconstituir as ações passadas, engajadas nas nossas experiências atuais”⁴⁴, se lidamos com sujeitos que moraram em São Paulo, mas no momento das entrevistas viviam em Quixadá, e mais, estavam a recordar suas idas e vindas já acontecidas, foi interessante saber: o que representou a experiência da migração para os quixadaenses que entrevistamos? Esta é a questão que nos orientou no primeiro capítulo, onde os protagonistas foram apresentados e nos falaram de um passado entre representações de identificações e diferenças, mas também do presente e de projetos futuros, assim como, sobre as posições que atualmente ocupam e defendem para si. Partimos, por certo, das reedições de histórias pelas memórias, que foram re-elaboradas diretamente da terra natal dos migrantes.

No segundo capítulo, privilegiaremos a trajetória de vida de Margor-Marly, uma das doze protagonistas deste trabalho, escolhemo-la por termos, sobre sua vida, inúmeras fontes, variadas pistas, como: mais de quarenta correspondências da época que migrou e três entrevistas que nos concedeu. Deste momento do trabalho

⁴² A abordagem das fontes, a utilização de pistas visando compor uma trama e a investigação neste trabalho recebe a influência de propostas da micro-história. Sobre isso, ver: GINZBURG, 1989.

⁴³ Cf. REVEL, 1998, p. 27.

⁴⁴ JUCÁ, 2002, p. 108-109.

não partiremos necessariamente de agoras, do presente para pensarmos nosso objeto, recorreremos a indícios do passado, as correspondências, por exemplo, que chegam a anteceder uma emigração, mas que nos ajudam a problematizar as razões, as motivações de uma atração por São Paulo. Aliás: por que quixadaenses emigraram, semelhante a Margor-Marly, para São Paulo?

Eis a pergunta do segundo capítulo. As repostas foram pinçadas pela análise de rastros, deixados na estrada da vida, através de um contexto tecido e que tratou dos motivos plausíveis de uma migração para São Paulo, mais ainda, de sensibilidades que a marcaram as histórias de quixadaenses.

Se no primeiro capítulo perguntamos o que representou a migração e no segundo problematizamos sobre a questão dos porquês de um migrar, no terceiro capítulo, a pergunta que nos orienta é exatamente: por que nossos entrevistados retornaram de São Paulo e passaram a morar novamente em Quixadá? Diferentemente do segundo momento deste escrito, onde privilegiamos a trajetória de vida da Margor-Marly, no último capítulo, nossos entrevistados, de uma maneira geral, nos contaram suas versões de um retorno. Porém, apesar da liberdade que têm de se expressar, atentamos para a memória social, que marcou os relatos dos indivíduos, pois, como sabemos, a (re)construção do passado é seletiva, e submete-se, conforme especifica o Professor Gisafran Jucá, às limitações que são impostas pela sociedade, e podem, de fato, nos revelar tramas de relações sociais⁴⁵.

Assim, escolhemos iniciar este capítulo, como estratégia narrativa, partindo da entrevista do Sr. Américo Soares, sujeito utilizado como modelo de migrante, que entrevistamos. Mas, na verdade, não foram enredadas apenas as versões desse quixadaense, pois, no último capítulo, histórias se entrecruzaram por aproximações estabelecidas, e isso trouxe à tona sentidos possíveis de uma memória social, a partir das narrativas de indivíduos e, por extensão, nos mostrou explicações acerca das motivações de um retorno à terra natal, mas também sobre os conflitos, conquistas e mudanças, que uma migração acarretou para o grupo de quixadaenses entrevistados.

⁴⁵ Idem.

Por último, vale salientar que quando elaboramos as questões centrais que nos orientaram nos três momentos de nosso trabalho, “não buscamos a generalização das respostas, e sim das perguntas”⁴⁶, as respostas nos chegaram por fragmentos, como pedaços tecidos em forma de um mosaico de retalhos. Então, partamos, assim, das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, percebendo que através dos rastros de uma migração, podemos traduzir histórias marcadas por sensibilidades.

⁴⁶ LEVI, 2009, p. 52.

CAPITULO I – ENTRE IDENTIFICAÇÕES E DIFERENÇAS: REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO DOS MIGRANTES QUIXADAENSES SOBRE SÃO PAULO.

Para que possamos pensar o que representou a experiência da migração para os quixadaenses que entrevistamos, ideia central deste capítulo, precisamos inicialmente apresentar os migrantes, salientando inclusive, quais os indícios a que tivemos acesso sobre cada indivíduo. Vale ainda dizer que as entrevistas, com doze pessoas, aconteceram nos anos de 2004, 2005, 2006 e 2009. E, temos como recorte temporal o ano de 1973 a 2001, período em que, entre as pessoas que entrevistamos, se registra a primeira emigração e último retorno de São Paulo.

É exatamente tendo por base a delimitação supracitada que podemos pensar nosso objeto: as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. Sobre as experiências desse tempo de idas e vindas, torna-se possível (re)elaborar representações dos sujeitos que nos contam suas histórias enquanto migrantes que partiram e retornaram à terra natal.

A média de idade dos quixadaenses referente ao período em que as entrevistas nos foram concedidas, é de 44 anos, sendo que dentre eles temos: o Sr. Nazareno Firmino e o Sr. Gilberto Teixeira com 34 anos e, “Margor-Marly”⁴⁷ com 58 anos. Viveram em São Paulo por volta de onze anos. Obviamente, temos o Sr. Nazareno que morou apenas três anos, o Sr. Américo Soares e Sr. Pedro Dehon que viveram na capital paulista, respectivamente, quinze e dezoito anos. Temos ainda sujeitos que estiveram em São Paulo por sete, nove, dez, treze e quatorze anos. O que eles têm em comum é que todos emigraram para São Paulo e retornaram à terra natal, e ainda, que no período de emigração tinham um grau de escolaridade de Ensino fundamental, exceto o Sr. Cláudio Laurentino com Ensino Médio. Diríamos também que todos são filhos de agricultores e que, quando os entrevistamos já tinham retornado há pelo menos quatro anos depois de terem passado, no mínimo, três anos em São Paulo.

⁴⁷ Nome fictício retirado de uma correspondência de 1974 que foi destinada a sua pessoa. Acordamos com a entrevistada um pseudônimo visando preservar sua identidade. Trataremos sobre sua trajetória de vida no segundo capítulo.

Ora, se atentamos também neste capítulo para as falas de indivíduos que comumente comparam e contrastam momentos e lugares, tendendo a constituir identificações e diferenças, aproveitaremos a ocasião para apresentar os sujeitos envolvidos em uma trama que será tecida. Dividi-los-emos em três grupos para que possamos melhor identificá-los, fazendo, assim, uma primeira apresentação dos quixadaenses através deste capítulo.

1.1 Síntese biográfica dos migrantes

O primeiro grupo é composto pelos moradores do município de Quixadá, e são eles: D. Valquíria de Holanda, Sr. Gilberto Nunes, Sr. Antônio Jorge, Sr. Gilberto Teixeira e D. Eliana Lima. Eles nos contaram sobre as motivações de uma emigração e sobre um retorno, nos falaram do presente e passado, atualizaram um outrora através do exercício de recordar. Recordaram inclusive que sentiam saudades, ou viveram algo diferente, assim como, falaram sobre os primeiros contatos que estabeleceram com a capital bandeirante, e de suas experiências enquanto imigrantes quixadaenses. Então, que suas falas possam aparecer neste momento de apresentação, contando, por exemplo, suas impressões de São Paulo...

“Rapaz, eu achava que a cidade lá era melhor, era mais bonita (...) a gente ía pra uma capital grande, eu achei que a coisa era melhor. Foi bom, mas, achei que era fácil de ganhar a vida”; assim recorda o Sr. Gilberto Nunes, em setembro de 2005, quando nos concedeu entrevista em sua casa localizada no município de Quixadá. Apesar desta localização da residência do entrevistado, vale dizer que este nasceu em um pequeno distrito pertencente a Quixadá denominado Tapuiará, cuja população é, segundo relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2000, contabilizada em menos de três mil habitantes, que moram a vinte quilômetros da sede do município em que hoje reside o Sr. Gilberto Nunes. É também em Quixadá que o nosso entrevistado presta serviços de vigilância noturna, trabalhando pela prefeitura da cidade.

Portando os seus 42 anos, no dia da entrevista, nos disse que emigrou em 1987 e retornou em 2001, morando quatorze anos em São Paulo. Precisamente, em mais de uma década viveu basicamente em São Bernardo – SP, e relata que nunca teve sua Carteira de Trabalho assinada. O Sr. Gilberto Nunes nos conta sobre a vida em São Paulo: além de trabalhar fabricando estruturas de concreto, prestava serviços de vigilância particular, assim, amealhava recursos para seu sustento mensal. Ele ainda acrescenta que as atividades desenvolvidas eram relevantemente rentáveis, mas destaca que se equivocou ao pensar, antes de emigrar, que em uma grande capital “era fácil de ganhar a vida”.

D. Valquíria de Holanda parece corroborar com a ideia supracitada do Sr. Gilberto Nunes. Ela fala que: “lá todo mundo tem que dividir as despesas, e aqui o caba tem mais moleza do que em São Paulo!” Depois de acumulada experiência com a emigração que se deu ainda em 1973, quando a jovem Valquíria tinha 22 anos e assumira o cargo de “Caixa”, na empresa “Supermercado Pão de Açúcar S/A”, no mês de agosto daquele ano na cidade de São Paulo, trabalhou nesse estabelecimento até 24 de maio de 1974. Posteriormente, foi empregada da “C & A Modas – Magazine Ltda”, empresa na qual ganhava um pouco mais de três salários mínimos e meio, firma em que ficou até o dia dois de maio de 1983. Nesse mesmo ano, retornou ao Ceará e, hoje, com seus 54 anos, casada, mãe de família e avó, sendo proprietária de um ponto de vendas de frutas na cidade de Quixadá, recorda que seu regresso ao Ceará teve como motivação os pedidos do sogro que em 1983 estava com a saúde debilitada, e mais, relata que no presente a vida é mais fácil do que outrora em uma grande cidade. De D. Valquíria de Holanda, além de fotografias que foram utilizadas para potencializar a narrativa da entrevistada em maio de 2005, temos também o registro de duas vias de suas carteiras de trabalho.

Quanto ao Sr. Antônio Jorge, ele representou seus sentimentos de quando vivia em São Paulo e nos disse em março de 2005 que, nos anos de 1976 a 1985, antes de retornar à terra natal, na verdade, sentia “muita saudade dos familiares, só essas coisas que a gente sente (...) lá fora é bem diferente”. Sentimento semelhante ele expressa em uma correspondência que enviou no passado, quando tinha completado 26 anos, que foi endereçada aos seus pais: “domingo passei legal com todos os meus fizemos umas batido (sic) passamos legal só que eu não tem gosto por vocês não estão presente eu não posso acostumar

sem vocês” (Carta datada de 07 out. 1979). Na época da escrita dessa correspondência ele morava em Pirituba-SP. Atualmente casado e pai de família, o Sr. Antônio Jorge, com seus 52 anos, trabalha como mototaxista em Quixadá. Sobre ele temos o registro de uma Carteira de Trabalho e cinco correspondências dos anos de 1977, 1979 e 1982.

Se o Sr. Antônio Jorge representa seus sentimentos, D. Eliana Lima recorda que ao chegar a São Paulo no ano de 1985 se sentiu “praticamente perdida”, principalmente, porque se deparou com uma realidade inimaginável, então hoje ela salienta: “foi muito emocionante”. Essa sensação de desorientação espacial, recordada por D. Eliana, foi também ressaltada pelos “Sampauleiros”⁴⁸ de Ely Estrela, quando se referiam a um primeiro momento vivido em uma grande cidade. Já na capital paulista, começou trabalhando de “Ajudante de limpeza” em 1987, porém, antes disso, trabalhou dois anos sem carteira assinada. Ela morou quatorze anos em São Paulo e retornou ao Ceará em 1999. Atualmente é casada, mãe de família, proprietária de casas que aluga e de uma lanchonete em que trabalha na rodoviária de Quixadá. Com 42 anos vive em sua terra natal e as informações que adquirimos sobre sua pessoa estão pautadas nas entrevistas que realizamos em março de 2005, assim como através dos registros contidos em sua Carteira de Trabalho.

Tanto o Sr. Antônio Jorge como a D. Eliana Lima falam de estranhamento, de sensações, sentimentos e de diferenças, mas o irmão mais novo da migrante também gostaria de opinar: “a pessoa vai dizer que lá nada é diferente daqui, claro que é!”; resalta o Sr. Gilberto Teixeira, que morou nove anos em São Paulo, referente ao período de 1989 a 1998. Quando imigrante, trabalhou no cargo de “Ajudante geral” em construtoras civis. Hoje, não mais solteiro e pai de família, portando os seus 34 anos, trabalha como mototaxista no município de Quixadá. Temos como indícios que podem nos ajudar a compreender as versões de sua história, além da entrevista, fotografias de três carteiras de trabalho, que lhe pertencem e foram emitidas nos anos de 1989, 1994 e 1996.

Vale ressaltar também que apesar de morarem em Quixadá, tanto o Sr. Gilberto Teixeira como a D. Eliana Lima nasceram no pequeno distrito de Custódio.

⁴⁸ Sobre essa questão, ver: ESTRELA, op.cit., p. 187.

Lugarejo localizado a onze quilômetros do referido município, cuja população, segundo relatório do IBGE de 2000, é de pouco mais de quatro mil habitantes.

O segundo grupo que apresentaremos é exatamente composto pelos moradores do distrito de Custódio. São eles: Sr. Américo Soares, D. Alderiza Silva, Sr. Antônio Teixeira, Margor-Marly e Sr. Pedro Dehon. Eles falam de quando eram empregados na capital paulista, comparando com as melhorias que hoje adquiriram ao viverem na terra natal, nos contam sobre uma qualidade de vida ao mesmo tempo em que representam estranhamentos sobre um lugar diferente, onde o dia-a-dia era uma batalha e também um frenesi. Apresentam versões de histórias e detalhes que parecem marcar o presente e suas trajetórias.

Os entrevistados comparam momentos e lugares, através de suas memórias. Como um exemplo a ser mencionado, temos o Sr. Américo, que explica: “aqui vivendo no distrito de Custódio”, onde hoje é proprietário de uma pequena mercearia, “é melhor do que ser empregado e ser mandado” por outros na capital paulista.

O Sr. Américo Soares, atualmente com 49 anos, casado e pai de família, emigrou para Pirituba-SP, onde já morava o Sr. Antônio Jorge, seu irmão mais velho, no ano de 1977, trabalhou treze anos em uma empresa onde iniciou suas atividades profissionais exercendo o cargo de “Serviços diversos”. Ele retornou ao distrito de Custódio em 1992. Temos sobre o entrevistado: fotografias, registros das três vias de suas carteiras de trabalho, um pequeno bilhete, uma correspondência que ele escreveu em outubro de 1979, quando morava em São Paulo, e cinco que foram escritas pelo seu irmão nos anos de 1977, 1979 e 1982.

Se o Sr. Américo teceu elogios sobre o presente dizendo que suas condições são melhores do que dantes, pois hoje não precisa de patrão e vive uma outra rotina que ele mesmo construiu ao retornar, D. Alderiza Silva parece que também corrobora com suas opiniões ao salientar que a vida em Quixadá é “mais fácil da gente viver”, diferentemente de outrora, destaca a entrevistada que ainda acrescenta: “na cidade grande você tem batalhar mesmo”.

D. Alderiza Silva, com seus 44 anos e casada, em junho de 2005 nos contou que emigrou para Bela Vista-SP no ano de 1983 e retornou à terra natal em

1996. Hoje, em meio aos papéis assumidos com o casamento e atividades do lar, ela vende roupas e bijuterias no lugarejo em que vive. Sobre a entrevistada temos uma cópia de sua Carteira de Trabalho, a partir da qual constatamos que ela tem registrado apenas dois meses de serviços prestados em São Paulo, ou seja, depois exerceu atividades sem ter todos os seus direitos trabalhistas garantidos.

Possuímos também sobre a entrevistada uma carta que ela recebeu de uma amiga, datada do ano de 2003, onde a missivista relembra os momentos vividos por ela e D. Alderiza, quando trabalhavam em uma mesma localidade na capital paulista. A migrante ainda enfatiza que atualmente sente mais facilidade de sobreviver, pois não precisa diariamente batalhar, correr, adotou uma nova rotina e não teve dificuldade em se readaptar em seu retorno, ao distrito de Custódio, na década de 1990.

Vejamos agora o Sr. Antônio Teixeira, irmão do Sr. Gilberto Teixeira e da D. Eliana Lima, pois ele também gostaria de emitir sua opinião sobre um retorno: “eu, não estranhei muito porque eu já conhecia um pouco como era a maneira de vida aqui. Lá em São Paulo é uma coisa, e você estando aqui no Custódio você sabe que já é outra completamente diferente”.

O Sr. Antônio Teixeira, com seus 38 anos em 2004, atualmente casado, pai de família, proprietário de uma pequena mercearia, e mais, hoje presta seus serviços como motorista pela prefeitura do município de Quixadá, emigrou para Barueri-SP em 1986 e retornou ao distrito de Custódio no ano de 1993. O primeiro cargo que assumiu depois de emigrado, ainda em 1986, foi o de “Ajudante geral” na empresa “Constran S/A – construções e comércio”. Os indícios que temos sobre ele são fotografias e uma cópia de sua Carteira de Trabalho.

Já sobre Margor-Marly que emigrou pela primeira vez para a capital paulista em 1976 e retornou à terra natal em 1986, temos mais de quarenta correspondências, um cartão de felicitações, um contrato de trabalho e recibos referentes ao período em que viveu em São Paulo, mas, privilegiamos sua história apenas no segundo capítulo. Entrevistamo-la em sua casa no distrito de Custódio em abril e junho de 2009. Hoje em dia com 58 anos ela recebe uma aposentadoria como trabalhadora rural; é casada, mãe de família e avó. Sobre o passado e sua

experiência enquanto migrante ela nos diz que obteve lucros que são contabilizados por suas representações como: voltou “cheia de vida”, com um marido, comprou uma casa e teve filhos.

As histórias contadas pelos entrevistados estão marcadas por encontros, realizações, sensações e também por desencontros e desesperanças. Pelo menos assim transparece o Sr. Pedro Dehon, que emigrou para a cidade de São Paulo em 1979 e retornou ao distrito de Custódio em 1997. Em novembro de 2004, o Sr. Pedro ainda morando em sua terra natal, tendo os seus 44 anos, nos disse que com a experiência adquirida na vida, não poderia mais se iludir com qualquer coisa, com promessas em vão. Falou que obteve conquistas, mas também sofreu desilusões. Sobre ele temos, além da entrevista, algumas fotografias.

A migração para o Sr. Pedro Dehon parece ser traduzida por sentimentos, ou mesmo ressentimentos, que talvez escapem a abordagens estruturais; o entrevistado tem algo a nos contar: “tem aquele detalhezinho que não te expliquei e vou te explicar agora...”; assim, em entrevista no ano de 2004, especificou e nos contou o que motivou o seu retorno à terra natal. Na tessitura de nosso texto, tanto neste capítulo como no terceiro, as versões de sua história se revelarão através da análise da narrativa do entrevistado e de sua memória. Ele é o único que depois de retornar ao Ceará emigrou novamente para São Paulo, mas, depois de 2004. Interrompemos nosso entrevistado quando este ia nos contar um “detalhezinho”, pois ainda temos um terceiro grupo a apresentar, composto pelos moradores do distrito de Juatama, pertencente a Quixadá, os quais serão expostos a seguir.

Os moradores de Juatama, pequeno distrito localizado a quatorze quilômetros de Quixadá e composto por pouco mais de 2.500 habitantes, segundo dados do IBGE referentes a 2000, que foram entrevistados por nós, são: o Sr. Nazareno Firmino e o Sr. Cláudio Laurentino. Eles nos falam de sonhos, medos, solidão, realizações, aprendizados, de um passado recente e desejos de conhecer outro lugar.

O Sr. Cláudio Laurentino, que emigrou em 1987 e retornou no ano de 1994, recordou o período em que viveu em Diadema – SP: “eu pensava as coisas diferente, por exemplo, eu pensei que São Paulo devido à televisão era muito bonito!

Mas lá também existe coisa feia”. Ele nos concedeu entrevista em sua casa quando tinha 45 anos em setembro de 2006. No período em que viveu como imigrante trabalhou no cargo de “Balançeiro” em construtoras civis. Hoje, solteiro e autônomo, é motorista e transporta pessoas diariamente no trajeto do distrito de Juatama ao município de Quixadá. Sobre o entrevistado temos o registro de suas duas carteiras de trabalho, além de algumas fotografias.

Se o Sr. Cláudio estranhou a diversidade estética de São Paulo: “lá também existe coisa feia”, como já nos disse, o Sr. Nazareno Firmino recorda em outubro de 2006, quando tinha 34 anos, que na época em que chegou à capital paulista no ano de 1994, sentia-se solitário em meio a uma multidão, mas não apenas isso, também com a própria rotina de uma cidade grande que, segundo ele, “é a solidão. Às vezes você diz: rapaz o que é que eu estou fazendo aqui?” Ele morou apenas três anos em Santo Amaro-SP, seu primeiro trabalho registrado foi exercendo o cargo de “Ajudante geral” na empresa “Exotec Fluorpolímeros Ltda.”, a partir de dois de maio de 1995. Sobre ele temos a fotocópia de sua Carteira de Trabalho e uma fotografia. Hoje, o Sr. Nazareno Firmino é casado e proprietário de uma pequena mercearia no distrito de Juatama. Assim, entre identificações e diferenças constatadas nas falas dos entrevistados, apresentamos inicialmente os migrantes quixadaenses neste capítulo.

No ato de recordar, os entrevistados comparam suas experiências em São Paulo com as que tiveram em Quixadá e, nesse momento, constroem cidades, transparecem mundos através de suas recordações e trazem à tona em suas narrativas sentimentos que tendem a identificá-los e distingui-los enquanto grupos sociais.

É nesse sentido que entendemos a elaboração de identificações, de forma contrastiva, através de comparações, ou seja:

É preciso entender a identidade como construção contrastiva: ela se dá na medida em que eu me diferencio e reconheço minha diferença em relação ao outro e aos vários outros que, ao mesmo tempo, me dizem quem sou eu, fornecendo assim parâmetros para o sentido de pertencimento.⁴⁹

Sentido de pertencimento, que parece emergir na narrativa do Sr. Cláudio

⁴⁹ LOPES, 2006, p. 257.

Laurentino, quando nos disse:

Eu me senti aquele matuto, aquele arraizado [arraigado]. E eu digo: mas mesmo assim você tem que conhecer as coisas pra depois você ir comentar, você vê as diferenças, onde é o melhor. Às vezes você está num lugar pequeno, que nem hoje eu estou aqui em Juatama e talvez esteja muito melhor do que se estivesse em São Paulo.

Entendemos que será possível detectar através dessas narrativas elaborações de identificações e diferenças. Mas, quais sentidos podem ser revelados, apresentados por meio dessas representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo?

Ora, elas nos mostram um “outro” lugar tendo como comparativo à terra natal dos migrantes, que de uma maneira geral, se dizem satisfeitos, estão abrigados, até porque no presente acumularam experiências, sabem dizer “onde é o melhor”; conforme o Sr. Cláudio Laurentino. Tendo ainda como referência os relatos deste migrante é possível perceber que ele contrasta, em suas lembranças, algumas diferenças de estar morando em São Paulo ou na sua terra natal. Dessa forma, o Sr. Cláudio nos falou de sentir outro lugar e de como se sente hoje, morando no distrito de Juatama: “é tranquilidade”, afirma e continua: “eu estou na família, estou em casa, eu num estou pisando em terreno alheio; que a cidade grande é diferente.”

As falas trazem uma característica em comum: contrastam lembranças de diferentes espaços vividos e relações estabelecidas e, por extensão, marcam as narrativas por sentimentos de identificação, mas também de diferenças e estranhamentos.

Através de suas memórias homens e mulheres representaram e apresentaram, a priori, um passado vivido em São Paulo. Doze entrevistados e várias versões de histórias. Todos têm em comum pelo menos três elementos: partiram e retornaram a Quixadá, não são pioneiros, ou seja, rumaram a São Paulo tendo algum parente ou amigos que os receberam, e mais, ao falarem de migração e passado, é do presente também, principalmente por estarem localizados na terra natal, que estão a representar. E, como atentamos, toda vez que descrevem um lugar, possivelmente é sobre um pouco de suas vivências e do presente que estão a nos contar. Então, mediante a reflexão, atentemos neste capítulo para o presente e

o lugar de onde narram os quixadaenses, o contexto em que vivem, para pensarmos o que representou a migração para esses indivíduos.

1.2 Pensando o lugar do narrador

- Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza.
- Quando pergunto das outras cidades, quero que você me fale a respeito dela. E de Veneza quando pergunto a respeito de Veneza.
- Para distinguir as qualidades das outras cidades, devo partir de uma primeira que permanece implícita. No meu caso, trata-se de Veneza.

(Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis*)

Homens e mulheres que nasceram, não em Veneza, mas em Quixadá-Ce, rumaram para São Paulo e depois voltaram a sua terra natal, isso, constatado através dos nossos entrevistados que transitaram em um período que parte de 1973 a 2001. Hoje, os migrantes nos falam sobre suas experiências de vida e o passado, sobre outro tempo e lugar. Será mesmo que é isso que estão a recordar?

Neste capítulo temos como objetivo compreender, entre identificações e diferenças, os possíveis significados das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo e, para nossa análise, foram privilegiados neste momento as versões contadas por indivíduos que realizaram um processo, ou seja, emigraram, viveram certo tempo em São Paulo e depois voltaram a morar na terra natal. Desejamos neste capítulo, principalmente, entender o que representou a migração para esses sujeitos, que nos contam no presente o desfecho de suas histórias enquanto migrantes. Na verdade, são os possíveis significados de suas narrativas que estamos a analisar.

Estamos pensando um passado marcado por “agoras”⁵⁰, e com os pés no presente focamos com atenção, principalmente, nas falas dos quixadaenses que fazem menção a um passado vivido em São Paulo que vai de 1973 a 2001. Sabemos que, apesar do recorte temporal, o passado recordado pelos quixadaenses “é uma reconstrução re-interpretação constante, na qual as entrevistas orais permitem explorar aspectos da experiência vivenciada não

⁵⁰ Sobre essa questão conferir as ideias de BENJAMIN, 1996, p. 230.

registrada”⁵¹. Mas, qual o momento em que acontecem as recordações desses indivíduos?

Vale dizer que antes mesmo de procurarmos entender as significâncias do momento e lugar de onde recordam suas experiências enquanto migrantes quixadaenses, são reelaboradas representações de um “nós próprios para nós próprios e para aqueles que nos rodeiam”.⁵² E somos, nesse sentido, aquilo que construímos, ou seja, aquilo de que nos lembramos.

É com essa potência de significados que devemos entender os atos de recordar, pois as experiências de um passado recordadas e as imagens que são partilhadas de um pretérito, na verdade, são tipos de “recordações que tem particular importância para a constituição de grupos sociais no presente”.⁵³ Ou seja, não se recorda apenas um acontecido e um grupo, mas no ato de narrar reivindicam-se identidades. Dessa forma, um sentimento de grupo, um sentimento de identificação e as próprias elaborações de diferenças foram reconstruídas quando os entrevistados, abrigados em sua terra natal, reeditaram suas histórias. O lugar em que eles se localizam, pode ser entendido como sinônimo de terra natal ou, para usarmos um conceito de Bachelard, uma “casa natal”. Segundo ainda este autor, a casa natal é “o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmo”.⁵⁴

E é exatamente partindo desse cosmo (sua casa natal) que os migrantes recordam suas experiências vividas no passado. Experiências que ganham, através das narrativas, contornos de um novo tempo vivido e sentido, de histórias reeditadas por sujeitos que estão marcados pelo presente. Dito isso, entendendo que o lugar em que esses sujeitos deixam sinais de suas experiências recentes e atentando que através de suas memórias eles reelaboram suas identificações comparando-se com outrora, destacamos que a questão central deste capítulo é: o que representou a experiência da migração para os quixadaenses que entrevistamos?

⁵¹ EULÁLIO, 2005, p. 76-77.

⁵² FENTRESS; WICKHAM, op.cit., p.20.

⁵³ Idem, p. 09.

⁵⁴ BACHELARD, op.cit. p.24.

A partir de então, embarcando nas memórias, representadas por falas, partindo da casa natal dos migrantes, transitaremos por lugares e tempos recordados, visando com isso compreender, entre identificações e diferenças, os possíveis significados das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, e mais, o que a análise pode reluzir sobre a questão, norteadora deste capítulo. Para isso, entendamos as representações que nos chegam, começando pelo Sr. Pedro Dehon...

1.3 Representações e versões de histórias

“Até que fim meu destino é São Paulo, em 79”. Assim nos conta o Sr. Pedro Dehon em novembro de 2004. E ele continua: “morei 18 anos em São Paulo. O motivo deu ter saído daqui naquela época, além de ser jovem demais, o sonho que a gente tinha de crescer. Cidade grande... é o que acontece com todos”

Então, no ano de 1979, “sonhos” de uma juventude poderiam ter contribuído para a partida do Sr. Pedro Dehon rumo a São Paulo?

Já que estamos partindo das recordações dos migrantes e eles nos concederam entrevistas em sua casa natal, é interessante que atentemos neste momento para as narrativas que se remetem as origens desses quixadaenses...

“Antes da gente viajar a gente estudava aqui, era agricultor”, explicou o Sr. Antônio Jorge, que se dedicava juntamente com seu pai à agricultura de subsistência, uma das principais fontes de economia e atividade realizada no distrito de Custódio, naquele ano de 1976, ano em que nosso entrevistado emigrou para a capital paulista. Ele continuou reeditando sua história e se preparando, logo nos primeiros minutos da entrevista que nos concedeu em março 2005, para explicar seus desejos de emigrar naquela segunda metade dos anos 1970; o Sr. Antônio Jorge prosseguiu dizendo que, além do trabalho na agricultura considerava que os seus pais não puderam ofertar um futuro próspero de forma imediata, então, sabendo da possibilidade de morar na capital paulista por já ter familiares por lá radicados, se questionou: “a gente fica pensando no futuro. E que futuro é esse? Aí

a gente tem que sair do lugar para o outro, para o sul do país”. O que o Sr. Antônio Jorge chamou de outro e sul do país, na verdade foi a capital paulista que apareceu por suas recordações como um lugar de oportunidades possivelmente, em que era comum se buscar um futuro melhor.

Se o Sr. Antônio Jorge rumou a São Paulo já em 1976, o Sr. Antônio Teixeira emigrou apenas dez anos depois, porém, vejamos como este representou seu passado:

Minha origem como você sabe, a gente era agricultor, trabalhava juntamente com meus pais, trabalhava na parte da manhã e a tarde eu ia pra escola. E assim era o meu cotidiano, aquela vida de sempre, não tinha trabalho, o trabalho era a agricultura mesmo.

No trecho supracitado, extraído da entrevista concedida em novembro de 2004, primeiramente ele se referiu a suas origens para em seguida especificar, por sua memória, o que pensava sobre o seu futuro em 1986, antes de emigrar, salientando que não teve “oportunidade como os outros, [alguns conhecidos seus,] tiveram de se formar e eles se formaram e eu tive que ir pra São Paulo”. Através da memória do entrevistado, além de ser representado um futuro do passado e desejos de emigrar, um lugar “implícito”⁵⁵ parece se insinuar em contraponto a um outro que foi apresentado como sendo São Paulo. Este despertava sonhos de um futuro promissor, se apresentava como uma oportunidade de mudar de vida, não mais viver “aquela vida de sempre”, conforme disse o Sr. Antônio Teixeira.

Podemos ainda constatar através das narrativas, tanto do Sr. Antônio Teixeira como na do Sr. Antônio Jorge, a ideia de São Paulo, representada pelos migrantes, sendo em 1976 ou 1986, período em que emigraram ambos entrevistados, como um lugar de possibilidades, onde havia trabalho, mesmo para sujeitos com pouco grau de estudo. Essas imagens se assemelham quando comparamos as recordações dos quixadaenses em questão e, de certa forma, se aproximam do que era difundido sobre São Paulo, como por exemplo, por meio de uma poesia editada nos anos 1970, em que se falava de tantas “coisas lindas” desse lugar; onde a poetisa flanando salienta:

Espiando a rua!...
E amando a rua,

⁵⁵ Cf. CALVINO, op.cit., p. 82.

Andei por aí,
 Levando nos olhos
 Todas as cousas lindas que vi!
 Andei, andei, e enquanto
 Eu andava, São Paulo crescia! E cresceu tanto,
 E tanto foi crescendo em minha frente,
 Que eu não pude parar! E veio vindo tanta e tanta gente,
 Que hoje São Paulo sobe aos céus, rasga o seio
 Da terra, e avança, e arrasta a massa urbana,
 E transborda!⁵⁶

A possibilidade de crescer ao emigrar para um lugar de avanços, altivo, se configura no trecho supracitado e parece ter se materializado nas representações dos quixadaenses, não apenas no presente quando se referem a um pretérito, mas também no passado quando os entrevistados, semelhante ao Sr. Antônio Jorge e Sr. Antônio Teixeira, desejaram conhecer São Paulo que recebia “tanta e tanta gente”; aliás, um lugar em que já tinham parentes ou amigos radicados. Cidade promissora talvez, assim chegada aos migrantes quixadaenses, que bem puderam pensá-la por suas difusas representações de avanços, crescimentos e belezas, que, inclusive poderiam propiciar um futuro diferenciado aos sujeitos que emigraram⁵⁷.

Segundo o Sr. Cláudio Laurentino, de fato, a forma como era apresentada São Paulo através de propagandas na televisão, por exemplo, no período de sua juventude, no início dos anos 1980, o motivou a emigrar em 1987. E as representações eram de coisas bonitas e grandiosas, de progresso e trabalho que, em certa medida, foram difundidas chegando a seduzir os migrantes quixadaenses. O Sr. Cláudio que também nos falou que se sentia em alguns momentos: um “matuto”, um estranho na cidade grande, ressaltou ainda que, mesmo tendo despertado esse sentimento de estranhamento no período vivido em São Paulo nos anos que vão de 1987 a 1994, entende que suas experiências adquiridas enquanto migrante foram significativas, pois, pode comentar e comparar diferenças, e mais, sabe dizer “onde é o melhor” lugar para se viver.

Além das motivações os entrevistados recordaram o que sentiram em um primeiro momento em São Paulo. O Sr. Antônio Teixeira, de forma semelhante ao que nos contou sua irmã, D. Eliana Lima, recordou que a sensação, ao chegar a

⁵⁶ MAIA, Ilka de Freitas. **Rei Bandeirante**, [s.n], [S.L]. Disponível em: <http://www.musicasantigas.mus.br/poesias/r_bandei.htm>. Acesso em: 01 fev., 2011. A poesia em sua versão primeira foi publicada no ano de 1978 no livro: A grande jornada; ano do IV Centenário de São Paulo.

⁵⁷ Sobre as invenções de uma São Paulo como um lugar de progresso e trabalho, de futuro promissor, ver: MATOS, 2007.

uma cidade grande, era a de que estava “totalmente perdido”, imaginava que “nunca mais voltaria”. Ele ainda acrescentou:

É porque você chega lá é aquela multidão, aquela correria, aquela loucura dentro do terminal rodoviário. Quando eu vi aquilo, a gente brabo, né? Pra linguagem mais certa, então, quando eu via aquela multidão de gente ali eu disse: vala meu Deus, nunca mais que eu vou voltar pra minha terra! É a imaginação da gente.

O Sr. Antônio Teixeira recorreu a uma expressão ao recordar um passado seu enquanto imigrante, que era “brabo”, ou seja, segundo a definição de Antônio Houaiss e Mauro de Salles, inclusive ao atentarmos para o próprio lugar que a palavra ocupa na narrativa do migrante, pode estar sendo adjetivado ao Sr. Antônio Teixeira uma espécie de estado não apenas de desorientado espacialmente, em um primeiro instante dentro de um terminal rodoviário na capital paulista, mas a uma condição de animalidade, brabo, “feroz”⁵⁸, incivilizado ou, visto de outra forma, ele representou uma característica sua no começo da segunda metade dos anos 1980 como um antônimo de calmo mediante um ambiente citadino.

Obviamente, os relatos expressos pelo Sr. Antônio Teixeira fizeram menção a um período que ele vivenciou antes de conhecer os símbolos, códigos e rotina de uma grande cidade. A representação sobre si do ano de 1986 como sendo “brabo” se assemelhou ao sentimento expresso pelo Sr. Cláudio Laurentino, quando nos disse que em muitos momentos se sentia “matuto”, um sujeito de pouca instrução e afinidade com um grande centro urbano. Vale dizer ainda que, ao representarem o passado, que foi atualizado no presente por suas memórias, nossos entrevistados reivindicaram para o presente uma identidade de sujeitos mudados, diferentemente do que nos disseram ser antes de emigrar: “brabo”, “matuto”; e assim, hoje utilizam as vestimentas que foram reelaboradas e fabricadas com a experiência da migração.

Conforme a opinião do Sr. Nazareno Firmino, viver em uma grande metrópole “às vezes é até mais pior do que” em Juatama. Primeiramente salientou que ele se sentia nos primeiros anos “muito preso”, quando chegou à capital bandeirante. Vale dizer ainda que o Sr. Nazareno morou em São Paulo por apenas

⁵⁸ Sobre a palavra: “brabo”, cf. HOUAISS; VILAR, 2008, p. 110.

três anos e estranhava a cidade grande na qual depois se acostumou, mas, de fato confessa que também sentia medo: “você tem medo numa cidade, você tem medo”.

Mas, do que mesmo ele diz ter medo?

“Rapaz, era o seguinte: o medo a gente tem porque num tinha dinheiro” e não conhecia ninguém em meio a uma multidão, afirma o Sr. Nazareno Firmino que continuou: “eu não conheço ninguém, mil pessoas passam batendo em você, mas não fala com você, nem conhece”. Detectamos que o medo foi despertado também pelas imagens de multidão, tão marcadas por significados: infinita, estranha, de muitas vozes, de muita gente passageira, anônima, de solidão. O Sr. Nazareno continuou sua explicação: “é aquela rotina, é a solidão”; disse que sentia a distância de casa e a falta da família, por vezes se indagava sobre o que mesmo estava fazendo na capital paulista.

Pelo que se percebe, “temos medo do grito e do silêncio; do vazio e do infinito; do efêmero e do definitivo; do para sempre e do nunca mais”.⁵⁹ “Nunca mais que eu vou voltar”, já foi o que o Sr. Antônio Teixeira nos contou ao recordar, ao representar suas sensações de estranhamento em um primeiro momento em que se encontrava em meio a uma multidão, no terminal rodoviário na capital paulista em 1986.

Nas entrelinhas das entrevistas o medo apareceu e desapareceu conforme os “tempos da narrativa”⁶⁰, ou seja, ele mostra sua face quando a recordação foi sobre o tempo em que os migrantes viviam em São Paulo, que parecia ter despertado, inclusive, uma sensação de estarem fora de casa e preso, pisando “em terreno alheio”, conforme nos disse o Sr. Cláudio Laurentino; diante do desconhecido, do diferente, em um mundo agitado. E a contrapelo, mostrou também que, ao recordar, os migrantes demonstraram mesmo sentir a sua casa, essa que “é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade”⁶¹. Referimo-nos ao lugar de onde concederam as entrevistas.

⁵⁹ CHAUI, 2009, p. 34.

⁶⁰ Sobre os tempos da narrativa, cf. PESAVENTO, 2002, p. 282.

⁶¹ BACHELARD, op.cit., p. 36.

Segundo o Sr. Nazareno Firmino: “tenho vontade de ir lá em São Paulo passear, mas, não pra morar e ficar trabalhado... a gente num sabe o dia-a-dia. Pode acontecer um dia eu voltar, mas eu não pretendo ir.” Até iria se não tivesse “um meio de vida” em Juatama, porém, esse não foi o seu desejo.

A casa que o protegia e abrigava, parecia despertar ilusões de estabilidade, refletiu um pouco do contexto sentido pelo Sr. Nazareno Firmino, que ainda complementou: “agora hoje em dia se a pessoas disser: rapaz tu quer ir pra São Paulo trabalhar lá? Eu não queria deixar de viver minha vidinha aqui” em Juatama, pois, além de se sentir em casa, não mais solteiro e tornou-se proprietário de uma mercearia depois que voltou da capital bandeirante.

Em se tratando das condições em que viviam os migrantes no momento da entrevista, vejamos o que o Sr. Antônio Teixeira nos contou sobre seu passado:

O que mais contribuiu pra gente retornar a terra da gente eu acho que é a família. Saudade da família da gente, da terra natal. E eu acredito que como eu e todos que vão embora pra outra cidade, outro Estado, eles pensam muito o seguinte: conseguir um futurozinho pra poder vir embora pra terra dele. Era o que eu mais pensava era isso aí. O pensamento é chegar aqui, comprar uma casa, montar um comerciazinho como foi o que eu fiz. Isso aí era o que eu mais pensava em fazer, graças a Deus consegui, estou morando aqui até hoje.

Ao recordar o que sentiu no passado, o entrevistado demonstrou uma satisfação de “viver no meio da minha família, dos meus colegas, na minha terra natal”, como ele mesmo especificou. O que ele relatou no presente esteve marcado também pelos filtros da memória, por um pós-fato e suas realizações já acontecidas. De forma semelhante, ainda podemos pensar o seu sentimento de estar em casa, entendido por contraste, ou seja, porque outrora sentira em São Paulo a distância da família e de amigos, assim como fora de casa. Hoje, um pouco de sua realidade foi representada por seus relatos, e como informamos no tópico 1.1, atualmente o Sr. Antônio Teixeira além de ter constituído família, é comerciante nas horas vagas, pois trabalha como motorista pela prefeitura de Quixadá, e já não acredita que o futuro é em São Paulo.

Se no passado, em 1986, nosso entrevistado imaginou conquistar melhorias para sua vida ao emigrar e logo depois voltar à terra natal para construir uma casa e montar uma mercearia, de fato, não sabemos. Porém, entendemos que

tenha sido possível depois de acumulado experiência enquanto imigrante, de ter se casado, depois de ter trabalhado por vários anos em São Paulo, pensar algo semelhante ao que nos contou, inclusive, pelo fato de poder se basear em modelos anteriores e bem sucedidos de sujeitos, que emigraram e retornaram à terra natal; antes mesmo do Sr. Antônio Teixeira.

Na verdade, embora tenhamos ou não consciência, ao trabalharmos a memória, seu maior valor não é exatamente o de ela ser um fundamento inabalável, mas, “simplesmente, a sua capacidade de nos manter a tona da água”,⁶² de podermos talvez registrar, para a posteridade, sensações de momentos, construções de contextos, interpretados através das representações no presente, elaboradas e marcadas por “águas passadas”.

Apesar de Jenkins afirmar que “nenhum relato consegue recuperar o passado tal qual ele era”⁶³ e que “o passado passou”,⁶⁴ comungamos com a reflexão feita por Montenegro a respeito do passado: “ora, nenhum passado passa, todo passado é presente. A questão é saber como ele se insere nas práticas cotidianas e, por extensão, como influi na maneira de pensar, sentir e agir no presente.”⁶⁵ Hoje, para o Sr. Antônio Teixeira a migração representou uma possibilidade de mudar de vida, de galgar novos espaços apesar de seu pouco grau de escolaridade.

No presente os migrantes recordaram, atualizaram seu passado enovelado por “agoras”, com sentimentos de proteção e estabilidade, de estar em casa e com tranquilidade, diferentemente de um outrora, representado em alguns momentos como estranho, agitado; que suscitou aprendizados, mas que também causou medo, impressionou com sua diversidade e multidão, tornou sujeitos anônimos, gerou solidão.

Nesse sentido, sobre solidão, um fragmento de uma carta datada de 22 de julho do ano 1978, enviada de São Paulo para Margor-Marly, que na ocasião se encontrava no distrito de Custódio, nos ajudou a compreender um pouco de um sentimento despertado numa grande cidade em que o “indivíduo triunfa sobre a

⁶² FENTRESS; WICKHAM, op.cit., p.40.

⁶³ JENKINS, 2004, p. 32.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ MONTENEGRO, 2006, p. 97.

sociedade”,⁶⁶ e esta, por sua vez, deixou marcas de anonimato e solidão nos indivíduos. Vejamos um trecho da referida correspondência da amiga de Margor-Marly:

Como vai tudo bom? Querida eu estou com tanta saudade de você, tanta vontade de te ver que você nem pode imaginar: eu não tenho amiga, vivo so trabalhando e estudando. Eu estou completamente sozinha, neste momento eu so sinto vontade de chorar e mais nada, estou muito triste nem eu mesma sei porque me sinto assim, não tenho motivos para estar tão triste assim, acho que é so mesmo saudade de uma grande amiga que é você.
(Carta datada de 22 jul. 1978)

Do quinto andar de um apartamento localizado na Rua Augusta, em São Paulo, a missivista traçava alguns sentimentos e tentava amenizar sua dor e solidão que fluíam naquele dia 22 de julho de 1978. A remetente parecia sentir o peso da vida de uma cidade grande naquele ano, ela sequer pôde ficar de férias do trabalho, sentia-se sozinha e envolvida pela rotina do emprego e estudo, e mais, sentia falta de uma grande amiga que era Margor-Marly. Quanto as falas dos migrantes quixadaenses referentes a São Paulo, e depois de atentarmos ainda para o fragmento de carta supracitada, imaginamos relações acontecidas em uma cidade grande onde as pessoas que caminham pelas ruas, passam bem próximas umas das outras, “passa batendo em você”, como já salientou o Sr. Nazareno Firmino, parecem se encontrar, mas como se fossem anônimas não se conhecem, “ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam”.⁶⁷

Esse tipo de relação estabelecida numa cidade grande marca as falas dos migrantes e talvez revele algumas diferenças, sentidas e vividas por esses quixadaenses quando eles repensam o seu passado comparando-o com o agora. Todos os relatos de suas experiências destacados pelos entrevistados parecem nos ajudar a pensar e compor o que representou a migração para esses sujeitos.

Obviamente, quanto às sensações de estranhamento dos entrevistados referindo-se à multidão de São Paulo, observamos que tais sensações são compatíveis com o universo social em que esses indivíduos se encontravam, pois se deparavam com uma grande cidade antes nunca sentida em sua dinamicidade, jamais vivenciada. Monumental, sua população, segundo relatório de 2000 do IBGE,

⁶⁶ Sobre o triunfo do indivíduo sobre a sociedade no fim do século XX, cf. HOBBSAWM, 1995, p. 328.

⁶⁷ CALVINO, op.cit., p. 51.

podia ser contada na casa de dezenas de milhões de habitantes, diferentemente de Quixadá, município de médio porte localizado no sertão central cearense, que não chegava a contabilizar nos anos de 1973 a 2001 uma média de cem mil habitantes.

Ora, quem sabe tenhamos razão e, assim, para continuarmos pensando essas representações e seus significados, as vezes nos baste:

Uma partícula que se abre no meio de uma paisagem incongruente, um aflorar de luzes na neblina, o diálogo de dois passantes que se encontram no vaivém, para pensar que partindo dali construirei pedaço por pedaço a cidade perfeita, feita de fragmentos misturados com o resto, de instantes separados por intervalos, de sinais que alguém envia e não sabe quem capta.⁶⁸

Detectamos pelos flashes sobre o passado dos migrantes quixadaenses, através de “instantes separados por intervalos” que são recordados pelos entrevistados, cidades representadas com ares de frenesi, um lugar recordado de forma bem diferente do Ceará: “aqui no Ceará não, você... o pouco que você tem já dá pra você passar”, relata D. Alderiza Silva ao tratar de sua rotina e custo de vida percebidos entre os anos de 1983-1996, quando morou na capital bandeirante. A entrevistada nos conta ainda que em São Paulo “você vive, mas você tem que batalhar, trabalhar, correr”. Enquanto a narrativa sobre o Ceará se dá de forma cadenciada, a referente à capital paulista se acelera como que quisesse mostrar faces de um tempo agitado vivido e sentido por D. Alderiza Silva. Segundo Portelli essa mudança acontecida no ato de narrar, no ritmo da própria narrativa existe, pois, na verdade “há uma relação entre a velocidade da narração e a intenção do narrador”.⁶⁹ No caso de D. Alderiza, possivelmente é o de pontuar as diferentes rotinas que ela vivenciou.

Ao analisarmos as representações, pensamos também as possibilidades de traduzir sensações, de “penetrar no cotidiano dos indivíduos, considerando seus valores e identidades culturais”.⁷⁰ Identidades que são construídas, grosso modo, por comparação, e mais, como expressão de um “fenômeno coletivo”.⁷¹

Para estudarmos esse fenômeno através das representações, tecemos nosso enredo comparando e contrastando as representações que, por sua vez, nos

⁶⁸ Idem. 24.

⁶⁹ PORTELLI, 1997, p.29.

⁷⁰ ALEXANDRE, 2004, p. 130.

⁷¹ Sobre essa questão que contribui para a constituição de identidades Cf. KOUBI, 2001, p. 539.

apresentam São Paulo com inúmeras facetas. Elas são pinçadas conforme as experiências de cada indivíduo, a maneira como eles desejam reeditar seu passado e história.

Depois de indagarmos o Sr. Gilberto Teixeira sobre as diferenças que ele percebeu ao emigrar do distrito de Custódio no ano de 1989, o entrevistado relatou que em todo lugar existe diferença, apesar de não ter tido dificuldade em se adaptar morando fora de sua terra natal, e mais, sobre São Paulo, especificamente, ressaltou que percebia “um lugar bem mais moderno, evoluído, e também o sistema de ser e de tudo eu achei muita diferença pro lado melhor”.

Já o Sr. Claudio Laurentino, apesar de ter representado suas primeiras impressões de São Paulo como uma metrópole evoluída, modernizada e economicamente avançada, semelhante ao que o Sr. Gilberto Teixeira representou, nos mostrou que pode ponderar suas observações depois de tê-la conhecido. Segundo aquele entrevistado: “o muito de São Paulo” pode ser percebido também como as coisas horríveis que por lá existem, como exemplo, explicou: “favelas, muita favela, muitas casas que eu observei aqui no nosso sertão eu vi coisas lá iguais ou talvez pior, gente com condições precárias também morando em locais horríveis”.

O Sr. Cláudio Laurentino retornou ao Ceará em 1994, enquanto o Sr. Gilberto Teixeira regressou no ano de 1998. Apesar deste último falar que São Paulo era um lugar evoluído, moderno e que gostava do jeito bem educado como era tratado pelas pessoas, ele explicou que já vivia “abusado” do estilo de vida da cidade grande, e complementa dizendo que hoje é bem melhor morar em um “lugar que é tranquilo, mais calmo”. Obviamente, sobre a questão do retorno, dedicaremos o terceiro capítulo: por enquanto, vale ainda saber se o Sr. Gilberto Teixeira conseguiu alcançar seus objetivos com a migração, pois, sua resposta pode evidenciar um pouco do que ela representou. Sobre isso, ele nos contou o seguinte:

Consegui porque tinha um sonho a realizar: eu tinha muita vontade e falava pros meus irmãos que no dia que eu arrumasse condições de comprar meu transporte, possuir minha casa aqui eu viria embora e com certeza eu ia trabalhar pra que não fosse preciso eu ir pra lá.

A migração para o Sr. Gilberto Teixeira foi representada como uma possibilidade de mudar de vida que incluiu sonhos a realizar, como por exemplo: comprar um transporte e uma casa. Ele emigrou em 1989 e retornou em 1998 para o

distrito de Custódio. No período em que regressou de São Paulo, montou uma pequena mercearia, mas, na verdade não foi bem sucedido no ramo como foram o Sr. Antônio Teixeira, seu irmão, que retornou em 1993 e o Sr. Américo Soares, que voltou em 1992.

Atualmente, como já destacamos no tópico 1.1, o Sr. Gilberto Teixeira mora no município de Quixadá, onde comprou sua casa, casou-se e trabalha como mototaxista, na referida cidade, desde o final dos anos 1990. Depois do não sucesso enquanto comerciante, no pequeno distrito de Custódio, ele recebeu um apoio financeiro do “Banco do Nordeste”⁷², que lhe possibilitou comprar sua moto para desenvolver a atividade que atualmente exerce. Assim, representando um passado, mas estando fincado no presente, o entrevistado nos falou da importância em adquirir um transporte que o possibilitasse trabalhar “pra que não fosse preciso” voltar para o sudeste do país; até porque o Sr. Gilberto Teixeira ressaltou que, depois de morar nove anos em São Paulo, apesar de está ganhando um pouco mais de dois salários mínimos em 1998, não adiantava viver em um lugar apenas em virtude do trabalho. Ele voltou à terra natal e hoje deseja não precisar mais emigrar, assim nos conta.

Explorar os relatos dos entrevistados, que mais parecem fragmentos de tempos, “pedaços” de vidas, pode nos apontar outras leituras de uma história e da migração. A cada diálogo estabelecido com os migrantes, eles nos indicaram a existência de outro amigo, conhecido ou parente seu, que foi a São Paulo em uma determinada época para morar, ou mesmo apenas a passeio, aproveitando a estadia garantida na casa de familiares que já se encontravam “lá radicados”, como afirmou o Sr. Cláudio Laurentino. Justificaram suas idas, quando dialogávamos, salientando que desejavam conhecer outro estado, que emigraram para conseguir um emprego, e também justificaram a partida da terra natal por questões como: “vou arrumar um português rico, aí cheguei lá caí nas mãos de um cearense, num tem jeito [risos!], mas acho que é coisa do destino”; assim ressaltou D. Valquíria de Holanda que emigrou em 1973 e retornou ao Ceará, quando já era casada e mãe de família, em 1983.

⁷² De fato, no decorrer da década de 1990 o Banco do Nordeste lançou programas que fomentaram e geraram emprego e renda. Foi nessa conjuntura favorável que o Sr. Gilberto Teixeira obteve um financiamento e comprou seu transporte. Sobre os programas de desenvolvimento econômico lançados pelo Banco do Nordeste, ver: GISELE, 2007.

Quando os migrantes relatam suas histórias, comumente eles mencionam nomes de contemporâneos seus a época em que moravam em São Paulo. Uns falam de irmãos, primos, amigos e conterrâneos “que dava apoio a gente”, semelhante ao Sr. Américo Soares, e também nos contam sobre momentos de lazer, como recorda a D. Alderiza Silva:

A gente ia pros bailes: eu, a Maria e o Bastião. Vizinho tinha um baile. A Maria pisando todo mundo, mas nós ia. Às vezes nós também saía... eu ia lá pra Ivaniza que é minha irmã mais velha que morava lá em São Paulo e ia lá pro pessoal do Américo, nesse tempo o Américo morava lá, e a Risolene também; [que é irmã do Sr. Américo Soares]. Então, era uma vida legal e eu gostei muito.

As lembranças sobre um passado e a emigração também estão bastante marcadas pela presença de familiares ou amigos, que os receberam na capital bandeirante. Seja quando a D. Alderiza Silva nos disse que foi bem sucedida e se adaptou com certa facilidade em uma cidade grande, porque já tinha “a benção que foi morar com o Bastião”, conterrâneo da migrante que a recebeu na capital paulista em 1983, seja quando o Sr. Américo Soares recordou que tinha por lá um irmão residindo há um ano, “tinha primo, tinha os parentes mesmos da gente. Então, aquela turma que estavam em São Paulo há tempos apresentava a gente para os outros”.

Nesse ato de recordar os entrevistados acabam por revelar redes de parentescos e relações de vizinhanças que foram fortificadas em alguns momentos, e possivelmente, contribuíram para o estabelecimento dessa migração. Inclusive, o Sr. Pedro Dehon disse que: “hoje mesmo se eu quiser ficar em alguém que tá lá, das minhas amizades que eu deixei lá, eu acredito que eu encontro essa facilidade que tem, por isso que eu tenho que voltar, é aonde eu conheci e conheço”. E o Sr. Pedro Dehon voltou, mas antes disso registramos um pouco de sentimentos no presente através de sua fala, que nos colocou à tona “das águas” de sua história. Mais adiante, voltaremos a falar sobre isso, pois D. Eliana Lima nos contou também algo que sentiu nas relações estabelecidas em São Paulo com um grupo específico, que ela categorizou como sendo: “o nordestino”.

Segundo D. Eliana Lima, pessoas conhecidas dela em Quixadá, mas que não eram tão próximas antes da emigração, quando se encontraram em São Paulo, utilizaram uma forma diferente de tratamento. De acordo com ela, “lá eles tratam as

peças muito bem, muito mesmo. Eu acho que até aqui mesmo que a pessoa não tinha amizade com aquelas pessoas, lá eles se tornam bons amigos”. Em específico, a fala de D. Eliana representou um tempo em que ela se encontrava fora de casa e, em meio a todas as diferenças e diversidades de uma grande metrópole, configuraram-se sentimentos de identificações e pertencimento a um grupo social.

Inclusive, o Sr. Cláudio Laurentino, ao recordar momentos de lazer no Centro de Tradições Nordestinas em São Paulo, especificou que percebia “as culturas diferentes: é um pernambucano, tem o baiano, tem o piauiense e tem o cearense, mas, a finalidade da coisa era: nordestino”. Assim, entendemos que os migrantes quixadaenses se descobriram enquanto nordestinos na medida em que se encontraram fora da região, muito mais do que se estivessem no Nordeste, pois, nessas condições de estrangeiros, estavam “divididos pelas identidades estaduais, e as rivalidades que as segmentam”⁷³, reelaborando assim, nesse contexto, suas identificações.

As rivalidades e conflitos serão elementos explorados através das representações no sub-tópico 3.3.1, do terceiro capítulo deste trabalho. Portanto, ao percebermos um sentimento de identificação criado, e os possíveis laços de parentescos e relações de vizinhança, estabelecidos em São Paulo, caminhamos para compreender os sentidos da fala de D. Valquíria de Holanda ao salientar, em tom de brincadeira, que lá casou com um cearense, mas acreditava que era coisa do destino, pois queria mesmo era casar com um português rico.

Antes mesmo de afirmarmos algo, talvez seja interessante atentar para a fala de outra entrevistada, D. Alderiza Silva:

É tanto que o meu pensamento de ir pra São Paulo também tem esse porém, que eu dizia: meu Deus, eu tenho muita fé em Deus que eu indo pra São Paulo, lá vai ser mais fácil pra gente encontrar um príncipe encantado, porque todo mundo vai pra São Paulo e lá arranja uma pessoa e casa, por que eu não vou arrumar?

Não nos cabe entender se D. Valquíria de Holanda queria mesmo era se casar com um rico português e acabou se casando com um cearense, e nem tão pouco saber se de fato D. Alderiza Silva queria ir para São Paulo “encontrar um

⁷³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 118.

príncipe encantado”, mas compreender os significados possíveis dessas representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, um lugar que gerou solidões, fragilidades, mas que também propiciou a esses indivíduos, aproximações.

D. Alderiza ainda nos explicou que sua experiência de migrante foi validada depois que conheceu seu esposo, pois, ressaltou: “quando eu conheci o Pedro eu achava que eu tinha conseguido tudo que eu queria. Já tinha trabalhado muito tempo, já tinha conhecido meu marido e a vida do Ceará era mais fácil da gente viver”. No presente ela re-significou a migração como um período em que emigrou para à capital bandeirante e trabalhou, mas também obteve sucesso nesse processo, porque casou. Pelas representações de D. Alderiza, percebemos que suas conquistas compuseram um modelo idealizado de migrante quixadaense, na medida em que a entrevistada relatou que regressou depois de trabalhar bastante tempo na capital paulista e de ter casado; inclusive, como ela mesma nos contou, não poderia ser diferente até porque “todo mundo vai pra São Paulo e lá arranja uma pessoa e casa”, então, com sua pessoa não poderia ser diferente.

A ideia de emigrar e casar parece presente nas experiências de migrantes quixadaenses, não sendo à toa as recordações de D. Alderiza Silva. Aliás, o Sr. Antônio Jorge depois de pouco mais de um ano, morando na capital paulista, precisou explicar melhor por uma correspondência suas declarações a respeito de um possível desejo seu em casar.

São Paulo, sete de outubro do ano 1979: entre saudades da família e notícias de um bem estar do Sr. Antônio Jorge, este missivista escreveu: “sim mudano de assunto aquela brincadeira que falei vocês pode esquecer esse negócio de cazamento já era nem de cazar eu gosto” (Carta datada de 07 out. 1979). Ponto final. Sucinto e direto o remetente que necessitava esclarecer através de uma carta a brincadeira que havia proferido aos familiares; eis o Sr. Antônio Jorge em 1979 afirmando que: “nem de cazar eu gosto”. Em entrevista que nos concedeu no ano de 2005, 26 anos após ter emitido tal opinião na referida carta, o migrante pareceu evidenciar uma mudança em sua maneira de pensar ao recordar a expectativa que tinha ao retornar à terra natal. Afinal, o que o Sr. Antônio Jorge desejava realizar ao voltar? “Era só voltar e casar e construir uma família, a idade já tava convidando a

gente pra se cuidar; são esses casos, eram essas cousas”, afirma o entrevistado que semelhante a D. Alderiza Silva, relaciona seu retorno com a ideia de matrimônio.

Já outro fator que nos ajudou na interpretação das falas de D. Alderiza Silva e D. Valquíria de Holanda, sobre a relação que fazem de migração e casamento, foi constatarmos que além desses dois matrimônios entre cearenses em São Paulo, revelados com os exemplos de ambas as entrevistadas, algo semelhante aconteceu, no que diz respeito a uma vida conjugal com mais duas pessoas que entrevistamos: D. Eliana Lima e o Sr. Antônio Teixeira. Este conheceu sua esposa de Banabuiú-Ce, em São Paulo, e hoje os dois moram no distrito de Custódio.

Dito isso, entendemos as relações conjugais de D. Valquíria de Holanda, D. Alderiza Silva, D. Eliana Lima e Sr. Antônio Teixeira, não como “coisa do destino”, como disse D. Valquíria, mas, em grande medida, como fruto de um momento histórico em que esses migrantes sentiram, construíram e se identificaram em outro espaço. E mais, que emigrar também representou uma possibilidade de se casar; como bem recordou D. Alderiza Silva.

Quando falamos da identificação acontecida entre os migrantes quixadaenses em “outro espaço”, em São Paulo, atentamos ao espaço percebido, imaginado, ou ainda representado por eles, que não pode ser indiferente e mesmo “entregue a mensuração e a reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação”⁷⁴. Imaginação que está condicionada, tanto por experiências de outrora e relações estabelecidas no presente, quanto por expressões de sonhos desfeitos em um passado. Isso implica dizer que as moradas dos migrantes podiam aparecer como possibilidade de um futuro melhor, dependendo do tempo recordado e do lugar donde parte a imaginação. Os migrantes podem ainda representar São Paulo como algo desejado ou apenas como “uma ilusão”, conforme nos disse D. Valquíria de Holanda, quando tinha 54 anos, em maio de 2005 no município de Quixadá.

D. Alderiza Silva, que parece concordar com D. Valquíria de Holanda, diz que: “jamais eu troco Ceará por São Paulo. É porque no fundo, no fundo São Paulo

⁷⁴ BACHELARD, op.cit., p. 19.

só tem ilusão, só ilusão, as pessoas acham que São Paulo é fácil pra viver”, mas é difícil, porque “você tem batalhar mesmo e aqui com pouca coisa você vive”.

As recordações de D. Valquíria de Holanda e D. Alderiza Silva são expressões de experiências coletivas, de espaços vividos e sentidos, marcados por suas moradas, que suscitam imaginações a lapidarem representações tanto de sua “casa natal” e o presente quanto de um passado em São Paulo.

D. Valquíria de Holanda, hoje morando na cidade de Quixadá, sua terra natal, trabalha juntamente com alguns familiares vendendo frutas e verduras na feira do referido município, e goza de certa estabilidade, diferentemente do passado onde viveu “fora de casa”, com liberdade restrita, que segundo ela se devia à violência da cidade grande⁷⁵. Ainda conforme a migrante, São Paulo hoje desperta saudade, mas em virtude das amizades que por lá conquistou, “mas pra morar lá de jeito nenhum. Eu pensei que lá era mais fácil da gente ganhar dinheiro e melhorar de vida, mas não é não. Uns se dão bem e outros não”.

Com a autoridade de quem acumulou experiência com a migração, D. Valquíria recorda e compara diferentes espaços vividos e transparece se sentir, no presente, protegida e com estabilidade em sua “casa natal”. Não deseja mais sentir os perigos de se viver em uma cidade grande, “é, eu estou satisfeita, estou na minha terra, meus filhos são bons, já tenho minha casa (...) eu não tenho mais vontade de voltar mais pra lá”.

Situação de estabilidade que se assemelha ao que nos conta D. Alderiza Silva, hoje casada, trabalhadora autônoma, polivalente em suas atividades, mora em sua propriedade no distrito de Custódio, e diz sentir que o momento “é bem melhor!”. Ela salienta ainda que, juntamente com seu esposo, não pensa mais “de ir morar lá no São Paulo, jamais!”.

Já o Sr. Pedro Dehon, ao recordar sua história de migração, traçou um perfil e traz imagens diferentes das dos demais entrevistados. Que contextos ele pode nos revelar?

⁷⁵ A entrevistada, que falou da violência em uma grande metrópole, retornou ao Ceará no ano de 1983. Sobre a criminalidade e a difusão do medo de viver em São Paulo nas últimas duas décadas do século XX, ver: CALDEIRA, op.cit..

Apesar de ter alguns traços semelhantes em relação aos demais entrevistados: suas origens e retorno à Quixadá, o lugar que emigrou e período em que esteve fora de sua terra natal, Sr. Pedro Dehon nos serve, neste momento, como um contraponto, uma exceção aos demais migrantes, em virtude de hoje sabermos (de fato) que ele voltou a morar em São Paulo. Quando nos contou a versão de sua história recordou um período de sua juventude, suas origens e sonhos que tinha de melhorar de vida numa cidade grande. Relembrou as festas que aconteciam nos idos dos anos setenta, no distrito de Custódio, e disse: “rapaz, eu admirava muito as festas aqui naquela época”. Inclusive, diz que “naquele tempo, achava... achava não, é verdade, as coisas tinham mais sinceridade, você tinha mais confiança”.

Uma recordação marcada por valores e sentimentos, talvez valha dizer, por ressentimento, que “repete incessantemente, ruma a lembrança, [ele] corresponde, de algum modo, à memória de um sentimento”.⁷⁶ Aliás, segundo Sr. Pedro Dehon: “as amizades eram mais sinceras, eu acredito que na época umas amizades mais sadias”. Todavia, o que mesmo o entrevistado recordava?

Segundo James Fentress e Chris Wickham: “a maior parte do que recordamos está sob a forma de emoções, sentimentos e fantasias recordados, ou imagens sensoriais recordadas”.⁷⁷ Dito isso, o que de fato levou o Sr. Pedro Dehon a se ressentir?

“É o fracasso”, afirma o entrevistado que continua relatando: “você olhar, você viver um dia, dois dias, um mês, um ano batendo na mesma tecla. O que o jovem tem aqui de futuro? Nada!” Em meio a indagações o migrante, em 2004, nos contou sua opinião, dizendo que a situação dos jovens que moram no distrito de Custódio está marcada por uma rotina de poucas perspectivas de mudança: “eles podem passar um ano, dois, só aprende a beber e fumar”.

O Sr. Pedro Dehon disse também que, ao emigrar para São Paulo quando tinha dezenove anos, foi influenciado pelos sonhos de uma juventude que, na verdade, desejava conhecer a capital paulista, aprender, e queria “ganhar alguma coisa”, trabalhar. Depois dessa recordação, ele representou seus sentimentos ao

⁷⁶ KOUBI, op.cit., p. 539.

⁷⁷ FENTRESS; WICKHAM, op.cit., p. 16.

voltar em 1997 para sua “casa natal”⁷⁸, o distrito de Custódio, depois de morar dezoito anos na capital bandeirante:

É ruim, porque você tá lá em São Paulo, tem tudo e a tendência é ter mais. Aí, quando você não imagina, você vai partindo, retornando, assim: tipo uma aventura. Você sabe que aqui é ruim, a gente sabe. Mas você vai pensando: eu vou superar, vai dá certo. A gente acredita assim, outros não acreditam e dizem: ‘vou nada, vou de jeito nenhum! Porque eu já conheço. O que vai fazer lá?’ E eles tão certo! Recebi muitos conselhos a primeira vez... eu tava bem!

De fato, foi uma recordação marcada por sensações e sentimentos, reelaborados e atualizados sob as condições do presente e, possivelmente, com desejos de futuro – emigrar novamente para São Paulo. Assim, entendemos que “a memória não é meramente retrospectiva; é também prospectiva”⁷⁹. Ela dá margem a uma perspectiva de interpretação das experiências tanto do presente, e dos ressentimentos do entrevistado que pinça o seu lugar como um fracasso, como também procura traçar o que virá adiante, ou seja, uma nova partida do Sr. Pedro Dehon à capital paulista.

Ao nos falar sobre o passado, o migrante quixadaense reavaliava suas experiências do presente, e tecia um pouco do momento vivido e sentido por ele em 2004, e mais, trazia em sua narrativa previsões do que viria a seguir – voltar mais uma vez para São Paulo. Inclusive, segundo ele contou, já estava se organizando “pra ir pra lá, eu já fiz a rescisão. Isso me pertence aqui até janeiro de 2005, janeiro está entregue”.

Nesse contexto tecido pelo migrante, diferentemente do vivido pelos demais, a “casa natal”⁸⁰ apenas propiciou ilusões de estabilidades ao Sr. Pedro Dehon, e no momento da entrevista ela não mais o abrigava, aliás, segundo ele: “a casa não é mais minha”. Se ele foi para São Paulo e voltou para sua casa foi, possivelmente, porque “para além de todos os valores positivos de proteção, na casa natal se estabelecem valores de sonho, últimos valores que permanecem quando a casa não mais existe”⁸¹; “esse terreno não é mais meu”, afirma o Sr. Pedro Dehon em novembro de 2004.

⁷⁸ BACHELARD, op.cit., p. 24.

⁷⁹ FENTRESS; WICKHAM, op.cit. p. 70.

⁸⁰ BACHELARD, Gaston. op.cit., p. 24.

⁸¹ Idem, p. 35.

De fato, ao retornar ao distrito de Custódio em 1997 ele vinha cheio de esperança e, se fosse para responder as perguntas que lhe fizeram em São Paulo antes de seu regresso ao Ceará, talvez, ele devesse, para ser compreendido, ressaltar um detalhe de sua história, de seus desejos de reencontrar uma mulher amada em sua terra natal. Porém, segundo o entrevistado, na verdade ele se empolgou, idealizava uma pessoa que de certo não encontrou; e, em 2004 pairava um dissabor com o lugar que não o acolheu conforme imaginava, como ele desejava em 1997. Os sentidos de uma migração para esse quixadaense passaram por sonhos de uma juventude de conquistar uma vida melhor em 1979, indo também aos anos 1990, podendo ser representados por esperanças de um encontro com a amada. Ainda falaremos dessa história que diz respeito às motivações de um retorno à terra natal, mas, apenas no terceiro capítulo.

Ao atentarmos para as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, extrapolamos fronteiras de tempos e espaços vividos, de espaços sentidos. Isso, através da análise das fontes orais que, se não nos revelam um evento desconhecido, podem trazer à tona, sensações, sentimentos e ressentimentos que podem ser “aspectos desconhecidos de eventos conhecidos”.⁸²

Dessa forma, percebemos que o cenário pintado pelo Sr. Pedro Dehon provavelmente expressou um pouco de suas angústias e desesperanças do presente e, por extensão, suas prospecções, desejos de um futuro melhor. O entrevistado vai voltar para São Paulo que voltará a ser lugar de oportunidades e também, o lugar que o acolheu, não de ilusão, como pintou D. Alderiza Silva e D. Valquíria de Holanda: ilusão e aventura para o Sr. Pedro Dehon, em 2004, foi morar no distrito de Custódio com a esperança de estabelecer uma relação com uma pessoa que, na verdade, não condizia com o que ele imaginava em 1997. A esse respeito, acrescentou: “tô saindo agora pra ir embora de novo, mas, eu não sei, posso até voltar, mas, eu acho que não me aquieto mais em lugar nenhum. Gosto daqui, mas, o Custódio não me oferece nada. Muito pouco”.

O Sr. Pedro Dehon, em 2005, partiu novamente de sua terra natal, um lugar que aprendeu a gostar, apesar das desesperanças ofertadas pelo presente,

⁸² PORTELLI, op.cit., p. 33.

um território querido de que ele teve que se desgarrar, mas antes, deixou pelas veredas que percorreu fragmentos de um tempo e de suas experiências. Na poeira da estrada, em que andou, deixou “detritos de sua alma, de sua cultura, de sua memória”.⁸³

Além dos projetos de emigrar, o Sr. Pedro Dehon justificou que isso se deu “pelo fato de não ter aquilo que eu queria pra cá, pro nosso sertão central que se chama trabalho”, essa foi, na verdade, a justificativa que também nos deu ao falar sobre a primeira vez em que emigrou. Relacionar emigração e trabalho foi algo recorrente nas falas dos entrevistados. Sobre essas representações de São Paulo como o lugar do labor, discutiremos no tópico 3.2 do terceiro capítulo.

Questionar o futuro na sua “casa natal”, alegando falta de emprego e perspectiva de vida, foi algo usado também pelo Sr. Antônio Jorge e Sr. Antônio Teixeira para justificar suas partidas no fim do século XX. Todavia, quando o Sr. Pedro Dehon questionou o futuro no presente, e de forma saudosa falou de seu passado no distrito de Custódio, possivelmente estava justificando, antes de qualquer coisa, seu retorno a São Paulo e, por extensão, revelando sensibilidades de um momento marcado por sentimentos, ressentimentos e emoções.

Todas as falas que utilizamos do Sr. Pedro Dehon, até o momento, foram extraídas da entrevista que nos concedeu quando ainda morava no distrito de Custódio, em novembro de 2004. No ano de 2005, emigrou novamente para a capital paulista onde vive atualmente; ele é a exceção dos migrantes que entrevistamos. Hoje ele trabalha de forma autônoma prestando serviços de eletricitista e, depois de quase sete anos da entrevista que realizamos com sua pessoa, ligamos para ele e pedimos seu consentimento para que pudéssemos gravar nossa conversa, pois, vivendo em outro lugar gostaríamos de saber quais são os seus sentimentos referentes à sua terra natal. Vejamos o que ele nos disse:

O Custódio foi o lugar em que eu nasci e me criei (...) retornei em 1997 com aquela esperança de continuar e ficar morando lá. Agora a situação é: nesse lugar eu me decepcionei. O que eu tenho pra falar pra você do Custódio hoje, não tem nem comparação com o Custódio dos anos 70, 80, não se pode comparar [refere-se às amizades de outrora]. Então é esse sentimento que eu tenho aqui, não se pode consertar, não pode fazer as coisas voltar atrás. Esse é os meus sentimentos. Apesar de ser um lugar

⁸³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, op.cit., p. 247.

bom porque a gente tem aquela consideração por aquele pessoal que ainda existe ainda, uns já se foram, não é possível retornar, eu perdi aquela vontade de voltar.

A fala supracitada é extraída de uma conversa que estabelecemos, por telefone, no dia 21 de junho do ano 2011. O migrante quixadaense, agora morando em São Paulo, voltou a nos contar sobre suas esperanças e frustrações de um retorno ao distrito de Custódio, acontecido em 1997. Quando ele deixou sua terra natal pela primeira vez, em 1979, para emigrar para a capital paulista, deixando inclusive, seu grupo de amigos, visava encontrá-los em seu retorno nos anos 1990, pelo que interpretamos, com a mesma condescendência, no mesmo estado de uma relação que fora estabelecida com seus conterrâneos em 1970 e 1980, não com possibilidade de se decepcionar, como aconteceu, afirmou o entrevistado. Reencontrá-los “como se nada tivesse acontecido, como se nada [os houvesse] mudado durante a ausência – é a ilusão da qual se alimenta a nostalgia que tem, por contrário, a decepção”⁸⁴, que aliás, pareceu ter sofrido o migrante ao retornar à terra natal.

Aproveitamos a conversa que estabelecemos por telefone, em junho de 2011, para saber sobre os projetos futuros do Sr. Pedro Dehon. Ele nos contou que pretendia continuar morando na capital bandeirante, onde ele desenvolve suas atividades trabalhando como eletricitista, um lugar onde o entrevistado tem vários clientes. Então, ele afirma:

Daqui de São Paulo eu pretendo dá seguimento, eu não pretendo sair daqui pra morar num outro lugar que não tem campo pra mim. Meus serviços são aqui, meus clientes é aqui, meu futuro vai ser aqui, é construir alguma coisa e ficar aqui. (...) prefiro ficar, prefiro continuar. É uma coisa que é para o meu bem mesmo, não adianta eu tentar fazer outra coisa noutra lugar que não vai funcionar.

O Sr. Pedro Dehon, com 51 anos de idade, solteiro e com aproximadamente 24 anos de sua vida morando na capital paulista, diferentemente do que nos disse em 2004, entende que seu lugar e futuro é em São Paulo, ele não pretende mais morar no distrito de Custódio.

As entrevistas que utilizamos, além de nos possibilitarem enxergar

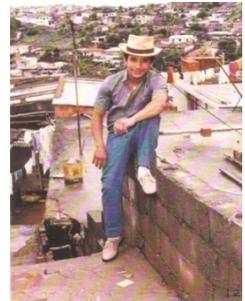
⁸⁴ SAYAD, 2000, p. 14.

aspectos desconhecidos de eventos conhecidos, contribuem para lançarmos uma “nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas”.⁸⁵ Ao contrastarmos as representações desses indivíduos, rastreamos semelhanças e diferenças entre elas e, principalmente, visamos aprender um pouco sobre relações de tempos que não vivenciamos. Recorremos também, nesta pesquisa, a fotografias, principalmente no momento em que realizamos as entrevistas, visando através delas, potencializar as narrativas dos migrantes quixadaenses.

Todavia, atentamos que a fotografia “também desperta sentimentos de medo, angústia, paixão e encontro. Reúne e separa homens e mulheres, informa e celebra, reedita e produz comportamentos e valores”.⁸⁶ Sobre um pouco de encontros, sentimentos e valores é o que o Sr. Antônio Teixeira nos contou ao nos apresentar e recordar a partir de uma fotografia (Foto 1) que, segundo ele, retrata um espaço que era bem utilizado para lazer, para encontros entre amigos em Barueri, na época em que esteve em São Paulo entre os anos de 1986-1993. Deixamos que ele mesmo nos contasse essa história:

Foto 1

Tinha muitas vezes no final de semana, que os colegas estavam construindo casas, que eles usam muito isso lá, essas táticas, aí diziam: vamos encher a laje de fulano de tal, vai ser no domingo! Aí a gente se reunia com a turma dos colegas da gente e ia encher a laje e quando terminava era aquela feijoada, aquela cachaça, era bom. Então, ali considerava um lazer, era um trabalho e ao mesmo instante virava um lazer.



A foto 1 foi comentada pelo Sr. Antônio Teixeira em novembro de 2004, ocasião em que o entrevistamos em sua casa no distrito de Custódio, Quixadá-Ce, e ela serviu, na verdade, para iniciarmos uma entrevista com sua pessoa que ainda iria recordar suas experiências de idas e vindas no trajeto Quixadá e São Paulo.

Essa medida foi tomada para a realização de todas as demais entrevistas que realizamos com os migrantes quixadaenses, pois acreditávamos que a própria busca por materiais em seus arquivos pessoais, poderia ajudá-los a falar da migração. Pedíamos, então, aos entrevistados que selecionassem fotografias que

⁸⁵ PORTELLI, op.cit., p. 33.

⁸⁶ BORGES, 2005. p. 37.

retratasse momentos anteriores a emigração, de quando estavam em São Paulo, e do período em que retornaram a Quixadá. Assim, entre falas, escritas e imagens, estamos perseguindo nosso objeto marcado por recordações diferentes, de sujeitos e do passado, o qual, continuamente, é atualizado no presente.

Os quixadaenses, ao recordarem momentos vividos em São Paulo, nos falaram de suas experiências e transpareceram, muitas vezes, em suas narrativas, sentimentos de identificação; para além do trabalho, falam bem das possibilidades de lazer que os tempos de outrora oferecia e, em muitos momentos de suas falas, dizem que gostariam de voltar a São Paulo a passeio, mas, “de morada eu não quero ir”; assim afirma o Sr. Américo Soares.

Depois de várias horas de entrevistas, constatamos nas narrativas, alguns elementos que revelaram sentimentos de alteridade, mas também de identificação. Sentimentos esses que perpassaram os relatos de todos os entrevistados e podem nos revelar contextos específicos.

D. Valquíria de Holanda, por exemplo, recordou seu lazer em uma grande metrópole e nos contou tanto do presente quanto sobre o passado: “agora lá em São Paulo tinha mais lazer do que aqui. A gente ia às vezes pra Santos, a um clube, para o Parque do Carmo e aqui não, a gente só trabalha”. E ela ainda continua: “eu acho que São Paulo era melhor do que aqui em Quixadá para lazer, lá tinha mais”. Em sua fala enfatiza os lazeres que São Paulo podia oferecer: “lá tem muita coisa bonita pra ver”. Mas recordou, sobretudo, além dessas múltiplas possibilidades de diversão, ofertadas por uma grande cidade numa época de sua juventude, período que antecede às obrigações que adquiriu com a constituição de uma família e obrigações do lar.

Possivelmente essas mudanças acontecidas e obrigações adquiridas na vida da, hoje, D. Valquíria de Holanda, fazem dela saudosa com outrora, época de sua mocidade, sobre a qual ela diz que vivia em “uma cidade grande bonita” e que ofertava inúmeras opções de lazer. A entrevistada contrastou, em suas lembranças, o passado em São Paulo com o presente em Quixadá, uma nova realidade, onde, é verdade, não precisa andar “sempre com cisma” segundo explica, mas, sente que hoje, apesar da liberdade que desfruta por não viver em uma cidade violenta como

São Paulo, se queixa das muitas funções que acumulou.

Sabemos da complexidade que é compreender as representações desses migrantes através das entrevistas, pois a questão de recordar implica inúmeras vezes “viajar para trás ao longo de um encadeado de memórias. Nos termos da experiência de recordar, não há nada que distinga a recordação de fatos verdadeiros da recordação de absurdos”⁸⁷. Porém, estamos cientes da credibilidade diferenciada das fontes orais, onde a relevância de um testemunho se situa não necessariamente em sua aderência ao que é contado, mas, de preferência ao afastamento do fato, atentando-nos para o poder de imaginação contido no relato, seu “simbolismo e desejo de emergir”.⁸⁸

Vejamos, por exemplo, os possíveis significados da narrativa de D. Alderiza Silva, ao recordar alguns momentos de lazer vividos por ela em São Paulo:

Os amigos no final de semana, no natal, ano novo, o pessoal vê todo mundo se reunir, comemorar junto e retribuir um ao outro. E aqui, ninguém ver isso, o povo aqui num sabe nem o que é natal. Na cidade grande você sabe o que é natal, ano novo, dia de mãe e aqui no Ceará eu acho que é muito diferente esse ponto aí, eu acho. Passei foi muito natal em São Paulo, cidade grande, lá se reunia toda família e amigo e aqui no Custódio, ninguém sabe o que é um natal.

O corpo que se faz presente com o passado parece convergir nas lembranças de D. Alderiza Silva, quando ela rememora relações vivenciadas em outro espaço e tempo e relata que, em São Paulo, careciam de “ver todo mundo se reunir, comemorar junto e retribuir um ao outro”, mas hoje, em sua terra natal seus amigos e familiares não propiciam momentos semelhantes aos vivenciados por ela outrora. Talvez isso resulte, na verdade, das relações, vividas aqui: “no Ceará eu acho que é muito diferente”, como ela mesma destacou, e não porque as pessoas no distrito de Custódio não saibam o “que é um natal”. Dito de outra forma, a memória da entrevistada “vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas”⁸⁹, e acabou revelando expressões de distintas relações e contextos vivenciados por ela, transparecidos através de sua memória que, de fato,

⁸⁷ FENTRESS; WICKHAM, op.cit., p. 19.

⁸⁸ PORTELLI, op.cit., p. 32.

⁸⁹ BOSI, op.cit., p. 47.

“não é conservação, mas construção do passado a partir do presente”.⁹⁰

E, partindo do presente, ao estudarmos a memória é importante atentarmos também que ela é um processo ativo de constante criação de significados⁹¹, os quais podem aparecer através da análise das recordações. Vejamos, por exemplo, o que o Sr. Cláudio Laurentino recorda nas suas primeiras impressões sobre São Paulo:

Pra chegar a gente passa por Guarulhos. Já na grande capital a gente vai ver muitas coisas... eu vi, olhei pra Tietê uma rodoviária moderna, e vi o esqueleto do concreto, a obra construída, uma cidade totalmente evoluída, muito dinheiro rolando, sabe? Seria diferente do que eu vivi aqui.

As recordações do Sr. Cláudio Laurentino, enriquecidas com detalhes sobre suas primeiras impressões referentes à São Paulo, estão marcadas por uma experiência vivida no passado, que lhe dá suporte no presente para que saiba de nomes de cidades; inclusive, segundo relata, ele teve “a oportunidade de conhecer cidades, conhecer o muito de São Paulo, acho que umas quinze ou mais cidades através do trabalho”⁹². Aliás, sobre as observações do Sr. Cláudio, referentes ao “esqueleto do concreto”, possivelmente elas estão ligadas ao trabalho que lá desenvolveu, em construtoras civis e, obviamente, a constatação das diferenças percebidas foi acentuada quando o migrante contrastou as imagens de São Paulo com as de sua terra natal.

Vale ressaltar, ainda, que os espaços recordados possivelmente foram marcados por valores e concepções distintas de mundos que se entrecruzaram, se encontraram, e mesmo, se desencontram no contexto de idas e vindas de quixadaenses, de uma migração ocorrida de 1973 a 2001. Esse entrecruzar de mundos provavelmente acarretou mudanças na vida de pessoas e em suas próprias concepções, assim como, modificou a própria maneira em que grupos passaram a se enxergar.

Para o Sr. Gilberto Nunes, que morou quatorze anos em São Paulo, ele denota o que representou sua migração, explicando que “lá é um livro pra todo

⁹⁰ EULÁLIO, op.cit., p. 76.

⁹¹ Cf. PORTELLI, op.cit., p. 33

⁹² Sr. Cláudio Laurentino. Depoimento concedido na sua casa, distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em setembro de 2006.

mundo, uma boa escola”, e esse aprendizado modificou sua forma de perceber a vida, pois hoje, ele afirma que é bem mais cauteloso com as artimanhas que ela lhe propicia. O Sr. Américo Soares, que parece corroborar com a reflexão do Sr. Gilberto Nunes, disse que, depois da experiência adquirida nos anos de 1977 a 1992 na capital paulista, não tem mais “medo de sair pra estado nenhum, porque eu sei andar, sei sair, aprendi muita coisa, o mundo é um mestre da gente”.

As pessoas que entrevistamos salientam a importância de seu ir e voltar de uma cidade grande, pois acumularam, especialmente, experiência, adquiriram conhecimentos que representaram para eles uma distinção ao retornarem à terra natal. Dizem saber escolher qual lugar “é melhor” para viver, conforme especificou Sr. Cláudio Laurentino e transpareceu D. Valquíria de Holanda. E mais, tiveram como escola a vida, e, nas palavras do Sr. Américo Soares: “o mundão ensina!”.

Quanto às opiniões do Sr. Américo Soares e o Sr. Gilberto Nunes, que falaram da importância dos ensinamentos adquiridos com a experiência da migração, o Sr. Nazareno Firmino contribuiu com esse tipo de concepção, afirmando que: “é o que eu digo pra todo mundo: macho, o mundo ensina você”.

O Sr. Américo Soares, pelo que parece, depois de ter aprendido, vivenciado e sentido a dinamicidade de São Paulo de 1977 a 1992, trouxe em sua narrativa sentimentos de gratidão para com aquele período, até porque, segundo nos disse: “eu consegui conhecer e ganhei experiência, como se vive na cidade fora, cidade grande, e isso é muito importante você saber”. Atualmente, depois de ter vivido na capital bandeirante por mais de uma década, de ter conquistado amizades e conhecido lugares variados, mora em sua casa no distrito de Custódio, goza de certa estabilidade econômica, ou seja, conquistou sua independência financeira como comerciante e mais, casou-se e ampliou sua família.

Conforme o Sr. Américo Soares, “hoje eu jamais vou pra lá para São Paulo, assim, para morar. Tenho pretensão de passear e rever os amigos da minha época que eu tive com eles e hoje eu tenho grandes recordações deles”. E da capital paulista o que ficou, para além de recordações, parece mesmo ter sido experiências de vida; o entrevistado ainda salientou que, por ter aprendido muitas

coisas, sentiu-se em casa e preferiu morar no distrito de Custódio, que “é a terra da gente”.

Quanto ao Sr. Cláudio Laurentino, o que recordou de São Paulo? O que teria a acrescentar? Vejamos o que ele disse:

Foi bom porque me trouxe esse conhecimento da coisa. Porque pra mim é o seguinte, hoje se disserem: rapaz, você conheceu o Brasil? Eu digo: rapaz se eu não conheci o Brasil, eu conheci grande parte em termo de avanço, de concreto de uma coisa onde o dinheiro, onde a coisa acontece.

Vemos emergir, nos discursos dos entrevistados, recordações positivas quanto à migração, e mais, elas trazem nos meandros das entrevistas, concepções de vidas, falam de rotinas que mudaram: “ah! lá já mudou a rotina. É porque o seguinte, lá eu já comecei a trabalhar”, afirma o Sr. Antônio Teixeira. Antes, nada disso tinha acontecido em seu lugar conforme as concepções do entrevistado. Além das questões que envolveram São Paulo e trabalho, os migrantes quixadaenses recordaram momentos de lazer, semelhante ao que nos contou o Sr. Nazareno Firmino, que viveu na capital bandeirante de 1994 a 1997:

Às vezes, nos finais de semanas, reunia-se com os vizinhos que era muito amigo da gente. Por exemplo, ele tava construindo a casa deles e precisava de encher uma laje, então, juntava os amigos todos ali e ia ajudar ele encher a laje. Aqui num existe isso, não existe. Aqui o cabra faz só! Não tem um amigo pra ajudar não, lá tem! Lá é diferente. Aqui não existe isso!

O entrevistado nos falou sobre o que poderíamos entender como um espaço de “socialidade”,⁹³ onde se teceram amizades e afetividade em São Paulo. Segundo ressaltou o Sr. Nazareno Firmino, as práticas de encher laje na capital bandeirante aconteciam corriqueiramente e se distinguem das que hoje vivencia no distrito de Juatama, onde não se desfruta mais desses favores. Aliás, sobre essas práticas o Sr. Gilberto Teixeira, que esteve em São Paulo nos anos de 1989-1998, recordou:

Muitas vezes a gente saía pra poder formar aquele mutirão pra construir casa. O colega meu ia construir a casa dele aí pediu ajuda da gente pra ir lá e a gente foi trabalhar na laje da casa dele. Aí ele contou com a gente, tinha confiança. A pessoa pegava, fazia a parte... num tem o pedreiro que fica em cima, na parte de cima e a gente fazia o concreto lá em baixo. Misturava pedra, areia, cimento e ficava carregando numas latas, entregando alguém que tava em cima pra poder passar pro pedreiro. E daí quando a gente

⁹³ Sobre essa questão cf. MAFFESOLI, 1984. Ou, se preferir, recorrer à Introdução deste trabalho, onde falamos sobre a utilização desse conceito em nossa pesquisa.

terminava, animava: com um churrasco, e jogava... ficava brincando, jogava lama um no outro e depois colocava dentro das bombonas [grandes vasilhas] d'água pra poder lavar...tirando umas fotos naquela brincadeira, pra ficar na recordação.

Essas recordações de uma prática de encher laje foram lembradas tanto pelo Sr. Gilberto Teixeira, como por mais dois entrevistados: Sr. Nazareno Firmino e Sr. Antônio Teixeira. Esses sujeitos viveram tempos e espaços diferentes, e parecem evidenciar, através de suas lembranças, uma acentuada e constante verticalização dos espaços de morada, uma busca constante da utilização dos espaços que podem ser disponibilizados, algo que é bem característico de centros urbanos, e possivelmente, ficou registrado nas memórias dos migrantes quixadaenses. Inclusive, através dos relatos foi possível perceber que a cidade grande, para além de ser um lugar que pode propiciar melhorias de vida, porém marcado por anonimatos, individualismos e solidão, foi um espaço onde ocorreram aproximações e constituições de amizades. Conforme o Sr. Nazareno Firmino disse: “amizade desse jeito lá existe, fazer favor lá também existe favor”.

Um lugar, São Paulo, que não se resume a individualismos, medos e impessoalidades, até porque, nas edificações dos espaços de moradia representadas através das narrativas como trabalhos de encher laje, se evidenciam construções de espaços de lazer, relações de vizinhança e teias sociais; um espaço usado que, possivelmente, tanto servia como momento de confraternização e solidariedade, num mundo às vezes tão individualizado, e que poderia ser considerado um momento de trabalho e “ao mesmo instante virava um lazer”, conforme disse o Sr. Antônio Teixeira.

Parece mesmo que os significados, que nos foram apresentados pelas memórias dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, pinçam um pouco dos caminhos percorridos e sentidos por esses sujeitos, podendo-se evidenciar entre identificações e diferenças, suas conquistas, mudanças, projetos e concepções de vida, valores, medos, sabores e dissabores que os entrevistados acumularam com suas idas e vindas. Através da análise das representações, vimos sujeitos justificarem uma emigração e retorno, ostentando, inclusive, experiências adquiridas: “aprendi muita coisa”, como já nos contou o Sr. Américo Soares. E mais, nos falaram sobre suas origens e partidas, seus projetos de vida e do retorno para Quixadá.

Ainda sobre o ato de recordar, vale destacar também que, em meio aos possíveis significados das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, nos são apresentados, tanto indícios de um pretérito, quanto do momento atual dos entrevistados. Assim, quando eles nos falaram do passado e de São Paulo, eles nos revelaram um momento específico, em que se encontravam vivendo em Quixadá.

Todavia, em meio a essas recordações, se constituíram também, facetas de cidades. Elas podiam mostrar-se pela memória dos migrantes, como bonitas e feias, lugares de sonhos e oportunidades de um futuro melhor, ou, simplesmente, mundo de ilusão, onde foi difícil para sobreviver, e mais, que causava medo, diferente, intranquilo, mas que te ensinou a viver. “Dizem que o professor da gente é importante, mas, o professor é o mundo”; afirmou o Sr. Américo Soares.

Enfim, constatamos entre identificações e diferenças elaboradas pelos migrantes, em meio a valores e sentimentos que podemos perceber através da análise das representações, um pouco do que significou a migração para os entrevistados, ou seja, uma oportunidade de conhecer outro Estado; de obter melhorias que possibilitam se perceber e ser percebidas como cheias de vida ao retornar à terra natal, como especificou Margor-Marly, ao tratar de suas conquistas; ou mesmo, como um modo de amealhar dinheiro, ainda que seja pouco; comprar uma casa; um transporte; arranjar um jeito para trabalhar, ser empregado; e quem sabe também, com o desfecho de um período de suas vidas, em que pudessem encontrar uma pessoa e casar, como transpareceram D. Alderiza Silva e D. Valquíria de Holanda.

Aliás, a migração representou também, haja vista o pouco grau de escolaridade dos entrevistados, a realização de uma complementação da formação de sujeitos que não tiveram “oportunidade... de se formar”, como afirmou o Sr. Antônio Teixeira, mas que agora podem falar com a autoridade de quem acumulou conhecimento na vida, de fato: “uma grande experiência”, como especificou o Sr. Cláudio Laurentino. E hoje, representando o passado vivido, às vezes o assemelham a um grande livro que foi lido, a exemplo do que disse o Sr. Gilberto Nunes.

Esses sujeitos chegam a nos dizer que não têm mais medo de se depararem com o diferente, sabem sair, sabem retornar, além de poderem comparar onde é melhor para se viver. Apenas para tentar concluir, como já nos falou o Sr. Américo Soares, “eu sei andar, o mundo é o mestre da gente”. Assim nos chegam as representações de uma migração e os seus possíveis significados.

Escolhemos iniciar este trabalho partindo das falas dos entrevistados e do presente, de onde recordam. Pensamos privilegiar suas versões, o momento em que eles estão vivendo e as representações de um evento já acontecido, que foi a migração. Obviamente, para continuarmos nosso estudo e entendermos um pouco mais sobre os possíveis significados de um passado que nos chega, recorreremos às correspondências de Margor-Marly. Pensaremos sobre os antecedentes de sua história, que poderão nos conduzir a redutos de sensibilidades, nos possibilitando detectar sentidos diversos de idas e vindas, de vidas dos que se correspondem, e principalmente, podem ajudar-nos a problematizar as motivações de uma emigração. Porém, essas serão questões a serem desenvolvidas no capítulo seguinte, vamos adiante: “A você e a todos daí os meus cumprimentos”⁹⁴.

⁹⁴ Trecho de uma carta doada à pesquisa por Margor-Marly. A missiva foi enviada a sua pessoa antes dela emigrar para São Paulo. No época ela morava no distrito de Custódio, Quixadá- CE. Carta datada de 19 mar. 1972.

CAPÍTULO II – MOTIVAÇÕES DE UMA MIGRAÇÃO PARA SÃO PAULO: “SÓ LEMBRANÇAS E NADA MAIS”.

O fragmento da fala destacada no título deste capítulo, foi evocado por Margor-Marly⁹⁵ em entrevista que nos concedeu em sua casa, no distrito de Custódio⁹⁶ em Quixadá-Ce, no dia treze de junho de 2009. Era um dia chuvoso e saudoso, em que nossa entrevistada se deparava com dezenas de cartas organizadas cronologicamente por nós, e que pontuavam um pouco do seu passado. Aliás, as cartas falavam de pessoas amadas, de amores, e talvez mesmo, de um pretérito adormecido, aflorado por pedaços de momentos registrados em papéis selecionados e que tinham sido por décadas guardados por Margor-Marly.

Uma das motivações que ela salienta, explicando sua partida para São Paulo pela “primeira vez”⁹⁷ no segundo semestre de 1976, é a de que precisava mudar de vida, pensava no futuro e queria conseguir um emprego, trabalhar. Essa sua explicação se assemelha a dos demais entrevistados, mas não é a única que mencionam, pois, por suas recordações afloram como justificativas, desejos de conhecer outro lugar; tais lembranças falam também de amores, de sensações e sentimentos que marcaram suas vidas enquanto sujeitos errantes, eles, que transitaram no trajeto de Quixadá - São Paulo em um período que vai de 1973 a 2001.

Escolhemos Margor-Marly que, como migrante, de forma semelhante aos demais entrevistados, fez parte desse processo migratório e trouxe em sua narrativa sentidos possíveis que se aproximam dos ditos pelos demais quixadaenses.

⁹⁵ Nome fictício. Mediante um acordo que firmamos com Margor-Marly, todos os nomes contidos nas correspondências que ela doou graciosamente para nossa pesquisa serão mantidos em sigilo para que possamos preservar as identidades dos sujeitos. Assim, esse acordo também valerá para a Margor-Marly.

⁹⁶ Custódio, distrito do município de Quixadá com população estimada, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 4.037 habitantes.

⁹⁷ Depois de sua primeira partida rumando à capital paulista no ano de 1976, Margor-Marly iria trilhar, até os anos 1980, esse trajeto Quixadá - São Paulo por aproximadamente sete vezes, segundo nos contou. Entre idas e vindas à terra natal, a última vez que a entrevistada emigrou para a capital bandeirante foi em 1984, retornando ao distrito de Custódio em meados de 1986, onde vive atualmente desde seu regresso. Vale ainda dizer que da segunda metade do ano de 1976 ao mês abril de 1980, quando a migrante casa, Margor-Marly morava em São Paulo, apenas indo ao distrito de Custódio periodicamente.

Privilegiamo-la também, por termos sobre sua vida um cabedal de fontes, mais de quarenta correspondências e três entrevistas, por exemplo, que podem nos ajudar a contar versões de uma migração marcada, talvez mesmo impulsionada, por uma história das sensibilidades.

Assim, nos dedicaremos exclusivamente a trajetória de vida da Margor-Marly, reconectada ao “presente por meio de reconstruções sensíveis do passado”⁹⁸, visando detectar a pluralidade sortida em uma vida que sinaliza tanto seus compromissos, como as expressões de um momento. Vale ainda destacar que sua história não representa as dos demais, mas ajuda a problematizá-las, levando-nos inclusive, a pensar nas motivações possíveis de uma emigração.

Com a entrevista que realizamos, utilizando as missivas, visamos potencializar a narrativa de Margor-Marly; era a terceira vez, no dia treze de junho do ano 2009, que nos encontrávamos para tratar de assuntos que perpassavam suas experiências de vida, que incluíam suas idas e vindas a São Paulo e versões de uma história da migração.

De fato, as correspondências pareciam (mesmo que virtualmente) nos transportar “bem para o meio do evento emigração”⁹⁹, nos permitindo observar aspectos ou versões de momentos, particularmente íntimos, sob o ponto de vista dos sujeitos que compõem a história em que Margor-Marly é protagonista. E ela, bem que se emocionou em alguns momentos com a leitura que fazemos das missivas, falou também sobre um outrora, as vezes se calou, se resignou com seus segredos e nos avisou: “ora, eu sou cheia de segredo mesmo!”.

Todavia, nossa entrevistada por vezes buscou palavras para expressar, através de seus relatos de memórias, tempos em que viveu e o que sentiu, recorrendo, inclusive, a uma música que se refere a um passado, a um amor, o Paulino¹⁰⁰, que o tempo não conseguiu apagar, e que foi representado por ela, pela

⁹⁸ LANGUE, 2006, p. 32.

⁹⁹ CROCI, 2008. p. 14-15.

¹⁰⁰ Nome Fictício. Aqui, esse sujeito aparecerá com alguns detalhes a partir de indícios de 1976, quando o vemos cruzar os caminhos de Margor-Marly. Antes desse acontecido, precisamos explorar algumas fontes que encontramos da primeira metade dos anos 1970, as quais antecedem a primeira vez que Margor-Marly foi para São Paulo. Vale ainda dizer que apesar do Paulino ter emigrado para São Paulo, num período que antecede nosso recorte, e ser quixadaense, depois de sua partida ele

letra de uma música que tem como refrão: “só lembranças, só lembranças/ só lembranças e nada mais/ só lembranças, só lembranças/ só lembranças de alguém que se foi/ e levou minha paz”¹⁰¹.

Quais os possíveis significados de suas lembranças?

Conforme salienta Ecléa Bosi, para que possamos localizar uma lembrança é preciso desenrolar os fios diversos que compõem sua tessitura, “pois ela [a lembrança] é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado”.¹⁰² Dito isso, será preciso entender melhor em que momento da entrevista Margor-Marly se remeteu à música e tratou de forma tão afetuosa do Paulino.

No começo da entrevista que realizamos no dia treze de junho de 2009, Margor-Marly se manifestou, através da sua memória, da seguinte forma: “Bichinho, foi embora! Agora eu faço que nem a música: Só lembranças”. Foi assim que ela comentou a leitura de um bilhete que recebera do Paulino, remetido a sua pessoa, quando ele se encontrava na capital bandeirante no dia dezoito de fevereiro do ano 1977. Ainda não é hora de contarmos a história desse amor vivido entre Margor-Marly e Paulino. Retomaremos essa recordação da entrevistada sobre a letra da música “Só lembranças”, no último tópico deste capítulo, onde contaremos também um pouco da história vivida entre ela e o Paulino.

O fato é que a memória da entrevistada foi marcada por sucessões de etapas divididas “por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra”¹⁰³; mesmo que essa vida tenha que ser marcada pela morte de pessoas queridas: “Bichinho, foi embora!”. Já a música “Só lembranças”, não de forma desinteressada, aparece por sua memória marcando uma época das tertúlias da juventude de

não voltou a morar em sua terra natal. Ou seja, ele não faz o perfil dos entrevistados para essa pesquisa e só aparece em detrimento da história de Margor-Marly.

¹⁰¹ GALENO, Bartô. Só lembranças. Intérprete: Bartô Galeno. In: **20 SUPER SUCESSOS românticas ctn**. Gravadora Polydisc. Ano 2011. Faixa 19 (3 min 26 s). Lançada em sua primeira versão em 1976 pela Tapeçar – LP. Disponível em: <<http://www.radio.uol.com.br/#/volume/barto-galeno/20-super-sucessosromanticas-ctn/22994>>. Acesso em: 5 abr., 2011.

¹⁰² BOSI, op.cit., p. 413.

¹⁰³ Idem, p. 415.

Margor-Marly nos anos 1970; uma época em que a entrevistada recorria às Rádios e oferecia músicas aos seus contemporâneos para expressar seus sentimentos¹⁰⁴.

Assim, pela análise da memória, pensando acerca de uma migração, atentando para os sentimentos, sensações e emoções, é que iniciamos este capítulo e damos seguimento à análise de nosso objeto de pesquisa.

Temos, é verdade, as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo como objeto, e entrevistamos doze pessoas para o desenvolvimento inicial do trabalho: oito homens e quatro mulheres.

Por representação, conceito tão caro à História Cultural, entendemos que ela:

Assinala uma relação ambivalente e ambígua entre ausência e presença. Ambivalente porque a representação é tanto exposição e presença quanto ausência e referência a um outro distante. É, pois, ser e não ser, ou, no limite, é ser ela mesma e ser um outro.¹⁰⁵

Podemos dizer, grosso modo, que a História Cultural aqui adotada como perspectiva, visa “decifrar a realidade do passado por meio de suas representações”¹⁰⁶, tentando com isso entender um outrora, uma “alteridade” que se distingue do presente, e mais, parece se constituir enquanto reduto de sensibilidades.

Para abordar nosso objeto e entendermos os processos em que se estabeleceram as relações que estudamos pelas representações, privilegamos neste capítulo, a trajetória de vida de Margor-Marly. Quixadaense, filha de agricultores, de uma família de nove irmãos, ela, mãe de família, casada há 29 anos, com três filhos e sendo avó, estando com seus 58 anos de vida, nos contou suas experiências como migrante¹⁰⁷ e disse que transitou, entre meados de 1970-1980, “sete vezes mais ou menos”, nos caminhos de Quixadá-Ce a São Paulo. Ela vive em sua terra natal desde junho de 1986. Reside em Quixadá, especificamente, no pequeno distrito de Custódio, que tem uma população de pouco mais de 4.000

¹⁰⁴ Essa prática era bem comum á época. Sobre isso, cf. KLÖCKNER; PRATA, 2009.

¹⁰⁵ PESAVENTO, 2007, p. 3.

¹⁰⁶ Idem, 2003, p. 42.

¹⁰⁷ Todas as informações sobre “Margor- Marly” referem-se às épocas evocadas por ela, quando a entrevistamos em sua casa, no Distrito de Custódio. As entrevistas foram concedidas nos dias dez, onze de abril e treze de junho de 2009, sendo realizadas pelo autor.

habitantes, segundo o último relatório do IBGE, e está localizado no Sertão Central cearense.

Nossa entrevistada nos pediu que fôssemos sigilosos, discretos com seu nome, sua identidade ou, em suas palavras, que tivéssemos cuidado para “não dar muita bandeira”, pois, dos fragmentos que deixou na estrada de sua vida, poderiam emergir histórias de amores, revelações de segredos de outros tempos, as vezes tão estranhos ao presente.

Negociamos com ela, para a edição de sua história, sujeitos com nomes fictícios, inclusive o dela, que retiramos de uma carta datada de dezessete de maio de 1974, a qual foi enviada a sua pessoa; assim, Margor- Marly é o seu nome, e da trajetória de sua vida é que partimos, neste capítulo, para analisar nosso objeto de pesquisa.

Vale salientar ainda que não temos a intenção de fazer uma biografia da nossa entrevistada, mas acompanhar ou rastrear seu itinerário individual, envolvido pelo social, onde podem se processar “múltiplos cruzamentos de experiências, a mostrar a teia emaranhada que situa um personagem em seu contexto”¹⁰⁸. Um “contexto”¹⁰⁹ heterogêneo, poroso, composto de múltiplas experiências e representações, contraditório e lacunar, pensado e tecido com as fontes.

Assim, é necessário dizer também que, antes mesmo de entrevistarmos Margor-Marly nos meses de abril e junho de 2009, ela doou, para o autor, conhecido seu desde pequeno, um pacote que podemos também entender como sendo o seu baú, que continha inúmeros documentos, dentre eles: cartas de amores; mais de 40, cartões com felicitações, fotos, recibos, uma única folha de um livro, um contrato de trabalho, etc., que pareciam rastros de uma vida, contidos num baú há tempo fechado. A doação, que significava também um gesto de confiança, depois de confidências expressas nas entrevistas, nos despertou ainda mais o desejo em

¹⁰⁸ PESAVENTO, 2008, p. 16.

¹⁰⁹ Sobre a ideia de “contexto” cf. REVEL, 1998, p. 27

“decifrar o eco de antigas palavras, fragmentos de cartas”¹¹⁰, marcados por emoções, sensações ou, especificamente, pelas sensibilidades, entendidas como:

[Uma] espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade. As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, a si próprios e ao mundo, comparecendo como uma área de tradução da realidade através das emoções e dos sentidos.¹¹¹

Sentidos que, materializados nas fontes, podem ser traduzidos e pensados no presente, nos levando a compreender marcas de uma experiência sensível, “de princípios e valores que marcam a conduta e que motivam”¹¹² ações. Em se tratando de motivações e ações, por que quixadaenses emigraram, semelhante a Margor-Marly, para São Paulo?

Ao analisarmos a trajetória de sua vida, que emigrou, mas, voltou a morar em Quixadá, visamos complexificar essa questão com respostas possíveis, tendo por base a análise de duas fontes: entrevistas e correspondências. Partindo delas formulamos ainda uma questão secundária: que cidades a análise desses vestígios pode revelar?

As respostas tendem a se mostrar em fragmentos, por meio da tessitura de “retalhos” deixados na estrada da vida, ou até mesmo, num gesto cuidadoso ao vasculhar as bagagens de sujeitos que acumularam experiências com a migração. Das falas sobre o passado reluz também um presente e, dos presentes de um pretérito, materializados muitas vezes pelas missivas, sensibilidades de outrora parecem marcar o agora. Comparando e contrastando essas fontes, tendo como perspectiva a História Cultural, visamos compreender, partindo das representações, de histórias sentidas e vividas, facetas de cidades e de uma migração.

Mas, como compreender possíveis sentidos de uma migração? Por onde começamos nossa investigação?

Podemos primeiramente, sem maiores delongas, trilhando a trajetória de vida de Margor-Marly, pegar um atalho para sermos informados sobre o porquê,

¹¹⁰ BUARQUE, Chico. Futuros Amantes. Intérprete: Chico Buarque. In: **PARATODOS**. Gravadora/ Selo, SONY/RCA. Ano 1993, faixa 9 (3 min 31 s). Disponível em: <<http://www.radio.uol.com.br/#/musica/chico-buarque/futuros-amantes/12396>>. Acesso em: 2 ago., 2011.

¹¹¹ PESAVENTO, 2008, p. 14.

¹¹² Idem.

perguntando a ela mesma, das motivações de um migrar, e principalmente neste capítulo, a razão dela sair de sua terra natal rumando a São Paulo.

Ora, era o mês de julho de 1976, Margor-Marly tinha 25 anos e via sua conterrânea Graça, de férias, vinda de São Paulo, em sua terra natal. Então, a personagem principal de nossa trama nos conta que não hesitou no retorno de Graça à cidade paulista, partiu, foi embora acompanhada de sua amiga, e isso, ela decidiu “do nada”, pelo menos assim nos contou nossa entrevistada.

Agora, por meio de uma seleção de fontes e recorte temático, urdindo um enredo, comparando e contrastando os indícios que temos em mãos, pretendemos, no construto deste texto, trabalhar uma história enquanto “ficção” sim, mas, uma “ficção controlada”¹¹³ pelos modos duma “operação histórica”¹¹⁴. E mais, intentamos também jogar com o possível, com o plausível, com uma história que enseja a verdade...

Quanto a Margor-Marly, ela ainda acrescenta, ao recordar a decisão daquele mês de julho de 1976, mais algumas peculiaridades sobre sua pessoa:

Minhas coisas são assim: eu vou fazer e ninguém sabe. Minhas coisas sempre foram assim. Só quem sabia mesmo era o papai e a mamãe que eu ia com a Graça. Do nada, eu vi a Graça aí eu fiquei com aquela vontade de ir-me embora pra São Paulo, e fui!

Quando se recorda não há nada essencialmente que defina uma recordação de fatos que aconteceram de recordações absurdas, ou seja, das que não se consumaram factualmente. Porém, sabemos que “quando recordamos, elaboramos uma representação de nós próprios para nós próprios e para aqueles que nos rodeiam”¹¹⁵.

É por esse viés que vemos o trecho supracitado da entrevista de Margor-Marly; ela representa sua pessoa como convicta, discreta e com certa independência para seguir os caminhos que escolheu em sua vida, apenas precisando comunicar aos seus pais. Mulher de improviso, decidida, foi com tudo e,

¹¹³ No tocante à questão da história ser uma espécie de ficção controlada, ver: PESAVENTO, 2003, p. 58.

¹¹⁴ Sobre essa questão, cf. CERTEAU, 1998.

¹¹⁵ FENTRESS; WICKHAM, op.cit., p. 20.

“do nada”, sentiu uma vontade repentina de deixar sua terra natal; pensou em ir embora “pra São Paulo” e foi!

Será que essas foram as razões de sua partida? E os sentimentos?

Parece mesmo que para melhor estudarmos nosso objeto de pesquisa partindo da análise da trajetória de vida de Margor-Marly, será necessário rastrear as sensibilidades de outrora, na tentativa de, pelas fontes, traduzir uma alteridade, um passado com suas lógicas e valores, que possivelmente teceu sua vida. Nesse ato de rastrear o pretérito, a memória se faz importante para nossa pesquisa, apenas a articularemos com os vários vestígios do passado de Margor-Marly. Começemos por uma missiva...

2.1 Antecedentes de uma migração.

Dezoito de março de 1972. Margor-Marly, “pela primeira vez que faco-me presente, que para você tudo seja, alegria! alegria! alegria! Como diz o nosso bom Caetano Veloso”. Essas são as saudações de Flávio¹¹⁶, saudoso e com algumas queixas, inclusive, por estar longe de sua amada que se encontrava na cidade de Fortaleza. Ele continua: “Aqui últimamente está ruim pacas, mas mesmo assim continuo acendendo velas prá fazer promessa. Soube que vai estudar parabéns (...) Breve irei á Fortaleza”.

Depois de informar a Margor-Marly que pensa em ir em breve à capital cearense, Flávio conclui sua carta: “Até logo e uma beijoca na ponta do nariz e uma dentada no dedão do pé”. Não seria a última vez que eles se corresponderiam...

As correspondências nos permitem explorar aspectos de relações que pesquisas macro-históricas provavelmente não conseguiriam observar, e isso se dá, em grande medida, pela potencialidade das fontes que trazem registros de

¹¹⁶ Vale dizer que o Flávio escrevia suas cartas quando morava em Quixadá e ele não emigrou para São Paulo. As informações que obtivemos sobre sua pessoa foram dadas por alguns de seus contemporâneos e, quando não, obtidas pelas cartas. Sobre ele, sabemos que era filho de um pequeno proprietário de terras e que tinha boas condições financeiras se comparada à realidade local. Sua história só aparece por se cruzar em algum momento com a trajetória de vida que privilegiamos neste capítulo que tem Margor-Marly como protagonista.

intimidades entre os que se correspondem. No caso da escrita de Flávio, além de elementos que indiciam o grau de intimidade entre ele e Margor-Marly, transparecem valores religiosos – “fazer promessa” – que fizeram parte do universo social em que se encontrava nossa personagem.

No dia 31 de maio de 1972, Margor-Marly ainda se encontrava em Fortaleza, conforme carta; ela informava aos seus pais que não podia passar as férias de julho daquele ano em Quixadá, pois, estava estudando. Em sua saudação não se esquece de pedir a benção de seus pais: “Querida mamãe, Mamãe e papai me abeçõe”, e eles, pelo que evidenciamos, não se esqueciam de abençoá-la: “Minha Quirida [Margor] Deus ti abençoi”, como o exemplo de uma missiva datada do dia dezesseis de março do ano 1972.

Parece que os projetos de vida do primeiro semestre de 1972, estavam bem sucedidos, apenas a distância da família é que incomodava a jovem de 21 anos e seus familiares. Mas sua mãe não se esquecia de escrever dando notícias: “eu e seu pai sempre dis asím ohó saudades da [Margor]: quando o Radio toca aquelas música parecida com você eu choro escondido do seu pai para ele não chorá mais estude (...) O jeito suporta as saudades” (Carta datada de 16 mar. 1972). Trecho que fala de saudade, essa que se apresenta muitas vezes numa ausência. Saudade, sentimento ambíguo que pelas lembranças traz consigo alegria, porém, ela se desvanece em virtude da distância do sujeito amado.

A mãe de Margor-Marly, Maria, sentia saudades da filha, mas entendia que era necessária aquela distância, apesar de estar saudosa e chorando. E assim, ela se despedia por sua carta: “Bem minha filha vou terminar com muita saudades (...) não sei como eu vou ler esta carta todo tempo chorando com muita saudas. fazendo chorando” (Carta datada de 16 mar. 1972).

Em sua carta, ao enfatizar seus sentimentos para com a ausência da filha, Maria atropelou a palavra saudade ao pensar mais rápido do que redigia, e, deixava de escrevê-la por completo, como se ao tentar controlar o choro, ela “engolisse” as letras – “saudas” – concluindo sua missiva, “chorando”. Todavia ela escrevia, pois como sabemos, o exercício da “escrita de si e também a escrita

epistolar podem ser (e são com freqüência), entendidas como um ato terapêutico, catártico, para quem escreve e para quem lê”¹¹⁷.

Maria, no ato da escrita, aproveitou a missiva e teceu recomendações seguidas de elogios à Margor-Marly:

Viva sempre direitinha der gosto a nois e os seus padrinhos Lça [lembrança] a comadre (...) escreva (...) fiquei satisfeita em saber que vai todos os domingos a missa Deus comerve sempre religioza e estudioza envio 500 mil para você. (Carta datada de 16 mar. 1972)

Conselhos sobre viver dentro desses modelos – “direitinha” – é algo que encontramos também em uma carta enviada de São Paulo, datada de 25 de novembro do ano 1997, para o distrito de Custódio. Em se tratando das funções argumentativas das cartas, podemos dizer que elas tem como possíveis intenções, tanto informar quanto persuadir ¹¹⁸.

É assim que a remetente se posta em sua missiva: procurando saber dos ocorridos mais recentes no distrito de Custódio, de como estava vivendo seu filho, e aproveitou o momento para orientá-lo. É verdade que, primeiramente, a “D. Dalva Jorge”¹¹⁹ o cumprimentou: “Jorge meu abraço 1º Deus te abençoi”. Ela informa que vai mandar umas roupas por um conterrâneo seu que entraria de férias e viajaria para sua terra natal, mas, antes pergunta: “você já está terminando o curso de computação (...) e no colégio vai bem? (...) desejo q sim Jorge fiquei triste em saber que você esta bebendo e saiu da igreja”.

Temos registros de que a D. Dalva Jorge voltaria a escrever de São Paulo para o Jorge no dia oito de julho do ano 1999. Suas preocupações se assemelham com as que continham a carta de 25 de novembro do ano 1997. Ela quer saber notícias do filho, quer falar com ele – “porque você não me liga?” –, deseja que ele conclua o Ensino Médio e indaga: “como vai nos estudos você termina no fim do ano? se Deus quizer”.

¹¹⁷ GOMES, 2004, p. 19-20.

¹¹⁸ Sobre essa questão, ver: TIN, 2005. p. 22.

¹¹⁹ D. Dalva Jorge não foi entrevistada por nós; ela é irmã do Sr. Américo Soares e Sr. Antônio Jorge. Os escritos da missivista foram encontrados com a D. Oscarina Soares, sua mãe, que nos doou as correspondências para que pudéssemos utilizá-las em nossa pesquisa. Tanto D. Dalva Jorge como seu filho, Jorge, emigraram para São Paulo em um período diferente de nosso recorte temporal. Assim, eles não compõem o quadro dos doze migrantes quixadaenses que entrevistamos para este trabalho.

De fato, a distância entre a carta mais recente de D. Dalva Jorge e a de Maria, mãe de Margor-Marly, é de um pouco mais de vinte e sete anos, mas tem em comum a origem das missivistas, as preocupações contidas nas cartas e a relação entre mãe e filho, que são estabelecidas pelas correspondências. Apesar de passado décadas os modelos de condutas esperados pelas mães que temos como exemplo, são os de filhos que sejam estudiosos e religiosos: “se Deus quizer”, como salientou a D. Dalva Jorge em seu escrito de 1999.

No final dos anos de 1950 foram editados livros de bolso ensinando boas maneiras; um “livrinho genuinamente popular”, dizia Dora Maria, em seu “Aprenda as Boas Maneiras”¹²⁰, publicado em 1958 e com reedições que constam até o ano de 1980. Segundo a autora do livrinho, em sua apresentação, ela recomenda que ele fosse consultado várias vezes ao dia, conforme fosse necessário e, inclusive, tê-lo sempre consigo era algo de fundamental importância para uma eventual consulta durante as “atribuições no lar ou fora dêle.”

Dentre as boas maneiras que eram ensinadas nesses manuais consta que: “as obrigações religiosas são o complemento espiritual da vida de cada cidadão e, aos pais, cumpre obedecê-las, encaminhando os filhos dentro dos seus respectivos princípios religiosos, desde o nascimento (...)”¹²¹.

Parece mesmo que tanto os modos de condutas como os papéis assumidos pelos pais, detectados no livro “Aprenda as Boas Maneiras”, chegaram até os anos de 1990; podendo ser detectados nas correspondências de D. Dalva Jorge, quando ela assumiu seu papel de mãe e aconselhava seu filho, pedindo-lhe que “mude um pouco” (carta datada de 08 jul. 1999).

Se as notícias que chegavam do filho dos anos 1990 desvirtuavam-se das boas maneiras que D. Dalva Jorge desejava, deixando-a triste em saber que ele estava bebendo; possivelmente não se dedicando aos estudos e tinha saído da igreja, a carta recebida por Margor-Marly em dezesseis de março de 1972, pinçava uma mãe “satisfeita” por saber que sua filha andava “direitinha”, – estudiosa e religiosa – dentro dos modelos estabelecidos na época.

¹²⁰ MARIA, 1958, p. 07. Os manuais da referida autora serão recorridos neste trabalho enquanto fonte.

¹²¹ Idem, p. 13.

Quanto às correspondências remetidas para Margor-Marly no ano de 1972, constatamos também que ela recebeu notícias de “sua irmã saudosa”, Jandira, no dia 19 de março: “Aqui como diz o [Flávio], está mesmo ruim, mas sempre vou a Quixadá [Município]. O último dia de carnaval brinquei um lá! [Margor,] depois que você saiu já fui a tertúlia umas 3 vezes”.

As tertúlias, que compuseram a trilha sonora de sua juventude, marcam ainda hoje as recordações de Margor-Marly. Mas, sobre isso deixemos que ela mesma conte: “era tipo uma rádio. Aí sempre tinha um programa que era só música, a gente botava, sintonizava ali naquele rádio, aí nós ia mais o povo dançar”. É assim que ela descreve o tempo das tertúlias e fala do lazer em torno do rádio ao nos conceder uma entrevista em treze de junho de 2009, em sua casa, sobre as cartas de seu baú. Essa prática de lazer parecia ser comum em Quixadá nos idos dos anos 1970. Conforme o Sr. Cláudio Laurentino:

Uma das coisas (...) que me deixou saudade, na época, foram às tertúlias. Na fase de adolescente, a gente tava começando a procurar as namoradas e, o que aconteceu? As tertúlias vei numa época boa, coisas românticas, onde a juventude se encontrava, e isso, aqui em casa mesmo a gente fez tertúlias várias vezes, principalmente nas férias quando o pessoal de Fortaleza vinha e passava as férias aqui (...) com a gente no sertão¹²².

Encontramos no baú de Margor-Marly, cartas que descrevem um pouco mais do lazer no distrito de Custódio em 1972, e isso narrado pela saudosa mãe de Margor-Marly que, chorosa, informava o que estava escutando e sabendo sobre o lugarejo, inclusive, da festa que acontecia no salão da casa da senhora Maria Lopes: “Agora mesmo estão tocando”, “estão dansando” e lá estão suas irmãs, o Flávio e os irmãos dele... “Muita gente” (carta datada de 16 mar. 1972).

Ora, tanto escutamos Margor-Marly recordar sua juventude no dia onze de abril de 2009 ao falar das tertúlias, quanto encontramos registros desses momentos descritos por sua mãe ao redigir uma missiva no dia dezesseis de março do ano 1972. Naquele momento, a distância de Margor-Marly e a presença das músicas do seu agrado, faziam com que a saudade de sua mãe se intensificasse. E

¹²² Tanto o Sr. Cláudio Laurentino quanto a Margor-Marly estão se referindo às tertúlias musicais que eram organizadas, muitas vezes, entre os jovens nos salões e em casas de pessoas conhecidas na localidade; onde a mocidade se encontrava, dançava e até mesmo “enamoram embalados”, conforme salientou o Sr. Cláudio Laurentino, pelas “coisas românticas” daquelas festas. Ficamos aqui com as definições de tertúlia dos entrevistados, mas, para um estudo mais específico sobre essas práticas de lazer, ver: SILVA, 2008.

sempre que a saudade, esta que também é uma “constatação de ausência”¹²³, sufocava Maria, essa tinha como uma opção, escrever para sua filha para amenizar sua dor, utilizando-se da narrativa epistolar como fórmula terapêutica, e para conversar com ela: “não falta assunto para lhe comtá é mesmo que está comversando com você agora” (carta datada de 25 dez. 1976).

No dia 25 de dezembro de 1976, quase quatro anos depois daquela carta de março de 1972, Maria escutava a rádio e escrevia para Margor-Marly que se encontrava em São Paulo, e quem sabe: tristonha talvez, distante, pisando noutra lugar, desejando um dia voltar para sua terra natal; pelo menos a música que Maria escutava pareceu aludir a esta situação.

A verdade é que a música escutada por Maria, falava de distância e também de um alguém querido, de um amigo e doutro lugar. Falava de saudade, do presente e do futuro, quando esse alguém voltar. E quando isso acontecesse: “Janelas e portas vão se abrir / Pra ver você chegar / E ao se sentir em casa / Sorrindo vai chorar”¹²⁴. A mãe que se lembra da filha, escreve e se emociona, tem como trilha sonora a música: “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos”, composta por Erasmo Carlos e Roberto Carlos e lançada no ano de 1971.

Assim a música continua: “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos / Uma história pra contar de um mundo tão distante / Debaixo dos caracóis dos seus cabelos / Um soluço e a vontade de ficar mais um instante”.

Margor-Marly escreveu em 1976 e, de São Paulo, desejava aos seus familiares no Custódio, que todos estivessem com muita saúde e felizes, esperando o ano de 1977. É sobre isso que tratava o começo da carta de Maria, que prosseguia, dizendo: “recebemos a sua cartinha ficamos muito satisfeita (...) desejo o mesmo para vocês que seja um ano de grande aumento de feliscidade de saúde de união de pais” (carta datada de 25 dez. 1976).

¹²³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 117.

¹²⁴ CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo. Debaixo dos caracóis dos seus cabelos. Intérprete: Roberto Carlos. In: **ÁLBUM ROBERTO CARLOS**. Lançado 1971. Gênero MPB/ Romântico. Gravadora CBS. Faixa 8. (3 min. 7 s) Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Debaixo_dos_Caracóis_dos_Seus_Cabelos>. Acesso em: 27 dez. 2010.

Maria escreveu em sua casa, no pequeno distrito de Custódio, “e o rádio aberto”, conforme ela narrou, emitia um som que fazia alusão a um mundo, provavelmente vivido por Margor-Marly, iluminado e colorido da cidade grande que sua filha, precisamente, em 25 de dezembro de 1976, “vê agora / Nas ruas por onde anda / Na casa onde mora / Você olha tudo e nada / Lhe faz ficar contente / Você só deseja agora/ Voltar pra sua gente”. Talvez essa letra de música evidenciasse, de fato, no momento de elaboração da carta um desejo veemente da missivista.

Depois de escrever sendo agradada pela canção, Maria assim se despedia de Margor-Marly: “aqui fica sua mamãe e papai com o rádio aberto ouvindo debaixo dos caracóis da até para você esta música até foi enteresante não foi?” (carta datada de 25 dez. 1976).

A mãe, que chegou a oferecer a música a sua filha, pareceu deixar em evidência que o momento da escrita coincidia com a escuta da melodia, essa que mais parecia cantarolar uma história de vida que tinha como tema a distância de uma pessoa querida e, como personagem principal, Margor-Marly.

O conteúdo das correspondências possibilita ao leitor ser levado, – depois de constatarmos por elas momentos festivos e chorosos, sabermos notícias de pessoas queridas e distantes, tomarmos ciência de lugares e amantes – a projetar pela reflexão: “uma condição capaz de configurar as cenas que estão descritas e enunciadas pelo conteúdo que apresenta”¹²⁵. Onde as missivas são representações de verdades de um emissor que atualiza informações, contam versões de histórias re-formando cenários, re-formulando emoções¹²⁶.

Quando utilizamos as correspondências na entrevista realizada com Margor-Marly, parecia que elas potencializavam a narrativa da entrevistada, reavivando suas lembranças e fazendo com que ela, em sensações, reacendesse seu passado, e mais, se encontrasse com ele, há muito tempo adormecido: “ah meu Deus!”, exclamou a entrevistada.

Ou talvez, que outros tempos e amores estivessem apenas escondidos em seus sentimentos, não necessariamente perdidos, como os expressos

¹²⁵ ARAÚJO, 2006, p. 273.

¹²⁶ Idem.

posteriormente a leitura da carta do indivíduo, que se declarava ser de Margor-Marly: o “seu [Paulino]”, afirmava o missivista em São Paulo, cidade em que morava nossa entrevistada, no dia dezoito de fevereiro do ano 1977. Diretamente de junho do ano 2009, vejamos o que diz a destinatária: “meu mesmo, ainda continua”; assim ressalta Margor-Marly ao terminarmos de ler a referida missiva do Paulino de fevereiro do ano 1977.

Os sentimentos registrados nas correspondências, atualizados pela leitura que fazíamos no decorrer da entrevista, no dia treze de junho do ano 2009, levavam Margor-Marly a fazer declarações a um passado que se fazia presente; as vezes levando-a mesmo a estranhar as centelhas abafadas pelo tempo, mas vindas à tona pelas representações de suas mais antigas histórias: “valha meu Deus! Menino quem foi que mandou tu descobrir essas coisas?!” Assim ela falou ao recordar sua juventude e alguns amores do passado, mas voltemos as cartas de 1972...

Não é à toa que depois de passado décadas Margor-Marly tenha salvado mais de 40 cartas em seu baú, assim como não é aleatoriamente que atentamos para as cartas de Flávio e dos familiares de Margor. Deles, ela recebia notícias de conterrâneos, de amigos e amores.

A família, em seu caso específico, atribuíra muito dos papéis que ela deveria seguir em sua vida, como: viver sempre “direitinha” se conservando “religiosa e estudiosa”, conforme uma carta de 1972. Pois isso, segundo os conselhos de sua mãe, daria muito “gosto” aos seus entes queridos.

De fato, “o exemplo mais óbvio de uma instituição composta de um conjunto de papéis mutuamente dependentes e complementares é, com toda certeza, a família”¹²⁷. E ela dera suporte, seja afetuosamente ou financeiro, para que Margor-Marly seguisse seus projetos de vida: “envio 500 mil para você” (carta datada de 16 de mar. 1972). Quando Margor-Marly por ventura veio a retribuir a ajuda, sua família agradecia: “sin o [João] tirou o dinheiro muito obrigado, Deus te ajude” (Carta datada de 05 jan. 1977).

Quanto ao Flávio, constam seis expressivas cartas que registram um momento da vida de Margor-Marly. A primeira, datada de dezoito de março do ano

¹²⁷ BURKE, 2002, p. 79.

1972, a sexta datada do dia dezesseis de março de 1974. Elas falam de amores, de encontros e desencontros, elas falam de uma época e trazem consigo histórias de uma relação.

Depois da primeira carta de Flávio, escrita no distrito de Custódio e datada de dezoito de março do ano 1972, encontramos uma outra referente ao dia do aniversário de Margor-Marly, quando ela já se encontrava em Quixadá, no mês de dezembro de 1972, onde moraria até 1976 antes de ir para São Paulo. Era o dia em que sua amada completava 22 anos de idade. Então, Flávio quisera felicitá-la:

Parabéns. Há dias em nossa vida que comemoramos uma data: - sua data, minha dada nossa data. Hoje não comemoramos uma data, mas sim, uma grande data. “Sua data”, seu aniversário. Não era propósito meu, fazer-me ausente neste dia, mas algo superior, fêz com que aquilo de maior importância fôsse colocado em segundo plano. Tornando impossível a minha presença hoje aí, quero fazer representar-me através desta, enviando juntamente com aquele beijo, parabéns e desejos afim de que esta data seja para si, um marco de satisfação e uma oportunidade para agradecer a Deus por conservá-la forte, sadia, otimista e bonita (deixa cair) afim de que possa desfrutar tudo de bom que a vida lhe reserva. Ria! Ria! Ria! ria por você e por mim é o meu desejo (...) A todos que compõem sua família os meus cumprimentos. E a você uma beijoca bem quente na ponta do nariz. O seu [Flávio] (Carta datada de dez. 1972)

No fragmento de discurso amoroso supracitado há em si um texto codificado – “deixa cair” – e consigo uma carga de “vontade de significar o desejo”¹²⁸, de representá-lo por meio da missiva, fazendo com que um corpo ausente se torne presente: “quero fazer representar-me através desta”, assim detalha o missivista.

Margor-Marly, pelo seu aniversário de 1972, ainda foi homenageada por Flávio que se declarou a sua pessoa através de músicas propagadas pela Rádio Difusora Cristal, localizada na cidade de Quixeramobim, no Sertão Central cearense.

Pelo que nos contaram alguns de seus contemporâneos, o programa na Rádio Difusora Cristal de Quixeramobim, tinha popularidade garantida e arrecadava verbas pelas ofertas musicais. Uma prática bem parecida com a de programas que Izani Mustafá salienta em seu trabalho, ao tratar de uma realidade em Joinville, na primeira metade do século XX¹²⁹. Apesar dos momentos e lugares serem diferentes, consta que se tinha uma mesma dinâmica nesses programas: “o ouvinte ia até a

¹²⁸ BARTHES, 2003, p. 45.

¹²⁹ MUSTAFÁ, 2009.

rádio, solicitava uma canção, oferecia a alguém e pagava pelo serviço prestado. Ao locutor cabia anunciar o pedido e rodar a música e o oferecimento”¹³⁰. Um verdadeiro chamariz para jovens enamorados que estavam a paquerar.

Sobre a prática supracitada, vejamos um exemplo de oferta musical através do bilhete resgatado por Margor-Marly, naquela emissora de rádio em que Flávio se declarava a sua pessoa, e o que esse indício nos revela:

Para [Margor-Marly] que recentemente aniversariou, desejando muitas felicidades, por este grato evento [Flávio] ofereci a música, 1) Parabéns, parabéns querida com – Cláudio Roberto 2) Distante dos olhos – Moacir Franco 3- Deixa o tempo correr – Odair José 4- Espere-me – Agnaldo Timóteo.

Quatro músicas ele selecionou para oferecer a sua amada, e a primeira, “Parabéns, parabéns querida”, evidenciava um mês em que possivelmente foi escrito esse bilhete, ou seja, um tempo em que “recentemente aniversariou” Margor-Marly. Comparamos também, para datar o bilhete, o conteúdo da carta de dezembro de 1972, com o que consta na letra da primeira música que Flávio ofereceu.

Todas as duas primeiras evidências falam de um aniversário e da impossibilidade dos amantes estarem juntos nesse dia. Abaixo, trechos de “Parabéns, parabéns querida”, letra composta por Cláudio Fontana:

Cantamos juntos tantas vezes/ O aniversário deste nosso amor/ Hoje estou aqui sozinho/ Comemorando a minha dor/ Fomos amantes uma vida/ E essa data foi feliz pra mim/ Hoje estamos separados/ Mas te amo mesmo assim/ Parabéns, parabéns querida/ Onde você estiver/ Parabéns por toda vida/ São os votos deste teu amor/ Parabéns, parabéns querida/ Eu não posso te esquecer/ Hoje é teu aniversário/ Que saudade de você¹³¹.

Em síntese, podemos dizer que o amor de Margor-Marly e Flávio foi vivido intensamente de 1972 a 1974. Esse sentimento precisou ser materializado em cartas, bilhetes e memórias para que chegasse até nós. Nas letras de músicas contidas no bilhete, o amor nos foi apresentado com suas nuances e com isto “carrega as marcas do espaço e do tempo. Papéis culturais de homens e de mulheres”¹³², inclusive os que foram atribuídos a Margor-Marly.

¹³⁰ Idem, p. 533

¹³¹ FONTANA, Cláudio. Parabéns, parabéns querida. Intérprete: Cláudio Roberto. DN Studio. Ano 1973.

¹³² RIOS, 2005, p. 09.

As cartas de Flávio remetidas a sua amada transpiravam em sensações, em sentimentos, e quando não expostos por suas palavras, ele recorria a uma canção que Margor-Marly gostasse.

Seguimos então, a mesma sequência das letras de músicas selecionadas e oferecidas por Flávio, e comparamos as idéias que faziam parte de seus refrões: 1) “hoje é o teu aniversário que saudades de você”; 2) “Distante dos olhos aos poucos esqueces o amor que não morre no meu coração”; 3) “Deixa a vida passar deixa o tempo correr. Dizer adeus vai ser muito triste é melhor não dizer” e 4) “Espere-me, espere-me, eu voltarei!”

A primeira canção aludiu a “uma grande data” e, como disse Flávio, em sua carta de dezembro de 1972, falava também de saudades; e as que se seguiram não deixavam de falar de uma impossibilidade dos amantes estarem juntos: dizer adeus seria muito difícil, o melhor mesmo era não dizer. Preocupações que envolviam um costumeiro “não se ver”, pois com isso, alguém poderia deixar sucumbir o amor que existia em seu coração; apreensões especificamente contidas na segunda música. Apesar da distância e dos anseios que possivelmente enovelavam a relação de Flávio e Margor-Marly, um trecho da quarta e última música se repetia incessantemente, pedindo que a amante esperasse, prometendo-lhe que logo voltaria.

Das quatro músicas que ele selecionou, de diferentes formas, elas falavam de saudades, as vezes de insegurança e principalmente salientavam a distância entre os amantes.

Antes mesmo de falarmos em possíveis distâncias, entre esses jovens amantes nos anos de 1970, vejamos o que ela em sua entrevista nos disse sobre o início de sua relação com seu amado, ou, ainda mesmo, tentemos junto com os ditos de Margor-Marly tecer um pouco dessa história.

Começemos por suas palavras: “aí, apareceu o Flávio, ele é do distrito de Juatama” e ela de Custódio, distrito que se localiza a aproximadamente trinta quilômetros da fazenda onde morou Flávio, no distrito de Juatama pertencente a Quixadá. Margor-Marly continuava: “e eu não conhecia ele, a gente começou a paquerar depois comecei a namorar...”. Ele era muito amigo de um conterrâneo de

nossa entrevistada, e tinha hábito de ir até o distrito de Custódio, principalmente, quando morava numa localidade chamada Santa Paz, à aproximadamente sete quilômetros de onde Margor-Marly vivia. Então, “ele vinha toda noite lá para o Francisco Tavares” e, nesses momentos: “bebia umas e outras, deixava o burro lá amarrado, dava o revolver ao Francisco Tavares para guardar, e o coxim”¹³³.

Começaram a paquerar no início dos anos 1970 e passaram três anos namorando; muitas histórias se consumaram, algumas coisas mudaram, oscilando entre “altos e baixos” essa relação; assim especificou Margor-Marly.

A entrevistada recordou um tempo que antecedeu provavelmente à carta que oferecia músicas para ela; até porque, segundo ela nos conta, todas as noites o Flávio, filho de um pequeno proprietário de terras, vinha para o distrito de Custódio. Uma época em que seu amado cavalgava alguns quilômetros, rumando ao lugarejo em que vivia Margor-Marly.

Todas as informações que obtivemos sobre Flávio foram dadas por alguns de seus contemporâneos e, quando não, obtidas pelas cartas. Os conhecimentos que adquirimos sobre ele aparentam-no como uma pessoa que tinha boas condições financeiras; que inclusive lhe possibilitava pagar e oferecer quatro músicas de uma só vez, que não era comum, segundo relatos de uma contemporânea sua, na Rádio Difusora Cristal nos anos 1970.

Formulamos tal hipótese sobre o lugar social ocupado por Flávio, a partir dos indícios contidos nas missivas, dos ditos de seus contemporâneos e por um cenário pinçado pela narrativa de Margor-Marly, ao recordar o início do seu namoro: toda noite ele chegando, amarrando seu burro, entregando sua arma, depois de cavalgar alguns quilômetros para se encontrar com ela. Tudo isso nos faz imaginar uma época em que o automóvel não era tão popularizado no sertão e andar de burro dava certo *status* ao indivíduo. Aliás, como dizia Luiz Gonzaga: “nem se sabe se é home ou se muié/ Quem é rico anda em burrico/ Quem é pobre anda a pé”¹³⁴.

¹³³ Tipo de acolchoado que se coloca em cima da sela do animal.

¹³⁴ GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. Estrada de Canindé. Intérprete: Renato Teixeira. In: **30 ANOS DE ROMARIA**. Gravadora: Sony BMG. Selo/ Kuarup, Ano: 1998. Faixa 1 (3 min 56 s). Disponível em: <<http://www.radio.uol.com.br/#/volume/renato-teixeira/ao-vivo-no-rio-30-anos-de-romaria/22815>>. Acesso em: 21 jan. 2011. Lançada em sua primeira versão no ano de 1950.

Mas a distância, que foi aparentemente representada pelas músicas que Flávio oferecera em dezembro de 1972, parecia mesmo não poder ser atrelada a quilometragem entre os lugares em que viviam, – não apenas por considerarmos que um dia ele esteve bem presente no distrito de Custódio, andando por lá com certa frequência, como se perpetuou na memória da entrevistada – sequer pelas condições de transporte a cavalo, que era bem comum à época. O fato é que pela sequência de cartas emitidas em 1972 e 1973, assim como, ao constatarmos uma relação constantemente discutida pelas missivas, entendemos que Flávio e Margor-Marly passavam um bom tempo sem se encontrarem; tempo suficiente para que entre os lugarejos em que eles viviam fossem proferidos boatos, que interferissem no bom andamento do romance dos jovens. Mas, sobre isso falaremos mais adiante...

A escrita de Flávio em alguns momentos esteve marcada por saudosismos, quando não moralista, ele ressentia-se longe de sua amada, as vezes encontrando-se, tendo como referência à amante, “Distante dos olhos”¹³⁵. A propósito, esse é o nome da segunda música, de autoria de Moacyr Franco, oferecida por Flávio a Margor-Marly pouco tempo depois que ela completou 22 anos, em dezembro de 1972. Vejamos:

Porque é que esta lágrima corre tão fria/ Se o inverno já foi?/
 Porque é que esta noite os meninos da rua/ Não vejo brincar?/
 Não sei porquê que a alegria dos amigos de sempre/ Não me diverte mais e
 um me disse assim:/ Distante dos olhos, aos poucos esqueces/ O amor que
 não morre no meu coração./ Mas a quem eu mande levar-te uma rosa/
 Pergunta se estou me esquecendo de ti./ Tão longe dos olhos, tão perto de
 mim/ Não há um caminho que não leve a ti.

Ora, se a letra da música, “Distante dos olhos”, que Flávio oferecera a Margor-Marly, insinuava entre outras coisas que ela não precisava se preocupar, pois ele não a esqueceria, sentia-a bem perto dele e não havia caminho que não levasse a ela, a carta seguinte é mais reticente quanto a essas certezas...

Tratamos do conteúdo da carta do dia nove de fevereiro de 1973 – três meses depois das declarações de um amor indestrutível – feita por Flávio a Margor-

¹³⁵ ENDRIGO, S; BARDOTTI, S. Distante dos olhos. Intérprete: Moacyr Franco. In: **MOACYR FRANCO 20 super sucessos**. Gravadora/ Selo, Polydisc / Polydisc. Ano 1999. Faixa 9 (3 min 34 s). Sua primeira versão lançada na primeira metade dos anos 1970. Disponível em: <<http://www.radio.uol.com.br/#/album/moacyr-franco/moacyr-franco---20-super-sucessos/17206>>. Acesso em: 18 mar. 2011.

Marly, essa missiva de Flávio parecia apontar outros caminhos possíveis que os dois amantes poderiam seguir. Vejamos: “Evidentemente, talvez você haja pensado que lhe esqueci, e que não gosto mais de você” (Carta datada de 09 fev. 1973). Ele voltava a escrever depois de algum tempo, pois se abalou emocionalmente com algumas declarações de uma carta anônima que recebera.

O conteúdo dessa missiva não assinada difamava, de alguma forma, as jovens da localidade onde morava Margor-Marly e, possivelmente, isso incluía a sua pessoa.

Se o mundo pintado pela carta e bilhete de dezembro de 1972, endereçados a figura de Margor-Marly, era amoroso, saudoso e pacato, aliás, incluindo imagens de crianças e amigos de sempre numa rotina em um lugarejo, a carta de nove de fevereiro de 1973 estava “envenenada” por “fuxicos”, por fofocas desse mesmo mundo nem tão tranquilo assim.

O que continha na carta anônima, de fato não se sabe, mas vejamos o que ela surtiu na carta de Flávio:

Diante das revelações de uma outra carta anônima recebida, havia decidido que eu nunca mais iria procurar-lhes. Mas pensando longamente, refleti, que somente um dos prostituidores das mocinhas daí, um desajustado, um indivíduo desprovido do menor senso de dignidade humana, um aproveitador da fraqueza feminina, procederia desta maneira. Não eu. (...) confesso que fiz amizade consigo, mas o meu desejo não era apenas usufruir de seus carinhos (Carta datada de 09 fev. 1973)

O lugar, que tão bem acolhera Flávio, também o vigiava e colocava a vida particular dos jovens amantes, solteiros, em evidência e sob o julgo da sociedade da época. Essa tinha modelos estabelecidos, e Flávio sabia disso e se defendia: “meu desejo não era apenas usufruir de seus carinhos” e continua a se explicar: “Tenho coração que bate igual aos demais, tenho sensibilidade e sentimentos que não podem ser levados por qualquer um (...)” (Carta datada de 09 fev. 1973).

Flávio explicava que o acontecido entre ele e Margor-Marly foi necessário e era fruto de “algo misterioso, algo espontâneo, algo que foi se aprofundando, se evoluindo em um sentimento de amizade e êste em amor” (Carta datada de 09 fev. 1973). Ele, rapaz de “sensibilidade” aguçada, homem de boas intenções, esclarecido, conforme se definia na carta, desejava mesmo, dizia ele, era acordar

Margor-Marly “para a realidade da vida”, ou talvez, envolvido em um ciúme despertado por uma carta anônima, queria mesmo era evitar que outrem desfrutasse dos carinhos de sua amada.

Aliás, na letra da música “Distante dos olhos” consta uma estrofe que bem poderia representar esse sentimento de Flávio para com Margor-Marly, especificamente, o trecho em que fala do amargo causado pela distância de sua amada, e as preocupações que isso implicava, inclusive: “já sei porque sempre esse amargo soluço eu tento esconder/ Quando penso que talvez alguém passe, te abraçe... te fale de amor”. De fato, “amargo” sabor parece ter sido a carta anônima que ele recebera.

Na missiva datada do dia nove de setembro do ano 1973, Flávio parecia confuso e desgostoso; em seu ato de escrever, ao mesmo tempo em que se defendia ao se colocar num lugar de sujeito de boa conduta, que não intentava aproveitar-se da “fraqueza feminina”, proferia acusações a sujeitos que “desmastraram tão facilmente” as mocinhas do lugarejo em que vivia Margor-Marly: “Tenho pena mesmo do desmastramento dessas jovens. Pois da maneira como procedem sómente um lugar as esperam – A PROSTITUIÇÃO Que triste ofício!” (Carta datada de 09 fev. 1973). Flávio repetiria essas suas convicções no dia 28 de fevereiro do ano 1973, dezoito dias depois de sua última correspondência. Porém, antes mesmo que isso acontecesse, sabemos, pelos ditos contidos em sua missiva do mesmo dia 28 de fevereiro, que Margor-Marly escreveu outra carta para ele mostrando-se insatisfeita com seus comentários.

Depois da insatisfação da amada, Flávio voltaria a escrever explicando melhor sua confusa carta de nove de fevereiro do ano 1973, defendendo a “dignidade” de Margor-Marly:

Jamais algo me fêz provocar tanto desejo de estar ao seu lado, quanto êste após ler sua cartinha. Pois só pessoalmente poderia explicar-lhe, o real sentido de minhas palavras. Confesso entretanto, que houve um equívoco de interpretação, no conteúdo de minha carta, onde talvez você haja tomado os exemplos para si. Fique tranqüila, não houve nada demais, que viesse a comprometer a sua dignidade houve apenas engano de sua parte. (Carta datada de 28 fev. 1973)

Pelo conteúdo da carta de Flávio, datada do dia nove de fevereiro de 1973, podemos imaginar que a carta anônima, a que ele se referia, falava que as

jovens do lugar em que morava Margor-Marly “se desmastriaram”, ou seja, estavam sendo desvirginadas e isso, segundo o entendimento do missivista, muito em voga na época, certamente as levaria a um único caminho que era “A PROSTITUIÇÃO”.

É possível percebermos, para além das cartas que nos foram doadas, modelos de condutas da época do romance vivido entre Margor-Marly e Flávio, quando no baú de nossa personagem principal, encontramos uma única folha de um livro intitulado: “Modelos de cartas de amor”. Por esse indício, encontramos um livro de autoria de Dora Maria, contendo “mais de 150 modelos [de cartas] para noivos e namorados”¹³⁶, em forma de uma “ficção-literária”¹³⁷. A obra de Dora Maria tem formato de livro de bolso e, – dentro das categorias estipuladas pelo mercado editorial, em ordem de preço crescente, como exemplo das Edições de Ouro em: Gota, Selo, Estrela, Copa, Coroa, Leão, Águia e Palma, – “Modelos de cartas de amor” era uma das obras que tinha o preço mais acessível à sociedade, pois, era categorizada como Selo nos anos 1958; ou seja, o segundo menor preço de livros das Edições de Ouro.

É verdade também que na edição de 1965 da obra: “Modelos de cartas de amor”, ela passou à categoria de Estrela; custando, assim, um pouco mais caro. Possivelmente o aumento do preço possa ser explicado em virtude da demanda pelo livro. O fato é que, apesar da elevação de categoria, ele ainda continuou em formato de bolso, e a um custo muito pequeno, e isso numa época em que as comunicações a distância se davam, essencialmente por correspondências. Tal acontecimento acabou contribuindo para a circulação dessa obra, onde encontramos um indício no baú de Margor-Marly. Aqui, esse livro é utilizado enquanto indício de sensibilidades de uma época.

Muito do conteúdo dos escritos de Flávio se assemelham aos dos 150 modelos de correspondências contidos no livro “Modelos de cartas de amor”, que trazem um teor moralista, inclusive tratando da questão da virgindade e das ditas: “ingenuidade” e “fraqueza feminina”.

¹³⁶ MARIA, 1965.

¹³⁷ Quanto a essa questão, ver: PESAVENTO, 2008, p. 91-146.

Vejamos um trecho desse livro que circulara bastante entre os missivistas na época da jovem Margor-Marly, como um exemplo também de modos padrões de condutas:

Não sou uma mulher livre para a felicidade, porque trago comigo, oculta de todos, a mágoa imensa de ter enveredado pelo caminho enganoso da vida que um dia busquei, orientada pela eterna ingenuidade feminina, guiada pelo que me parecia a completa realização humana: um grande amor. E falhei. O caminho era incerto e logo nos primeiros passos verifiquei o tremendo erro cometido, sacrificando em plena juventude uma existência inteira, marcada pelos cruéis espinhos que me dilaceraram a carne!¹³⁸

Esse conteúdo supracitado, retirado de um capítulo intitulado: “Renunciando e revelando segredo”, se assemelha as preocupações que permearam as correspondências de Flávio para Margor-Marly, no ano de 1973; ela se preocupou com sua dignidade, que de fato, estava atrelada a questão da sua virgindade, e ele se preocupava em se defender, como constava na resposta dada por Flávio a Margor-Marly.

Margor-Marly sabia que a sociedade em que vivia, que incluía, no mínimo, seus pais e namorado católicos¹³⁹, mais os autores de uma “carta anônima”, iria cobrar dela uma postura modelo, um nome a zelar, inclusive, o seu e dos seus entes queridos. Ela vivera sua juventude em um distrito, com pouco mais de quatro mil habitantes, pertencente a Quixadá – em Custódio especificamente, – que está localizado a onze quilômetros a oeste do município quixadaense (mapa 1). Mais precisamente, Margor-Marly viveu grande parte de sua vida numa pequena vila pertencente ao distrito de Custódio a aproximadamente vinte quilômetros de Quixadá.

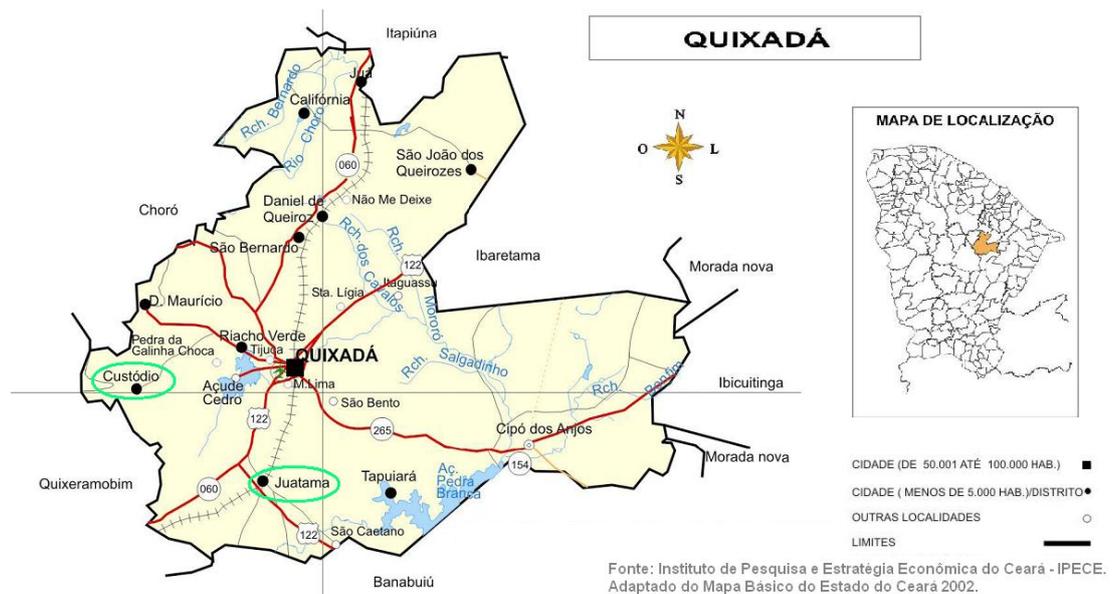
Já o Flávio, no começo do namoro, morava em uma localidade de nome Santa Paz, no próprio Custódio, a sete quilômetros donde morava Margor-Marly. Porém, no final de 1972 sua família pensava em se mudar, para onde passaram a morar no começo de 1973: em Juatama, distrito composto por pouco mais de 2.500 habitantes, tendo como localização geográfica o sul de Quixadá (mapa 1), onde ele viveu uma boa parte de sua mocidade.

¹³⁸ MARIA, 1965, p. 25-26.

¹³⁹ Na época o conservadorismo católico ditava regras de moral e boa conduta para a sociedade e, dentre elas, a conservação da virgindade até o casamento, requisito básico, especificamente para as mulheres. Sobre a importância da virgindade no catolicismo cf. FARIAS; COSTA; MACHADO, 2008.

Os lugares em que viviam Flávio e Margor-Marly estavam marcados por velhos laços de relações de vizinhanças, onde todos de alguma forma, se conheciam e muitas vezes, acabavam opinando ou, até mesmo, dando conselhos sobre a vida de indivíduos que compunham essa comunidade. Foi no cenário dessas relações que entendemos a possibilidade de ser emitida uma carta anônima, de conteúdo difamatório, que foi recebida por Flávio e informada por ele a Margor-Marly, em uma correspondência datada de nove de fevereiro do ano 1973. Aliás, se atentarmos para essa carta de 1973, vemos Flávio especificando que se deparou com “revelações de uma outra carta anônima”, transparecendo assim que já tinha recebido outrora, no mínimo, uma outra missiva que falava sobre uma suposta realidade vivida pelas jovens no distrito de Custódio onde morava Margor-Marly.

Mapa 1



Um lugarejo, Custódio, que tinha padrões que chegavam a se assemelhar aos expostos por Philippe Ariés, ou seja, de uma comunidade que enquadrava e limitava seus indivíduos; que fora constituída em “um meio familiar em que todo mundo se conhece e se vigia”¹⁴⁰. O referido autor, ainda salienta em seu trabalho que o século XIX era ponto de chegada de uma sociedade que se torna densamente populosa; não é o caso dos distritos de Custódio e Juatama.

¹⁴⁰ ARIÉS, 2009, p. 10.

Conforme Ariés, ainda no início do século XX foi possível notar “principalmente nas classes populares e rurais, os tipos antigos de sociabilidade coletiva e comunitária”¹⁴¹; talvez sejam por esses padrões comunitários que viveram Margor-Marly e Flávio na década de 1970 em Quixadá. Caso diferente do vivido por ela mesma, na cidade de São Paulo, entre os anos de 1976 e a primeira metade dos anos 1980.

Ora, ainda sobre a correspondência de nove de fevereiro do ano 1973, em que Flávio mencionou ter recebido uma outra carta sem a identificação do missivista, ele aproveita a ocasião de sua escrita para tecer conselhos a sua amada, inclusive, salientando que tinha pensado em nunca mais procurar Margor-Marly, mas vinha por meio de sua carta, entre outras coisas, acordá-la para “a realidade da vida”; também intentava esclarecer e impedir que alguns acontecidos no passado “possa manchar a nossa reputação”, até porque segundo o Flávio: “Errar é humano mas permanecer no êrro é diabólico” (carta datada de 09 fev. 1973).

Em meio a uma confusão de ideias, em que permanecer no erro era diabólico, o missivista recorreu a questões para orientar suas argumentações. E assim ele prosseguia sua correspondência, indagando: “Que quer dizer o [Flávio] com esta? E qual o seu interêsse?” (carta datada de 09 fev. 1973).

Sobre o que potencializava seus interesses, Flávio ressalta: “Isto é devido eu ser muito sensível aos sofrimentos alheios. Principalmente aquêles que depende de orientação de uma pessoa mais esclarecida”. Ele resumia momentaneamente seus argumentos, dizendo que lamentava o “desmastramento dessas jovens” do distrito de Custódio e receava que o futuro delas fosse indigno, pela prostituição.

Sabemos, de fato, que as orientações, contidas na obra “Modelos de carta de amor”, declaravam que: “estas cartas não vão aqui para serem copiadas”, apenas deveriam servir como uma fonte inspiradora. Mas, a verdade é que pela própria preocupação da autora, subentende-se que as pessoas costumavam copiar os modelos de Dora Maria; então, diante dessa situação, imaginamos entre as 150 cartas contidas nesse livro, uma que o Flávio pudesse ter recorrido para tratar do

¹⁴¹ Idem.

conteúdo de uma carta anônima, que difamava as jovens do Custódio, talvez mesmo, a própria Margor-Marly.

Mas, qual seria a suposta carta a que ele recorreria naquele começo de fevereiro do ano 1973, ao escrever a sua amada, e mais, estando no pequeno distrito de Juatama e pensando no conteúdo daquela correspondência anônima?

Vejamos uma: “Reprovando conduta de uma jovem e propondo reabilitá-la”, esse é o título da carta que escolhemos; e nela consta:

Você é mulher querida, e uma mulher precisa ser zelosa do seu nome e respeitada. É verdade que se propala muita coisa mentirosa nesta cidade; o meio é pequeno e inventa-se, calunia-se, com a facilidade que certas crianças possuem de inventar brinquedos prejudiciais. É o divertimento dos maledicentes, que consideram o brinquedo agradável, um meio limitado para outras diversões!...¹⁴²

Não sabemos se o Flávio se orientou por esse modelo, ou se a carta do livro o inspirou. Apenas imaginamos por ela um momento vivido por Margor-Marly e Flávio, principalmente ao sermos seduzidos pelo conteúdo da carta do livro que trata de um romance que sofreu, num pequeno lugar, interferência de “maledicentes” que propagaram histórias que bem poderiam ser caluniosas. Aproveitamos, então, para aproximar esse modelo de carta com o que foi vivido por nossos personagens.

As páginas que encontramos do livro de Dora Maria, sem data, no baú de Margor-Marly são as 69 e 70, e em um fragmento de carta modelo faz-se referência a esse caso específico: “Reprovando a conduta de uma jovem e propondo reabilitá-la”¹⁴³. Esse modelo de missiva começa na página 68, sendo concluída na folha seguinte. O conteúdo da carta do livro se assemelha a proposta de Flávio em sua correspondência de nove de fevereiro de 1973, onde, ao pedir desculpas por suas palavras agressivas a Margor-Marly, avisava que seu “desejo não é êsse [de ofendê-la] e sim tentar acordar-lhe, para a realidade da vida.”

Possivelmente esses modelos de cartas serviam também como manuais de postura, de boas maneiras, e circularam entre os missivistas nos tempos da jovem Margor-Marly. Pelo menos assim ela nos contou no dia cinco de outubro de 2010, quando em sua casa assinou um documento concedendo, graciosamente, as

¹⁴² MARIA, 1965, p.68-69

¹⁴³ Idem. p.68.

correspondências a ela pertencente, estando ciente que o autor deste trabalho faria usos das correspondências, enquanto documentos históricos e que “poderá utilizar o conteúdo das missivas em projetos de pesquisa por ele realizados, em atividades tais como dissertações, teses, artigos, palestras, mini-cursos e demais trabalhos acadêmicos”¹⁴⁴.

Se das suas mais de quarenta cartas que nos doou, só temos apenas uma em que Margor-Marly era remetente, talvez possamos neste texto imaginar, parecido ao que fizemos com o conteúdo da carta de Flávio de nove de fevereiro de 1973, quais dos 150 “Modelos de cartas de amor” de Dora Maria, ela pode ter utilizado na escrita de suas missivas, ou mesmo, imaginar outros missivistas que possam ter recorrido ao auxílio desse pequeno livro de bolso. Mas, pensemos nisso adiante...

Momentaneamente, e pelos últimos escritos supracitados ou referenciados, pensamos a semelhança de relações estabelecidas em um pequeno lugar, isso, comparando versões de diferentes histórias, enfatizando peculiaridades que se aproximavam a que narramos pela análise de memórias, por meio de fragmentos de fontes, pelo exame de algumas correspondências.

Aliás, a história de nossa personagem, vivida nos anos 1970 em Quixadá, se assemelha à relação vivida por Martin Guerre e Bertrande de Rols, em uma pequena aldeia na França no século XVI, em Artigat¹⁴⁵. De modo que o acontecido entre Margor-Marly e Flávio no distrito de Custódio, no século XX, não passou despercebido aos olhos dos habitantes desse lugarejo, caindo na rede de boatos que foram tecidos, por exemplo, no caso de Margor-Marly, em cartas anônimas.

Entendemos também que, das linhas que tracejam os papéis de cartas se definem papéis de homens e mulheres, semelhantes aos sugeridos por algumas cartas que Margor-Marly recebeu, parecidos com alguns exemplos contidos no livro de Dora Maria. Vejamos mais um fragmento de um modelo de carta,

¹⁴⁴ Extraído de um documento – termo de doação – elaborado por nós e assinado por Margor-Marly no dia 5 out. 2010 em sua casa no distrito de Custódio, Quixadá-Ce. O documento encontra-se sob a posse do autor.

¹⁴⁵ Sobre a história de Martin Guerre e Bertrande de Rols, ver: DAVIS, 1987.

especificamente contido no capítulo intitulado, “expressando dúvidas diante de uma declaração”:

Os homens podem dar-se ao capricho de serem versáteis em matéria de amor; as mulheres, não. Se buscam muitas vezes a felicidade do ideal que lhes é negado e fracassam, caem inapelavelmente no conceito da sociedade, as mais das vezes não conseguindo reerguer-se, como dantes.¹⁴⁶

Diante de papéis estabelecidos, de padrões de condutas esperados, como por exemplo, se manter sempre estudiosa e religiosa, ou mesmo, se possível, longe de algo que assemelhe sua pessoa a de Margor-Marly, como socialmente vista a uma concupiscente, impura, com apetite sexual, que futuro se configurava para Flávio e Margor-Marly estando eles marcados por todo esse mundo de valores nos anos 1970? Eles se aproximariam; habitando em um mesmo lugar, se casariam e teriam filhos vivendo em Quixadá? Ou quem sabe: num futuro próximo, veriam diariamente as crianças brincando nas ruas, convivendo e desfrutando das amizades de sempre, como aquela realidade representada na música, “Distante dos olhos”, que Flávio outrora oferecera a sua amada?

De fato, isso ainda não é possível saber. Então, sigamos os rastros que eles deixaram de sua história!...

Ora, recapitulemos um pouco das correspondências de Flávio com sua amada... Na sua primeira carta ele falava que tudo deveria ser para Margor-Marly “alegria! alegria! alegria!” e se despedia desejando encontrá-la em breve, deixando para ela um carinhoso beijo na ponta do nariz e “uma dentada no dedão do pé”, isso, em dezoito de março de 1972.

Em sua segunda missiva, ele a parabeniza, se declara oferecendo músicas e fala da admiração que sente por Margor-Marly: mulher forte, saudável, otimista e bonita. Desejava que ela estivesse sempre rindo, feliz: “ria por você e por mim é o meu desejo”. Pergunta pelos seus familiares, se despede com seu tradicional beijo e se declarava como sendo de sua amada; isso em quatro de dezembro de 1972.

¹⁴⁶ MARIA, 1965, p. 22.

Sobre a turbulenta carta de nove de fevereiro de 1973, que era a terceira, já falamos; apesar de serem expressos os desconfortos provocados, grosso modo, por uma carta anônima, Flávio explicava por essa missiva que não a esqueceu, e o sentimento que por ela outrora era de amizade, tinha se transformado em amor. Ele se despedia dando um tchau, deixando um beijo simplesmente, não mais na ponta do nariz como na tradicional despedida de dezembro de 1972.

A linguagem e vocabulário expressos nas missivas, sinalizam certa afetividade e uma proximidade da relação em jogo, podendo evidenciar se ela era de trabalho, amizade, de amor e encontros, ou mesmo, de desamor e desencontros. Assim, o teor da relação podia ser notado “pelas transformações ocorridas nas formas de tratamento e despedidas, bem como pelo próprio volume das cartas”¹⁴⁷.

Depois de nove de fevereiro de 1973, encontramos uma outra carta datada de 28 de fevereiro do mesmo ano. Ela só foi entregue a Margor-Marly depois do carnaval daquele ano, acrescida de outra carta escrita na mesma folha, assinada pelo “mesmo”, Flávio, em dezoito de março do ano 1973; um mês e nove dias depois da carta que ele enviara tratando de boatos proferidos em uma carta anônima.

Ausentando-se por aproximadamente um mês pelas correspondências, acreditamos que Margor-Marly não deixou de escrever para Flávio, como nos faz suspeitar um bilhete escrito por ele:

Recebi suas cartas. Uma dia 02, outra dia 07. As quais para mim foram motivo de exaltação. No entanto haveria sentido mais alegria, se você as tivesse feitas, razão porque seus errinhos prá mim, sempre representam mais um pouco de você. Digo assim pois quem escreveu os fez somente deixou cometer um erro. Bem isto não importa, mas como disse você em sua carta, que tudo tem uma finalidade, o objetivo deste (BILHETE) foi acusar o recebimento de suas cartas. Sem mais porém aquela... Do seu:
[Flávio]

Apesar de no bilhete supracitado não ter datado o ano, sabemos que o romance desses jovens apresentava-se caloroso através dos escritos até dezembro de 1972, no aniversário de Margor-Marly, e que os sentimentos de Flávio ainda estavam bem voltados para ela em 28 de fevereiro do ano 1973: jamais algo o tinha

¹⁴⁷ GOMES, 2004, p. 21.

feito despertar tanto desejo de estar próximo dela, como o acontecido “após ler sua cartinha”.

Sua última carta escrita e enviada em 1973, foi a do dia dezoito de março, onde ele se desculpava por não ter enviado a carta que escrevera no dia 28 de fevereiro de 1973; aliás, essa última evidenciava o recebimento de mais uma carta de Margor-Marly por Flávio. Dessa forma, pensamos que a função do bilhete supracitado fosse a de informar Margor-Marly sobre o recebimento de suas cartas e podia, por extensão, nos dizer que apesar de perdermos os rastros da história desses dois jovens, ela enviara cartas para o Flávio nos dias dois e sete. E, ainda supomos: isso aconteceu em março do ano 1973. Mas, como deduzimos esse mês e ano da escrita das correspondências de Margor-Marly, acusado pelo bilhete de Flávio?

Ora, atentamos tanto para o teor das despedidas quanto para a ordem cronológica das cartas. Ou seja, em 1972 ele, Flávio, tem como característica em sua despedida, normalmente, desejar que sua amada esteja feliz, e se despede com um até logo: “uma beijoca na ponta do nariz e uma dentada no dedão do pé”. Esse teor ainda era mais aquecido, com “uma beijoca bem quente” em dezembro de 1972.

Depois daquele mês de dezembro, e das dificuldades enfrentadas por boatos que pairavam sobre a relação deles, aparecia na despedida apenas: “um beijo”, na versão, despedida de nove de fevereiro de 1973. Em 28 de fevereiro do ano 1973: “aquele beijo”; no dia dezoito de março: “uma beijoca” e em 16 de março de 1974, simplesmente: “um abraço”. Antes de “um abraço” supomos que a escrita do bilhete esteve localizada, num tempo em que o Flávio ainda se despedia dizendo: “Sem mais porém aquela... [beijoca ou dentada!] do seu”; ou seja, no ano de 1973. Uma época em que a relação em jogo ainda estava aquecida, inclusive, por palavras que se foram apagando, ou não mais sendo escritas com o passar do tempo com o caminhar da relação.

E como explicar a suposição do mês de março?

Para isso conferimos sua última carta, em que ele (o Flávio) se preocupava em expressar seus sentimentos para com Margor-Marly, em dezoito de

março de 1973. Depois disso, ele aparentemente se distanciou dela, não apenas porque voltava a aparecer por cartas quase um ano depois, em dezesseis de março do ano 1974, mas também pelas escassas informações sobre ele expressas por Francisca, amiga de Margor-Marly, numa carta datada de vinte de março do ano 1973:

Este segue com o fim de dar-lhe algumas notícias. Eu ainda não tinha escrito para você porque não sabia de nenhuma notícia do [Flávio]. (...) Ele ainda não veio aqui desde daquele dia! Eu tentei falar com ele por telefone mas não deu certo, nunca ele estava, lá. Espero que ele venha logo e vá até aí, em sua casa. a fim de vocês conversarem melhor, e você acertar tudo direitinho não é? Espere mais um pouco, tenha paciência que um dia você se encontrará com ele, pois até as pedras se encontram, quanto mais as pessoas.

Não sabemos se datamos com precisão as informações contidas no bilhete de Flávio, acusando o recebimento das cartas de Margor-Marly no dia dois e sete, apenas procuramos com essa análise discutir alguns possíveis significados das lacunas, dos não ditos, que apareceram pela análise das cartas, e o que de fato percebemos é que houve uma mudança na relação desse casal entre os anos 1972-1974.

O fato é que o teor das cartas de Flávio para Margor-Marly mudou, pois elas ficaram mais objetivas e frígidas, se comparadas às primeiras que ela recebia, outros ventos sopravam a relação desses jovens, e ele, especificamente, não deixava de aconselhá-la: “Olhe [MARGOR-MARLY] não desista, pois a mulher em nossa época só consegue alguma coisa, quando se torna independente”. Isso, dito por uma carta datilografada, escrita em tons formais, em um papel que continha o timbre da empresa em que o remetente trabalhava. A carta foi enviada no dia dezesseis de março do ano 1974; Margor-Marly já estava grávida, dois meses de gestação, esperando um filho de Flávio.

A situação estava posta: solteira e grávida, esperando um filho de um homem que a aconselhava se tornar “independente” em março de 1974. Seus familiares se mudariam para o município de Quixadá, para evitar que redes de boatos afetassem Margor-Marly. Ela andava preocupada com sua relação há algum tempo, triste e pouco otimista, conforme carta de vinte de março do ano 1973.

Não sabemos se ela paginou, na época em que engravidou, os “Modelos de cartas de amor”, mas, digamos que sim, e apenas como exercício, imaginemos por um instante que ela tenha pedido conselhos a uma amiga, em março de 1974. O que ela diria a sua amiga?

Recorro a você na mais dolorosa situação de minha existência. Sempre fiz você a minha querida confidente... Compreendo que fui louca, entregando-me ao meu namorado completamente indiferente às conseqüências do meu gesto. E as conseqüências foram tremendas, minha amiga. Estou esperando um filho e não sei o que vou fazer nesta situação. Penso em deixar a casa de meus pais e partir para outro Estado, mesmo sem saber o que vá fazer por lá.¹⁴⁸

Sabemos que ela de fato recebera palavras de conforto de uma amiga sua, Francisca, que bem poderiam ser ditas em março, mas, de 1974:

Olhe reze muito e peça a Deus para lhe ajudar em todos os seus problemas. E não se desanime, pois se ele tiver de ser seu um dia será. Não adianta ficar triste e nem se preocupar, divirta-se, passeie e brinque a vontade. Seja otimista, nada de pensar o que é ruim, e sim tudo de bom. Desejo-lhe uma felicidade completa, e que realize todos os seus sonhos. (Carta datada de 20 mar. 1973)

Uma nova vida começava com sua gravidez em janeiro do ano 1974. Seu primeiro filho nasceu no dia quinze de outubro desse mesmo ano, recebendo como nome: Flávio, agora Júnior, em homenagem a uma época, a um amor, ao seu pai. Sua mãe, ao engravidar passou por momentos imprevistos em seus projetos na mocidade, que incluía o julgo das pessoas sobre suas condutas, as de uma mãe solteira, no lugarejo em que ela nascera.

Aliás, conforme nos contou uma contemporânea do casal, na época em que Margor-Marly engravidou, ocorreram especulações no distrito de Custódio de que o filho que ela esperava fosse de um médico, companheiro seu de trabalho dos anos 1970. A gravidez coincidia com um tempo em que Margor-Marly desenvolveu atividades, usando de seus conhecimentos de enfermagem, em uma maternidade em Quixadá.

Depois que engravidou ela veio morar em Quixadá, no município. E, quanto à paternidade de seu filho: o Flávio questionava se era dele. Seus familiares recebiam Margor-Marly em sua casa, mas, não eram muito de acordo. Ela sentia como se eles achassem isso: que a história do pai da criança ser o

¹⁴⁸ MARIA, 1965, p. 130. Extraída do capítulo: “Pedindo a interferência de uma amiga”.

Flávio, não era verdadeira. (Diário de campo do dia 22 de janeiro de 2011)¹⁴⁹.

Tudo indica que Margor-Marly procurou falar com o Flávio e que planejava firmar uma relação com ele. Inclusive, ficou desgostosa com o sumiço de seu amado como evidencia uma carta de Francisca, sua amiga, datada de vinte de março do ano 1973. Nessa, a missivista especifica que Margor-Marly devia ter paciência e acreditava que em breve, apesar de há tempos não ter dado notícias, o Flávio iria aparecer em sua casa para conversarem sobre a relação deles, para “acertar tudo direitinho” e tirar seu namoro de uma rede de boatos difamatórios.

Em “modelos de cartas de amor”, que também poderiam ser usados como um manual de postura, difundido na década em que Flávio e Margor-Marly viveram seu romance, era permitido aos homens a versatilidade em matéria de relações amorosas, de namoros. Mas, às mulheres não, pois, ao se relacionarem com um homem, e possivelmente, engravidarem, por exemplo, ou mesmo, se não fossem bem sucedidas conseguindo um casamento, fruto da relação, poderiam cair desastrosamente no conceito de boas condutas que vigorava na sociedade, na maioria das vezes, de fato, não conseguindo “reerguer-se, como dantes”¹⁵⁰.

Antoine Prost ao tratar de uma realidade na França do ano 1953, explica que estar grávida, situação em que se encontrava Margor-Marly em Quixadá no ano 1974, implica, antes de qualquer coisa, consequências e obrigações que as mulheres passariam a ter, sendo que, no caso da opinião pública, a vida e relação sexual antenupcial de um casal eram toleradas em meio a condições de um amor declarado, e claro, se os amantes pensassem em uma vida a dois. Mas, obviamente, eram reprovadas no bojo dessa conduta, e de forma enérgica, “as mães solteiras. Assim, as moças continuavam a recusar seus favores aos rapazes, quando não houvesse o *bom motivo*, isto é, a perspectiva do casamento”¹⁵¹.

Margor-Marly, talvez não acreditasse que o desfecho de sua história com Flávio, em Quixadá, seria não viver uma vida a dois com seu amado e se tornar mãe solteira; sequer leu ou considerou os riscos de uma relação sexual pré-nupcial,

¹⁴⁹ O escrito citado teve por base os relatos de uma contemporânea do casal, que os conheceu nos anos de 1970.

¹⁵⁰ MARIA, 1965, p. 22.

¹⁵¹ PROST, 2009, p. 77.

contidos, inclusive, no livro “Modelos de cartas de amor”, cujo fragmento encontramos com ela. Possivelmente, sem uma garantia de casamento, pois até onde constatamos, a gestação de seu filho começou em janeiro de 1974, período em que Flávio já não fazia declarações de amor a sua pessoa, ela se aventurou nos idos dos anos 1970, engravidou e acabou modificando os rumos de sua vida.

Se ao engravidar pensou em se mudar para um outro Estado, não sabemos, mas de fato, ela passou a morar em Quixadá e mudou a rotina de sua vida, também de amor e cidade, ao deixar seus pais na segunda quinzena de outubro de 1976, partindo de sua terra natal, rumo a São Paulo; deixando para trás uma história, memórias, e levando em sua bagagem uma imensa saudade de seu filho, que ficara com dois anos de idade, aos cuidados de seus familiares.

Deixava também um lugar marcado por velhos laços de parentescos e relações de vizinhanças, relações personalizadas e marcadas, em grande medida, por valores religiosos que muito foram cobrados a sua pessoa. Passaria a viver numa grande cidade, e todo um anonimato que ela podia propiciar, livrando-se em grande medida dos boatos que pairavam sobre sua história.

Sua vida teve “altos e baixos”, como ela mesma afirmou, então, São Paulo, sua amiga Graça e o Paulino apareceram em um momento se mostrando como uma possibilidade dela mudar, se mudar e das pessoas passarem a vê-la como uma pessoa batalhadora, mãe solteira e que iria enfrentar a vida noutra lugar; obviamente, sabemos que depois de feito isso, ela voltaria a morar em Quixadá.

Ora, depois de pensarmos todo um momento que antecede a emigração de Margor-Marly para a capital paulista, entendemos que não era exatamente “do nada” que ela queria nos dizer que foi para São Paulo, pois, teve todo um “contexto”- um conjunto de necessidades e experiências de vida que acumulou - que a fez enfrentar essa cidade. Isso inclui a necessidade de se mudar, respirar outros ares e voltar transformada.

E ela nos disse, em entrevista no dia onze de abril de 2009, que seu pai lhe deu “o dinheiro e eu fui embora” para São Paulo em 1976. Margor-Marly, também acrescentou: “passei um tempo lá, assim que eu cheguei lá me empreguei aí voltei de novo. Foi na época que... quando eu cheguei aqui eu era outra coisa...”.

Como assim, Margor-Marly?

“Bonita! Toda cheia de vida, muito cheia de vida eu. Aí, eu vi o [Manuel], aí...”. A entrevistada, em onze de abril de 2009, iria nos dizer que começou a namorar o Manuel, com quem depois veio a casar; nós a interrompemos para saber se antes de emigrar se achava cheia de vida: e ela disse que não!

Quanto ao Manuel, segundo nos disse uma amiga de nossa entrevistada, ele “aceitou o [Flávio Júnior] enquanto filho e casou-se”¹⁵² com Margor-Marly. Esta, por sua memória, contou que foi para São Paulo, logo começou a trabalhar e voltou, e mais, passou a namorar com o Manuel e casou, significando talvez que se tenha superado um passado de antes de emigrar, esquecendo, inclusive, naquele instante da entrevista, de toda uma história que ela viveu com o Paulino – antes de namorar e casar com Manuel.

O “esquecimento”¹⁵³ dessa história parece evidenciar algo que a memória constrói enquanto identidade da entrevistada, ou seja, de uma pessoa que se superou, voltou de São Paulo, casou, e foi de alguma forma re-localizada nos modelos da sociedade em que vivera sua juventude. Mas, claro, antes disso tudo acontecer, é importante lembrar que ela foi cobrada e julgada pelos modelos de uma época, foi aceita (como amiga) por Flávio e rejeitada como esposa, e mais, pairava sobre o distrito de Custódio uma incerteza no que diz respeito à paternidade de seu filho. Possivelmente, isso, não elevava sua auto-estima!

Então, poderia o contexto que se configurou com Margor-Marly na condição de mãe solteira ser visto como um fator que contribuiu para que ela emigrasse?

Acreditamos que sim. No entanto, vale ainda dizer que depois do nascimento de seu filho, ela trabalhou como costureira antes de ir para São Paulo, em uma pequena fábrica no Município de Quixadá, a vinte quilômetros da vila em

¹⁵² Diário de campo do dia 22 de janeiro de 2011. As anotações foram feitas tendo como base os relatos de uma contemporânea e amiga de Margor-Marly.

¹⁵³ No que diz respeito à questão da memória e do esquecimento, entendemos que existe tanto um silenciar sobre o passado, como, quanto sobre o que é falado, uma tentativa de re-elaboração e atualização de um outrora, visando uma construção identitária da narradora no presente. Sobre essa discussão do esquecimento quando trabalharmos com os possíveis significados da memória, ver: POLLAK, 1989.

que ela morava no distrito de Custódio. Falamos dessa forma de seu filho, colocando-o em primeiro plano, pois, pela memória da entrevistada vemos que ele é um marco; sua narrativa se desenvolveu, em grande medida, em torno desse evento, de uma história de quando ela se tornou mãe solteira.

Assim, em entrevista realizada no dia treze de junho do ano 2009, Margor-Marly comumente fez menção ao seu primeiro filho, seja quando recordava um período antes de ir para São Paulo, ou mesmo quando falava de momentos vividos na cidade paulista. Vejamos um exemplo:

Uma vez eu sonhei, quando estava em São Paulo, que o Flávio Júnior tinha morrido. Ai, meu Deus! Quando eu abri os olhos e não vi o Flávio Júnior, porque ele tava no Custódio, eu chorei tanto! Eu não podia nem falar! Preocupada, eu pensava que tinha acontecido mesmo.

Ela continua a contar um sonho que teve sobre o filho:

Eu sonhei que eu chegava aqui no Custódio e ele tava assim com as mãozinhas amarradas... Morto! Dentro do caixão. Menino, eu chorava tanto. Aí quando eu acordei que eu não vi o Flávio Júnior perto, não podia contar o sonho que eu chorava pensando que era verdade a história, sabe? Ele distante de mim, aí eu ficava ansiosa. Enquanto eu não recebia uma carta ficava ansiosa. De primeiro [antigamente] num tinha esse negócio de telefone, só se eu recebesse uma carta que a mamãe contasse que o menino tava vivo e que não tinha acontecido nada com ele. Era assim.

Pelas cartas guardadas por Margor-Marly da segunda metade dos anos 1970 e começo dos anos 1980, encontramos informações de um pouco do dia-a-dia do Flávio Júnior no distrito de Custódio; sua mãe se encontrava em São Paulo e sua avó e tios informavam sobre sua pessoa. Vejamos o exemplo da carta de 23 de março do ano 1981 escrita por Maria, mãe de Margor-Marly: “[o Flávio Júnior] está bem. sou muito trabalhouzo para agente catar”. Ou mesmo, quando seus tios, que cuidaram dele por certo tempo, contam como usaram o dinheiro que nossa personagem principal havia enviado:

O dinheiro que você mandou [Jandira] comprou um par de alpercata para o [Flávio Júnior], e duas roupinha. quando perguntam quem deu a roupa ele diz! San Pal baitoa agora é que esta sabido e mais religioso (...) Bem ele já sabi nome que nem pensei de ensinar. esta um coisa, cada dia mais gordo, mais preto, mais sabido e mais bonito. (Carta datada de 27 jan. 1977)

Na memória de Margor-Marly se concentravam pontos de significações, onde o surgimento de seu filho na sua vida foi um marco¹⁵⁴. E ela o recordava em

¹⁵⁴ Sobre a memória e os marcos carregados por ela cf. BOSI, op.cit., p. 415.

vários momentos da entrevista: quando ele “fez um ano eu viajei pra lá”; o Flávio Júnior “com um ano ele veio ficar mais” a Jandira e seu esposo; “nesse tempo meu filho morava mais eles”, e ainda, quando lemos uma correspondência que Margor-Marly recebeu em 1974, posteriormente, ela disse que o período da missiva antecedia um pouco ao nascimento do Flávio Júnior.

Perguntada sobre esse momento, ano de 1974, Margor-Marly contou que: “logo quando eu tive o [Flávio Júnior] eu trabalhei nessa firma aqui, lá no Chicutinho”. Pouco tempo depois, a firma faliu e ela voltou para o distrito de Custódio com a profissão de costureira, que seria usada tanto em São Paulo como em seu retorno de morada à terra natal no ano de 1986.

A entrevistada recordou que trabalhou na firma do Chicutinho, fazendo menção a uma época em que passou a ter novas obrigações em sua vida, na condição de mãe solteira. Sua recordação se deu no momento em que nos mostrou um cartão com felicitações a sua pessoa no fim do ano 1975, em nome do dono da firma em que trabalhou. Nele, era ressaltado que ao ano de 1975 restavam saudades, e que pairava “uma esperança em 1976. Que o natal lhe(s) traga um prenúncio de felicidades; uma bênção de venturas; uma mensagem de amor e o ano novo lhe(s) dê a realização destes desejos”. De fato, o ano 1976 reservava para ela muitas novidades e mensagens de amor; como as expressas pelas cartas do Paulino.

Mas, antes mesmo de contar uma versão sobre o romance que teve marcas calorosas no ano de 1976, entre Paulino e Margor-Marly, gostaríamos de sintetizar um pouco de sua história, e falar do desfecho da relação de Margor-Marly com Flávio, acontecida entre 1972 e 1974. Todavia, como fazer isso?

Quando escrevemos, pensamos em complexificar a realidade, em problematizá-la, e isso, em certa medida acontece. Mas também, a simplificamos ao deixá-la circunscrita a margens de folhas, nos limites das fontes que encontramos, por uma análise do passado restringido por indícios que descobrimos. Fazemos perguntas sobre sujeitos que não conhecemos, sobre um tempo que não vivemos e damos vida a um outrora que as vezes parece beirar a morte. No entanto, “de certo

modo, acho que sempre escrevemos sobre algo que não conhecemos, escrevemos para dar ao mundo não-escrito uma oportunidade de expressar através de nós”.¹⁵⁵

Dessa forma, diante de um desconhecido (o passado como aconteceu), e perante as fontes que analisamos até agora, aventuramo-nos a escrever nossa versão sobre o desfecho da relação acontecida entre Flávio e Margor-Marly. Para isso, regressamos ao bilhete de dezembro do ano 1972, em que aquele oferecera músicas a sua amada, visando através deste potencializar nossa narrativa.

No escrito de dezembro de 1972, o qual já nos referimos com mais detalhes neste capítulo, Flávio ofereceu quatro músicas na Rádio Difusora Cristal de Quixeramobim: “Parabéns, parabéns querida”; “Distante dos olhos”; “Deixa o tempo correr”¹⁵⁶ e “Espere-me”¹⁵⁷.

À época do bilhete, era comum oferecer músicas nas rádios e também a realização de tertúlias musicais; nelas, as pessoas se encontravam e se conheciam, também paqueravam. Jovens enamorados poderiam acalorar seus romances, e amigos se confraternizarem ao sabor das músicas que tocavam nas rádios, inclusive, os casais apaixonados.

Margor-Marly, ao recordar esse tempo traz uma memória que relaciona, não à toa, escutar músicas oferecidas nas rádios e ir para as tertúlias dançar nos salões em encontros com amigos. Considerando essa memória da entrevistada, a existência de tertúlias (de músicas ofertadas nas rádios) e, especificamente, o bilhete de Flávio, isso tudo existente nos anos 1970, deixamos aparecer fragmentos de músicas do escrito de dezembro de 1972, dedicados a Margor-Marly por Flávio, para contarmos nossa versão sobre a história desses dois amantes.

Saudações, Margor-Marly. Diria o Flávio ao ofertar uma música em 1972, que continuaria na tradução de um estudante de história em 2011, assim: parabéns, parabéns minha querida, fomos amantes em um momento de nossa vida, marcando

¹⁵⁵ CALVINO, 2006, p. 147.

¹⁵⁶ PAIVA, Jorge; JOSÉ, Odair. Deixa o tempo correr. Intérprete: Odair José. In: **ASSIM SOU EU**. Polyfar / Phonogram, Ano: 1972, faixa 3 (2 min 44 s). Disponível em: < <http://letras.terra.com.br/odair-jose/1891779/> >. Acesso em: 22 mar. 2011.

¹⁵⁷ TIMÓTEO, Agnaldo. Espere-me. In: **OS BRUTOS TAMBÉM AMAM**. Ano: 2004, faixa 3 (2 min 49 s). Disponível em: < <http://www.vagalume.com.br/agnaldo-timoteo/discografia/os-brutos-tambem-amam.html> >. Acesso em: 20 ago. 2011. Primeira versão da canção em [ca.1972].

datas que foram felizes para mim. Agora, estamos separados, mas, eu te amo mesmo assim¹⁵⁸.

Uma separação pronunciada, sentida e que valeria ofertar uma canção que falasse desse amor de Margor-Marly que de tão distante dos olhos de Flávio, esquecera dos sentimentos que padeceram no coração¹⁵⁹.

A temática da tertúlia musical, era o romance desses dois jovens na primeira metade dos anos 1970. Nela aparecia um fragmento de música que nos diria um pouco mais sobre essa relação e seu desfecho. Vejamos então, a terceira música que é: “Deixa o tempo correr”, de José Paiva e Odair José, oferecida no bilhete de dezembro de 1972; que veio diretamente da Rádio Difusora Cristal de Quixeramobim, passando por Margor-Marly, e hoje nos ajuda contar o desenlace de sua relação:

Não tem jeito foi tudo desfeito/ Chegamos ao fim./ Vai ser bom pra você/
Mas, será bem melhor para mim./ Pois a vida é uma escola onde a gente
aprende a viver./ Mas eu sei vai ser muito difícil você aprender./ Mas não
faz mal, deixa a vida passar/ Deixa o tempo correr./ Dizer adeus vai ser
muito triste./ É melhor não dizer.

E o adeus, nós não sabemos se foi dito. Somos cientes de que a relação deles mudou e o Flávio foi embora de Quixadá; em breve moraria em Marabá a aproximadamente 1400 km do lugar em que vivera parte de sua juventude. Talvez valha a pena recorrer a quarta música do tão referido bilhete de 1972, para contar o que Flávio mesmo, sobre sua partida, poderia ter dito por essa canção e feito dela suas palavras: “Eu tive que partir para bem longe,/ Pra bem longe de você meu bem./ Mas guardo aqui comigo no meu peito/ A saudade de você meu bem”¹⁶⁰.

Pelas veredas da mesma canção podem ser pinçados alguns detalhes:

Eu não me acostumei a solidão/ Vivendo aqui tão longe de você./ Querida,
por favor, espere-me, / Que eu voltarei./ E quando eu voltar quero
encontrar/ Você tão linda como eu deixei,/ (...) Sentir de novo a mesma

¹⁵⁸ Temos como referência a letra da música: “Parabéns, parabéns querida”, composta por Cláudio Fontana, cantada por Cláudio Roberto. Essa é primeira música oferecida no bilhete de dezembro de 1972 oferecida por Flávio a Margor-Marly.

¹⁵⁹ Agora, a referência que temos é a letra da música: “Distante dos olhos”, de Moacyr Franco. Segunda música oferecida por Flávio, no bilhete de dezembro de 1972 a sua amada.

¹⁶⁰ “Espere-me”, música interpretada por Agnaldo Timóteo. Essa é a quarta canção que Flávio ofereceu a Margor-Marly em dezembro de 1972 pela Rádio Difusora Cristal de Quixeramobim no Ceará.

sensação/ Que ao beijar-te me apaixonei.(...) Espere-me, espere-me, eu voltarei!

De fato, ele não voltou e sequer ela esperou. Margor-Marly foi para São Paulo em meados de outubro de 1976, pouco tempo depois de ter recebido uma carta do Paulino, que dizia estar com saudades das férias que passou com ela. Mas, sobre isso, trataremos depois...

Já o Flávio, iria se encontrar no fim dos anos 1980 com um velho conhecido seu do distrito de Custódio, que desenvolvendo seu trabalho como caminhoneiro, passou pela região norte do Brasil, e foi, na ocasião, questionado sobre a paternidade de Flávio Júnior; pelo menos assim relatou um dos supostos “prostituidores das mocinhas” do distrito de Custódio, que dessa forma, foi intitulado por Flávio em uma carta guardada por Margor-Marly, datada de nove de fevereiro do ano 1973. O acusado se defendeu e esclareceu por uma fotografia o equívoco de Flávio a sua pessoa, comparando as semelhanças faciais do verdadeiro pai da criança. Flávio, antes de morrer, segundo contou uma contemporânea sua, procurou reconhecer seu filho em um lugar de trabalho, em Quixadá, mas, não se identificou como tal e foi embora!¹⁶¹

Quanto a ida de Margor-Marly a São Paulo, constatamos que foi, em grande medida, marcada por sentimentos, por sensibilidades que, na verdade, poderia se situar “em um espaço anterior à reflexão, na animalidade da experiência humana, brotada do corpo, como uma resposta ou reação em face da realidade”¹⁶².

Na realidade, ao seu filho ela atribuiu, em entrevista no dia onze de abril do ano 2009, à questão central “de tudo isso aí”. Segundo a entrevistada, ele é “o ponto X de tudo, porque eu fui embora por causa dele”. E isso inclui toda uma história de precisar ir a São Paulo para conseguir um futuro melhor para ele e ela; assim acrescenta ao falar sobre as razões de sua partida. A dor do parto foi imensa e contribuiu para mudar a sua vida.

¹⁶¹ “Ele veio ao Ceará no começo do século XXI e viu aquele rapaz parecido com ele, quando abastecia o carro, e pensou: “será que esse rapaz é o meu filho?” (...) Depois do acontecido, se informou e confirmou com uma amiga que era mesmo o Flávio Júnior. Retornou ao local para observá-lo mais, mas não teve coragem de se identificar”. (Diário de campo do dia 22 de janeiro de 2011). O escrito citado teve por base os relatos de uma contemporânea do casal, que os conheceu nos anos 1970. Ela, antes de contar essa história nos avisou: “uma coisa emocionante aconteceu”; informando-nos o teor da história que iria narrar.

¹⁶² Sobre essa questão cf. PESAVENTO, 2008, p. 92.

Contudo, para além de procurar entender versões de uma história, pensamos também: o que mesmo contribuiu para falarmos dos “antecedentes de uma migração”? Devemos confessar que a pergunta que fizemos a Margor-Marly, sobre como surgiu a ideia de ir para São Paulo, nos inquietou. Vejamos o que ela nos contou: “aí depois... aí, apareceu o [Flávio], que é o pai do [Flávio Júnior], aí comecei a namorar...” e seguiu dizendo o que aconteceu, falando de encontros e desencontros, mas também de uma atração amorosa. Porém, obviamente, sobre esses antecedentes e seu desfecho já contamos o que aconteceu...

2.2 A atração por São Paulo

Onze de setembro do ano 1976. Paulino escreveu uma carta para Margor-Marly, ele, morando em São Paulo, ela, tinha voltado a morar no distrito de Custódio, havia dois meses aproximadamente. Antes desse acontecido ela tinha morado no município de Quixadá desde o começo de 1974, ano em que trabalhou na maternidade, e no qual seu filho nasceu.

No final de 1975, Margor-Marly recebeu um cartão com felicitações para as festas: natalina e de *réveillon*, em nome da família e do dono da firma em que ela passou a trabalhar no fim daquele ano. Suas condições de empregada só foram legalizadas do dia primeiro de abril a 31 de julho do ano 1976, quando pelas respectivas datas, ela foi admitida e afastada da sua função de costureira¹⁶³. Então, nesse tempo, depois que a firma faliu, ela voltou a morar em Custódio e a trabalhar de forma independente, realizando cortes e costuras de roupas nesse distrito.

Antes mesmo de ser afastada da firma, em 31 de julho do ano 1976, ela encontrou em sua casa, o Paulino, vindo de férias de São Paulo para o distrito de Custódio. Eles conversariam sobre um futuro possível, trocariam olhares carinhosos e elogios picantes, compartilhariam desejos de futuros amantes que os ajudavam a acalorar aquele sábado de julho. Declarações e promessas galanteadoras não se fizeram ausentes no encontro desses dois, a atração amorosa daquele momento fez

¹⁶³ Conforme consta em um documento que autoriza o saque do seu FGTS (Fundo de garantia por tempo de serviço).

com que se flagrassem outras coisas, quem sabe; uma “aura”¹⁶⁴ envolvente que, talvez, se codifique nessa carta do dia onze de setembro do ano 1976:

Querida [Margor] Uns abraços e beijos para você neste dia de sábado de tanto frio aqui em São Paulo... Estes sábados que para mim é aniversário de nossa felicidade daquela festa em nossa casa. Aquele dia mim deixou muitas lembranças mas em primeiro lugar é você (...) não tinha idéia que você gostasse de mim antes de minha viagem pela primeira vez. Mas o fascínio desta última me arrebatou e dominou inteiramente.

Um momento “aurático”¹⁶⁵, assim pode ser visto o que é lembrado e narrado pelo missivista. Semelhante o especificado por Walter Benjamin, entendemos por aura um fenômeno admirável, único, um instantâneo, uma figura composta por toda uma singularidade de “elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja”¹⁶⁶. É dessa forma que compreendemos um pouco do momento vivido por Paulino e Margor-Marly em julho de 1976, marcado por esse singular, por uma aura.

Na carta supracitada, Paulino fala de forma saudosa de seu encontro com Margor-Marly. E, do dia que está datada a carta, pelas informações que constam dos missivistas migrantes, sendo enviada de São Paulo para o distrito de Custódio, ela demorou um pouco menos de uma semana para chegar ao seu destino. A destinatária recebeu a correspondência no dia dezessete de setembro de 1976, aproximadamente, a menos de um mês do Flávio Júnior completar dois anos de nascimento. O aniversário do filho de Margor-Marly se deu em 15 de outubro, numa sexta-feira, coincidindo exatamente, com o recebimento da autorização para sacar o dinheiro do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, que Margor-Marly tinha obtido na empresa de nome fiscal: Francisco José de Lemos Neto. A “firma do Chicutinho”, nas palavras da entrevistada.

Na carta escrita por Paulino, de onze de setembro do ano 1976, entre outras coisas, lemos que ele mandava beijos e abraços para Margor-Marly, sentia-se com um frio no corpo, estava saudoso, solitário na grande cidade de São Paulo e desejando em breve reencontrá-la. Consigo, portava também algumas lembranças de um encontro.

¹⁶⁴ Cf. BENJAMIN, 1996.

¹⁶⁵ Idem.

¹⁶⁶ Idem, p.170.

Depois que falou do sábado frio donde se encontrava, daria ainda para ele ter acrescentado em sua descrição:

Estou muito longe de ti e no entanto, vendo da minha janela as luzes da grande cidade, uma saudade louca da luz dos teus olhos impele-me a escrever-te estas linhas (...) Aqui tudo é imenso, meu bem. Imenso em relação a nossa pequena cidade, em que tôdas as coisas são um pouco nossas, de tão familiares que nos parece¹⁶⁷.

Em sua carta, bem que Paulino poderia ter floreado mais, e pinçado algumas de suas lembranças dizendo: “na bruma da recordação, via-te radiante com aquêlê aspecto de menina carinhosa, cativante e irresistível, de olhos brilhantes, com a graça espontânea que te faz tão atraente”¹⁶⁸; conforme modelos de cartas de amor que eram passíveis de serem utilizados nos anos 1970.

Mas depois da breve descrição sobre o clima que sentia naquela noite de sábado numa cidade grande, ele, num momento bem distinto do teor saudoso do restante da carta, redigiu algo que hoje para nós é uma incógnita: “não sei se meus olhares ti revelaram alguma coisa mais eu estava pedindo desculpas e rependido [arrependido] por um erro que não cometi. Por toda a minha vida” (carta datada de 11 set. 1976). Em seguida, o referido missivista falou que as virtudes de Margor-Marly valiam tanto quanto a beleza dela, e continuava sua argumentação: mas, não tinha ideia antes de sua primeira viagem para o Ceará do quanto ela gostava dele.

Ora, atentemos para a lógica que ele seguia em sua escrita: falava de onde e como estava, das lembranças de um outro momento e lugar e, antes de mencionar as virtudes e belezas de Margor-Marly, tratava dos sentimentos que tentou expressar por seus olhares, em julho de 1976; quando pedia desculpas por um erro que nunca cometera. E concluiu o momento com uma ideia de contraposição, deixando transparecer que seus olhares pasmos sobre ela valiam-se para explicar que não sabia o quanto ela gostava dele, quando paqueravam em Quixadá, antes dele emigrar.

Na verdade, não temos os rastros dessa paquera de Paulino e Margor-Marly antes dele emigrar para São Paulo, apenas a partir do período em que veio de

¹⁶⁷ MARIA, 1965, p. 55. Trecho extraído, especificamente, do capítulo: “Carta de um namorado ausente”.

¹⁶⁸ Idem, p. 40. O capítulo do referido manual é intitulado: “Carta de um namorado residente em país estrangeiro”.

férias em julho de 1976. Mas, estaria ele (pela escrita do referido ano) deixando indícios para nós, de uma sensibilidade marcante nos anos 1970, em que Margor-Marly recebia olhares que se expressavam como “digno de pena”, um pedido de desculpas, por suas condições? Cuidando de um filho que tinha um ano e nove meses e solteira, por exemplo, quando encontrou Paulino em sua casa, e que despertava ainda como disse o missivista, um sentimento de culpa por um erro que não cometera por toda uma vida. A que erro, pois, ele se referia? Não sabemos, de fato.

A questão é que ele aproveitou o momento da escrita para deixar transparecer olhares de lamentos, para falar de supostos empecilhos, e dizer que esperava que houvesse “uns dias” para eles viverem um romance. Todavia, para isso acontecer, aguardava a resposta de seu escrito “para ter a sua certeza, (acredite)... Esta carta é um impulso do meu coração, que por mais tempo não pode esconder o sentimento que o inflama” (carta datada de 11 set. 1976). De forma cuidadosa, o remetente conclui a carta: “Finalmente permita-me mais um beijinho tá!”.

Nessa mesma carta de setembro de 1976, em que Paulino falava de seus desejos no futuro e aguardava uma resposta de Margor-Marly, dizendo também sobre a escrita impulsionada pelo coração, ele tratava de algo que poderia impedir que os dois tivessem momentos vividos somente para eles. E, assim ele escrevia: “Sei que existe um outro homem em sua vida, mas (...)”; talvez ele não soubesse que esse outro já não andava tão próximo assim de Margor-Marly desde, pelo menos, a sua ida de férias a Quixadá. Vejamos um trecho da carta do provável “outro homem”:

Querida mais uma veis eu te pergunto cerá que você não gosta mesmo de mim cerá que eu nasci para ama você e você não miama quirida eu gostaria que você aceite eu ir na sua casa domingo para nos fala mais avontade para eu fala tudo aquilo que eu sinto por você. Quirida vou termina para você não fique com mais raiva de mim Lembre de mim já que você não mais miama (carta datada de 07 jul. 1976).

Assim, diante de um contexto que se configurava, ou seja, uma relação que findava com esse “outro homem”; depois do aniversário de seu filho; com o dinheiro que recebeu do FGTS mais uma ajuda de seus familiares (que inclusive ficariam cuidando do Flávio Júnior); com a possibilidade de ir embora estando na companhia da Graça que estava de férias e já tinha experiência, aliás, trabalhando

como costureira em São Paulo; desejando mudar de vida e tendo o Paulino a sua espera, é que ela (Margor-Marly) foi embora “do nada”, como nos falou.

Deste modo, em meio a tal conjuntura favorável é que “do nada”, conforme destacou, sem se programar, partiu para a capital bandeirante. Então, acompanhada da Graça, deixou seu Estado pela primeira vez na segunda quinzena de outubro do ano 1976, e no lugar a que se destinava, viveria um romance com Paulino.

O fato é que, nessa história, chamam-nos a atenção também as entrevistas que realizamos com Margor-Marly, pois nelas há uma “sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos”¹⁶⁹, e isso pode ser observado quando vemos no decorrer de sua narrativa, pontos de significação representados pelos amores de sua vida, em algo que mais parecia um mapa da memória sobre seu emigrar; percebido, seja quando tratávamos dos antecedentes de uma migração – ela falando sobre o Flávio e o filho – ou mesmo, quando falávamos de uma atração por São Paulo e surgia o Paulino.

As etapas e os marcos na memória de Margor-Marly ficaram ainda mais em evidência quando no andamento das entrevistas, líamos os papéis, datas, as cartas, e nelas, certas palavras que sinalizavam o teor das relações, por vezes até pontuavam mesmo, o início de uma trajetória amorosa com um dos missivistas.

Já no que diz respeito, especificamente, ao romance que ela viveria ao partir de seu Estado com Paulino, encontramos, depois da saudosa carta do dia onze de setembro de 1976, um pequeno bilhete datado do dia dezoito de fevereiro de 1977. Escrito em São Paulo e assinado por Paulino que dizia: “À [Margor-Marly] Meu bem, esperei você as 6, hs na fabrica mas você não saio, vou com saudades de você. Quarta feira estarei para você (...)”.

Margor-Marly, a pouco mais de quatro meses na capital paulista, já estava trabalhando como costureira, e quando possível, se encontrando com seu novo amado. Ele, bem menos sutil do que na carta de setembro de 1976, onde pedia permissão para deixar mais “um beijinho”, pelo bilhete marcava um próximo encontro entre ele e ela, na quarta-feira, e dizia: “espero que cumpra com a promessa que

¹⁶⁹ BOSI, op.cit. p. 415.

mim fez” (carta datada de 18 fev. 1977). Depois se despedia por esse escrito, dizendo: “Felicidades. Seu [Paulino]”.

Logo após esse mesmo bilhete ser lido, na entrevista que realizamos com Margor-Marly no dia treze de junho de 2009, ela reagiu dizendo: “meu mesmo, ainda continua!”. Em entrevista ela ainda fez algumas considerações sobre o Paulino: “Uma excelente pessoa. Até... assim, como homem, de todos foi o que me acolheu melhor foi ele que me dava tudo nas minhas mãos. Tinha um maior respeito por mim, um maior carinho, era ele”.

Ela destacou algumas virtudes da relação com Paulino, dizendo que ele a acolheu melhor, tinha respeito por sua pessoa, carinho e dava tudo que ela precisava. As declarações feitas a pessoa dele se remetem a um marco na vida dela, época em que se mudou para São Paulo, e antecede o período em que voltou pela primeira vez para Quixadá, e veio cheia de vida; como já especificou quando entrevistada.

Em alguns momentos, esse tempo também coincidiu com a data das missivas que lemos, como por exemplo, o bilhete do dia dezoito de fevereiro de 1977. Ou seja, esse tempo recordado que despertou na entrevistada um outrora, levando-a a fazer declarações, a dizer, inclusive, que Paulino continuava sendo dela até hoje.

Roland Barthes nos ajuda a pensar o momento recordado por Margor-Marly, quando explica que em uma trajetória amorosa parece ter um momento inicial que é seguido de contatos como: vários encontros programados, alguns telefonemas dados, onde o amor é materializado pela escrita de cartas e pequenas viagens são agendadas. Um período em que: “com embriaguez a perfeição do ser amado, quer dizer, a adequação inesperada de um objeto a meu desejo: é a doçura do começo, tempo próprio do idílico”¹⁷⁰.

A circunstância a que Margor-Marly se referia, parecia ser o ápice do entendimento entre os dois amantes, um tempo idílico. Ele, por sua vez, não deixava de, aos modos de 1976 e ainda em 1977, procurar um momento para que eles se encontrassem:

¹⁷⁰ BARTHES, 2003, p. 135-136.

[Margor-Marly] Estive aqui as 7,20 mas você já tinha ido embora. O problema é que eu e o [Marcelo] alugamos um apartamento em S.Vicente. Eu vou hoje e espero que você não fique com raiva. Domingo a tarde ou a noite (...) eu venho buscar você e nós só vamos voltar 4ª feira. Se você puder arraje 300,00 pois estou com pouca grana. não se preocupe eu venho sem falta: [Paulino]. (Sem data)

“E foi. Foi isso mesmo” que aconteceu; ressaltou Margor-Marly, imediatamente, ao lermos o bilhete supracitado. Depois, ela falou sobre alguns bons momentos e um ambiente inesquecível para sua pessoa, mas, sobre isso vejamos o que ela mesma contou: “dos lugares bonitos que eu fui... que hoje eu me lembro e eu nunca vou esquecer aquele lugar... Uma coisa bem bonita... num é que é bonita! Eu achei interessante aquele lugar, da gente ir...”.

Quando ela começou a narrar teve certa dificuldade em descrever o ambiente que a seduziu. Então, na ocasião, ficamos pensando que ela falaria de um fascinante centro urbano, daquela megalópole e de sua impressionante infraestrutura, dos grandes prédios. No entanto, ela continuou sua narrativa: “Um monte de árvores, um lugar onde cabe mais ou menos um carro. Ali é assim: como um restaurante, [mas] isolado, sabe? Aí você fica lá à vontade no carro, aí lá...”. “Amores?” Perguntamos, e ela respondeu:

É amores. Muito bonito, muito gostoso, muito bom. Eu nunca vou esquecer. Aí, assim, você tá lá no carro aí vem uma garçomete, ninguém vê. [Ela] chega na porta do vidro e bate, aí pergunta: o que é que vocês querem? Bebida. Aí você pede a bebida e ela vem. Assim, como se fosse um restaurante... é uma coisa bonita! Num vou falar agora porque está gravando... Muitas outras coisas, né? Mas, o que eu gostei mesmo, assim, foi desse ambiente. Uma coisa diferente que eu nunca vi aqui no Ceará mesmo! Tanto mato que tem aqui!...(risos)

Entrevistador: E aqui não tinha um ambiente daquele?...

Margor-Marly: Não tem. Assim, porque ninguém vai te ver, ninguém sabe quem é quem, dentro do carro, ninguém sabe!

Como também podemos perceber na narrativa da entrevistada, ela falava de algo diferente, comparando com o que antes viveu no distrito de Custódio, destacando, em sua lembrança, não a estrutura de concreto de São Paulo, mas o anonimato que muito permitia a existência do seu romance com Paulino. Isso, sem cair nas redes de boatos como outrora acontecera com o Flávio no lugarejo onde morava. Assim, ela falou de um espaço arborizado de que gostou e disse: “tanto mato que tem aqui” no distrito de Custódio, mas na capital paulista sim: é possível

viver, sem “ninguém te ver”, sem necessariamente ser identificado, “ninguém sabe quem é quem”, num grande centro urbano; afirmou Margor-Marly.

Pelas memórias é comum a comparação entre dois momentos diferentes para falar de um estranhamento ou identificação. Assim, tais reminiscências se remetem a uma rotina agitada, às multidões, deixando entrever a especificidade do vivido, falam da importância do trabalho, seja na capital bandeirante ou em Quixadá, e também do que se perde e se ganha com o anonimato, vivendo fora de sua terra natal, morando em uma grande metrópole. Dessa forma, é que as cidades, enquanto experiências vividas, foram surgindo por comparação nas memórias dos entrevistados. Margor-Marly, nesse quesito, por suas recordações, não se faz exceção. Voltemos ao Paulino e Margor-Marly...

Até então, pinçamos uma relação amorosa acontecida na segunda metade dos anos 1970, que se apresentava de forma harmoniosa, em meio a cuidados, carinhos e acordos. Com sujeitos compondo cenários que se fizeram aconchegantes, inesquecíveis, paradisíacos talvez e, é bem possível que esses elementos sentidos e vividos pela entrevistada tenham gerado certa atração em sua pessoa por essa cidade, que muito teve como nome: Paulino.

Quando Margor-Marly foi perguntada sobre suas lembranças, o que marcou suas idas e vindas, suas viagens a São Paulo, por exemplo, relatou: “só saudade de quem ficava lá, de quem ficava aqui”. E essa saudade tem nomes, outrora mesmo bem que poderia ser: Flávio, que esteve em Quixadá, como constava numa missiva, a até pelo menos o ano de 1976. Mas esta saudade também poderia chamar-se Flávio Júnior e Paulino, que marcaram tempos e contextos distintos, podendo representar lugares que “sofrem as refrações da memória [da Margor-Marly], as duplicidades do espelho, as insaciabilidades do desejo”¹⁷¹.

Explicado de outra forma, esses lugares, como seus personagens, são ambíguos e “apresentam sempre uma dupla face, que pode se reduplicar ao infinito”¹⁷². E as cidades enquanto “símbolo complexo e inesgotável da existência

¹⁷¹ CALVINO, 1990, s/p.

¹⁷² Idem, s/p.

humana”¹⁷³ aparecem na memória de Margor-Marly com nomes de pessoas, semelhantes às descritas por Marco Polo em “As cidades invisíveis”, de Ítalo Calvino, mas apenas se distinguindo deste, especificamente, por serem grafadas por ela com nomes masculinos.

É verdade também que Margor-Marly, ao falar desses lugares, nos contou que ao emigrar pensou em trabalhar para o seu futuro. Após algumas pequenas experiências em trabalhos informais naqueles últimos meses de 1976, ela retornou ao Ceará: “Aí cheguei e voltei de novo pra São Paulo aí arranjei esse emprego aí”; referindo-se ao contrato de trabalho que assinou no dia primeiro de fevereiro do ano de 1977.

De fato, depois dos contatos estabelecidos por conterrâneos seus, já radicados na capital paulista, acerca de possíveis empregos para ela, Margor-Marly veio a ser admitida pela Firma Walkyria Coutinho Spinelli, por contrato e a título de experiência a partir do dia primeiro de fevereiro de 1977, com validade até maio do mesmo ano; podendo ter sido prorrogado. O horário de trabalho que deveria ser obedecido nessa firma, onde ela desenvolveu a função de costureira, era: “de 2ª a 6ª feira das 7,30 às 18,06 com 1 hora p/ ref. E descanso. Sábados livres”, conforme é detalhado no contrato de trabalho que assinou.

Como vimos, antes de assinar esse contrato, Margor-Marly foi a Quixadá para reencontrar seus familiares e amigos, inclusive, seu filho. Depois de maio o contrato foi prorrogado e ela trabalhou nessa firma até os anos 1980. Mas, até chegarem esses anos, alguns detalhes precisam ser contados.

Mesmo sendo prorrogado o contrato, ela voltaria ao distrito de Custódio no final de julho de 1977, sem avisar o Paulino, que depois receberia uma carta dela, sequer avisou seu patrão na Walkyria Coutinho. Ela fez esse trajeto mais umas cinco vezes, até voltar para morar novamente em sua terra natal nos anos de 1986. Por que mesmo ela voltou definitivamente nesses anos? Essa é uma questão para o terceiro capítulo.

Por enquanto, vejamos o que esse seu retorno, pela segunda vez, sem pedir opinião a ninguém, surtiu na missiva do Paulino: “Quanto a sua volta não

¹⁷³ Idem, s/p.

posso dar-lhe opinião, voce e quem sabe, talvez voce venha e depois queira voltar, se for assim é melhor ficar air (...)” (carta datada de 09 ago. 1977). Ele ainda informava que se Margor-Marly voltasse seria o mesmo para ela e faria o que fosse possível para ajudá-la; até mesmo organizando a documentação para que ela pudesse receber o que lhe era de direito, pelo tempo em que trabalhou.

A relação que Margor-Marly estabeleceu com Paulino parecia ter contribuído bastante para que ela passasse um bom tempo vivendo em uma cidade como São Paulo. Podemos notar sua importância, inclusive, quando constatamos o custeio da passagem para ela retornar de Quixadá. “Vou mandar mil cruzeiros pra voce, procure no bco Brasil 6º ou 2º feira...” (carta datada de 24 ago. 1977).

Apesar do apoio que Paulino dava a Margor-Marly, sua amiga Cecília, que ouvia suas confidências, sugeriu outros caminhos para ela, como os expressos por uma carta de 22 de julho de 1978, dizendo que não podia falar muita coisa sobre o Paulino, pois, não o tinha mais encontrado, e continuava a missiva: “eu só queria que você esquece ele e poder vir enfrentar a vida aqui sem ele, se um dia isso acontecer eu vou ficar muito feliz”.

Paulino, por sua vez, avisou em 1978 que recebeu as cartas de Margor-Marly, que novamente se encontrava no distrito de Custódio desde julho daquele ano, mas não tinha sido possível respondê-las antes. Ele, que também foi de férias naquele mês de julho, que o deixou com boas recordações, voltou antes do seu término, pois como informava a sua amada, não foi possível demorar mais: “você sabe o motivo” (carta datada de 15 out. 1978). Na verdade, não sabemos, exatamente!

Em tal correspondência ele acrescentou a Margor-Marly: “quanto a voce é melhor ficar aí mesmo já sabe como é a luta por aqui você não sida com as obrigações e as regras de um emprego” (carta datada de 15 out. 1978). Quando lemos essa carta para a entrevistada, ela relatou que: um belo dia saiu da firma para almoçar com Paulino e atrasou seu retorno ao trabalho, aproximadamente, cinco minutos, e foi chamada sua atenção por essa indisciplina. Se o patrão não gostou, ela diz que também não: “eu só peguei minha sacola, a minha bolsa e fui embora. Passei quinze dias sem andar lá [na firma]!”.

Ao ser lida a missiva do Paulino de quinze de outubro do ano 1978, a entrevistada, depois de ter falado que foi para São Paulo para conseguir um futuro melhor, que incluía arranjar um emprego, nos contou um pouco sobre as dificuldades que tinha em se adaptar às normas que eram estabelecidas em seu trabalho:

Era assim, porque as pessoas mandavam fazer as coisas e eu num sei ser mandada não. Por que a pessoa é empregada aí vai levar carão dos outros, vai levar repressão sem precisão?! Então eu saia mesmo! Tinha problema não, eu vinha embora. Toda vida eu fui assim, e continua a mesma coisa, vou desse jeito, atrevida como toda.

Margor-Marly, no trecho supracitado, recordou um pouco mais sobre as relações estabelecidas num passado e nos faz pensar, com alguns detalhes, a constituição de um contexto e, especificamente, uma atração por São Paulo.

Antônio Houaiss e Mauro de Salles ao explicarem os sentidos da palavra “atração”, dizem que, vista pela Física, seria: “força que aproxima dois corpos materiais”¹⁷⁴. Já Silveira Bueno, trilhando a mesma linha de raciocínio sobre o termo, também fala de corpos, e mais, da solicitação existente que os aproxima “uns para os outros”¹⁷⁵. As explicações dos referidos autores, apesar de poderem ser sugestivas, ao falarem de corpos que se atraem, não saciam, de todo, nossos objetivos com o termo neste capítulo. Mas, os autores ainda sugerem outras explicações. Então, que seja utilizada como sinônimo de “simpatia; propensão; divertimento”¹⁷⁶, ou mesmo, algo que se revela fascinante, que encanta¹⁷⁷. Pois bem, assim são feitas algumas considerações sobre a palavra: “atração”, que podem talvez, nos ajudar a pensar o uso do termo neste capítulo.

Portando essas informações e diante dos relatos de Margor-Marly sobre sua adaptação na firma, dizendo inclusive, que não ia “levar repressão sem precisão”, e ainda sabendo que ela transitou sete vezes, aproximadamente, entre São Paulo e Quixadá, que desenvolvia atividades de forma independente como costureira no distrito de Custódio, isso acontecendo, inclusive, depois que ela voltou definitivamente a morar em sua terra natal, e atentando também para os ditos nas cartas que inclui sua, as vezes, incompatível conduta com as obrigações e regras do

¹⁷⁴ HOUAISS; VILAR, 2008, p. 74.

¹⁷⁵ BUENO, 2000, p. 74.

¹⁷⁶ Idem

¹⁷⁷ Referência ao HOUAISS; VILAR, op.cit..

emprego, pensamos através das representações, que não foi exatamente, ao que nos parece, pelo trabalho que se deu a atração de Margor-Marly por São Paulo.

Na carta de quinze de outubro de 1978, depois de aconselhá-la a ficar definitivamente morando em Quixadá, Paulino, com uma escrita que sinalizava para o fim de seu romance com Margor-Marly, dizia: “Estou com um problema serio! logo saberás o que é”.

Sobre o desfecho dessa história do problema sério que Paulino expressou pela carta, em entrevista realizada no dia treze de junho de 2009, Margor-Marly nos falou mais alguma coisa:

Eu sei que ele foi fazer um serviço, aí bebeu, ele tomava remédio e nem podia beber, aí foi fazer um serviço lá no carro e começou a suar: suando, suando... a menina desesperada, que aquele suor num era normal! Aí ele se sentiu mal, levaram ele pro hospital... aí, foi embora! Morreu.

Antes dele morrer, ele casou e foi pai. Hoje, sua primeira filha tem 31 anos e Margor-Marly, 58. Depois do Flávio Júnior, ela foi mãe mais duas vezes. Sobre as suas recordações do Paulino ela disse: “agora eu faço que nem a música: só lembranças”.

Vale ainda dizer que o Paulino casou, mas, não foi com Margor-Marly. O anonimato de uma cidade grande permitiu que por muito tempo eles pudessem se encontrar sem cair em uma rede de boatos como caíra o romance que ela viveu com Flávio no começo dos anos 1970, na pequena vila no Custódio, antes de emigrar para São Paulo.

Uma outra informação, é que a filha do Paulino de 31 anos, é fruto do seu casamento, jamais fato acontecido com Margor-Marly. Aliás, nas cartas que Paulino enviava para Margor-Marly, sempre houve ditos que beiravam um enigma que evidenciaram talvez, em muitos momentos, uma relação extra de seu namoro, e que por isso tinha alguns empecilhos sociais exigindo que o casal mantivesse certa discrição. As vezes o missivista ressaltava algumas questões para resolver, mas, que não diziam respeito a Margor-Marly: “o outro problema continua comigo (...) entendeu” (carta datada de 09 ago. 1977). Possivelmente, Paulino se referia à questão de conciliar sua relação com Margor-Marly estando ele, a algum tempo, namorando outra pessoa. Paulino, em sua primeira carta expôs suas intenções

iniciais que eram ter “uns dias” para ele e ela. Depois, ainda disse: “eu gosto de voce e muito mais porque voce mim entende, não pence em infelicidade pois voce só fez-me bem” (carta datada de 24 ago. 1977).

Obviamente, essa relação não ficou tão discreta e, com o decorrer dos anos, da convivência e de encontros extras, que incluíam viagens a Quixadá, muita coisa mudou ao que se parecia um discreto e desejoso sentimento expresso em sua primeira missiva, do dia onze de setembro do ano 1976.

Em 1977, Paulino, em meio a um desconforto por Margor-Marly ter viajado para Quixadá sem pedir sua opinião, agradeceu por ela ter lembrado e escrito para ele mandando notícias, e completou, pois, “como sabe não temos compromisso” (carta datada de 09 ago. 1977). Com tanta liberdade na relação declarada por Paulino, Margor-Marly, em uma de suas viagens a Quixadá, começou a namorar outra pessoa; outro contexto se configurava, mas, isso aconteceu bem depois dos antecedentes de sua emigração, depois ainda de uma atração por São Paulo.

Margor-Marly se casou, como já informamos neste capítulo, e isso aconteceu tempos depois da carta de Paulino, datada de quinze de outubro de 1978. Naquela ocasião ele ainda informava: “Espero que esteja bem com os negócios, com a família e namorado, quanto a mim não posso te oferecer nenhuma condições amorosa... sem mais Abraço... [Paulino]”. Ela, ainda voltaria a São Paulo, mas aqui perdemos os rastros desse romance.

A música a que Margor-Marly se remeteu, falando de suas lembranças, estava localizada em um ponto de convergência e, no momento de sua recordação, parecia representar um marco em sua vida – o romance que ela viveu com Paulino em São Paulo, na segunda metade dos anos 1970. Sua lembrança se deu um pouco depois de contar seu romance com Flávio, e antes de nos falar sobre um sôfrego tempo em que viveu em São Paulo, onde ficava sozinha em casa nos últimos meses de uma gravidez: “tempo de ganhar bebê”, em um período que ela denomina como sendo de “muito sofrimento”.

Assim, antes dos relatos sobre um tempo de sofrimento, e depois de falar sobre o Paulino, de um encontro e amores, e também, dos dissabores de um

desencontro com ele, hoje, pela música que se localiza nesse ponto de encontro de lembranças na sua memória¹⁷⁸, Margor-Marly se travestiu como se fosse o protagonista da história da música “Só lembranças”, para contar e representar o que restou do seu amor pelo Paulino:

Só lembranças, só lembranças/ Só lembranças de alguém que se foi/ E levou minha paz/ Foi tanto amor que eu dei/ E nunca pensei/ Que ela fosse mudar/ Agora só resta esquecer/ Pois não posso viver/ Sempre a lamentar/ Talvez ela seja feliz/ Mas o bem que eu lhe fiz/ Com desprezo pagou/ E partiu deixando tristeza/ E a incerteza de um novo amor/ Só lembranças, só lembranças/ Só lembranças e nada mais.¹⁷⁹

Por coincidência, ou não, Margor-Marly recordou essa música, que foi lançada no ano de 1976, justamente o período em que começou seu romance com Paulino, que foi vivido por aproximadamente dois anos, em São Paulo.

De fato, não entendemos que a história de Margor-Marly tenha servido, neste trabalho, como exemplo para se explicar a migração de todos os quixadaenses. Nas entrevistas que realizamos com doze pessoas que foram para São Paulo, e que estavam morando em Quixadá, a mais de quatro anos, elas nos contaram sobre suas motivações ao emigrarem, que se assemelham as de Margor-Marly, como por exemplo: conseguir um futuro melhor; pelas facilidades de já terem conhecidos seus radicados em São Paulo, e ainda, para amealhar recursos e depois voltarem à terra natal.

Mas, por outro lado, sabemos que trabalhamos com representações e, em grande medida, com as memórias desses indivíduos que estão abertas “à dialética da lembrança e da amnésia, inconsciente de suas sucessivas deformações”¹⁸⁰. Assim, o que de fato eles recordaram? Um passado atualizado, resignificado no presente, mas também com marcas de experiências de um outrora, que possivelmente, transformou as maneiras de pensar e viver desses indivíduos.

Hoje, os entrevistados narram suas trajetórias e as representam por um percurso que tem começo, meio e fim por suas narrativas, porém, o cabedal de fontes trabalhadas sobre a trajetória de Margor-Marly, nos leva a indagar sobre a própria coerência linear das histórias dos demais, nos conduzindo, pela análise de

¹⁷⁸ Referência às ideias de memória e lembranças trabalhadas por BOSI, op.cit.

¹⁷⁹ “Só lembranças”, música de Bartô Galeno. Lançada no ano de 1976 pela Tapeçar LP.

¹⁸⁰ DOSSE, 2003, p. 282.

indícios como as correspondências, a uma aventura que é a tradução de um estranho, o passado, tão complexo, não linear, com idas e vindas ambíguas, marcado por contradições.

Se a vida social de Margor-Marly se assemelha a dos demais entrevistados que emigraram e retornaram para Quixadá no fim do século XX, podemos contar uma versão dessa história com “verdades possíveis, condizentes e explicáveis pelas fontes, método e teoria”¹⁸¹, e ainda, generalizar uma pergunta: por que ocorreu uma emigração? Para em seguida, nos aventurar e colher, pela análise dos indícios que nos chegaram, algumas respostas, que não se mostram generalizadas e, sequer podem evidenciar, de forma unívoca, as motivações de uma emigração.

Pelas cartas partimos, em nosso enredo, para pensar os antecedentes de uma migração; comparamos e cruzamos as informações contidas nas missivas com as obtidas pelos relatos de memória de Margor-Marly, para pensarmos a construção de um contexto, é verdade. E, através do romance que ela estabeleceu com Paulino, seguimos pensando numa atração por São Paulo.

Margor-Marly voltou para Quixadá em 1986, casada, com mais dois filhos, estando na companhia de seu esposo; desde então, mora no distrito de Custódio. Mas, o que aconteceu? Por que voltaram?

Entendemos que a essas questões, Margor-Marly e os demais entrevistados voltarão a tratar, mas, apenas no terceiro capítulo...

¹⁸¹ PESAVENTO, 2000, p.232.

CAPÍTULO III – MOTIVAÇÕES DE UM RETORNO À TERRA NATAL: CONFLITOS, CONQUISTAS E MUDANÇAS

Para estabelecer as ligações que orientam a vida da cidade, os habitantes estendem fios entre as arestas das casas, brancos ou pretos ou cinza ou pretos-e-brancos, de acordo com as relações de parentesco, troca, autoridade, representação. Quando os fios são tantos que não se pode mais atravessar, os habitantes vão embora: as casas são desmontadas; restam apenas os fios e os sustentáculos dos fios.

(Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis*)

O trecho supracitado de “As cidades invisíveis” nos faz pensar os quixadaenses: sujeitos que emigraram e viveram em São Paulo, cidade em que passaram a se orientar e estabeleceram relações fora de sua terra natal. Mas, na verdade, é válido dizer que essa estada em São Paulo marcou um tempo em suas memórias, pois eles iriam embora, restando de suas moradas nessa cidade “apenas os fios e os sustentáculos dos fios”.

Os indivíduos que foram entrevistados por nós são quixadaenses que transitaram entre Quixadá e São Paulo a partir de 1973, indo até 2001, e retornaram à terra natal; eis o recorte que nos possibilita pensar as representações desses sujeitos enquanto migrantes. Eles compuseram um cenário muito bem tramado e constituído enquanto sustentáculos de imigrantes; revelaram que já tinham alguém para os receberem, e disso, o Sr. Américo Soares lembra muito bem: “eu lembro sim, eu já tinha lá o meu irmão, morava lá há um ano, tinha primo, tinha os parentes mesmos da gente”¹⁸², assim ele nos conta.

Os entrevistados falam bem de São Paulo, avaliam que suas experiências em um passado recente foram positivas, inclusive, se adaptaram muito bem noutra lugar. “A gente descrevia... eu dizia que era bom demais lá [em São Paulo]. É, até que é bom, num vou dizer que achei ruim eu achei bom”¹⁸³, relata o Sr. Nazareno Firmino.

¹⁸² O Sr. Américo Soares nos concedeu entrevista em sua casa, localizada no Distrito de Custódio, pertencente a Quixadá-Ce, em março de 2005.

¹⁸³ O Sr. Nazareno Firmino nos concedeu entrevista na casa de seu irmão, localizada no Distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em outubro de 2006.

Entre as doze pessoas que entrevistamos, o Sr. Nazareno Firmino foi o que passou menos tempo em São Paulo; ele emigrou do Distrito de Juatama, pertencente a Quixadá em 1994, e retornou no ano 1997, três anos apenas, e, tem algumas histórias para nos contar. Peculiar também é o Sr. Pedro Dehon, que passou dezoito anos morando em São Paulo entre 1979-1997, e, ainda, é o único que retornou para morar na grande metrópole paulista depois que o entrevistamos. Mas isso aconteceu apenas no ano de 2005¹⁸⁴, depois de morar por oito anos em Quixadá, antes de novamente emigrar.

É fato que o Sr. Pedro Dehon foi o que mais tempo passou em São Paulo, chegou à capital paulista em 1979, viveu os anos de 1980 e 1990, precisamente, até o ano de 1997 quando voltou a morar em sua terra natal.

Semelhante ao Sr. Pedro Dehon, que passou bastante tempo na megalópole paulista, temos o Sr. Américo Soares que viveu nessa cidade por quinze anos, de 1977 a 1992 quando volta a morar em Quixadá. Sobre os anos em que viveu em São Paulo, este último tece inúmeros elogios e diz que deseja em breve retornar a passeio, não para morar: “não retornei mais lá, não vendo que lá não presta, São Paulo é a cidade melhor que eu conheci em toda a minha vida, São Paulo é uma cidade boa”, assim afirma o Sr. Américo Soares.

O entrevistado, ainda sobre a capital paulista, especifica que se sentia em casa: “Oh! Com certeza”, pois tinha bastantes amizades influentes, “aquelas pessoas de conhecimento”, e mais, a cidade grande não o amedrontava, inclusive: “para mim ela era pacata, eu andava e era muito noturno, chegava em casa nas horas da manhã e graças a Deus nunca fui assaltado, nunca fui assaltado por ninguém”, acrescenta o Sr. Américo Soares.

Ora, se o entrevistado sentia-se em casa, com certeza andava bastante pela noite de uma grande cidade que não o assustava, achava-a na verdade pacata, nunca foi assaltado e até nos disse que tinha conhecimento sobre os espaços que

¹⁸⁴ Privilegiamos neste trabalho homens e mulheres que emigraram a partir de 1973, semelhante a D. Valquíria de Holanda, e que viveram em São Paulo pelo menos três anos. E mais, no momento da entrevista moravam em Quixadá há, no mínimo, quatro anos, a exemplo do Sr. Gilberto Nunes que retornou em 2001 e o entrevistamos em 2005. Dentro dessa delimitação entendemos que se torna possível uma análise das versões desses sujeitos enquanto migrantes.

poderia se inserir e freqüentar. Então, que contexto o condiciona no ano de 1992 a voltar para Quixadá? Que o Sr. Américo Soares possa, sobre isso, nos falar:

Na realidade, talvez tenha sido assim em parte, à classe política que tem muito a ver com a nossa e, eles deveriam se preocupar muito com a parte do emprego, desemprego atual. Como São Paulo é uma cidade grande que ela está desenvolvendo cada dia e o pessoal tá freqüentando mais lá, pois não tem mais um campo de trabalho pra todo mundo.

Ele ainda continuou explicando depois que perguntamos qual(ais) o(s) fator(es) que contribuiu(ram) para o seu retorno, salientando que o mercado de trabalho exigia uma qualificação do profissional e, que apesar dos seus treze anos na firma “Pincéis Tigre S.A”, ele se via ultrapassado e impossibilitado de crescer enquanto funcionário dessa empresa, pois, segundo o Sr. Américo Soares, faltava-lhe um adequado nível de estudo: “então o que é que acontece? Eu não tenho o nível de estudo, por exemplo, era encarregado e queria ser um chefe legal”, procurou fazer alguns cursos, mas não passou e passaram-se, conforme o Sr. Américo Soares:

Treze anos de firma e eu achei que aquilo lá tava bom pra mim, eu achei que tava na hora de sair. Pedi pra eu ser mandado embora, e disseram que não porque eu era um bom funcionário com tantos anos de firma, mas, quando a crise atacou o mercado aí eu sem nem esperar me chamaram e disseram: Américo, a partir de hoje não estamos precisando do seu trabalho porque a firma está em crise e está saindo muita gente, nossa mercadoria não está tendo venda, então, a gente vai diminuir o número de funcionários e você está nesse quadro que estar sendo dispensado. Ai foi na época que eu saí, passei um ano ainda lá desempregado, eu tinha condições de ficar e fiquei aí, vim embora pra cá e fiquei morando aqui [desde 1992].

O entrevistado salienta suas motivações de um retorno, conta-nos sua versão. Atentar para as versões das histórias dos migrantes quixadaenses e para como os indivíduos reconstroem o mundo e a eles próprios, é algo que neste capítulo privilegiaremos, ao analisarmos as representações do cotidiano desses sujeitos sobre São Paulo.

Por representações é relevante atentar neste capítulo, para as reflexões de Rafael Sêga, quando este salienta que elas se apresentam de uma maneira a interpretar e pensar o vivido, “uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos”¹⁸⁵ visando fixar suas posições no mundo em que vivem; e estão marcadas em suas constituições pelo social. Dito de

¹⁸⁵ SÊGA, 2000, p. 128-129.

outra forma, as representações dão sentidos aos eventos, forjam “as evidências da nossa realidade consensual e [ajudam] a construção social da nossa realidade”.¹⁸⁶ Cabe a nós buscar pedaços de posições por indícios, compará-los, contrastá-los e depois: tecer uma trama visando configurar versões possíveis de uma história.

E como já tínhamos adiantado no final do segundo capítulo, a pergunta central que enredará este é: por que nossos entrevistados retornaram de São Paulo e passaram a morar novamente em Quixadá? Pensamos que apesar da pergunta ser generalizada, as respostas nos chegarão aos pedaços, por fragmentos de falas, cartas; por representações que são re-significadas e atualizadas pela memória; ou, através ainda de um passado apresentado pelas correspondências, guardadas há tempos, e que através de vários indícios pode compor algo que entendemos como uma memória social.

Segundo James Fentress e Chris Wickham, podemos em princípio, perceber a questão da memória social sendo uma “expressão da experiência coletiva”¹⁸⁷, e dessa forma, ela identifica grupos e indivíduos conferindo-lhes sentidos ao passado e até mesmo, pelo presente, nos ajuda a compreender possíveis aspirações para um futuro.

Vale ainda lembrar que a memória tem, em seu processo, o individual que age, porém, isso se dá num meio social bastante dinâmico e isso, “valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”.¹⁸⁸

Considerando esses instrumentos e o que neles são compartilhados, escolhemos iniciar este capítulo partindo da entrevista com o Sr. Américo Soares. Obviamente, esta escolha não se deu apenas por ele ter passado quinze anos em São Paulo e viver em Quixadá desde 1992, mas, por que diferentemente do Sr. Pedro Dehon que viveu nessa grande cidade paulista por dezoito anos, encontramos uma maior variedade de indícios sobre sua pessoa.

Dentre os materiais encontrados que contam um pouco da trajetória do Sr. Américo Soares, temos dez correspondências que nos foram doadas por sua

¹⁸⁶ Idem. p. 128-129.

¹⁸⁷ FENTRESS; WICKHAM, op.cit., p. 41.

¹⁸⁸ PORTELLI, 1997, p. 17.

mãe, D. Oscarina Soares. Destas, apenas uma foi escrita por ele, datada de doze de outubro do ano 1979, todavia, na maioria das missivas doadas por D. Oscarina Soares, o nome do nosso entrevistado é mencionado, nos chamando assim, a atenção sobre sua história. Adquirimos também do Sr. Américo Soares, todas as informações contidas em suas três vias de carteiras de trabalho, isso nos ajudará a mapear os momentos em que ele se encontrava em São Paulo, e a entrecruzar as informações da entrevista com as dos demais documentos.

Assim, entendemos que comparando e contrastando os ditos contidos nas fontes, partindo da entrevista que o Sr. Américo Soares nos concedeu, podemos tecer uma trama e versões possíveis de uma história da migração, considerando principalmente, a questão central deste capítulo.

Pode-se dizer que a resposta que aparece como motivação de um retorno de São Paulo a Quixadá, exposta pelo Sr. Américo Soares, é que na verdade, no começo dos anos de 1990 uma crise econômica assolou a empresa que ele trabalhava, demitindo-o no dia dezanove de outubro de 1990; e assim disseram para ele: “a partir de hoje não estamos precisando do seu trabalho porque a firma está em crise”, lembrou o entrevistado.

Quando lhe perguntamos, em março de 2005, se pretendia morar novamente em São Paulo, foi enfático: “Não! Hoje não porque pela faixa etária de trabalho que eles estão exigindo eu estou ultrapassado”. Assim o entrevistado afirmou e relacionou sua impossível emigração a São Paulo hoje, por se encontrar com 49 anos e fora das exigências de um mercado de trabalho que o exclui por sua idade. Em princípio, podemos perceber que emigrar para essa grande metrópole é sinônimo também de pensar em trabalhar, mas sobre essa relação direta, as vezes naturalizada, nos dedicaremos mais a frente, pois agora precisamos pensar na primeira versão que nos é apresentada sobre o retorno do Sr. Américo Soares em 1992.

Na verdade, no começo dos anos 1990 o Brasil vivia uma imensa instabilidade econômica, oscilando sua inflação entre: 1.585,2% em 1990; 475,1% no ano de 1991; e, 1.149,1% em 1992, ano este que o Sr. Américo Soares retornou a Quixadá. Aliás, vale ainda dizer que esse descontrole inflacionário repercutiu na

própria economia da cidade e, principalmente, no Estado de São Paulo como um todo nos idos de 1990, que dos seus 47,1% de participação no setor industrial nacional em 1980, caiu para 41,3% no ano de 1991¹⁸⁹.

Dito isso, mediante a entrevista que fizemos com o Sr. Américo Soares e suas respostas salientando a crise econômica atrelada ao desemprego que bateu a porta da firma “Pincéis Tigre S.A”, exatamente, na via Anhanguera Km 15,5 do município de São Paulo (lugar em que o entrevistado trabalhou treze anos), e ao portarmos também os dados quantitativos sobre a instabilidade econômica dos últimos anos que ele esteve por lá, podemos, então, concluir que o Sr. Américo Soares voltou a morar em Quixadá em virtude do desemprego, de uma retração econômica? E mais, que a migração pode ser enquadrada e explicada, a dos quixadaenses que entrevistamos, especificamente, por esse viés econômico, e dentro de um modelo estabelecido e analisado entre fatores de expulsão-atração? Entendemos que não.

Primeiro porque a escolha para fazer esta pesquisa, passou por uma análise qualitativa do conteúdo expresso em doze entrevistas e sessenta correspondências, de conteúdo talvez, imensurável por estatísticas. Aliás, conforme salienta Teresa Caldeira, o essencial ao se empreender uma análise de dimensão qualitativa, é o poder que este tipo de pesquisa tem de “capturar parte da riqueza de significados embutidas nas práticas sociais”¹⁹⁰ referentes ao dia-a-dia dos entrevistados; poderíamos acrescentar que estas práticas são subjetivas, uma vez que são expressadas por representações que trazem consigo um poder de desafiar grandes categorizações, mostrando outras facetas de um contexto histórico poroso, heterogêneo e contraditório.

Em segundo lugar, por entendermos que é preciso melhor escutar essas vozes – das correspondências e entrevistas – que nos chegam do passado e presente, entendendo que seus ecos nada têm de um dado em si, verificável.

Todavia, por certo tempo pensamos em superar nestes escritos, uma migração que se relacionasse diretamente, mesmo que de alguma forma, com a questão do trabalho. Até porque, as fontes apontavam também para outros

¹⁸⁹ Sobre todos os percentuais referentes aos anos de 1980 e 1990 Cf. CALDEIRA, op.cit. p. 250.

¹⁹⁰ Idem, p. 58.

elementos, e nos ajudavam a tecer um contexto marcado por ambiguidades, como o que foi tecido pela análise de entrevistas e das cartas endereçadas a “Margor-Marly”, personagem principal do segundo capítulo.

Com essa experiência acumulada, entendíamos, de forma equivocada, que excluir as falas sobre o labor em detrimento das que envolviam amores, seria algo que transpareceria uma migração marcada por sentimentos, subjetividades, sensibilidades. Mas na verdade, se atentarmos um pouco mais, já que as falas sobre migrar e trabalhar tem marcado tanto as memórias dos entrevistados, não trazê-las em algum momento como destaque (conduzindo-as de Quixadá para outros lugares), consistiria em um ato de insensibilidade! Assemelhar-se-ia a um tirar a fala desses indivíduos nestes escritos, não lhes dar ouvidos.

Mas, o que de fato implicam as considerações feitas até então neste capítulo? Ora, ao tratarmos das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, devemos entender que os instantâneos de vidas desses quixadaenses “não se unificam, não se totalizam numa única representação”¹⁹¹, e que, de fato, devemos procurar os múltiplos sentidos de suas falas, não excluí-las, omiti-las ou superá-las, como se elas não se adequassem aos nossos modelos conceituais. Conforme Durval Muniz, enquadrar histórias e sujeitos nômades em um único modelo teórico e conceitual é empobrecê-los em suas experiências, “é retirar deles as ressonâncias de outras “totalidades” que o[s] atravessam, que o[s] constroem e desconstroem”¹⁹²

Se as falas dos entrevistados estão marcadas por subjetividades e passam pelos mais variados filtros de relações no tempo e espaço, assim como acontece com as correspondências, é preciso que tenhamos um maior cuidado com a análise dessas representações; não podendo estas serem lidas como algo dado sobre a migração, mas, como portadoras de sentidos diversos, ou mesmo, versões de um passado, não tido como essencial, mas atualizado no presente no momento das entrevistas.

Quanto à motivação de um retorno a Quixadá ser atribuída, pelo Sr. Américo Soares, a uma “classe política que tem muito a ver com a nossa” e que

¹⁹¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 249.

¹⁹² Idem. p. 249.

deveria “se preocupar muito com a parte do emprego”, ou mesmo, quando ele nos diz que no começo dos anos 1990 ficou desempregado: “quando a crise atacou o mercado”, e então, ele voltou à sua terra natal, é preciso entender que todos os relatos referentes a motivos de mudanças estão sujeitos “a erros [diríamos atualizações] de memória e racionalizações post facto, de modo a reduzir a dissonância entre a atitude do indivíduo e sua intenção a época de migração”.¹⁹³

Dito isso, iniciamos a análise com a entrevista do Sr. Américo Soares, partindo de suas primeiras falas e, inclusive, da análise de indícios como as correspondências que antecedem um emigrar para São Paulo, para que possamos comparar as fontes e tecer uma trama.

Todavia, depois de pensarmos o que antecedeu a emigração do Sr. Américo Soares, falarmos de uma memória social sobre São Paulo, recorrendo a diversas representações, inclusive, as falas dos demais entrevistados, tratarmos de conflitos e constituições de diferenças, retomaremos a fala do Sr. Américo Soares referente aos fatores que contribuíram para ele retornar ao distrito de Custódio, pertencente a Quixadá-Ce em 1992; mas isso acontecerá no tópico 3.4.

A escolha de seguir esse caminho, justifica-se por entendermos que o mesmo é uma maneira de pormos as falas do Sr. Américo Soares a se cruzarem com outras representações, revelando diversos sentidos possíveis, e nos levando a entender tessituras sociais. Então, começemos a trama por indícios que dizem respeito aos antecedentes da emigração desse migrante nos anos de 1977...

3.1 “Se você quiser vim vou avizando aqui não é bom não como era”

São Paulo. Dezenove de junho do ano 1977: “Querido mano Americo hoje novamente o destino me obriga a pega na minha pobre caneta para resposta a sua cartinha”¹⁹⁴; assim o Sr. Antônio Jorge inicia a missiva em resposta ao seu irmão mais novo, Sr. Américo Soares. Este, a época se encontrava no distrito de Custódio, pertencente a Quixadá-Ce.

¹⁹³ JANNUZZI, 1998, p. 24.

¹⁹⁴ Trecho de uma carta doada para nossa pesquisa por D. Oscarina Soares, carta essa que foi enviada de São Paulo para o distrito de Custódio, Quixadá-Ce em 19 de junho 1977.

O Sr. Antônio Jorge, que emigrou em 1976, fala para o seu irmão mais novo, através da missiva, que ter recebido sua carta o deixou “um pouco contente” e que até aquele dia dezoito de junho só tinha recebido notícias suas pelos escritos de outras pessoas. Avisa também, que não está com saúde e ainda se adaptando com o clima frio de São Paulo, mas, que vive “trabalhando todos os dias”.

Dizer que ficou um pouco contente em receber a carta do Sr. Américo Soares, e seguir afirmando que trabalhava rotineiramente, ainda que com a saúde debilitada, parece apontar um pouco do teor da missiva do Sr. Antônio Jorge, que aparentemente tinha ficado descontente com as informações que recebera no primeiro semestre de 1976. O missivista prossegue:

Sim mano você manda pergunta se eu já esqueci de você? Que é qui e isso! Eu quando sai daí não falei que mandava dinheiro mais só depois de julho depois q ajudase ao papai colher a safra, rapais você não ajuda o papai que é qui e isso A turma diz que você só trabalha de manhã até ao meio dia, porra ajuda o papai você não via quando nós trabalha junto de manhã e de tarde. (Carta datada de 19 jun. 1977)

Era um tempo que se aproximava a colheita da safra no lugarejo em que vivia o Sr. Américo Soares e, pelo fragmento da correspondência, o Sr. Antônio Jorge entendia que o irmão poderia se empenhar mais no trabalho de agricultor, não apenas meio expediente. Conforme o missivista exaltado, a atividade no campo que incluía a colheita e cultivo da terra, era um papel que o Sr. Américo deveria assumir; inclusive, pautando-se nos próprios modelos da família num passado recente, o Sr. Antônio Jorge destaca que, antes de emigrar ajudava seu pai pela manhã e tarde na agricultura, e chama a atenção de seu irmão: “porra ajuda o papai você não via”, ressalta o remetente sobre as práticas que ele assumira outrora juntamente com seu pai.

As atividades de um agricultor aparecem na correspondência como obrigação do filho que não tinha emigrado, logo, este que ao conceder-nos entrevista em março de 2005, nada relatou sobre esse seu ofício. E do ano de 1977, naquele dezoito de junho, o Sr. Antônio Jorge ainda diria:

Sim Americo se você quiser conheser aqui mande dizer que em agosto eu mando o dinheiro para você sim se você quiser vim ta certo eu tenho o maio prazer mas vou avizando aqui não é bom não como era, você é quem sabe (...) quando o Lazero chega aí em cas converse com ele. êle vai lhe esplica como é aqui Americo (Carta datada de 19 jun. 1977)

Se no distrito de Custódio o mês de julho seria o período de colheita, o tempo vivido pelo Sr. Antônio Jorge em São Paulo, é representado através da correspondência como um tempo “que não é bom como era (...) aqui está muito perigozo” (Carta datada de 19 jun. 1977).

Através das correspondências, além de serem mantidos contatos com familiares, são fornecidos “elementos que determinam as escolhas de quem ainda deve pensar em partir ou já está a ponto de fazê-lo”.¹⁹⁵ E o que nos chega sobre esses elementos desse passado do Sr. Américo Soares, anterior a sua emigração, é que apesar de ser informado a respeito da violência crescente na cidade grande, ele já pensava em conhecer São Paulo: “se você quiser vim ta sertto”, ressalta seu irmão em 1977.

As constatações se dão, não apenas pela carta de dezenove de junho de 1977, mas também pelo escrito enviado de São Paulo pelo Sr. Antônio Jorge, no dia dois de agosto do mesmo ano: “sim Americo está pensando em vim”. Nesta missiva seu irmão ainda informa que recebê-lo e morar com o Sr. Américo Soares em São Paulo seria um prazer, porém o lugar que alugou juntamente com duas pessoas para morar, localizado em Pirituba, distrito da zona noroeste da cidade paulista, já estava comportando a capacidade máxima de pessoas, e: “o dono da casa so aceita três e já está completo mais se ele vinhe agente arruma outro canto para êle”, informa o Sr. Antônio Jorge através da carta que destinou a sua mãe no dia dois de agosto de 1977.

De fato, o missivista que informava seu irmão sobre as possibilidades de uma nova vida em São Paulo, carecia também de fazer algumas orientações para seu irmão mais novo, que desejava conhecer essa cidade. E assim, o Sr. Antônio Jorge não cessava de dar-lhe orientações: “mais uma couza eu avizo se for pra ele viver bebendo para me da trabalho vai só pena aqui é diferente daí” (Carta datada de 2 ago. 1977).

Pelas correspondências chegaram informações e orientações ao Sr. Américo Soares, que no segundo semestre de 1977, passaria a morar em Pirituba-SP. Aliás, quando lhe perguntamos, em entrevista que nos concedeu em março de

¹⁹⁵ CROCI, op.cit., p. 30.

2005, sobre seu dia-a-dia de antes de emigrar, ele fala sobre suas origens, amigos, sua despedida, e conta também sua versão sobre aquele ano de 1977, em que vivia no distrito de Custódio e gestava a ideia de viver em São Paulo:

A gente ficava com a turma da gente (...) a gente fez umas boas amizades, aliás, a sua família são umas pessoas de origem daqui. E eles foram bons amigos, inclusive no dia da minha despedida pra São Paulo a gente fomos juntos todos... Na época eu usava fazer uma serenata na casa das namoradas que a gente tinha. E a turma dizia: 'vambora lá, a gente vai partir'... pra uma coisa muito difícil, naquela época, que era ir embora pra São Paulo, era coisa difícil, pouca gente ia, pouca gente tinha coragem, mas, já agora nesse nosso tempo de hoje todo mundo vai e vem e tornou-se uma coisa bem comum!

As representações que trabalhamos estão marcadas por múltiplas temporalidades, e podem também ser pensadas como uma atribuição de posições que as pessoas estão ocupando no meio em que vivem¹⁹⁶. E, é dessa forma, pela posição que ocuparam e pelas experiências acumuladas, que esses sujeitos narram e representam; seja quando o Sr. Antônio Jorge pondera as expectativas do irmão mais novo em 1977, seja quando o Sr. Américo Soares, em entrevista concedida no ano de 2005, relata as mudanças, facilidades e dificuldades de um emigrar.

Dito de outra forma, seja através das correspondências ou pela entrevista, vemos nas representações sujeitos apontando o lugar que ocupam e a autoridade que detêm para narrar, seja isso, escrevendo sobre um futuro no passado, constatado pelas cartas, ou mesmo, falando de um passado no presente; conforme o exemplo da entrevista do Sr. Américo Soares.

Quando comparamos as fontes e analisamos as representações, buscamos não apenas perceber os múltiplos tempos que envolvem as narrativas, mas também, tecer uma trama através dos fragmentos que nos chegam.

Ora, se do passado do Sr. Américo Soares o Sr. Antônio Jorge representa pela missiva um pouco do clima vivido e sentido pelo seu irmão, no distrito de Custódio no ano de 1977, ressaltando inclusive suas preocupações quanto a ida dele a cidade de São Paulo, em março de 2005, o Sr. Américo Soares ressalta que emigrar naquele ano de 1977 para o lugar em que já se encontrava o Sr. Antônio Jorge, era “uma coisa muito difícil”. Fala ainda de duas questões sobre seu passado

¹⁹⁶ Cf. SÊGA, op.cit., p. 129.

e presente, respectivamente, as quais entendemos que mereçam um destaque: “pouca gente tinha coragem”; e hoje “tornou-se uma coisa bem comum”.

Desta maneira, além de comparar épocas diferentes, reivindica sua identidade. Ele, Sr. Américo Soares, sujeito que não traz em seus relatos as atividades que desenvolvia como agricultor, e sequer é elogiado por seu irmão no ano de 1977 por este ofício, nos conta em 2005, ao ser indagado sobre suas conquistas obtidas em São Paulo, que na verdade, ao partir de sua terra natal desejava também “conhecer uma cousa diferente”.

Por sua memória ele reconstrói e nos apresenta sua história, as relações que estabeleceu e sua identidade, o seu eu. Obviamente, conforme salienta Durval Muniz: “este eu já surge em sua memória como reminiscências. Reminiscências feitas de breves iluminações, de fragmentos deste passado, com as quais ele tenta remontar o roteiro de sua vida”¹⁹⁷.

As breves iluminações que ele traz em sua narrativa são também comparações entre passado e presente; opinando inclusive sobre a questão de transitar entre São Paulo e Quixadá, que nas palavras do Sr. Américo Soares, é hoje algo que não requer muita coragem, é até bastante comum, salienta o entrevistado. Se compreendermos “comum” por sinônimo de “simples, o que é corriqueiro ou habitual”¹⁹⁸, entenderemos um pouco dos sentidos da versão do passado que nos chega pelo Sr. Américo Soares.

Sua história é protagonizada por um sujeito que se representa como uma pessoa de coragem, que enfrentou a vida em São Paulo, tendo por lá um irmão como referência, e queria conhecer algo diferente. Aliás, desejava deixar de viver sob orientações de um fraterno, e morando juntamente com os pais aos 21 anos de idade, pensava em partir de sua terra natal e viver na cidade grande onde passaria a assumir novos papéis; bem diferente dos que outrora era cobrado por sua família.

O Sr. Américo Soares deixou de fazer o que até então, em 1977, era comum, habitual em seu dia-a-dia, como trabalhar na agricultura sob os olhares dos pais e conhecidos do campo. Emigrou vendo uma possibilidade de mudar de vida, e

¹⁹⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 247.

¹⁹⁸ HOUAISS; VILAR, op.cit., p. 175.

hoje se declara uma pessoa de voz ativa, que sabe andar para qualquer lugar, sabe entrar e sair, não tem medo, sequer vive acuado, teve seus horizontes ampliados, acumulou experiência e viveu algo diferente...

3.2 “É uma cidade que tem muitas indústrias, aonde o nordestino¹⁹⁹ e as outras pessoas vão à procura do emprego”

Esta é a imagem a qual os entrevistados mais recorrem, e que é expressa pelo Sr. Américo Soares quando fala de São Paulo: lugar bastante industrializado, que tem emprego, trabalho; apesar de através das correspondências que nos chegaram, este tipo de relação jamais tenha sido feita, antes da sua emigração no segundo semestre do ano 1977. Não se falava, necessariamente, que o lugar no qual o Sr. Américo Soares iria viver quinze anos de sua vida, estava esperando-o para empregá-lo e que teria uma maravilhosa vida no sudeste do país.

Inclusive, a mesma carta do dia dois de agosto de 1977, em que o seu irmão pergunta se ele, Sr. Américo Soares, estava pensando em ir embora para São Paulo, lhe informa sobre a dificuldade que era viver naquela cidade: “aqui já foi bom mais agora está rim só da para quebra o galho, mais vou da um tempo só quero ir com um ano”²⁰⁰, escreve o Sr. Antônio Jorge. Na verdade, o remetente passaria mais oito anos vivendo em São Paulo, e, seu desânimo momentâneo, se devia possivelmente, a condição de serviço temporário que desenvolvia; depois de registrada sua carteira de trabalhado pela primeira vez em doze de julho do ano 1978, na função de ajudante geral pela “FRIGOBRÁS – Cia. Brasileira de Frigoríficos”, onze meses depois de escrita a missiva, o Sr. Antônio Jorge entra no mercado de trabalho formal em São Paulo, saindo apenas no dia primeiro de

¹⁹⁹ Sobre a categoria: nordestino e a “invenção do nordeste”, ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007. E também: ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001.

²⁰⁰ Trecho de uma carta doada para nossa pesquisa por D. Oscarina Soares, mãe do Sr. Américo Soares e Sr. Antônio Jorge. Correspondência enviada de São Paulo para o distrito de Custódio, Quixadá-Ce, datada de 02 de agosto do ano 1977. Apesar de a destinatária ser D. Oscarina Soares, supomos que o Sr. Américo Soares, naquele ano morando juntamente com os seus pais, teve acesso as informações contidas nas correspondências.

outubro do ano 1985, sete anos depois, quando na ocasião trabalhava na função de auxiliar de vendas na “LPC – Laticínios Poços de Caldas S/A”²⁰¹.

Já o Sr. Américo Soares, apesar de receber informações de uma cidade paulista sendo perigosa e que não possibilitava maiores rendimentos financeiros, segundo o seu irmão pelas missivas, emigrou entre agosto e setembro de 1977; voltando a morar em Quixadá apenas no ano de 1992, quinze anos depois.

Em março de 2005, nosso entrevistado, diferente das informações que nos chegaram pelas correspondências, relatou que a cidade a qual emigrou tinha muitas indústrias, e era o lugar onde se procurava emprego: “nordestinos e outras pessoas”. Que passado é este que é representado pela memória do entrevistado? Como traduzir um tempo narrado que não mais existe em si?

“Só mesmo vendo a ardorosa e decisiva capital bandeirante” para que possamos entender sua grandiosidade, afirma-se em um manual intitulado “Como escrever bem”, editado exatamente na década em que o nosso entrevistado emigrou. E ainda constamos nesta obra de 1970, a informação de que São Paulo: “cresce a cada passo, a cada instante, a cada pulsação. (...) O que mais nos arrebatava, o que mais nos entontece, é ver o dinamismo de suas indústrias”.²⁰² Estas que, por sua vez, transparecem por si, faces de uma modernização tecnológica.

Ressalta-se ainda no manual, que prossegue afirmando as conquistas do Brasil pelo progresso das indústrias, que de tão saltitante tornou-se notável perante os olhos do mundo. E neste processo ativo, São Paulo é reluzente e cresce cada vez mais. Ela é representada pela obra de 1970 como um lugar em que suas fábricas, inclusive usinas, não invejam sequer as mais equipadas do mundo: “a capital bandeirante é uma verdadeira colméia onde a indústria tem lugar de relêvo. O Brasil caminha para um futuro majestoso graças à atividade de suas indústrias”²⁰³.

Além da versão do Sr. Américo Soares de uma capital industrializada, ratificada pelas representações que encontramos numa obra do ano 1970,

²⁰¹ As informações foram obtidas através da carteira de trabalho e previdência social do Sr. Antônio Jorge.

²⁰² BARBOSA, 1970, p. 161-162. Também é possível encontrarmos essas ideias sobre São Paulo em outro manual; para isso, ver: BARBOSA, [ca. 1958], p. 47- 48. Os manuais do referido autor serão recorridos neste trabalho enquanto fonte.

²⁰³ BARBOSA, 1970, p. 140.

gostaríamos que mais um entrevistado se pronunciasse, contasse suas impressões, o que viu e recorda da capital bandeirante. “Eu vi uma coisa diferente”, afirma o Sr. Cláudio Laurentino que emigrou em 1987 (período em que o Sr. Américo Soares ainda se encontrava em São Paulo), e retornou a Quixadá em 1994.

Que o Sr. Cláudio Laurentino possa melhor se explicar: “eu conheci grande parte do Brasil em termo de avanço”. A que avanço, especificamente, nosso entrevistado se refere? “A usinagem de concreto, a tecnologia avançada, no caso de construções dos prédios, o esqueleto do concreto, aquelas obras imensas, entendeu?” Assim salienta o Sr. Cláudio Laurentino em entrevista que nos concedeu em sua casa, localizada no distrito de Juatama que pertence a Quixadá-Ce, em setembro de 2006.

Ora, estamos diante de representações sobre São Paulo e de experiências diferentes. No primeiro caso, temos o Sr. Américo Soares que viveu nessa cidade entre 1977-1992. Por outro lado, o Sr. Antônio Jorge, que residiu na mesma cidade, no período de 1976 a 1985; temos também um manual ensinando “Como escrever bem” publicado em 1970, e por último, os relatos do Sr. Cláudio Laurentino que morou em São Paulo entre 1987-1994.

De fato, entre os entrevistados, alguns, não necessariamente se conhecem, sequer emigraram para o mesmo lugar na capital paulista, e mesmo, não fizeram menção alguma sobre o livro difundido em 1970. O fato é que quando tecemos essas representações em nosso texto, vemos que elas parecem se complementar, se aproximam em significados, as vezes aparenta-se que ocorre um diálogo entre as mesmas, uma transcrição de falas no momento da escrita talvez, por tão similares que são essas representações sobre São Paulo. Entendemos que estas que nos chegam, seja pelo livro ou pelos relatos dos entrevistados, carecem de ser entendidas enquanto fontes que estão marcadas por memórias e, para sermos mais específico com as entrevistas, por uma memória social.

Segundo Portelli, é verdade que o indivíduo é o sujeito que conta as versões do passado, e que a arte de lembrar jamais deixa de ser profundamente pessoal. Todavia, devemos considerar ainda, conforme o mesmo autor, a existência da memória enquanto um processo e não apenas como um depósito de

informações. Dito isso, considerando a dimensão social e individual que perpassa essa reflexão, compreendemos que: “a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”.²⁰⁴ Ou seja, ela é social na medida em que sua constituição se dá pautada em modelos, por instrumentos socialmente construídos, por se manifestar, em grande medida, na forma de uma expressão das experiências coletivas compartilhadas, percebidas e observadas. Contudo, ela também é individual no ato de recordar, ganhando formas que muito diz do sujeito narrador, da “identidade” que este deseja representar e do contexto em que ele se posiciona.

Sobre identidade cultural, entendemos que ela não é fixa, mas hibridizada, dinâmica, mutável, e mais, uma expressão de um momento histórico específico. E é exatamente por ser resultado de formações históricas bem específicas, que ela pode ser re-elaborada, ou mesmo, constituída pelo “posicionamento” do narrador, conforme especifica Stuart Hall. Nesse sentido, podemos entender que cada uma das histórias contadas pelos migrantes quixadaenses é atravessada por uma questão identitária, pelo filtro da memória atualizada no presente necessariamente, e está inscrita nas posições que esses indivíduos assumem e se identificam em um determinado contexto²⁰⁵.

Vale ainda dizer que a relação entre memória e identidade é intrínseca no momento da entrevista, o sujeito quando narra atualiza seu passado no presente reeditando um outrora. Ele seleciona aspectos que devem ser contados e os que devem ser silenciados, e em meio a uma construção de um nós representa a si, e concomitantemente, apresenta-o as pessoas que o rodeiam, falando de suas experiências, contando versões de sua história²⁰⁶.

Vários foram os instrumentos que embasaram as recordações dos entrevistados, principalmente suas experiências de um passado que não passou, na medida em que este se manifesta através de valores e pelas representações sobre São Paulo: um lugar avançado, de muitas indústrias, onde muita gente busca um emprego; assim ratificam os entrevistados. Estas representações sobre a grande

²⁰⁴ PORTELLI, 1997, p. 17.

²⁰⁵ Cf. sobre a questão identitária: HALL, 2003, p. 409.

²⁰⁶ Sobre a relação entre memória e identidade ver o trabalho de FENTRESS; WICKHAM, Op.cit., p. 22. Conferir também: DELGADO, op.cit., p. 38 e 49.

metrópole paulista foram formuladas e difundidas bem antes do período que os nossos entrevistados estiveram na capital bandeirante.

A partir de meados dos anos 1920, São Paulo passaria por inúmeras transformações impulsionadas por crises econômicas, manifestações sociais e perdas de hegemonias políticas. Mesmo enfrentando essas tensões manteve o lema: “trabalho, ordem, progresso e modernidade”²⁰⁷, obviamente sustentado, em grande medida, pelas mudanças que ocorriam, onde, São Paulo se transformaria em uma grande metrópole, passando até mesmo a receber um grande contingente populacional. Aliás, se comparado seu número de habitantes entre os anos 1920 e 1940, é notório que a quantidade de pessoas que por lá habitava mais que duplicou. Na década de 1950, a referida cidade passou a comportar 2.198.096, bem acima do total de 579.033 habitantes dos anos 1920. Inclusive, no ano de seu IV Centenário, em 1954, continha quatrocentos mil nordestinos²⁰⁸.

Ainda entre 1930 e 1940 ocorre também a consolidação e ampliação do setor industrial que chegou a concentrar 61,5% da produção nacional. Já no tocante à questão do setor imobiliário, este passou de 1875 novas construções em 1920 a 21.600 no ano de 1950. Nos anos 1950, principalmente durante o governo de Juscelino Kubitschek (1955 - 1960), a cidade paulista conviveu com a maior aceleração industrial de sua existência, período em que recebeu incentivos com a entrada de capital estrangeiro²⁰⁹. Assim, mediante esses números, que incluem um setor industrial em ascensão, o caráter metropolitano de São Paulo, seu “ritmo intenso de atividades, a população dinâmica e empreendedora, todos estes aspectos iriam constituir-se em elementos centrais da paulistaneidade”²¹⁰.

Emergem também, e em grande medida, generalizam-se nos anos 1950, imagens de um ser moderno que estava intimamente relacionado ao próprio estilo de vida que se levava nessa cidade. Incluindo a organização do tempo e espaço, assim como os modos de se comportar; difundidos de forma intensa pelos meios de comunicação²¹¹.

²⁰⁷ MATOS, 2007, p. 62.

²⁰⁸ Idem. p. 61.

²⁰⁹ Idem, p. 66.

²¹⁰ Idem, p. 62. Todos os dados aqui contidos foram extraídos deste referido trabalho.

²¹¹ Idem, p. 67.

Não é por acaso que no ano de 1954, Ilka Maia poetisa em seu livro “Planta da Pedra” uma cidade que se calça e caminha acelerada, vestida e representada a título de sua poesia, com “As botas de sete léguas”:

Como foi que fizeste esta cidade minha?
A cidade rainha
Do planalto,
Que sobe para o alto
E alastra para todos os lados, desmedida,
Numa invasão febril, palpitante de vida!

E estende asfalto em fitas
E rasga praças bonitas
De cores
E cava túneis e escora
Viadutos por cima de flores
E espeta chaminés debaixo das estrelas
E arma bairros de hora em hora!²¹²

Ela não é apenas difundida como industrializada, que muda e cresce de forma desmedida, mas como um lugar palpitante de vida, cidade majestosa, bonita, de cores e flores.

O ano da poesia é 1954. Momento que se comemorou em São Paulo seu IV Centenário. Na ocasião festiva, além das divulgações feitas pelos meios de comunicação na capital e fora, em outros Estados, a programação foi recheada por produtos que celebrava seus quatrocentos anos. Dentre os artefatos produzidos, encontravam-se chaveiros e recipientes como pratos marcados por símbolos oficiais, como o brasão da cidade, por exemplo, que registrava as ideias de um tempo e procurava solidificar para a posteridade os elementos que identificaria, de forma expressiva, São Paulo. No brasão da cidade, uma frase – “Non ducor, duco”, que significa: não sou conduzido, conduzo²¹³.

Em um livro de 1958, intitulado: “Como escrever qualquer carta” era sugerido um tipo de missiva, especificamente, de um amigo que descreve uma viagem realizada do Rio de Janeiro a São Paulo. Vejamos o que consta nesse modelo de carta: “a viagem não é cansativa nem monótona. (...) A paisagem agrada. Caminha-se pisando na civilização. E logo aparece São Paulo – sempre crescendo,

²¹² MAIA, Ilka de Freitas. **As botas de sete léguas**, [s.n], [S.L]. Disponível em: <http://www.musica.santigas.mus.br/poesias/r_bandeir.htm>. Acesso em: 01 fev., 2011. A referida poesia foi lançada, em sua versão primeira, no livro: “A planta da Pedra” em 1954; ano do IV Centenário de São Paulo.

²¹³ Cf. MATOS, op.cit., p. 79.

sempre trepidando”²¹⁴. O modelo de carta, que serve para orientar o que redigir, revela um pouco do que se pinçava sobre a capital bandeirante. Semelhante a ideia constatada no manual que ensinava escrever correspondências, difundia-se à época, e em tom ufanista, uma cidade do trabalho, que constantemente crescia, visando com isso “contagiar e empolgar, alicerçar e consolidar sua liderança econômica”²¹⁵; sendo apresentada como o exemplo da nação, “civilização”, a cidade rainha, magnífica, sempre condutora, jamais conduzida.

As representações contidas em manuais e poesias dos anos 1950, vão ser encontradas, para citar um exemplo, com certa semelhança na “São, São Paulo”²¹⁶ de Tom Zé, no ano de 1968. Já eram “oito milhões de habitantes” que povoava a grande cidade, dizia a referida música; com pessoas sempre aceleradas, correndo, “morrendo a todo vapor”, e mesmo com todo defeito, o autor ressalta que carrega São Paulo no peito com todo o seu amor. Um mundo que germina “flores de concreto” e como é possível destacar, enquanto o Brasil está todo de férias, na cidade bandeirante a ideia é trabalhar; salienta Tom Zé em sua “São, São Paulo” de 1968.

Iniciamos este tópico trazendo como título, parte de um relato de memória do Sr. Américo Soares. Em sua recordação, ele menciona uma cidade com muitas indústrias, um mundo em que se procura um emprego. Depois partimos para fragmentos de correspondências, falas, modelos de cartas, poesias e músicas, para pensar significados possíveis de representações através de memórias, de uma “memória social” dos entrevistados que nos apresentam São Paulo. De fato, privilegiamos as versões dos migrantes quixadaenses sobre o passado, são delas que partimos. E sabemos que os elementos de uma cidade trazidos pelos relatos dos entrevistados, não são um dado em si, mas estão pautados em modelos, têm expressões de experiências coletivas, por isso recorrer a outros textos, as diversas vozes, aos ditos em um outrora.

²¹⁴ BARBOSA, [ca. 1958], p. 40.

²¹⁵ MATOS, op.cit., p. 82.

²¹⁶ ZÉ, Tom. São, São Paulo. Intérprete: Tom Zé. In: **TOM ZÉ**. Gravadora/ Selo, SONY. Ano de 1968. Faixa 1(03 min 4 s). Disponível em: <<http://www.radio.uol.com.br/#/volume/tom-ze/tom-ze/19625?action=search>>. Acesso em: 15 maio 2011.

Representar o passado e não trazer esses elementos sobre a capital paulista como uma cidade monumental, emprego, trabalho, agitada, seria algo semelhante a negar, primeiro: o que os nossos entrevistados nos contaram, e segundo, que estes não reivindicaram por suas memórias uma identidade de migrante que morou em São Paulo e depois voltou a viver em Quixadá. Ao contrário, transparecer esses elementos é um meio de tentar traduzir uma época e suas aspirações, seus desejos, sensibilidades e emoções. É pensar também um ter sido, um acontecido, e tecê-lo pelos fragmentos que nos chegam; se configurando como um desejo, um anseio de trazer a tona, não apenas uma trama possível, mas um contexto, uma tessitura histórica enquanto possibilidade. “Portanto, a palavra chave aqui é possibilidade”²¹⁷. E mais, conforme Portelli:

No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável.²¹⁸

Articulamos as memórias com outros textos para pensar versões de uma história. Pelos indícios de tempos: passados e presente, um lugar nos é apresentado. E ele saltita, cresce, não pára, trepida, é pulsante, majestoso. Sua população que se comprime nas ruas, segundo um manual que circulou nos anos 1970, quando comparada com a do Rio de Janeiro à época, é apresentada como bem maior e bastante ruidosa: “existe também outra diferença (...) O povo paulista parece formiga. Só pensa no trabalho e passa com a alma voltada para as suas obrigações”²¹⁹. Eis o que consta em mais um modelo de texto de 1970, especificamente, que mostra as características vendidas, destacadas e difundidas sobre a capital bandeirante.

Em entrevista que Margor-Marly nos concedeu em abril de 2009, no distrito de Custódio, ela recorre a uma representação idêntica a destacada no livro escrito em 1970. O assunto enfatizado no livro e na fala de Margor-Marly é o mesmo, ou seja, as impressões sobre a multidão da capital paulista. Vejamos o que a entrevistada conta: “num sei de onde é que sai tanta da gente. Parece, assim: formiga. Muito movimento na cidade! Uns vai, outros vem, uns vai, outros vem, uns

²¹⁷ PORTELLI, 1996, p. 59-72.

²¹⁸ Idem.

²¹⁹ BARBOSA, 1970, p. 161-162.

vai, outros vem...”²²⁰. Pelo tom acelerado da narrativa, ela parece buscar representar o ritmo da multidão, entre idas e vindas de pessoas que circulam e se cruzam pelas ruas da grande cidade. Já pelo termo utilizado: “formiga”, possivelmente trata-se de uma alusão à imagem, comumente difundida, não apenas de uma multidão agitada, seguidora de seus caminhos, mas também representações de um andar que tem no compasso um objetivo, um horário a ser cumprido, marcado por um tempo que se destina às obrigações do trabalho.

Não são apenas os governantes e particulares, os paulistas que tem uma alma voltada para o labor, assim informa um manual de 1970: “todos trabalham febrilmente para a grandeza de uma nação que não é apenas grande em território, mas em tudo aquilo que vem edificando”²²¹, e São Paulo, por esses anos, já era difundida como a “locomotiva do país”.

Trabalhar febrilmente, de forma constante, até mesmo doente, talvez tenha sido um recado ou mesmo a tradução de uma sensibilidade registrada e representada pelo Sr. Antônio Jorge, que através de correspondências informava sobre sua nova vida aos seus familiares e seu irmão, especialmente, que deseja emigrar de Quixadá: “sim Americo não estou com saúde mais estou vivendo trabalhando” (Carta datada de 19 jun. 1977). E na carta seguinte: “ainda não fiquei bom, assim mesmo não parei de trabalha (sic)” (Carta datada de 2 ago. 1977).

Tanto o manual de 1970 como as cartas do Sr. Antônio Jorge, escritas em 1977, representam uma vida que nos chama atenção não necessariamente por uma reconstrução de uma concreta experiência, mas por uma necessidade de expressar e relacionar sua nova vida, a do Sr. Antônio Jorge, por exemplo, ao trabalho. Aliás, em março de 2005, esse entrevistado, recordando os anos que viveu em uma grande metrópole, 1976 a 1985, nos conta que: “em São Paulo, você só tem o trabalho”.²²² Este tipo de tradução da realidade da capital paulista perpassa décadas, chegando-nos até os dias atuais. Como exemplo, vejamos um fragmento

²²⁰ “Margor- Marly”. Trecho da entrevista concedida em sua casa, num distrito de Quixadá-Ce nos dias 10 e 11 de Abril de 2009. A entrevistada transitou entre meados de 1970-1980 “sete vezes mais ou menos” nos caminhos de Quixadá-Ce a São Paulo. Ela vive em sua terra natal desde junho de 1986.

²²¹ BARBOSA, 1970, p. 140.

²²² Sr. Antônio Jorge. Depoimento concedido na casa de seu irmão, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em Março de 2005.

de um cordel publicado no jornal *Folha de São Paulo*, no dia 25 de janeiro de 2011, na ocasião do aniversário de 457 anos dessa grande cidade:

Apesar do trabalho árduo
Esse povo é feliz,
Ele anda pelas ruas da cidade
Sem saber se está em Londres, Tóquio ou Paris.
A velocidade do seu crescimento
Não a deixa descansar,
Seu viver é alucinante,
Pois o futuro não pode esperar²²³.

Pelo que aparece através das inúmeras representações, inclusive de datas do aniversário da capital bandeirante, mais as memórias dos migrantes quixadaenses, possivelmente, foi sentida e vivida uma “paulistaneidade”²²⁴ – que inclui: mundo acelerado, de viver alucinante e trabalho árduo, que jamais pode parar, – pelos entrevistados em um passado que hoje, por suas recordações, é atualizado no presente.

Ainda sobre a questão da tradução da realidade e de um passado, encontramos numa poesia de Ilka Maia, do ano 1978 (período em que quatro dos migrantes quixadaenses já moravam em São Paulo), representações que se assemelham as citadas anteriormente:

Paulistano! Que o céu esteja nebuloso,
Não importa. São fábricas produzindo!
É o progresso furioso
Rugindo
Na doida carreira que não pode parar!
São os pecados da cidade grande!²²⁵

Uma realidade traduzida, mas não apenas, pois, temos também pelo fragmento supracitado, uma identidade reivindicada pela poesia da psicóloga paulista Ilka Maia. Inclusive, na ocasião do IV Centenário de São Paulo, em 1954, é publicado seu livro “A planta da pedra” que traz uma poesia, “As botas de sete léguas”, que fala de uma capital bandeirante enquanto grandiosa, poderosa, uma

²²³ BARRETO, Eduardo de Paula. **São Paulo, senhora moderna**. SP 457 anos, Folha.com – Caderno Cotidiano – Celebidades e anônimos falam sobre a cidade de São Paulo. São Paulo, 25 jan., 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/864372-celebidades-e-anonimos-falam-sobre-a-idade-de-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 25 jan. 2011.

²²⁴ Cf. MATOS, 2007, p. 71.

²²⁵ MAIA, Ilka de Freitas. **Rei Bandeirante**, [s.n], [S.L.]. Disponível em: <http://www.musicasantigas.mus.br/poesias/r_bandeir.htm>. Acesso em: 01 fev., 2011. A poesia em sua versão primeira foi publicada no ano de 1978 no livro: A grande jornada.

“cidade rainha” que não pára de seguir para o alto, conforme já mostramos neste capítulo.

Vinte e quatro anos depois desta poesia, a referida psicóloga traz em seu novo livro, “A grande Jornada”, um escrito que fala da mesma capital que além de não parar de crescer, jamais perde sua majestade, conforme é expresso no próprio título da poesia: “Rei bandeirante”. Esta alusão a São Paulo que não para de crescer, atrelada a ideia de trabalho em abundância, foi bastante divulgada pelos meios de comunicação²²⁶, e possivelmente influenciou não apenas a emigração dos quixadaenses que entrevistamos, mas também contribuiu para a construção de uma memória sobre passado e a capital paulista; colaborando para que indivíduos vinculem e identifiquem suas experiências de um passado enquanto migrante a estas questões e imagens.

Conforme o Sr. Cláudio Laurentino que emigrou de Quixadá em 1987, justamente no fim de um período que costuma ser denominado como “a década perdida”²²⁷, ele recorda que: “com o tempo eu fui vendo que o trabalho é uma das coisas que o paulista tem em mente, o pessoal de São Paulo é trabalhar, trabalhar”, diferentemente da concepção de trabalho que ele tinha em Quixadá antes de emigrar, pois, completa: “aqui já era mais em termo de uma farrinha, ficar ali, ficar a vontade, meu caso aqui antes”.

Entender essas representações sobre São Paulo como expressão de experiências coletivas, compreendendo também, que isso contribuiu para compor as recordações dos entrevistados no presente, torna-se relevante para detectarmos que essas memórias não são dados em si, mas, re-significações de um outrora constantemente atualizado no presente.

Até então, buscamos entender versões de uma história sim, mas inicialmente neste tópico, procuramos situar as memórias dos entrevistados como sendo expressão, possivelmente, de experiências vividas na capital paulista. É dessa forma que iniciamos nossa reflexão sobre os ditos dos entrevistados que no presente recordam suas vidas em São Paulo e, normalmente, as relacionam a uma

²²⁶ Ver sobre o assunto: MATOS, 2007.

²²⁷ CALDEIRA, op.cit., p. 45.

busca por trabalho; elemento que marcou intensamente e identificou de forma abundante essa cidade. Mas, voltemos a entrevista do Sr. Américo Soares...

3.3 “Eu achei que lá era uma vida bem diferente e quando eu comecei a trabalhar...”

Ele disse em entrevista que nos concedeu, em março de 2005, que queria ir para São Paulo para conhecer algo diferente. Em uma carta datada de dezenove de junho do ano 1977, é evidenciado seu interesse, como percebe seu irmão pela missiva, informando-o que se quisesse conhecer a capital paulista mandasse dizer expressamente. A resposta positiva do Sr. Américo Soares, quanto a suas intenções, já era de conhecimento de seu irmão, como constatamos em uma correspondência datada do dia dois de agosto de 1977: “Americo está pensando em vim eu tenho muito prazer”.

No dia sete de outubro de 1977, o Sr. Américo Soares já estava morando em São Paulo e vivendo o primeiro mês de experiência na firma “Pincéis Tigre S.A”. Pela missiva de outubro daquele ano seu irmão informa aos seus pais, que à época encontravam-se no distrito de Custódio, que: “no dia 11 vou manda um mil cruzeiro então falei pra o Americo ele falou que ia vê, tudo indica que nos [nós] manda 2000,00 mil cruzeiro tá ok?” (Carta datada de 07 out. 1977).

Se o Sr. Américo Soares, antes de emigrar se esquivava do trabalho na agricultura, e era cobrado pelos familiares: “porra ajuda o papai” (Carta datada de 19 jun. 1977), menos de quatro meses depois, quando já imigrante, passou a assumir novas atividades e papéis na família, tornando-se possível ajudá-la economicamente.

Ele conta que logo quando chegou a São Paulo pensava que tudo era mais difícil: “eu achei que lá era uma vida assim diferente, bem diferente”, mas, quando começou a trabalhar na empresa “Pincéis Tigre S.A”, no cargo de serviços gerais, e passou a conhecer pessoas de diversos Estados, “outros amigos diferentes, alguns deles tinha as origens da gente que não era cearense, mas, tinha

aqueles: que era baiano, pernambucano”, então, foi se adaptando e percebendo inclusive, as diferenças de tratamento que recebia, pois, segundo nos diz: “os cariocas, os paulistas mesmo, são umas pessoas que não confiam no nordestino. A gente sempre lá tem uma discriminação, por parte deles.”

O entrevistado, além de recordar seus primeiros contatos com São Paulo, nos fala de origens ao mesmo tempo em que pontua as diferenças entre indivíduos, contando também sobre uma discriminação que provavelmente conheceu e passou a sentir naquele ano de 1977. E mais, por sua memória, se posiciona como pertencente a um grupo multifacetado, todavia identificado através da categoria nordestino, na capital paulista; algo que parece ter marcado uma “vida diferente” da que o Sr. Américo Soares viveu antes de emigrar.

Quando analisamos as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, comparando e contrastando narrativas, podemos detectar mundos que se revelam e se desvelam em meio a conflitos, contradições, diferenças e identificações. Através dos relatos do Sr. Cláudio Laurentino podemos constatar algumas questões que se assemelham as anteriormente citadas. Vejamos o que ele diz ao recordar e comparar os espaços de trabalho que vivenciou em São Paulo entre os anos 1987-1994:

O meu primeiro trabalho em São Paulo, foi na Concrebrás, eu me sentia bem, me dei bem, tinha meu irmão lá também. Eles pagam a gente direito. Agora, em termo de se sentir bem, a sua pessoa, o seu ego, eu me dei mais na Araújo. Lá foi melhor porque eu encontrei muitos nordestinos, entendeu? Aí já podia falar o meu dialeto, eu me dava bem, os costumes eram parecidos; como a própria maneira d’eu falar. Porque lá na Araújo quando você ia falar uma coisa você tinha a resposta, mas, no mesmo nível. Eles aceitavam o seu tipo de brincadeira, não existia ‘alfinetadazinhas’, uma brincadeira, mas, um pouco te alfinetando pra tirar uma com sua cara, menosprezando nas brincadeiras mesmo. Não me refiro aos baianos, aos nordestinos que de uma maneira geral lá, os nordestinos aceitavam as brincadeiras. Então, eu me senti mais em casa (...) Foi isso que me deixou mais a vontade na Araújo.

Como é possível evidenciar pelos entrevistados, conflitos de mundos representados, inventados foram vividos entre identificações e diferenças pelos migrantes quixadaenses em São Paulo, como já tratamos no primeiro capítulo. Uma relação que, provavelmente, dependendo da forma como se configurava, oscilava entre sentimentos de bem estar: “eu me sentia mais em casa”, conforme o

entrevistado, ou mesmo, como ainda este salienta, gerava-se um sentido de menosprezo.

O Sr. Cláudio Laurentino, nos falou também que, dependendo dos indivíduos que ele convivesse necessitava alterar seu “dialeto”, sua maneira de falar; mas, sobre essa questão trataremos no sub-tópico 3.3.1. Contudo, vale dizer que quando os entrevistados recordam um passado, para além de conflitos, mundos do trabalho e relações que estabeleceram com os nordestinos, falam também de conquistas, lazeres e momentos diferentes vivenciados com indivíduos nascidos em outras regiões que não as de suas “origens”, como bem específica o Sr. Américo Soares:

O lazer era diferente porque num existia esse tipo de coisa que aqui tinha. Lá, juntando com o pessoal lá mesmo de São Paulo, eles gostam muito de no final de semana ir curtir um sítio, curtir um ambiente para diferenciar a vida do dia-a-dia. A gente achava melhor conhecer um espaço diferente, um sítio, ir pra uma pescaria.

O começar a trabalhar, possibilitava não apenas ao Sr. Américo Soares ampliar seu círculo de amizade, mas, também dele curtir estilos de vida diversos oferecidos por São Paulo, que iam desde uma pescaria, que segundo ele servia: “pra diferenciar do dia-a-dia”; passando pelas noites de uma grande cidade que o entrevistado recorda que “andava e era muito noturno”; chegando a um fim de semana na praia de Santos no ano de 1983; conforme constatamos em uma fotografia (foto 2) que o Sr. Américo Soares comentou no momento da entrevista que nos concedeu em março de 2005.

Foto 2



Como salientamos no primeiro capítulo, as fotografias foram utilizadas nesta pesquisa no momento da entrevista para potencializar a narrativa dos

entrevistados. Segundo o Sr. Américo Soares nos informou, a fotografia (foto 2) foi realizada num fim de semana em que ele, mais uns amigos, foram para Santos-SP. Da direita para esquerda temos: Pedro Dehon, Américo Soares e Jeová Tavares, todos eles quixadaenses.

O Sr. Jeová Tavares, que mora em São Paulo desde que emigrou em 1981 de Quixadá, nos informou que a fotografia (foto 2) de autoria não identificada, é de 1983. Os três conterrâneos que se encontravam na bela praia de Santos, se postavam não de forma desinteressada, na lateral de um Volkswagen Gol, que teve sua primeira versão lançada no ano de 1980. Assim, entendemos que o carro compõe a foto, possivelmente, como um dos símbolos de modernização de um cenário em que os migrantes estavam compondo, e que desejaram registrar para a posteridade. Esse carro foi lançado em sua primeira versão em 1980, aproximadamente três anos antes desse lazer em Santos.

O Sr. Américo Soares, que desejava no segundo semestre de 1977 conhecer São Paulo e mudar sua rotina, nos apresenta sua história por indícios, as vezes especificamente, através de um instantâneo fotográfico dos anos 1980 (foto 2) que mais parece registrar para posteridade os novos ares que ele respirava. Esse sujeito mudou, e reivindicava essa identidade mutante, diferente de dantes, como constatamos por uma missiva datada do dia doze de outubro do ano 1979, quando este tinha ido de férias ao distrito de Custódio, e por lá enamorou: “an meu diga pra éla que ela esta com a cabeça atrasada”. Porém, pela correspondência, o Sr. Américo Soares transparece também irritação quanto aos comentários que rondavam sobre sua pessoa naquele pequeno distrito pertencente a Quixadá. E ressalta que estava portando outras ideias, contendo mais experiências, vivendo outro mundo, ou, dito de outra maneira, manda seu recado:

(...) estas vaquinha que eu ganhei por aí isso para mim é só sol um passa tempo não vão pessar que eu fiquei ligado em auguma delas não em meu o meu mundo é outro eu não estor né aí eu não esquento a cabeça não. diga para elas. (Carta datada de 12 de out. 1979).

Não sabemos de fato o que aconteceu naquele ano de 1979, mas podemos compreender através da missiva, que o Sr. Américo Soares reivindicava um lugar diferenciado a sua pessoa, não de sujeito atrasado, e sim, de alguém que passou a respirar outros ares, ou, para usarmos suas palavras extraídas da referida

correspondência, como ele mesmo chamou atenção em 1979: “em meu o meu mundo é outro”.

Hoje, na verdade, ele representa seu passado e diz que pensava, antes de emigrar em 1977, que viver em São Paulo era bastante difícil, “uma vida bem diferente” e quando começou a trabalhar, logo se adaptou; assim explica o entrevistado. Se por sua recordação, em março de 2005, o Sr. Américo Soares pontuou que não via a capital paulista como algo tão diferente, numa tentativa de transparecer, provavelmente por sua memória, uma identidade de sujeito que facilmente aprendeu a viver fora da terra natal, pela carta de 1979, ele já exalta que comungava com valores daquele momento, de um mundo bem diferente do vivido no distrito de Custódio, nos fazendo detectar suas posições marcadas por uma pluralidade temporal; em que pairam as representações.

Ora, se no tópico anterior pensamos, partindo dos relatos do Sr. Américo Soares, as recordações como expressão de uma memória social, inclusive, no que se refere às representações sobre a capital bandeirante imediatamente relacionada ao trabalho, nos dedicaremos a partir de agora, às falas que representam o passado dos entrevistados morando em São Paulo; incluindo a análise das recordações que tratam de como se adaptaram, e principalmente, aquelas que transparecem os conflitos que vivenciaram. Enveredando por estes caminhos, entendendo que lidamos com representações que, em grande medida, estão envolvidas por uma memória social, caminharemos para entender os possíveis significados de um retorno dos migrantes quixadaenses para a terra natal. Então, que o Sr. Américo Soares possa falar...

3.3.1. “Eles não confiam no nordestino. A gente sempre lá tem uma discriminação por parte deles.”

O Sr. Américo Soares, quando nos falou de sua adaptação em uma grande cidade, relatou que percebia uma discriminação por parte dos cariocas e paulistas, ao recordar os primeiros contatos que teve nos espaços de trabalho. O entrevistado nos disse que isso se deu devido as suas origens, ainda segundo ele,

existia uma distinção conforme o Estado pertencente: “eles chamam a gente de paraibano, quer seja ou não seja chamam a gente de paraibano. Aí você... aquela pessoa já é discriminada, porque ele não é daquela área deles, não é do Estado”.

Longe de se apresentar enquanto uma mera vítima, o Sr. Américo Soares conta que facilmente conseguiu ampliar seu círculo de amizade, até porque em São Paulo tinham muitos nordestinos e, quanto aos que não eram do Nordeste, o entrevistado afirma que os conquistava “numa conversa muito fácil; eu não tive problema de se adaptar com eles, foi muito fácil de me adaptar”.

Sua adaptação incluía mudar a sua maneira de falar, pois segundo ainda nos conta, rapidamente aprendeu “até o sotaque deles, que é pra eles não chamar a gente de baiano. Eles tiram um maior barato quando a gente está conversando errado”. Mas, o Sr. Américo Soares salienta que, seu sotaque, a maneira como se expressa: “realmente não é errado, o nordestino não fala errado, ele fala a cultura dele, é o linguajar dele que é aquilo lá mesmo”.

O Sr. Cláudio Laurentino, que emigrou de Quixadá em 1987, fez também uma relação entre adaptar-se em São Paulo e mudar sua maneira de falar. Segundo o entrevistado: “teve o dia de pronunciar o meu sotaque, eles já têm o sotaque diferente, e isso eles pegavam um pouco no pé”. Então, percebendo o tipo de relação que estava vivenciando, sentindo-se fora de casa, declara que convivia “com aquilo que é um jeito deles, todos esses dialetos de lá eles usavam: “então!”, “oh meu!”, entendeu?” E dessa forma, para evitar ser discriminado, semelhante aos ditos do Sr. Américo Soares, mudava sua maneira de falar.

Quando recorremos a uma única carta que encontramos do Sr. Américo Soares quando ele morava na capital paulista, pensando ainda na questão que envolve sua adaptação nessa grande cidade relacionada à sua maneira de falar, nos deparamos com um escrito datado do dia doze de outubro do ano 1979; o remetente estava morando em São Paulo a pouco menos de dois anos. Sobre a missiva: um pouco mais de uma página escrita a caneta, destinada a sua irmã Iolanda que morava em Quixadá; se fosse para pensarmos a carta em quantidade, daria menos de vinte linhas digitadas em formato padrão. Todavia, não é isso, exatamente, que nos chama atenção, mas, algumas expressões que se repetem na correspondência:

“Sim mana”; “se mana”; “an mana”; “Inesquecível mana”. Até então, compreendemos sem maior estranhamento, ainda porque ele estava escrevendo para sua irmã. Contudo, é verdade também que na sucinta carta de 1979, teve espaço outra expressão que se repetiu por quatro vezes: “o que é que é isto meu”; “em meu”; “an meu”; “ou meu”.

De fato, em menos de dois anos de morada em São Paulo, o Sr. Américo Soares já tinha incorporado ao seu linguajar, expressões que facilitariam sua comunicação naquela cidade. Ele viveria lá, ainda por mais treze anos, e passaria a ser conhecido também, popularmente, depois que retornou à sua terra natal em 1992, por o “meu”, palavra tão recorrente na carta do dia doze de outubro do ano 1979, e que ele incorporou de forma significativa a sua maneira de falar, sendo bastante recorrida em seu dia-a-dia; inclusive, depois de mais de uma década que voltou a morar no distrito de Custódio, pertencente a Quixadá.

Quanto ao Sr. Cláudio Laurentino, ele nos contou também que se sentiu discriminado em São Paulo, e emite sua opinião: “eu acho que eles não procuram muito, às vezes, se aproximar”, chegou a sentir que evitavam aproximações e quando “alguém te percebia ficava logo desconfiado, mudava de rumo e ficava preocupado”, obviamente, se não o conhecesse; ressalta o Sr. Cláudio Laurentino. Todavia, nos diz que alguns amigos de “outros estados” costumavam fazer piadas com suas origens, “tiravam um sarro”, e ele, “lógico, no momento ficava querendo se irritar e dá um troco”, mas depois acabava relevando as brincadeiras. Contudo, destaca: “mas, se você chegar lá só, eles não dão muito atenção aos nordestinos, eu sei que isso é com todos, né? Mas, aos nordestinos, principalmente, dá pra sentir”.

Segundo o Sr. Cláudio Laurentino ainda nos conta, no próprio trabalho:

Mesmo por telefone, quando eu tava no meu trabalho, que eu ia tentar anunciar, aí quando eu falava uma coisa diferente, eles diziam: pô, tu é cearense, tu é nordestino, tu é nortista; já existia aquela brincadeira, ou uma discriminaçãozinha que, lógico a gente relevando, mas, incomodava. Agora, nós já estamos com dez anos que passou e eu sei que tudo vai mudando...

Todavia, isso incomodou nosso entrevistado, ele sentiu-se destrutado, “eles não dão muito atenção, na época que eu tava lá, certo?”, destaca o

entrevistado. Eram os anos de 1987 a 1994²²⁸; uma época que perpassa o mandato de Luiza Erundina, paraibana, que foi eleita em 1988 e assumiu a prefeitura de São Paulo nos anos de 1989 a 1993. Um período em que manifestações contra nordestinos se acirraram, não só contra a prefeita, chegando a ser noticiadas em um artigo que tratava dessas tensões sociais, reportado por Mário Simas Filho no jornal *Folha da Tarde*, em sete de abril do ano 1989, cujo título era: “Movimento quer fechar a cidade para nordestinos”²²⁹.

Nesse mesmo ano, uma senhora entrevistada por Teresa Caldeira ressalta que: “eles deveriam receber mais apoio do governo. Eles empestaram tudo, deveria voltar tudo pra lá. O governo deveria dar casas pra eles lá no nordeste pra eles não precisarem vir pra cá...”²³⁰. Ela ainda ratifica:

Os moradores da Moóca estão tristes por causa da falta de segurança. Não é só a Moóca, é São Paulo toda. (...) [E quanto ao que deveria ser feito...] Teria solução. Teria de partir do governo. O governo deveria dá assistência pra pobreza. O bairro tornou-se feio com os cortiços. E pobre é pobre... O governo devia fechar a exportação, terminar essa vinda de pessoal do norte.²³¹

O Sr. Cláudio Laurentino ao se remeter ao período em que viveu em São Paulo, não por acaso, fala da discriminação que sofreu e, de fato, não podemos estar desatentos aos indícios supracitados e aos relatos de memórias, sequer, deixar de enxergar como relevante um artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em cinco de abril do ano 1989, época em que oito das doze pessoas que entrevistamos de Quixadá estavam em São Paulo, cujo título era: “Nordestinos criticam preconceito”²³², pois tudo isso, pode evidenciar um pouco do contexto vivido e sentido por esses migrantes quixadaenses.

Na entrevista que realizamos com o Sr. Gilberto Nunes, em setembro de 2005 em sua casa, localizada no município de Quixadá, ele fala um pouco de suas impressões sobre o passado, destacando inclusive, o que mais tinha achado de diferente em São Paulo: “o mais diferente é você ter intimidade e acostumar a falar

²²⁸ Entre estes anos é possível localizar também, em algum momento em São Paulo, os seguintes quixadaenses: Sr. Américo Soares, D. Alderiza Silva, Sr. Antônio Teixeira, Sr. Gilberto Teixeira, Sr. Gilberto Nunes, D. Eliana Lima e o Sr. Pedro Dehon; ou seja, oito das doze pessoas que entrevistamos.

²²⁹ Apud: ESTRELA, 2003, p. 187.

²³⁰ CALDEIRA, op.cit., p.29.

²³¹ Idem, p. 30-31.

²³² Apud: ESTRELA, op.cit., p. 187.

que nem eles.” Segundo o Sr. Gilberto Nunes: “uma pessoa que não fala que nem eles... eles são tudo... o paulista é tudo cheio de gíria, é: ‘meu’, ‘então’, é o clima deles lá. E nós fala que nem Cearense, nós fala baixo.” Ao mesmo tempo em que parece trazer, por suas recordações, expressões de uma experiência coletiva, como a necessidade de mudar a maneira de falar para facilitar a comunicação com “o paulista”, ele menciona o que nos parece ser um sentido dado pelo entrevistado: a de que cearense falaria baixo.

O Sr. Gilberto Nunes ainda reforça, em meio a constituições de identificações e diferenças realizadas através de sua memória, algumas generalizações, quando narra sobre suas escolhas por trabalho e diz: “o cearense é um povo bom, trabalhador, num escolhe serviço”, enquanto o paulista, segundo o entrevistado: “escolhe, só quer ‘servicinho’ maneiro, e nós num escolhia, trabalhava até no pesado se fosse preciso”.

As falas que tendem a homogeneizar grupos e as maneiras de ser de indivíduos, não acontecem apenas em relação aos quixadaenses, mas também por generalizações que se referem aos paulistas; afirmando-se que eles supostamente se postam de uma mesma maneira, ou mesmo, insinuando que não são tão afincos ao trabalho, pois, escolhem “só servicinho maneiro”; como disse nosso entrevistado.

Nosso entrevistado, sobre a relação que estabeleceu fora de sua terra natal, explica que antes das pessoas o conhecerem, sabendo apenas de onde emigrou, sentia que havia certo estranhamento e desconfiança para com ele e ao grupo que pertencia, mas pelo que deixa transparecer, esse sentimento não tinha sentido único, era recíproco, expresso em seus relatos quando nos fala de uma experiência pessoal da época em que ofertava seus serviços de “vigilância particular”²³³ no fim dos anos 1990:

A coisa que eu nunca gostei foi aquela malandragem dele, nunca gostei! Porque é todo cheio de gíria, tirando o cara de tempo direto e só quer fazer o cara de otário. Até que uma vez eu não gostei e eu disse a ele, se você tivesse falado comigo que nem homem, chegado direito e falado, mas com gíria eu num dou um centavo a você. Ele foi embora, e num ficou gostando...

²³³ Informação retirada de um cartão do Sr. Gilberto Nunes, doado para nossa pesquisa. Conforme o entrevistado, na época que esteve em São Paulo não desenvolveu trabalhos tendo sua Carteira de Trabalho e Previdência Social assinada. Documento a que não tivemos acesso.

Até que passassem, como ele mesmo disse: “a ter intimidade”, a se conhecerem, pairava certo estranhamento. Porém, conforme ressalta o entrevistado: “besteira; eles têm medo. Dizem que os cearenses são perversos, só isso que eles têm medo.”

Dessa forma, o entrevistado representa a si como trabalhador, uma pessoa que “fala baixo” e entende por excessivo, o medo em relação aos cearenses; supostamente perversos. E mais, ressalta que nunca gostou de gírias. O Sr. Gilberto Nunes relaciona as maneiras de falar usando gírias a ideia de “malandragem” como sinônimo de “fazer o cara de otário”, e isso ele afirma que nunca gostou, pois entendia que as pessoas deviam falar com ele “que nem homem” e não “todo cheio de gíria”; assim expressa sua opinião.

Semelhante ao Sr. Américo Soares e o Sr. Cláudio Laurentino, o Sr. Gilberto Nunes destaca que se sentia cobrado a uma mudança quanto a sua maneira de falar, e achava, de fato, diferente “acostumar a falar que nem eles” em São Paulo. Inclusive, teve provavelmente seu desconforto pessoal identificado quando recorda o que diziam sobre ele: “esse aqui é cearense, porque é calado”.

Já a D. Alderiza Silva, que viveu na capital bandeirante entre os anos de 1983-1996, expressa uma opinião diferente e bem mais familiarizada do que os ditos do Sr. Gilberto Nunes. Segundo a entrevistada, não encontrou nenhuma dificuldade em se adaptar, em mudar sua maneira de falar: “pelo contrário, até em termo deu falar assim: ‘pôr’, ‘colocar’. Muita gente me dizia: engraçado menina, tu tá com pouco tempo e já se acostumou falar”. Conforme ela ainda acrescenta sobre sua adaptação, diziam: “a gente pensa que tu já faz muito tempo que mora em São Paulo”.

O Sr. Gilberto Nunes, que viveu em São Paulo nos anos de 1987 a 2001, quando de forma repentina teve que voltar para sua terra natal, em sua narrativa transparece um desconforto em falar com um sotaque que não era de costume seu, mas isso parece ser flagrado não quando pontua que não se expressava “que nem eles”, sequer quando transparece que não usava gírias, mas principalmente, quando especifica que o “cearense fala baixo”. Essa expressão talvez represente o desconforto sentido pelo Sr. Gilberto Nunes, quando morava em São Paulo. Ou seja,

de um indivíduo que não sentia tanta liberdade de falar, por isso se manteve calado em alguns momentos, em virtude, possivelmente, de ocasiões em que ele se expressou e foi inibido (constrangido talvez), tornando-se por um instante, motivo de piada; é bem provável que essas posturas, para usarmos uma expressão utilizada pelo Sr. Cláudio Laurentino, não tenham alimentado “o seu ego”.

Entre identificações e diferenças os entrevistados nos falam, em alguns momentos, que não tiveram problema em se acostumar, era somente, ao estilo do Sr. Américo Soares, Sr. Cláudio Laurentino e, inclusive, da D. Alderiza Silva, que mudaram o sotaque, a maneira de falar. Aliás, conforme D. Alderiza Silva disse, ela chegou a receber até elogios por ter conseguido rapidamente mudar, pois, passado pouco tempo na capital bandeirante, fora reconhecida: “já se acostumou falar”.

As recordações dos entrevistados, além de nos contarem versões de histórias individuais, nos trazem elementos de uma memória social sobre São Paulo, que incluem mudanças, conflitos e trabalho; também um mundo de conquistas: conhecimento, aprendizados e um pouco de dinheiro, como mais adiante nos dirá o Sr. Nazareno Firmino. Pelas recordações, são comparados grupos e experiências distintas, isso, partindo dos próprios entrevistados, que por extensão, nos falam de um passado-presente e, inclusive, do porquê retornaram. Então, que o Sr. Gilberto Nunes nos conte sua versão: “foi porque as coisas tava ficando ruim e eu tava ficando desempregado”. Em seguida, o entrevistado acrescenta dizendo que ganhava “até bem, eu trabalhava nuns condomínios fazendo laje numas casas e eu tirava um bom salário”.

Conforme nos chega de seu passado, o Sr. Gilberto Nunes não teve sua Carteira de Trabalho assinada, “tirava um bom salário”, como nos disse, mas trabalhando com a produção de material para a construção de lajes, e também, prestando serviços de vigilância particular²³⁴.

Depois que representa seu passado nos falando das dificuldades que estava enfrentando ao relatar que “as coisas tava ficando ruim”, perguntamos então, sobre suas expectativas ao retornar para o Ceará. Vejamos o que ele recorda:

²³⁴ Segundo Teresa Caldeira, nas últimas duas décadas do século XX, período em que Sr. Gilberto Nunes esteve imigrante, eram bastante solicitados os serviços de prevenção contra assaltos em São Paulo. Sobre a questão mencionada, ver: CALDEIRA, op.cit..

Não, nessa viaje que eu voltei pra ficar, eu tive um problema lá, com um vagabundo. Andei dando umas lapadas [agredindo-o fisicamente], dando uns... quase me enrolo todo. Respondi aqui um bocado de intimação, umas dez, aí, eu fui tendo raiva de São Paulo. Eu gosto de São Paulo que eu me dei bem, graças a Deus, mas isso que estragou muito. Certo que era muito perigoso, mas em compensação eu ganhava bem, e por causa de um cara sem vergonha acaba a vida da gente. Você bota o cara pra trabalhar e depois ele num quer trabalhar, só exigir dinheiro. O cara chegou pedindo ajuda, dizendo que a mulher deixou ele, que a mulher fez isso, num quer ele e que ele num tem nada, chorando, o negócio é sério... Aí você pensa que tá botando uma pessoa boa, você tá botando um inimigo, foi o que aconteceu comigo, aí eu vim me embora.

De fato, não sabemos em que medida ele assumira as identidades que lhes eram possivelmente atribuídas, como por exemplo, a de que “o nordestino é sangue quente”²³⁵, sequer compreendemos as razões exatas de seu conflito em 2001, mas, entendemos que o entrevistado representa a si como um modelo de cearense de poucas palavras, discreto ao falar, de preferência “baixo”, e que não gostava de sujeitos que lhe abordavam pedindo dinheiro, principalmente, se usassem “gírias”, pois entendia que era “malandragem”, não era exemplo de homem.

É um pouco nesse contexto, em meio aos valores que o Sr. Gilberto Nunes representou, que parece se configurar a motivação de um retorno do entrevistado a terra natal. Assim, se disséssemos que o entrevistado retornou porque andou “dando umas lapadas” em um indivíduo em São Paulo, até seríamos objetivos, porém incoerentes, pois, deixaríamos de analisar toda uma subjetividade que, é bem provável, tenha gerado o desafeto do Sr. Gilberto Nunes que retornou no ano de 2001 para Quixadá. É verdade que o ano em que ele volta para sua terra natal excede nosso recorte temporal, mas, entendemos que sua história traz elementos que se assemelham as experiências dos demais migrantes quixadaenses, coincidindo, inclusive, com grande parte de um período vivido pelos demais entrevistados em São Paulo.

Aliás, sobre o mesmo ano de 1987 em que emigrou o Sr. Gilberto Nunes, temos o Sr. Cláudio Laurentino, mas obviamente, os elementos recordados por ele, apesar de serem expressão de uma memória social, têm sua marca, o individual. Ele

²³⁵ Trecho extraído de uma das entrevistas que Teresa Caldeira realizou com grupos sociais diversos de São Paulo nos os anos de 1980 e 1990. O período coincide com o tempo em que Sr. Gilberto Nunes morava em São Paulo. Sobre o fragmento da entrevista utilizada, ver: CALDEIRA, op.cit., p. 86.

não teve que voltar para o Ceará de forma súbita, sequer as tensões vividas em São Paulo resultaram em intimação jurídica a sua pessoa, porém, mesmo assim, não podemos dizer que tenha passado ileso a julgamentos, tensões e conflitos...

O Sr. Cláudio Laurentino nos contou que emigrou, pois, surgiu uma oportunidade de trabalho e foi indicado por seu irmão que já morava em São Paulo em 1987, e mais, acrescenta que ainda em sua juventude, morando no distrito de Juatama, aflorou um “desejo de conhecer” outro Estado quando via através da televisão que, segundo o entrevistado: “mostrava muito o Rio e São Paulo, era um sonho. Num sei se os jovens hoje continuam pensando assim, mas, no meu caso despertou aquele desejo: eu vou conhecer.”

Do ano de 1981, encontramos um fragmento de entrevista realizada por Célia Sakurai, com uma moradora de São Paulo, do bairro Jardim Peri-Peri, onde é salientado o seguinte:

Eu acho que o pessoal do Nordeste, eles vivem numa condição, do norte e do nordeste... Ah, numa condição, assim, horrível de vida, horrível (...) Já essa maldita propaganda que eles fazem na televisão e levam pra lá, essa imagem vai pra eles: ‘olha, pessoal que vai pra São Paulo fica rico’. Então, o que que eles fazem? Eles pegam toda família, vendem o pouco que eles tem lá, e vêm pra cá²³⁶.

Na verdade, no ano de 1987, o Sr. Cláudio Laurentino não precisou desfazer-se de seus bens para emigrar, nem mesmo foi acompanhado de toda sua família, conforme trecho supracitado. Semelhante aos demais entrevistados, sua ida e vinda tem pelo menos uma característica em comum, pois, tanto em sua partida quanto em seu retorno teve familiares e uma estrutura que o dava suporte para que pudesse recomeçar sua vida.

Todavia, destacamos também, partindo da fala acima citada, que o ano de 1981 coincide exatamente com a época em que o jovem Cláudio Laurentino, com a idade de vinte anos, reforçava suas imagens sobre São Paulo através das propagandas que passavam na televisão; cujo conteúdo, segundo a entrevistada de Célia Sakurai, exaltava o poder de melhorias econômicas propiciado pelo estado da capital bandeirante. Não sabemos exatamente que representações eram divulgadas pela televisão, mas, pelo material que já utilizamos, como manuais, poesias, letra de

²³⁶ Apud: CALDEIRA, op.cit., p. 91.

música e as próprias memórias dos entrevistados, imaginamos que São Paulo era representada como o lugar do progresso, de prosperidade: que não para de crescer, e também do trabalho²³⁷.

Assim, com um desejo de conhecer outro Estado e uma oferta de emprego em 1987, o Sr. Cláudio Laurentino emigra e é admitido na empresa “Concrebrás S/A – Engenharia de Concreto”, no cargo de balanceiro, no dia dez de abril daquele ano. Ele moraria em São Paulo até 1994, e em novembro do referido ano, sairia da empresa que trabalhava à época: “Araújo S/A de Engenharia e Construções”, conforme registros de sua Carteira de Trabalho.

O Sr. Cláudio Laurentino, ao recordar o ano de 1987, o novo cenário que se configurava e uma nova fase da vida que se iniciava naquele ano quando emigrou de Quixadá, nos diz que para sobreviver em São Paulo, “o trabalho é essencial”.

Antes mesmo de continuarmos tecendo a história do Sr. Cláudio Laurentino, sabemos que a D. Valquíria de Holanda, quixadaense que viveu em São Paulo entre os anos de 1973-1983, gostaria de emitir uma opinião sobre a vida enquanto imigrante:

É muito difícil ganhar apenas um salário em São Paulo... Aí quer dizer, não dá pra cobrir as despesas não, porque você vai ter que pagar aluguel, mesmo que você consiga alguém pra morar junto, as famílias lá e amigos, num vão fazer igual aqui não: dá comida e dormida. Lá todo mundo tem que dividir as despesas e aqui o cabra tem mais moleza do que em São Paulo!

Depois de sabermos a opinião e aprendermos um pouco mais com D. Valquíria de Holanda, voltemos aos ditos do Sr. Cláudio Laurentino...

O entrevistado explica que com a experiência que acumulou fora de sua terra natal, ele mudou, pois, percebeu que estar trabalhando no final dos anos 1980 não era apenas uma necessidade, mas uma obrigação para ele viver em São Paulo. Pensamos que, a obrigação adquirida pelo Sr. Cláudio Laurentino se devesse talvez, porque, conforme nos explicou D. Valquíria de Holanda: “lá todo mundo tem que dividir as despesas”. Ou ainda, segundo o Sr. Cláudio Laurentino, porque em São Paulo o indivíduo que ficasse uns dias sem trabalhar, passaria a ser mal visto pela

²³⁷ Sobre as representações de São Paulo e as invenções da “paulistaneidade”, ver também: MATOS, 1997.

sociedade, que poderia entendê-lo como sendo um “vagabundo”, salienta o entrevistado.

Antes de citar um exemplo, o entrevistado ainda nos conta que a condição de desempregado despertava um sentimento de vergonha no indivíduo, que se sentia constrangido e poderia ser julgado de forma equivocada, como: “oh, o cara veio parar aqui e quer é roubar, num quer trabalhar, quer malandrar, vai é roubar”. Foi um pouco disso que a entrevistada de Teresa Caldeira, no ano de 1989, moradora da capital paulista, salientou, pois, segundo ela, “pobre é pobre, quando não pode comprar as coisas que precisa, assalta.”²³⁸

Evitando sujeitar-se ao tipo de julgo supracitado, chegando ao final de 1994 e se aproximando das confraternizações das festas: natalina e de *réveillon*, ocasião em que muitos dos emigrantes quixadaenses vão passar férias na terra natal, o Sr. Cláudio Laurentino volta para morar no distrito de Juatama, pertencente a Quixadá-Ce, assinando sua saída da empresa “Araújo S/A de Engenharia e Construções”, no dia três de novembro do ano 1994.

Quanto aos fatores que contribuíram para que ele retornasse, deixemos que ele mesmo fale: “Rapaz teve vários fatores. Um deles é que eu tinha botado em mente que já tinha o conhecimento daqui do que é o São Paulo, certo? Não todo o Estado, mas, uma parte”. E esse conhecimento, segundo o entrevistado explica, se deu depois de suas andanças desenvolvendo trabalhos de engenharia e construções, por grande parte do Estado de São Paulo, que o fez entender uma diversidade que outrora não lhe tinham apresentado. Adquiriu conhecimentos de “agricultura, do povo, da discriminação, das coisas que eu pretendia conhecer”, afirma o Sr. Cláudio Laurentino que continua: “eu já tinha visto um bocado, aí eu botava muito em mente em voltar pra ficar próximo à família, entendeu?”

Entendemos, obviamente, que voltar e ficar próximo da família era uma possibilidade percebida pelo Sr. Cláudio Laurentino, principalmente, ao considerarmos que ele fez parte de uma época e de um grupo de migrantes que não era pioneiro, sequer partiu fugindo de um fenômeno natural que de qualquer forma o tenha desestruturado. Na verdade, os entrevistados constituintes do referido grupo,

²³⁸ CALDEIRA, op.cit., p. 30-31.

puderam partir, e mais, se basearam em modelos de migrações anteriores que os possibilitou conhecer São Paulo: trabalhar, acumular experiências de vida, mudar e, quem sabe, depois escolher, decidir voltar ou não à terra natal. Suas decisões (dos migrantes), diferentemente de determinadas, foram escolhas realizadas depois de um acúmulo de conhecimentos, de realidades distintas sentidas e vividas, de contextos que se constituíram. Assim, gerou-se um retorno deles à terra natal.

Ao continuar reeditando seu passado e a falando dos vários fatores que contribuíram para o seu retorno, o Sr. Cláudio Laurentino nos diz:

Então, foi quando surgiu essa oportunidade de sair do trabalho [em três de novembro do ano 1994]; que a empresa teve uma crise lá também, com a prefeitura que ela trabalhava em obras do Estado lá e disseram: 'a gente vai afastar vocês [os funcionários], mas, no próximo ano a gente volta vocês'. Aí eu digo: é qual período? 'É de tantos meses'. Eu pensei: então eu vou voltar, eu vou ficar mais um tempo lá na minha terra, pra ficar aqui sem trabalhar, por causa da discriminação, o trabalho em si, e perturbando na casa do meu irmão casado. Então, no meu caso tudo isso influenciou, certo? Eu vou voltar, vou cedo porque como eu não tinha casa própria em São Paulo, também me incentivou e eu digo: não, eu vou, eu vou pra casa.

O Sr. Cláudio Laurentino, que depois de viver em São Paulo no ano de 1993, uma inflação de 2.489,1%, retornou para Quixadá em 1994, quando a economia nacional registrava 929,3% de inflação²³⁹. Além de recordar que à época já tinha saciado sua vontade de conhecer São Paulo, desejava voltar “pra casa” depois de morar por sete anos, desde 1987, fora de Quixadá, e mais, ficou desempregado ao sair da “Araújo S/A de Engenharia e Construções”, em novembro de 1994; “então, no meu caso tudo isso influenciou”, afirma o migrante.

Se no ano de 1994 o Sr. Cláudio Laurentino voltou a morar na terra natal salientando, inclusive, que tinha ficado desempregado, no mesmo ano o Sr. Nazareno Firmino estava emigrando para São Paulo e, segundo este relata, as motivações de sua partida se davam, exatamente porque desejava conseguir um emprego, algo que era mais fácil do que na capital cearense; ressaltou o Sr. Nazareno Firmino, que morou três anos na capital bandeirante.

Ora, estamos nos despedindo, mesmo que momentaneamente, de um indivíduo que emigrou em 1987, o Sr. Cláudio Laurentino, e nos encontrando com as narrativas de outro quixadaense que emigrou em direção à capital paulista em 1994,

²³⁹ Sobre os dados inflacionários, ver: CALDEIRA, op.cit., p. 50.

Sr. Nazareno Firmino. Todavia, ainda não chegou o momento de explorarmos as versões da história deste último, por enquanto, pensemos com Teresa Caldeira, um pouco das décadas que os dois entrevistados emigraram...

Teresa Caldeira nos ajuda a pensar os anos 1980 e 1990, um período em que os doze quixadaenses que entrevistamos moraram em São Paulo, sendo que desses: três apenas nos anos 1980 e um somente nos anos 1990. A pesquisadora que realizou nos anos 1980 e 1990, mas principalmente em 1989 e 1990, entrevistas com moradores de diferentes grupos sociais de São Paulo, estudou o que ela entendeu por “falas do crime”, discursos que representaram o aumento do medo e de um sentimento de insegurança quanto à criminalidade abrangente na grande cidade paulista.²⁴⁰ Mediante a sua pesquisa, ela constata através da análise das entrevistas, que há uma redução, por meio de estereótipos, da categoria nordestinos, caracterizados em muitos momentos, por termos depreciativos como ignorantes e preguiçosos²⁴¹.

Outro elemento constatado por Teresa Caldeira, é que gerações de paulistanos cresceram acreditando como sendo o destino de sua região metropolitana, uma espécie de “locomotiva” que conduziria ininterruptamente o país. Esta foi “uma das mais fortes imagens da modernidade [que] moldou suas mentes e sua cidade”²⁴². Porém, ela ainda salienta questões sobre duas décadas: os anos 1980, por exemplo, acabaram ficando marcados pelo que se entendeu como uma década que foi perdida, pois, “em vez de crescimento houve uma recessão profunda”²⁴³, devido altas inflações associadas, inclusive, a um baixo desenvolvimento econômico acompanhado de empobrecimento da população. Com isso, suscitou-se no início dos anos 1990, segundo Teresa Caldeira, um sentimento de pessimismo e frustração expresso; como foi possível detectar nas falas de diversos moradores de São Paulo²⁴⁴.

O que nos chama atenção, além das falas destes moradores, é que quando comparadas com os ditos dos quixadaenses, estes que se enquadraram não

²⁴⁰ Idem.

²⁴¹ Idem, p. 38.

²⁴² Idem, p. 45.

²⁴³ Idem, p. 45.

²⁴⁴ Sobre a questão da criminalidade e a “fala do crime”, ver: CALDEIRA, op.cit.

como preguiçosos, categoria utilizada por alguns entrevistados de Teresa Caldeira, mas como nordestinos, foram para São Paulo em busca de um futuro melhor, para mudar de vida talvez e, curiosamente 50% deles, emigraram justamente nos anos 1980, logo na “década perdida”; para usar uma expressão utilizada por Teresa Caldeira. Temos ainda, de peculiar, o Sr. Nazareno Firmino, que emigrou de Quixadá exatamente nos anos 1990, período em que pairava um pessimismo quanto ao futuro e desenvolvimento econômico na capital paulista.

Mediante comparações entre as informações, vale salientar também que de 1980 a 1990 foi registrado sobre a economia cearense uma média de crescimento anual, referente a toda sua produção, de 4,7%; enquanto o país crescia 1,6%. Esse percentual, no período de 1990 a 1999, se manteve para o Ceará que contabilizou na década de 1990 mais da metade da média de crescimento anual do país, conforme constata Laura Freire²⁴⁵. Inclusive, em 1996, precisamente, o Estado cearense chegou a crescer 6,9% enquanto a média nacional era de 2,9%²⁴⁶.

Se os dados gerais que encontramos no trabalho de Laura Freire, sobre o crescimento econômico no Estado do Ceará de 4,7%, demonstram certo otimismo quanto à economia cearense nos anos 1990, uma matéria publicada na Revista *Veja*, do dia treze de agosto de 1997, especifica esse aquecimento na economia ressaltando que: “só o Ceará recebeu 250 novas empresas”²⁴⁷ desde 1995, com um total de investimento de 2,7 bilhões de reais; ratifica a repórter Juliana De Mari.

Enquanto assimilamos os dados supracitados, deixemos o Sr. Nazareno Firmino falar sobre a ideia de ir a São Paulo nos anos 1990: “é o seguinte: minha irmã foi primeiro, casou com um rapaz daqui mesmo que já morava lá”, mandaram o dinheiro da passagem para que pudesse emigrar, então, o entrevistado concluiu: “chego lá fui só trabalhar mesmo”. Mais adiante, o entrevistado revela que não tinha nenhuma garantia formalizada em seu trabalho, pois, o que realizava era uma atividade ajudando um familiar, e sua Carteira de Trabalho e Previdência Social não tinha sido assinada: “a gente só trabalhava avulso mesmo”, afirma o Sr. Nazareno Firmino.

²⁴⁵ Sobre os dados que expusemos ver: FREIRE, 2002, p. 50

²⁴⁶ Sobre a informação, ver: DE MARI, Juliana. **Revista Veja**. Especial. [S.L], 13 ago. 1997. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/130897/p_096.html>. Acesso em: 26 abr. 2011.

²⁴⁷ Idem.

Ao ser indagado pelos motivos de uma não emigração para a capital cearense, e sim para São Paulo, em 1994, haja vista que em Fortaleza ele também tinha amigos radicados, disse: “é porque onde era mais fácil emprego, em São Paulo. Apesar de ter três irmãos em Fortaleza, mas o desemprego é maior. É mais difícil emprego”.

Sua carteira de trabalho emitida na cidade de Quixadá, no dia dezesseis de maio do ano 1994, antes dele emigrar, parece evidenciar a que condições de trabalho ele imaginava se submeter antes de partir de sua terra natal. Hoje, por sua memória, a capital paulista era o lugar do trabalho, diferentemente da capital cearense. Sua Carteira de Trabalho, emitida em 1994, só seria assinada objetivando o exercício do cargo de ajudante geral, tendo remuneração de um real e nove centavos por hora de serviço, no dia dois de maio do ano 1995, quase um ano depois de sua emissão²⁴⁸.

Quando refletimos sobre os dados referentes à média de crescimento econômico do Ceará nos anos 1990, comparamos com as falas dos entrevistados de Teresa Caldeira, – pessimistas quanto a esse desenvolvimento de São Paulo no mesmo período, e pensamos nos ditos do Sr. Nazareno Firmino, devemos confessar que não entendemos como ele gestou, antes mesmo de receber o dinheiro de familiares que pagaram sua passagem, a ideia de ir para São Paulo nos anos 1990, mas, pelo menos, diante dos dados estatísticos que utilizamos, podemos imaginar que se configurava um clima favorável economicamente, no Ceará, na década de 1990, e que bem poderia ter contribuído para a manutenção dos migrantes quixadaenses que retornaram da capital paulista nesse período; como é o caso, por exemplo, do Sr. Américo Soares em 1992, e o Sr. Cláudio Laurentino no ano de 1994.

Devemos ainda explicar que apesar de termos recorrido às estatísticas referentes à situação econômica do Ceará na década de 1990, não entendemos que aí esteja a razão de um retorno, pois, perante esses números, como explicaríamos a emigração do Sr. Nazareno Firmino no mesmo ano que o Sr. Cláudio Laurentino voltava de São Paulo, ou mesmo, dois anos depois que o Sr. Américo Soares

²⁴⁸ Informações adquiridas da Carteira de Trabalho e Previdência Social do Sr. Nazareno Firmino.

retorna da capital paulista? Por outro lado, como desconsiderar uma recordação do Sr. Nazareno Firmino que atribui a São Paulo o lugar do labor?

Por ora, apenas imaginamos através das estatísticas, que o Estado do Ceará, possivelmente, viveu um clima de euforia em virtude de seu crescimento econômico nos anos 1990. Então, guardemos essa informação e voltemos à questão central deste capítulo: por que nossos entrevistados retornaram de São Paulo e passaram a morar novamente em Quixadá?

Ora, que o Sr. Nazareno Firmino possa nos contar sua versão: “o fator que eu vim embora foi o seguinte, eu sempre observo, assim, eu pretendia botar a minha coisa”, ou seja, montar uma mercearia onde pudesse ter autonomia para negociar; o entrevistado continua: “aí eu tinha uma mixaria, e tava dizendo para um amigo meu: se o homem da firma, o dono, tivesse me dado aumento eu aguentava, mas... tinha aguentado mais um pouco lá, né”.

Neste momento, apesar de caminhar para nos contar que voltou porque não deram aumento salarial, ele é reticente a essa idéia, e afirma que mesmo ampliando o valor do seu salário teria morado mais um período na capital paulista. Os termos derivados do verbo “aguentar”, que se repetem por duas vezes no momento em que o Sr. Nazareno Firmino procura palavras para explicar as origens de seu retorno para o distrito de Juatama, pertencente a Quixadá, nos chama atenção na narrativa. Vejamos primeiramente seu significado, conforme Antônio Houaiss e Mauro de Sales: “sustentar (carga, peso etc.); tolerar, suportar; manter a sobrevivência de; resistir”²⁴⁹; são sentidos que podem explicar a palavra: “aguentar”.

Se não fosse o Sr. Nazareno Firmino que tivesse falado, talvez não reluzisse tanto, mas logo ele que nos contou que a cidade grande assusta, amedronta, que sujeitou-se a perguntas que estereotipavam sua terra natal, como: “ah rapaz, lá falta água, passa fome?”, e mais, que um ano depois foi se acostumando com a vida em São Paulo, pois era cansativa, segundo o entrevistado, uma cidade também perigosa: “lá você sai e num sabe se volta vivo”, diferentemente do que vive no presente, afirma, talvez não tivéssemos atentado para quando ele explica as origens de seu retorno trazendo termos que tem como sinônimo,

²⁴⁹ HOUAISS; VILAR, op.cit., p. 24.

provavelmente, o sentimento dele para com sua experiência em um passado numa grande cidade. Dito de outra maneira: ele tolerava, suportava o estilo de vida que levava, era algo que pesava, ou simplesmente, “aguentava” na capital paulista.

Mas, obviamente, que ele possa continuar sua explicação, pois o interrompemos aqui, logo quando ele se remetia, por sua memória, à possibilidade de em 1997 ter permanecido sim, em São Paulo; lógico, se tivesse recebido um aumento salarial, destaca. Deste modo, deixemos que o entrevistado prossiga com sua recordação: “eu tinha ficado mais um pouco, mas, o dono da firma num deu aumento e eu resolvi na hora que ele disse isso de ir embora”. Pediu que a empresa visse os direitos que ele tinha por dois anos e dois meses de serviços prestados na “Exotec Fluorpolímeros LTDA”, e assim, conclui sua recordação: “vim embora. Quando cheguei aqui, com a mixaria que eu cheguei comprei meu barraco”. Então, teria na verdade sido essa a razão de seu retorno à Quixadá?

Antes mesmo de chegarmos a uma conclusão sobre a versão contada pelo Sr. Nazareno Firmino, vale entender que a memória é cingida em meio a uma relação de passado-presente, e constantemente, nesse processo acaba reconstruindo e transformando as experiências que estão sendo lembradas. As reminiscências, de fato, variam conforme as alterações que sofremos, com o que passamos a nos identificar no tempo presente. Nesse sentido, entendemos que o processo de recordar do entrevistado é uma forma de re-construir suas identidades no momento em que reedita sua história; no ato de narrar. Segundo Alistair Thomson, as versões lembradas, na verdade, “não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais”²⁵⁰. Dessa forma, moldam-se identidades através de reminiscências.

O Sr. Nazareno Firmino, por exemplo, pelo que constamos na narrativa, reivindica uma identidade para si, de ser dono dos seus caminhos, que não tinha dúvidas no passado; ao pedir aumento salarial e receber uma resposta negativa do dono da empresa que trabalhava, resolveu, “na hora que ele disse isso, de ir embora”; precisa o entrevistado.

²⁵⁰ THOMSON, 1997, p. 57.

No dia primeiro de julho do ano 2010, fotografamos a Carteira de Trabalho do Sr. Nazareno Firmino, ou seja, quase quatro anos depois que nos concedeu a entrevista em Juatama, em outubro de 2006. Depois de analisarmos seus ditos na entrevista, recorreremos a sua Carteira de Trabalho e, imediatamente depois, retornamos a um momento de seus relatos que ele explica: se tivesse recebido aumento teria ficado em São Paulo, porém, por pouco tempo. E, de fato, é provável que ele tenha pedido aumento salarial no passado e isso, hoje, lhe sirva mesmo como um argumento que fundamente o seu retorno, até porque, apesar dele não nos contar, na verdade, em pouco mais de dois anos de trabalho formalizado, ele recebeu um aumento sim, e ainda foi promovido em seu emprego; informação que ele não traz por sua memória que atualiza um passado representado por seus relatos do presente.

Mesmo não estando legível em sua Carteira de Trabalho a que função se deu a promoção, sabemos do acontecido que tem registro do dia primeiro de janeiro do ano 1997, e mais, que o valor da sua hora de serviço na empresa a partir dessa data, dobrou.

Mas, como ele mesmo traz em seus relatos, mesmo esquecendo talvez, no momento da entrevista em outubro de 2006, que recebeu um aumento salarial no dia primeiro de janeiro do ano 1997, nos informa que com o aumento de salário aguentaria mais um tempo em São Paulo. Pois bem, foi o que possivelmente aconteceu: depois de ter recebido uma promoção na empresa e ter o valor de sua hora de trabalho dobrada, ele ficou “mais um pouco”, seis meses apenas, e retornou para morar novamente em Quixadá, no segundo semestre de 1997.

Depois de nos explicar as motivações de um retorno, o Sr. Nazareno Firmino sintetiza dizendo: “pedi aumento ele num quis dá, caí fora, vim embora, montei um pequeno barzinho, comecei a vender, estou aumentando aí... casei, quatro anos de casado e vou levando o barco, até onde dé”.

Podemos traduzir sua fala ressaltando que o entrevistado passou a navegar noutras águas, para usar uma expressão suscitada na narrativa, quando diz que vai “levando o barco”, adquiriu também certa estabilidade financeira, casou: há quatro anos, e em 2010 tornou-se pai. Hoje, por sua entrevista, nos leva a imaginá-

lo juntamente com sua família vivendo feliz em sua terra natal. Apesar da repentina imaginação, seria interessante mesmo atentarmos mais para o que ele nos fala de seu retorno à Quixadá, no segundo semestre de 1997, e assim, não pensarmos uma história apenas romantizada e de forma linear: emigrou, retornou, casou, etc., quando nos referirmos as versões dos migrantes quixadaenses. Então, que ele nos responda: que expectativa tinha ao retornar?

“A expectativa é de voltar e conseguir emprego por aqui, e não querer mais voltar lá”, afirma o entrevistado. Mas, de que forma o Sr. Nazareno Firmino representa suas expectativas do retorno à Quixadá no segundo semestre de 1997? Quais eram seus projetos? Deixemos que ele mesmo responda:

Não, meu projeto a gente fica pensando... você pensa tudo, aí chega pensa que tava uma coisa mais diferente, encontra a mesma coisa, rotina é a mesma, os amigos, é a mesma... é assim. Não tinha projeto nenhum, o projeto mesmo era só voltar pra cá, esse era projeto.

Na verdade, o Sr. Nazareno Firmino retorna sem ter um trabalho acertado no Ceará, o que parece mesmo é que ele tinha um projeto de voltar; recebeu o que tinha de direito pelos serviços prestados na “Exotec Fluorpolímeros LTDA”, em São Paulo, depois de seis meses que havia sido promovido nesta empresa, e ao chegar em Quixadá, não assinou mais sua Carteira de Trabalho. Não que tenha sido isso desnecessário, pois, quase dois anos depois, ele emigraria para a capital cearense e seria admitido na firma “Mercadinho Danny”, no dia primeiro de junho do ano 1999, onde trabalharia pouco mais de dez meses²⁵¹, retornando para o distrito de Juatama, pertencente a Quixadá-Ce, onde vive atualmente.

Sobre as motivações de uma emigração do Sr. Nazareno Firmino para Fortaleza, obviamente, não temos como propósito discuti-las, mas, mediante o que constatamos através da memória do entrevistado, comparando com as informações encontradas em sua Carteira de Trabalho, possivelmente, o Sr. Nazareno Firmino, que nos disse não ter conquistado todos os seus objetivos ao emigrar para a capital paulista em 1994, estranhou e não naturalizou o estilo de vida que passou a ter em São Paulo. Isso possivelmente contribuiu para que voltasse a morar em Quixadá.

²⁵¹ Informações adquiridas da Carteira de Trabalho e Previdência Social do Sr. Nazareno Firmino.

Aliás, segundo nos contou: “numa cidade grande você tem medo”; “milhões de pessoas passando por você”; “ninguém lhe conhece”; “você faz de tudo pra num triscar em ninguém”, impressões que parecem bem registradas na memória do Sr. Nazareno Firmino, que também faz nos remetermos à canção de Caetano Veloso, “Sampa”, quando este representa seus sentimentos, suas impressões diante da capital paulista: “quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto” ²⁵², sensação representada pelo nosso entrevistado ao recordar que ninguém o conhecia perante a multidão citadina.

Se pensarmos as representações do Sr. Nazareno Firmino sobre São Paulo e ainda seguirmos os versos de Caetano Veloso, nos depararemos: “e foste um difícil começo/ afastado o que não conheço/ e quem vende outro sonho feliz de cidade/ aprende depressa a chamar-te de realidade/ porque és o avesso do avesso do avesso” ²⁵³.

O Sr. Nazareno Firmino pensava em emigrar para São Paulo, não para trabalhar avulso, provavelmente, emitiu sua Carteira de Trabalho antes de partir rumando à capital paulista em 1994, um ano depois é que ela foi assinada, objetivava maiores conquistas, talvez amealhar alguns recursos, retornou com o intuito de recomeçar a vida em sua terra natal e, quando se refere à grande cidade, semelhante a canção supracitada, aprendeu a chamá-la de realidade, foste um difícil começo, transparece o entrevistado, e ainda falando com a competência de quem acumulou experiência com a vida, conclui: “lá o mundo ensina, ou você aprende ou você vem embora rapidinho, porque ninguém dá a mão de graça para você. Aqui, consegui mais do que estando lá em São Paulo”.

Se o Sr. Nazareno Firmino partiu em virtude de um trabalho, de uma oferta de emprego, desejando mudar de vida e por ter compreendido que a capital paulista era a melhor opção, e não Fortaleza, nos parece possível que ele retornou à terra natal, eminentemente, por questões que se localizam na ordem do subjetivo, que dizem respeito aos próprios sentimentos despertados nele vivendo em uma cidade grande.

²⁵² VELOSO, Caetano. Sampa. Intérprete: Caetano Veloso. In: **MUITO dentro da estrela azulada**. Álbum de estúdio. Lado B, faixa 2. Ano 1978. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Muito_-_Dentro_da_Estrela_Azulada>. Acesso em: 20 maio 2011.

²⁵³ Idem.

Eis o que podemos trazer com análise das representações: um conjunto de elementos detectados nas entrevistas, valores por exemplo, que nos possibilitam problematizar “a noção de sujeito universal, unitário, isolável”²⁵⁴, e mais, que emerge nos processos de diferenciação-identificação, como temos constado através de memórias. O estudo possibilita ainda analisar a construção do singular na existência de configurações assumidas, nos levando a detectar as “apreensões que os sujeitos fazem de si e do mundo”²⁵⁵. Dito de outra forma, ao analisarmos as recordações do Sr. Nazareno Firmino, comparando com outros indícios, até mesmo com as demais falas dos entrevistados, é possível constatar elementos que justificam um retorno para Quixadá e, na verdade, que escapam as estatísticas que não visualizam, por exemplo, as sensações e sentimentos expressos pelo entrevistado que desejou voltar à terra natal e recomeçar sua vida; agora, munido de uma experiência da migração.

Ainda sobre o entrevistado, de fato, ele não é utilizado por nós como um sujeito universal que representa por sua história as dos demais, o certo é que ele procura representar a si próprio, nos diz sobre suas posições e identidades, e, obviamente, no momento em que recorda, traz em sua memória marcas de desejos, de projetos de vida que podem ser expressões de uma experiência coletiva sentida e vivida, como a de falar sobre emigrar para a capital paulista relacionando-a a busca por um trabalho.

O Sr. Nazareno Firmino voltou à Juatama, pequeno distrito pertencente ao município de Quixadá em 1997 e, pelo que nos chega, as motivações desse retorno são bastante subjetivas, cegas às estatísticas. Ele não foi o único que deixou transparecer uma versão marcada por valores, sensações e sentimentos...

3.4 “Eu vim numas condições financeiras mais ou menos, boa, preferi ficar aqui na terra da gente”

Assim recorda o Sr. Américo Soares ao falar de suas preferências no presente; ele voltou de São Paulo para morar novamente no distrito de Custódio em

²⁵⁴ MATOS, 2005, p. 27.

²⁵⁵ Idem, p. 27.

1992. Seus valores quanto à terra natal são representados quando ele diz, em entrevista que nos concedeu em março de 2005, que preferiu, no começo dos anos 1990, ficar “na terra da gente”.

No dia dezenove de outubro do ano 1990, depois de prestar seus serviços por quase treze anos, o Sr. Américo Soares estava sendo dispensado, em São Paulo, da empresa que trabalhava: “Pincéis Tigre S.A”. Ele também nos contou em março de 2005, sobre as motivações de seu retorno. Vejamos: “na realidade, talvez tenha sido assim em parte (...) a ver com desemprego atual”.

Então, se juntarmos os dados contidos em uma de suas três carteiras de trabalho que fotografamos em julho de 2010, poderíamos concluir que ele voltou de São Paulo em virtude de sua condição de desempregado? Acreditamos que não, pois, se assim fizéssemos, não estaríamos tendo o mínimo de cautela com a riqueza de detalhes que podem emergir da análise de sua narrativa.

O Sr. Américo Soares recorda, na verdade, que o desemprego pode explicar “em parte” seu retorno, ou ainda para escutamos com maior atenção seus relatos, ele diz que “talvez tenha sido” um elemento possível que nos possibilite pensar seu passado, e em momento algum, ele usa sua saída da empresa “Pincéis Tigre S.A” como algo que determinou sua vida e os rumos que tomou no início dos anos 1990. Porém, voltemos um pouco no tempo por um indício...

23 de novembro do ano 1977. “Nesta data foi firmado documento em separado com as cláusulas do contrato de trabalho”²⁵⁶ do Sr. Américo Soares, na empresa “Pincéis Tigre S.A”, localizada na via Anhanguera Km 15,5 do município de São Paulo. Estas informações foram obtidas da segunda via da Carteira de Trabalho do referido migrante. A primeira via deste documento, que garantiu seus direitos por serviços prestados na única firma que trabalhou na capital bandeirante, teve sua emissão em quinze de setembro do ano 1980; cinco dias após o Sr. Américo Soares ter tirado as fotografias 3X4 para compor o documento que registraria seus serviços prestados a empresa.

Aliás, quando atentamos e comparamos as referidas datas: da emissão de sua primeira via da Carteira de Trabalho: 15 de setembro do ano 1980; com a do

²⁵⁶ Texto extraído da Carteira de Trabalho e Previdência Social do Sr. Américo Soares.

dia em que a “Pincéis Tigre S.A” registrou a admissão do Sr. Américo Soares: 23 de novembro do ano 1977; e com a data da própria fotografia 3X4 contida em sua primeira via da Carteira de Trabalho: 10 de setembro do ano 1980, evidenciamos que o migrante quixadaense só teve sua carteira pedida e assinada pela empresa, quase três anos depois que estava trabalhando na “Pincéis Tigre S.A”.

Dito isso, entendemos que apesar do Sr. Américo Soares ter emigrado, provavelmente pelo que consta nas correspondências de seu irmão mais velho, em agosto de 1977, e ter sido contratado em novembro do mesmo ano, depois de um mês de experiência naquela empresa, só teve seus direitos registrados em sua Carteira de Trabalho três anos depois, indicando assim que, quando emigrou não tinha um emprego já acertado, e mais, que houve certa demora da empresa instalada na conhecida capital do trabalho em assumir seu funcionário. Apesar dos três anos para assinar como sendo funcionário da empresa, em 1980 registra-se que a “Pincéis Tigre S.A” admitiu o Sr. Américo Soares no dia 23 de novembro do ano 1977, e sua saída, em dezenove de outubro do ano 1990.

O entrevistado nos diz ainda que ao retornar para o distrito de Custódio em 1992, usufruía de condições financeiras razoavelmente favoráveis. Então, mapeamos um pouco do histórico de sua carreira profissional, na única empresa que trabalhou em São Paulo, usando inclusive dados contidos em sua Carteira de trabalho, a qual nos deu suporte para a tabela que se segue:

Data	Cargo	Salário/hora	Salário/mês	Salário mínimo
Nov / 1977	Serviços diversos	Cr\$ 6,45 (seis cruzeiros e quarenta e cinco centavos)	Cr\$ 1.135, 20	Cr\$ 1.106, 40
Ago / 1980	Operador de máquina mistura	Cr\$ 43,83 (quarenta e três cruzeiros e oitenta e três centavos)	Cr\$ 7.714, 08	Cr\$ 4.149, 60
Jul / 1986	Líder. s produções	Cz\$11,12 (onze cruzados e doze centavos)	Cz\$ 1.957, 12	Cz\$ 804, 00
Fev / 1988	Líder II	Cz\$ 88,83 (oitenta e oito cruzados e oitenta e três centavos)	Cz\$ 15.634, 08	Cz\$ 5.280, 00
Abr / 1988	Líder II	Cz\$ 124, 67 (cento e vinte e quatro cruzados e sessenta e sete centavos)	Cz\$ 21.941, 92	Cz\$ 7.260, 00

Fonte: Carteira de Trabalho e Previdência Social do Sr. Américo Soares./ Valores do Salário Mínimo desde sua instituição até o dia de hoje. Disponível em: <http://www.gazetadeituna.com.br/valores_do_salario_minimo_desde_.htm>. Acesso em: 23 abr., 2011.

Pelos registros dos serviços que o Sr. Américo Soares prestou na capital bandeirante, sabemos que ele sempre foi pago por hora de trabalho na empresa “Pincéis Tigre S.A”, mas calculamos também, o que seria seu salário mensal ao

trabalhar em horário comercial, 22 dias por mês e oito horas diárias, para sabermos e compararmos com o valor do salário mínimo dos referidos anos 1970 e 1980, especificados na tabela acima.

Em 23 de novembro de 1977 o Sr. Américo Soares começava a trabalhar exercendo o cargo de “Serviços diversos” ganhando Cr\$ 6,45 (seis cruzeiros e quarenta e cinco centavos), o que equivalia a pouco mais de um salário mínimo mensal. Já Em agosto de 1980, seria promovido ao cargo de “Operador de máquina mistura”, recebendo por hora Cr\$ 43,83 (quarenta e três cruzeiros e oitenta e três centavos). No ano de 1986, precisamente no mês de julho, passou a exercer o cargo de “Líder s. produções” recebendo a cada hora trabalhada: Cz\$11,12 (onze cruzados e doze centavos).

Se compararmos os números de agosto de 1980 e julho de 1986, talvez seja importante ratificar não apenas que houve uma mudança da moeda nacional, passando de cruzeiro para cruzado, mas destacar que a inflação no país diminuiu de 99,7% para 58,6%²⁵⁷, com o plano cruzado de 1986; alterando de forma expressiva, por exemplo, a remuneração recebida pelo Sr. Américo Soares que chegou a quase dois salários e meio.

Chegado o ano 1988, no mês de fevereiro, o migrante quixadaense seria promovido novamente, e na ocasião, ao cargo de “Líder II”, passando a receber por hora de trabalho Cz\$ 88,83 (oitenta e oito cruzados e oitenta e três centavos). E em abril do mesmo ano, passou a ganhar Cz\$ 124, 67 (cento e vinte e quatro cruzados e sessenta e sete centavos).

No que diz respeito ao ano de 1988, vale dizer que a inflação no Brasil era de 994,3%, diferentemente dos 58,6%²⁵⁸ do ano 1986. Todavia, apesar das mudanças de moedas e da instabilidade inflacionária naqueles anos 1980, constatamos que o Sr. Américo Soares recebeu quatro promoções na firma “Pincéis Tigre S.A”, e mais, de apenas um salário mínimo que começou ganhando na empresa em 23 de novembro de 1977, prosperou e passou a receber mais de três salários mensais em abril de 1988.

²⁵⁷ Sobre os dados percentuais, ver: CALDEIRA, op.cit., p. 50.

²⁵⁸ Idem, p. 50.

Apesar de não termos os dados referentes aos anos de 1989 e 1990, pois a Carteira de Trabalho encontra-se danificada, comprometendo a visualização de seus registros, percebemos ao mapearmos o histórico do funcionário, Sr. Américo Soares, que ele sempre teve seu salário reajustado dependendo das condições econômicas por que passava o país, e mais, em meio aos reajustes acontecidos, detectamos que o migrante quixadaense teve sua hora de trabalho valorizada periodicamente, conforme percebemos na tabela acima. Ou seja, depois de ser promovido quatro vezes na empresa “Pincéis Tigre S.A”, teve seus serviços pagos aproximadamente, se pensarmos por mês, a quantia de, no mínimo, mais de três salários no mês de agosto do ano 1988; fora as horas extras de trabalho que recebia.

O histórico do migrante quixadaense mostra que ele teve certa estabilidade em São Paulo e na empresa que prestou serviços, principalmente, nos anos 1980. Iniciou na função: “Serviços diversos” e chegou a exercer cargos de liderança na empresa que trabalhou em São Paulo. Foram registrados: treze anos de trabalhos prestados, algumas promoções e nenhuma indisciplina, assim, compreendemos que o Sr. Américo Soares compôs um bom currículo, o qual poderia ser apresentado ao mercado de trabalho, depois de ser dispensado da “Pincéis Tigre S.A”, em dezenove de outubro do ano 1990. Sujeito de experiência, assim se representa em entrevista que nos concedeu em março de 2005, diz que naquele outubro do ano 1990, decidiu, depois de ficar desempregado, aproveitar e voltar à terra natal, mas, não para morar, “eu vim pra passear”, afirma o entrevistado. Ele continua explicando que naquele fim de ano, já tinha bastante conhecimento e amigos em São Paulo, os quais trabalhavam “em outras firmas bem melhores que essa que eu trabalhava”, ressalta; deixando transparecer que poderia, semelhante ao que fez em 1977, contactar alguns conhecidos seus que o ajudaria a ser admitido numa próxima empresa, até porque, diferentemente do jovem inexperiente de 21 anos de 1977, já tinha em 1990, um currículo e experiência para apresentar ao mercado de trabalho.

Todavia, antes mesmo de procurar emprego na capital paulista depois que ficou desempregado em outubro de 1990, foi passear em Quixadá. Vejamos o que o Sr. Américo Soares relatou, ao dialogarmos em maio de 2011, sobre esse episódio de sua vida:

Naquela época lá eu tinha viajado para cá, para o Custódio, vinha passar umas férias aí eu não procurei arranjar emprego em São Paulo [em outubro de 1990]. Eu tava esperando o seguro desemprego, aí deu um problema lá na documentação, fiquei esperando resolver: naquela coisa e tal, por ali... acabou que eu fiquei lá mais um ano.

Não temos informações exatas, como por exemplo, o mês em que o entrevistado voltou à capital paulista, e morou mais um ano depois de ficar desempregado, mas compreendemos que após o passeio à terra natal, em outubro do ano 1990, quando ainda esperava receber seu seguro desemprego e todos os direitos referentes aos seus treze anos de serviços prestados na “Pincéis Tigre S.A”, o entrevistado, possivelmente, pelo que nos disse, teve férias prolongadas para mais de meses no distrito de Custódio, aproveitando a ocasião também para pensar os rumos que poderia seguir em sua vida, depois de ter morado mais de uma década na capital bandeirante. Como tinha pendências a serem resolvidas em São Paulo, no que diz respeito a sua documentação que lhe possibilitaria receber todos os seus direitos trabalhistas, interrompeu suas prolongadas férias no distrito de Custódio e voltou à capital paulista no ano de 1991: “passei um tempo ainda lá, desempregado, tinha condições de ficar e fiquei”, relata; depois, retornou novamente à terra natal, onde vive desde 1992.

Sobre os fatores que contribuíram para o seu retorno, em 1992, à Quixadá, o Sr. Américo Soares, em maio de 2011, nos diz de forma sintetizada, que veio mesmo porque “quis vim, quis dá um tempo por aqui” em sua terra natal. Quinze anos depois de desejar conhecer São Paulo, “uma cousa diferente”, para usarmos as palavras do próprio entrevistado, ele retorna.

Esse sujeito já não é mais o mesmo que partiu em 1977, portando seus 36 anos, não pensa em se aventurar e conhecer outros Estados, ele mudou depois de viver e sentir o frenesi de uma grande cidade que outrora a enamorou; outro contexto se configurava e carecia de uma “reterritorialização”²⁵⁹ sua, ou seja, que ele se acostumasse ao estilo de vida que viveria no pequeno distrito de Custódio. Um lugar de pouco mais de quatro mil habitantes, onde o tempo vivido pelo entrevistado nada seria ditado pelo horário de entradas e saídas de empresas no trabalho, como outrora o Sr. Américo Soares vivera na agitada capital paulista, sequer viveria em

²⁵⁹ Sobre a “reterritorialização” dos retornados cearenses, aos modos de vida que migrantes recorreram quando voltaram a viver na terra natal depois que emigraram, ver: SOUSA, 2006.

1992, um tempo ditado pela natureza e períodos de colheitas, imagens possíveis de serem recorridas quando se trata do campo²⁶⁰.

Mas, o migrante que a sua terra volta, rompia uma rotina que tinha construído por quinze anos, ao morar em uma grande cidade, e em 1992, ele começaria uma nova vida, que de fato, necessitaria de reajustes e mudanças. Até porque, o entrevistado não voltaria a ser agricultor, nem mesmo seus pais o eram, pois, desfrutavam da aposentadoria de trabalhador rural, por outro lado, o Sr. Américo Soares careceria de uma re-adaptação, talvez pensada no período que voltou a Quixadá, a passeio, em dezenove de outubro do ano 1990.

Então, hoje por sua recordação, ele ressalta de seu passado: “aí eu cheguei aqui e fiquei, acostumei”. Além disso, acrescenta que quando retornou, ainda a passeio no fim de 1990, reencontrou seus pais, ou, conforme especificou: “meus velhos, e na época estavam só eles e eles pediram: ‘meu filho não vá, fique aqui com a gente’. As coisas estavam mais fácil do que antes”.

Quando o Sr. Américo Soares, em março de 2005, nos falou que antes mesmo da “Pincéis Tigre S.A” dispensá-lo em 1990, já tinha desejado que a empresa o despedisse, fato que, antes da data registrada na Carteira de Trabalho, não aconteceu. Ele relata que depois de uma década trabalhando em São Paulo, não via mais a possibilidade “de crescer dentro da empresa”, muito em virtude de seu pouco grau de estudo: apenas a antiga oitava série. E assim prossegue o entrevistado:

Então o que é que acontece? Você estudou? Vamos supor: eu não tenho um bom nível de estudo, a gente parou naquilo. Eu era encarregado, eu queria ser... vamos supor: um chefe legal, e o secretário da área lá, disse: ‘vamos fazer uns cursos’, não passei. Por quê? Porque meus estudos foi pouco.

Apenas como mais um exercício, sabendo que o Sr. Américo Soares tinha ampliado seus contatos no mundo do trabalho em São Paulo, através de amigos que prestavam serviços em outras empresas, imaginemos por um instante, que ele tivesse escolhido, em vez de retornar a Quixadá em 1992, continuar procurando emprego e, em virtude de contatos estabelecidos em outras empresas,

²⁶⁰ Sobre essas imagens do campo, possíveis de serem encontradas, também, nas próprias falas dos migrantes quixadaenses e, inclusive, em manuais de conduta da época em que eles emigraram, são significativas as reflexões realizadas por: WILLIAMS, 2011.

mais a experiência profissional que ele adquirira, conseguisse novamente ser empregado, que cargo passaria a exercer?

De fato, não sabemos responder, mas constatamos que antes de ficar desempregado, o Sr. Américo Soares foi promovido por quatro vezes na “Pincéis Tigre S.A”, em treze anos de serviços prestados; apesar de seu pouco grau de estudo formal. Sabemos também que ele se assemelha aos demais entrevistados não apenas na escolaridade adquirida, mas também no cargo em que iniciou em São Paulo, cuja denominação da função denotava certa versatilidade do empregado, ou seja: “Serviços diversos”. Se o primeiro cargo especificado em sua Carteira de Trabalho, era o de um serviço: diversos, poderia também ter sido, como constatamos sobre a maioria dos entrevistados: “Ajudante geral”.

A situação posta naquele outubro de 1990, quando o Sr. Américo Soares foi dispensado da “Pincéis Tigre S.A”, na verdade, não era tão otimista quando observamos em escala nacional, pois, vivia-se uma instabilidade econômica que contabilizava uma das maiores inflações desde que o migrante quixadaense chegou à capital paulista pela primeira vez, em 1977.

Aliás, a própria cidade de São Paulo, de um modo geral, se reestruturava²⁶¹ nos anos 1990, e mesmo havendo a possibilidade de conquistar um novo emprego em um período de reestruturação, – como fizeram: o Sr. Cláudio Laurentino, em outubro de 1990; o Sr. Gilberto Teixeira, em março de 1991 e o Sr. Nazareno Firmino, no mês de maio do ano 1995, – o Sr. Américo Soares não exerceria um cargo de liderança como o conquistado na empresa que prestou seus serviços por treze anos e, possivelmente, passaria: em virtude da crise econômica, de seu pouco grau de escolaridade, por ser novo em uma suposta próxima empresa, a receber um salário menor do que dantes, na “Pincéis Tigre S.A”.

Talvez, as funções que o Sr. Américo Soares assumira quando desejava conhecer a capital paulista no ano de 1977, mesmo ganhando um pouco mais de um salário mínimo, não lhe serviam mais; esse sujeito acumulou experiência, mudou e escolheu provavelmente, já em 1990, quando veio a passeio a sua terra natal, percebendo algumas mudanças que tinham acontecido consigo e com seus entes

²⁶¹ Cf. CALDEIRA, op.cit., p. 50-51.

queridos, já tinha decidido não morar mais na capital bandeirante: “não vendo que lá não presta, São Paulo é uma cidade boa”, afirma o entrevistado, que desejou investir, no começo dos anos 1990, em um novo projeto de vida.

Retornou ao distrito de Custódio em “condições financeiras mais ou menos, boa”, conforme o Sr. Américo Soares mesmo recorda sobre o ano de 1992; obviamente, depois de receber seus direitos trabalhistas que lhe renderiam, posteriormente, vários reajustes salariais e promoções dentro da empresa, um saldo de treze anos de trabalhos prestados em um único lugar, que lhe propiciou à época, a maior quantidade de dinheiro embolsado por trabalhos e funções que exerceu.

Ele compraria uma casa e montaria uma pequena mercearia, onde, passaria a negociar recomeçando uma nova vida em sua terra natal. Ainda sobre as condições de seu retorno, o Sr. Américo Soares explica que: “quando eu voltei nessa época de 92, meu pai era aposentado, minha mãe aposentada e a vida tava bem mais fácil pra ter um filho ou recolher um filho”.

Era uma época contemplada pelas promulgações contidas na Constituição de 1988, dentre elas, a expansão dos direitos sociais como, por exemplo, no campo da previdência social, que gerou a elevação e concessão da aposentadoria para trabalhadores rurais com um piso de um salário mínimo, e isso, de forma vitalícia, chegando inclusive a ser concedida aos pais do Sr. Américo Soares, que o apoiaria quando retornado²⁶².

Vale ainda salientar, tanto sobre a década de 1980 como referente aos anos de 1990, alguns dados elaborados pelos censos de 1991 e 2000; especificamente, quando destacamos, por exemplo, o Índice de Desenvolvimento Humano do Município (IDHM) – que calcula as transformações acontecidas levando em consideração a renda, longevidade e melhorias educacionais, – e comparamos os números apresentados sobre os municípios de Quixadá e São Paulo, pois, constatamos que sobre o período de reestruturação econômica da capital paulista, seu IDHM cresceu 4,2%, enquanto Quixadá teve um crescimento de 15% do seu IDHM. Quanto ao crescimento, principalmente, da renda em ambos os municípios no

²⁶² Sobre a Constituição de 1988 e a expansão dos direitos sociais, ver: CARVALHO, 2010, p. 207.

mesmo período, Quixadá contabilizou 5,7% de aumento, já São Paulo apenas 2,4%²⁶³.

Se o IDHM de São Paulo não se mostra tão favorável, quando comparado aos índices de desenvolvimento do município de Quixadá, ainda constatamos que o Índice do Custo de Vida (ICV) na capital paulista aumentou bastante entre novembro de 1977 e outubro de 1990, quando o Sr. Américo Soares foi dispensado pela empresa que trabalhou por treze anos. As oscilações sofridas no ICV da capital paulista, entre os referidos anos, girou em torno de 2,8% chegando a 30,5% no ano de 1990.²⁶⁴ Um custo de vida que nos parece não combinar com ficar desempregado, ou mesmo, com ter uma renda mensal diminuída ao recomeçar uma vida trabalhando em uma nova empresa; como seria possivelmente o que iria acontecer com o Sr. Américo Soares, naquele começo dos anos 1990.

Obviamente, até onde detectamos, ele não analisou os dados que utilizamos, antes de retornar da capital bandeirante. Na verdade, até pensou em continuar sendo empregado por mais tempo, como se pode evidenciar pela emissão de uma nova Carteira de Trabalho. Nesta, de fato, nada consta de registros de um emprego, ou mesmo, de promoções ao funcionário, mas apenas um pequeno bilhete que marcou a página 29 desse documento, o qual talvez devesse conter números de aumentos salariais, porém, o que se diz daqueles anos 1990 e sobre o passado do nosso entrevistado, é também um pouco do contido no sucinto escrito daquela página de um documento de trabalho desse migrante; onde se ressalta o seguinte: “O que sinto por você pode ser até passageiro, mas nesse instante, foge a meu controle. CE”.

Não temos a data especificada do escrito supracitado que é assinado pela autora como “CE”, que são as duas primeiras letras de seu nome, mas sabemos que sua feitura data de uma época em que o Sr. Américo Soares não mais registraria emprego em sua carteira, um tempo em que ele era sujeito errante, que não tinha bem definido o lugar em que iria ficar e, para nos apropriarmos de termos contidos no próprio bilhete, o migrante, aos modos dos sentimentos expressos pela pessoa

²⁶³ Dados disponíveis em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20%28pelos%20dados%20de%202000%29.htm>>. Acesso em: 31/maio/2011.

²⁶⁴ Sobre os percentuais, cf. Base de dados do Portal Brasil e Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/icv_seriehistorica.htm>. Acesso em: 23 abr. 2011

que o enamorava, era um “ser até passageiro”, porém, em breve, retornaria ao distrito de Custódio, pertencente a Quixadá-CE.

Pelos indícios que nos chegam sobre o passado do Sr. Américo Soares, como por exemplo, registrado no bilhete supracitado, ou mesmo quando ele ressalta que quando percebeu no fim dos anos 1980, que não poderia mais galgar novos espaços, assumir novos cargos na empresa que trabalhava depois de vários anos morando na capital bandeirante, desejou retornar à Quixadá, isso, nos faz pensar mais duas versões de histórias que falam de motivações de um retorno à terra natal.

Através do primeiro indício de um pretérito materializado no pequeno bilhete, pensamos no “detalhezinho” que nos disse o Sr. Pedro Dehon e, pela representação de um desejo de voltar depois que trabalhou alguns anos em São Paulo, percebendo inclusive, uma nítida impossibilidade em ocupar um novo cargo na empresa, o referido migrante nos faz recorrer ao que recordou o Sr. Gilberto Teixeira. Recorramos, então, a versão deste segundo entrevistado...

O Sr. Gilberto Teixeira, que nos concedeu entrevista em sua casa no município de Quixadá em abril de 2005, ao se referir as motivações que contribuíram para que ele voltasse a morar em sua terra natal, nos disse:

É porque eu vivia abusado já de morar num lugar agitado assim como São Paulo; você num lugar que é tranqüilo, mais calmo, a pessoa tem aquele sonho pra realizar, pra no dia em que vir embora, [poder] está na sua terra natal que é melhor, as amizades servem mais, a pessoa pode ser mais de confiança. Então, foi o que eu pensava: vou embora, eu num gosto daqui [refere-se a São Paulo], não adianta uma pessoa morar num lugar que você vive mais por causa do trabalho, num tem aquela liberdade que nem lá no Ceará.

Assim, o entrevistado que emigrou no ano 1989 tendo sua Carteira de Trabalho assinada em março de 1991, representa seus sentimentos. Ele, como se pelas reminiscências estivesse em São Paulo, reconsiderando seus projetos de vida, nos diz: “vou embora, eu não gosto daqui”, e antes de sair, mesmo que virtualmente, recorda que por lá viveu mais por causa do trabalho, relação bem recorrente quando a questão é se referir ao lugar para onde emigraram, mas, vivia “abusado”, um mundo agitado, sentia sua liberdade restringida, ressalta, e, sempre comparando momentos e experiências distintas, o Sr. Gilberto Teixeira, no que diz respeito às amizades em sua terra natal, afirma que “a pessoa pode ser mais de confiança”.

Ele traz em sua memória um sentimento de pertencimento a um grupo, quando se remete à terra natal, dizendo sobre as relações estabelecidas e amizades que “servem mais”. O Sr. Américo Soares de forma mais explícita, através das representações, faz bastante essa relação. Vejamos: “no meu retorno também eu não achei dificuldade porque o nordestino tem as origens dele: é no Nordeste”.

Não estamos, em hipótese alguma, através das lembranças dos entrevistados, pensando uma identidade como essência e estática, na verdade, entendemos que as formas de pensar dos quixadaenses estão marcadas por experiências de um outrora e pelas posições que adotam e reivindicam no presente; também por eventuais prospecções que fazem, podendo denotar aspirações futuras.

Diríamos ainda, que suas falas não trazem um dado em si verificável, mas representam sentidos de vivências e, é bem provável que categorias como: “nordestino”, e até mesmo, “terra natal”, se façam presentes nas narrativas depois que esses indivíduos viveram uma experiência coletiva enquanto migrantes, os quais outrora se sentiram fora de casa, procuraram se adaptar, mudaram, retornaram e moldaram suas concepções. Nesse sentido, o individual torna-se espontaneamente social, e desse modo, para pensarmos as versões dos entrevistados, devemos entender que “as lembranças que guardamos são partilhadas com outras pessoas, revelando aspectos intrínsecos dos grupos sociais nos quais nos envolvemos”²⁶⁵.

O Sr. Gilberto Teixeira, que partiu e voltou a Quixadá entre os anos de 1989 a 1998, relacionou São Paulo ao emprego, semelhante aos demais entrevistados que em algum momento recorrem a essa memória, mas, acrescentou dizendo que retornou, pois, vivia enfadado com o estilo de vida que tinha adotado e, não adiantava viver fora de sua terra natal apenas em virtude do trabalho. Parece mesmo que por certo momento, as representações sobre um lugar do emprego, “que tem muitas indústrias”, como já salientou o Sr. Américo Soares, impulsionaram também a emigração dos quixadaenses. Todavia, o que nos impressiona são as múltiplas versões embutidas de sentimentos, estes, que as vezes aparentam pulsar quando as escutamos, seja quando atentamos para as motivações de idas, como as expressas pelo contexto vivido por Margor-Marly, seja por vindas que trazem

²⁶⁵ JUCÁ, 2002, p. 108.

representações de uma terra natal imaginada, onde se tem esperança para com ela, de voltar a vivê-la; como constamos através da seguinte recordação do Sr. Pedro Dehon, que nos conta um “detalhezinho”, ao justificar seu retorno a Quixadá em 1997:

Me empolguei muito... Tinha esperança, eu tinha, era uma coisa que imaginava. Tem aquele detalhezinho que não te expliquei e vou te explicar agora: você conhece uma pessoa, botei uma pessoa na cabeça e acha que vai dar certo. E aí: 'vou ficar com fulana, fulana é uma pessoa que vai dar certo comigo'. Você chega aqui, de repente você vê que essa fulana não é nada do que você imaginava. Isso aí também influi muito pra gente voltar pra cá, sabe? Isso aí chama: a mulher.

Dos nossos entrevistados, o Sr. Pedro Dehon foi o único que depois de voltar a morar em Quixadá, fato que ocorreu no ano 1997, emigrou novamente para São Paulo, mas, como já informamos, o acontecido se deu depois que nos concedeu uma entrevista em novembro de 2004. E quando ele contou sobre as motivações de sua volta em 1997 para Quixadá, onde viveu aproximadamente oito anos depois de retornado, reflete a respeito de suas empolgações, esperanças e disse que imaginava estabelecer uma relação amorosa na terra natal, então, isso influenciou sua vinda em 1997 ao distrito de Custódio, pertencente a Quixadá, no fim dos anos 1990, afirmou o entrevistado.

Acrescentaríamos ainda que a relação que não se efetivou conforme suas esperanças, como ele imaginava, deixou-o momentaneamente, desamoroso, desgostoso, talvez desiludido com o distrito de Custódio que não o acolheu como desejava; fato que se configurou de forma bem diferente para o Sr. Américo Soares.

Mas, deixemos que o Sr. Pedro Dehon continue: “realmente, hoje, na realidade, continua a mesma coisa o Custódio; não tem vida. Eu ou qualquer um que venha não adianta se empolgar”. O entrevistado ao mesmo tempo em que fala de uma empolgação no passado e de uma relação que pensava possível, emite opinião a respeito de um mundo que ele diz não ter vida. E prossegue dizendo:

Não deu certo. Eu vendi [se desfez de seus bens] por um motivo que qualquer homem tem: me envolvi com uma pessoa. Estou saindo agora pra ir embora de novo. Mas eu não sei, posso até voltar, mas, eu acho que não me aquieto mais em lugar nenhum.

O lugar que não o acolheu se confunde com uma relação “que não deu certo”. E o nome dado a sua terra natal, um mundo desejado, bem que poderia ser o

de uma mulher, semelhante às cidades de Marco Polo²⁶⁶, descritas com nomes femininos. Ou, para citarmos um exemplo mais próximo, se assemelha as cidades de Margor-Marly, que tanto estiveram presentes em suas idas e vindas, apenas se distinguindo das de Marco Polo e Sr. Pedro Dehon, pois, as descritas por Margor-Marly nos foram apresentadas com nomes masculinos; como representamos no segundo capítulo.

É verdade também que o Sr. Pedro Dehon nos falou, depois de nos contar o porquê voltou à terra natal em 1997, de seus desejos de retornar a São Paulo, porque no Sertão Central não tinha emprego. Porém, exalta o ofício de soldador e suas habilidades de mecânico que adquiriu quando ainda jovem na capital bandeirante. Mediante a recordação ele afirma que: “eu retornando pra São Paulo eu não tenho que bater numa porta de emprego, eu não bato”. Passaria a trabalhar de forma independente, nos fazendo entender de fato o quão significativo é foi o “detalhezinho” que o empolgou a retornar para Quixadá, em 1997: “isso aí chama: a mulher”, como ele mesmo salientou.

Quando perguntamos ao Sr. Américo Soares sobre as origens do pequeno bilhete que encontramos dentro de sua Carteira de Trabalho, ele foi discreto quanto ao assunto, nos disse que a pessoa que escreveu “era uma colega. Quando eu cheguei aqui a gente ficava, a gente só ficava junto”. O sucinto escrito nos parece também, para usarmos uma expressão utilizada pelo Sr. Pedro Dehon, um “detalhezinho” de um tempo em que Sr. Américo Soares sentia-se motivado em retornar à terra natal.

Portando seus 36 anos em 1992, sentindo-se bem acolhido por colegas, não sendo mais, como o próprio Sr. Américo Soares ressalta: uma pessoa “comum”, depois de ter adquirido experiência com a migração que lhe deu autoridade, no mínimo, de falar onde seja o melhor lugar para ele morar, tentando fazer companhia aos seus já idosos pais, e mais, sair do aluguel que vivera por quinze anos em São Paulo, percebendo as oportunidades que o momento lhe ofertava, saindo de um lugar em que o custo de vida era elevado, recebendo seus direitos pelos serviços que prestou na empresa “Pincéis Tigre S.A”, comprou uma casa e montou uma pequena mercearia que lhe daria suporte, não apenas para subsistir,

²⁶⁶ CALVINO, 1990.

mas também para se casar e ampliar sua família. Diante dessa conjuntura é que o Sr. Américo Soares retorna à terra natal.

Quanto aos seus sentimentos sobre esse retorno, depois que perguntamos se ele desejaria morar novamente em São Paulo, ele nos disse:

De morada eu hoje não quero ir pra ficar lá morando em São Paulo porque a gente já tem a família da gente aqui e se eu falar que quero ir eu estou mentindo, eu não quero ir, eu quero mais é ficar aqui que aqui é a terra da gente.

O Sr. Américo Soares voltou em 1992, e segundo recordou, passou a exercer novas funções, não precisou mais ser empregado, sequer necessitou trabalhar na agricultura, como em 1976 antes de emigrar, já era possível conduzir o seu próprio negócio; outro contexto se configura em sua terra natal, em suas palavras: “a vida mudou totalmente; da época que eu fui e de quando eu cheguei, houve uma diferença. Aí eu fiquei e não voltei mais.”

A vida mudou não apenas para ele, como salientamos no primeiro capítulo, mas também para os demais entrevistados; que com experiências acumuladas puderam comparar e optar por constituírem uma nova rotina, alguns constituíram famílias, casaram, conquistaram certa estabilidade econômica, e principalmente, puderam escolher, mediante o aprendizado adquirido com a migração, onde de fato seguiriam vivendo.

Todavia, ainda gostaríamos de neste capítulo, depois de caminharmos partindo das falas do Sr. Américo Soares, antes mesmo de saber se ele conquistou seus objetivos ao emigrar para São Paulo, dialogarmos um pouco com Margor-Marly, personagem que foi a protagonista do segundo capítulo, para entendermos através de sua versão, na verdade: por que ela voltou para Quixadá em julho de 1986?

“Por que eu voltei?” Indagou Margor-Marly, como se buscasse uma explicação para seu passado prestes a ser reeditado por sua memória, numa entrevista que nos concedeu em sua casa, no distrito de Custódio, em abril de 2009.

Depois de uma breve reflexão de forma introspectiva, resignando-se por um instante em seu silêncio, ela relatou que em 1986, Manuel, seu esposo, recebera

uma carta de sua mãe, chorosa e de luto pela perda do sogro de Margor-Marly. Ela pedia ao filho que retornasse para o Custódio, pois, naquele momento: “num tinha quem tomasse de conta da terra, nem do gado, e ela [sogra de Margor-Marly] chorava toda hora, num via à hora da gente voltar... nossa casa tava abandonada, tava em tempo de cair!”

Assim, nossa entrevistada recordou aquele ano de 1986. Em seguida, Margor-Marly ressalta que, de fato, muito do que foi dito pela correspondência de sua sogra, não era bem uma verdade, ela continua: “mentira, nós chegamos a casa tava do mesmo jeito. Quando chegamos aqui, tava tudo direito. E quando acabar o coitado do [Manuel] nem tem acesso a terra, nem a nada de lá”.

A recordação de Margor-Marly parece evidenciar, em um primeiro momento, algo que até então não entendíamos, mas, na verdade, não diz respeito diretamente ao retorno dela juntamente com sua família em 1986, e sim: a razão da Carteira de Trabalho do seu esposo não ter sido assinada registrando o dia em que ele saiu da empresa que trabalhou na capital paulista. Provavelmente, isso se deu, devido ao retorno de forma repentina, em virtude das lamúrias de sua mãe e morte de seu pai, não houve tempo hábil para assinar e registrar a saída da empresa na Carteira de Trabalho do Manuel.

Porém, em um segundo momento, a recordação de Margor-Marly nos inquieta também, pois, se o seu esposo voltou repentinamente para cuidar do gado, da terra e para evitar que a casa, supostamente abandonada, ruísse no distrito de Custódio, sem mesmo ter tempo de registrar sua saída da empresa que prestou seus serviços na capital bandeirante, mas, ao chegar à terra natal, nada disso era verdade, conforme salientou Margor-Marly. Ou seja, seu esposo não passou a cuidar da terra e do gado, sequer a casa que Margor-Marly tinha comprado estava desmoronando, então, por que eles não emigraram novamente para São Paulo?

Para entendermos essa versão do retorno de Margor-Marly é significativo atentarmos para o que ela já nos disse sobre São Paulo e de sua vida depois que casou no segundo semestre de 1980...

Três anos depois de seu casamento, nasceu seu segundo filho. Quando este completou nove meses, Margor-Marly foi morar pela última vez em São Paulo,

depois de idas e vindas à capital paulista, em março de 1984. Na ocasião, juntamente com Margor-Marly, foram também, além de seu filho mais novo, sua mãe e esposo que desde o casamento em 1980, apesar das promessas, não tinha ainda, morado em São Paulo com Margor-Marly. Ele começaria a trabalhar dois meses depois dessa viagem feita com sua esposa, e, ela reassumiria suas funções de costureira na fábrica que já tinha prestado seus serviços desde 1977.

Em maio de 1985, Margor-Marly engravidaria mais uma vez e, desse ano, aproximadamente sobre o mês de dezembro, ela recordou que seu esposo já trabalhando, saía nos finais de semana: “ele bebia, ele me deixava só. Eu chorava, com o buchão! [grávida de sete meses] E ele passava de dois, três dias fora de casa sem eu saber notícias... Muito sofrimento”; assim recorda Margor-Marly. O período representado por ela se distingue bastante da época em que era uma jovem de 25 anos, ia para São Paulo e retornava ao Custódio cheia de vida, como já salientou no segundo capítulo. A migrante, em 1985, já não era mais solteira, e o tempo que ela representa é de “muito sofrimento”.

Margor-Marly passou a dividir pela primeira vez, em 1984, rotineiramente, os espaços de uma casa alugada na capital paulista, que deveria comportar seu boêmio esposo, seus filhos e eventualmente, sua mãe que ia visitá-la e ajudá-la com as obrigações do lar. Dessa forma, basicamente triplicou o número de indivíduos morando consigo, que ainda seria ampliado em fevereiro de 1986, com o nascimento de seu terceiro filho.

Sobre as medidas da casa localizada na capital bandeirante, deixemos que ela mesma nos diga o seu tamanho: “Era só um quarto pequeno! Lá onde nós morava, eu com o [Manuel], no máximo era esse tamanho aqui”, compara Margor-Marly, ao tamanho de uma cozinha de sua residência atual, no distrito de Custódio, que resume toda a casa que morava em São Paulo.

As dimensões atribuídas ao domicílio em que Margor-Marly morava na capital paulista, com seu esposo e filhos, mais alguns familiares que eventualmente apareciam, não sabemos exatamente, sequer medimos os espaços de sua residência localizada no distrito de Custódio, que além de seus vários compartimentos, tem também, um quintal como anexo.

Todavia, quando Margor-Marly nos fala do pequeno quarto em que morava com sua família, nos remete a missiva endereçada ao Sr. Américo Soares, avisando-o que: “aqui [em São Paulo] um quartinho com essa dispensa daí [no Custódio] da para mora quatro pessoas. e é pagando caro” (Carta datada de 22 jun. 1977). Este trecho da correspondência de 1977, nos ajuda a representar os ditos de Margor-Marly sobre o pequeno quarto que lhe comportava juntamente com seu esposo e crianças, e também, a pensar no custo e na qualidade de vida de uma grande cidade, também representados por um modelo de carta contido em um manual editado no ano de 1970, que fala, semelhante às representações de Margor-Marly, das dimensões de uma residência em uma cidade grande que bem parece marcar seu próprio estilo de vida. Vejamos o livro de 1970, cujo tema é “um prédio de apartamento”:

As grandes cidades têm seu resplendor, suas vantagens, mas também exigem de seus habitantes enormes sacrifícios. Um desses é a morada em exíguos apartamentos. (...) O sofá-cama, por exemplo, durante o dia transforma o ambiente em sala de estar e, à noite, dá-lhe a fisionomia de quarto de dormir. (...) As crianças é que mais sofrem com a exigüidade do ambiente. Falta-lhes uma área para o movimento de seus passos, falta-lhes o quintal por onde correm tanto os meninos do interior²⁶⁷.

O trecho supracitado do pequeno manual intitulado, que ensina “como escrever bem”, parece registrar um pouco do que foram os espaços que Margor-Marly iria acomodar sua família nos anos 1980. Numa cidade que de fato teve seu resplendor, mas, que exigia também dos migrantes quixadaenses, enormes sacrifícios, como por exemplo, comportar uma família que tem crianças, em exíguos ambientes, como o pequeno quarto alugado, em que vivia Margor-Marly em São Paulo. A entrevistada ressalta: “a coisa mais bonita que eu achei na minha vida, [quando retornou para o distrito de Custódio] foi minha casa, que eu pude comprar”, e sorrindo, ainda recorda que foi um elemento diferente do que antes vivia em São Paulo, pois, representava para si também uma liberdade conquistada, diferentemente de outrora, que Margor-Marly representa como sendo:

Uma prisão, eu vivia presa, num tem pra onde a gente ir [em virtude do salário mínimo que ganhava]. Aqui não, você já tá liberto. Pra onde você quer ir, você vai. Lá ninguém conhece ninguém. Você chega no seu quarto, fecha... É só a porta, fecha aquela porta e acabou a história.

²⁶⁷ BARBOSA, 1970, p. 97.

Apesar de Margor-Marly nos dizer que quando seu sogro morreu em 1986, não pensava em voltar para o distrito de Custódio, pois ela e seu esposo estavam empregados, ela enfatiza posteriormente, quando perguntamos sobre suas lembranças daquele ano e o sentimento que tinha ao morar em um pequeno compartimento, tendo que cuidar dos filhos, sendo casada, e mais, precisando desenvolver seus trabalhos como costureira, que na verdade, era “ruim ficar num presídio daquele, Deus me livre! Num via à hora de eu vir embora e, graças a Deus, eu cheguei”.

Através das versões do retorno de Margor-Marly, pensamos toda uma história que ela recordou: que tem como marcos sua juventude em 1975, e as condições de mãe solteira vivenciadas no pequeno distrito de Custódio, passando por romances, desencontros, e andanças enquanto migrante, chegando até as representações de Margor-Marly e o que nos diz ter acumulado, o seu saldo ao voltar à terra natal em 1986, a forma com que ela representou toda sua história: “só ganhei, ganhei meu marido, minha casa, meus filhos”.

Se repentinamente a migrante, com os seus 36 anos e três filhos, teve que voltar com o Manuel e crianças para o pequeno distrito de Custódio, em 1986, em virtude da morte do sogro e das lamúrias da sogra, e mais, porque o Manuel, à época já convertido ao protestantismo, iria assumir novas funções, como cuidar da terra e do gado, mas de fato, nada disso aconteceu e mesmo assim não emigraram novamente para São Paulo.

Entendemos que isso se deu devido ao fato de que Margor-Marly, juntamente com sua família, vivia um contexto bem diferente de quando ela era uma jovem mãe solteira nos anos 1976. As motivações de seu retorno e permanência em sua terra natal, se deram na verdade, a uma casa que ruíra, mas essa não era exatamente a do pequeno distrito ao qual retornara, e sim, a da capital paulista que foi abandonada. E como sabemos, os fios que ligaram sua trama, que teceram sua vida, se multiplicaram, tornando ainda mais emaranhada e complexa a casa que a acolhia, em que ela vivia. Nesse sentido, entendemos, conforme Calvino, que quando os fios “são tantos que não se pode mais atravessar”²⁶⁸, não se pode mais caminhar como outrora, até porque a família de Margor-Marly cresceu, ela careceu

²⁶⁸ CALVINO, 1990, p.72.

de mudança, e se mudou, pois, um novo contexto se configurava, suas andanças cessaram, e daquela casa, que também pode ser representada como sendo a própria capital bandeirante, restaram somente “os fios e os sustentáculos dos fios”²⁶⁹, os seus habitantes foram embora.

Pensamos os migrantes quixadaenses em contextos que se configuram em tramas tecidas pelos indícios que encontramos na estrada da vida que eles percorreram; não como algo generalizado, enquadrado em um grande tabuleiro existente onde passamos a movimentar e pensar os sujeitos. Suas tramas são tecidas por aproximações, comparações, e se revelam em torno da questão: por que nossos entrevistados retornaram de São Paulo e passaram a morar novamente em Quixadá? Primeiramente, por contextos que lhes foram bem característicos, por escolhas que realizaram.

Assim, enredamos um texto seguindo o próprio roteiro da entrevista que realizamos com o Sr. Américo Soares, onde a cada passo se parte de um momento, seja esse: os antecedentes de uma migração; de uma memória social sobre uma grande cidade de indústrias e do trabalho; uma vida diferente, de conquistas e mudanças; marcada por conflitos; até o instante em que se trata, propriamente, das representações e motivações de um retorno.

Todas elas e cada passo do roteiro que seguimos, nos remetem a outras versões de histórias que parecem se cruzar, dialogar, mas principalmente, nos possibilita encontrar respostas possíveis e tecer significados verossímeis da migração dos quixadaenses que entrevistamos. Cada um deles representa a si, seu próprio mundo e uma história; os múltiplos sentidos que nos chegam através da análise das fontes, parecem pinçar uma migração onde vozes ecoam e nos contam um mundo marcado por: sentimentos, emoções, escolhas pessoais, momentos, mudanças, conflitos, e mais, transparece o quão diversa são as motivações de um retorno; isso independe do momento em que migram, todavia, depende do contexto que se configura na vida de indivíduos que são agentes ativos de um processo histórico que se constitui.

²⁶⁹ Idem, p.72.

Eles voltaram porque já tinham acumulado experiência com a migração, porque puderam escolher onde continuar vivendo, porque mudaram e moldaram suas opiniões, porque tiveram filhos e a “casa” não mais os acomodava, ou mesmo por não ter naturalizado o estilo de vida de uma grande metrópole, não tê-la mais aguentado. Tinham conhecido a capital bandeirante, amealhado recursos, sentido saudades, assim como, sentido-se diferentes; e regressaram depois de aprender a chamar São Paulo de realidade, não mais de um sonho a ser conquistado, futuro almejado.

Voltaram, inclusive, porque encontraram seus amores e casaram, sendo isso já o bastante para mostrar sua distinção em um retorno à terra natal, como foi comum nessa experiência de migração. Retornaram para constituírem uma nova rotina, idealizando as vezes, uma terra deixada de um passado partido com a emigração, quem sabe um encontro consigo ou, com uma mulher amada, jamais acontecido. Porque ainda abusaram as ideias e projetos que outrora fizeram sentido, não mais aventuras e desconhecidos, ansiaram por novos ares. As conquistas aconteceram, sujeitos foram mudados.

Quanto às repostas da questão central deste capítulo, elas nos chegam fragmentadas, assim como foram representadas as motivações de um retorno à terra natal.

Apropriamo-nos do roteiro que se seguiu na entrevista realizada com o Sr. Américo Soares que nos serviu de modelo, emigrando em 1977, morando quinze anos em São Paulo, e desde 1992, retornou ao distrito de Custódio, pertencente a Quixadá-CE. Imaginamos que ele tenha conquistado seus objetivos depois que emigrou e retornou ao Ceará, mas sobre isso, que o migrante mesmo possa falar: “rapaz, eu acho que sim, porque eu queria conhecer uma cousa diferente. Então o objetivo de ganhar dinheiro muito, não se consegue, mas eu consegui conhecer muita cousa e ganhei experiência”.

Eis assim, através das representações, uma das múltiplas versões possíveis sobre as motivações de um retorno à terra natal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tratamos das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, nos foram reservados alguns desafios e, dentre eles, o de pensar maneiras de escrever, apresentar as fontes e sujeitos em nossa pesquisa. Então, articulamos os resultados do trabalho em três capítulos, apresentamos os entrevistados, e concomitantemente, iniciamos pensando o que representou a migração para os quixadaenses. Vale dizer também, que a ordem de cada capítulo não se deu de forma desinteressada.

Ao falarmos primeiramente de identificações e diferenças, mas, sobretudo das representações de uma migração para os sujeitos entrevistados, foi uma maneira encontrada para sinalizar, na própria estrutura da dissertação, o lugar ocupado pelos protagonistas de nosso trabalho no momento das entrevistas. Ou seja, o de pessoas que, no presente, e estando na terra natal, recordaram suas histórias enquanto migrantes regressos de São Paulo; podendo, com isso, considerar o que representou um processo migratório já acontecido.

Pensamos ainda, no primeiro capítulo, as posições defendidas pelos narradores ao se referirem a um outrora vivido fora de Quixadá. Dessa forma, as entrevistas nos possibilitaram detectar inúmeras temporalidades, seja partindo dos relatos e seus significados do presente; com o aflorar de um passado que não passou e foi materializado por valores, sentimentos e maneiras de falar; seja mesmo quando as falas apontavam para projetos futuros dos migrantes quixadaenses.

A história oral, utilizada enquanto metodologia, nos possibilitou constituir contextos e tecer tramas de vidas, as quais foram narradas de forma individual, mas, quando cruzadas, comparadas e compostas, revelaram tessituras e sentidos diversos por meio da análise de memórias sociais.

Através dos significados possíveis emergidos pelas falas de homens e mulheres de Quixadá, tornou-se difícil pensar sujeitos nômades por um único conceito, e também, de refletir pelos rastros deixados na estrada da vida, uma migração que enquadrasse os quixadaenses de forma homogênea. Os

protagonistas de nossa pesquisa não se deixaram aprisionar – pelos significados emersos de suas falas – por grandes quadros estruturais, preexistentes as práticas desses sujeitos, sequer por ferramentas teóricas. Estas, na verdade, nos ajudaram a pensar uma história de possibilidades, permeada na ordem do sensível, e assim, constatamos versões em que os deslocamentos são explicados por desejos de respirar novos ares, de constituir uma força vital para si, voltar bonita e cheia de vida, conforme especificou Margor-Marly, de mudar e ser diferente, ou quem sabe, encontrar uma pessoa amada e casar, arranjar-se em uma grande cidade, adquirir conhecimentos e deixar de ser comum. São essas histórias representadas que nos chegaram, marcadas por subjetividades, detectadas pela análise das falas dos quixadaenses, e de fato, pelos sentidos apresentados, que se tornariam imperceptíveis por meio de dados estatísticos e, em grande medida, por documentos oficiais.

As entrevistas neste trabalho não foram entendidas como uma maneira apenas de estudar as experiências dos interlocutores, pois, estivemos conscientes de que nesses momentos de diálogos com os quixadaenses, aconteceram trocas de olhares, um estudo mútuo entre entrevistador e entrevistados. Eles, por sua vez, transpareceram sensações e momentos, valores e emoções, nos ajudando a entender sensibilidades e expressões de um social e, também, facetas de uma migração. Já nós, na verdade, tivemos como papel conduzir por nosso escrito, as falas dos entrevistados, evitando talvez que elas e o próprio lugar, em que vivem os migrantes, caíssem em um anonimato. Definitivamente, não damos voz a esses sujeitos, eles já a têm, e foi partindo de suas falas que este trabalho tornou-se possível.

Quanto à maneira como elas, as vozes, apareceram no decorrer de toda a dissertação, pensamos um tratamento metodológico explicitado na própria forma de citar, podendo ser expresso através de um texto tecido como que fosse uma colcha aos retalhos. Mais ainda, que trouxesse por cada fragmento citado: um diálogo, um problema a ser resolvido, ou quem sabe, que viesse a roubar as convicções do leitor. E se não as roubaram definitivamente, se “contextualizaram”, foram colocadas em um momento específico do texto, devidamente selecionado, ajudando a compor tramas e tratar de questões pertinentes a migração dos quixadaenses.

Ao tecer tramas pensadas por esses modelos de escrita, dissertamos uma história que também pode ser vista como “ficção”, ao entendermos que a construção do conhecimento histórico passa por uma reedição e invenção, se dando por meio de recortes e seleções de cenas, que foram representadas e apresentadas pelo enredo construído no pinçar do historiador. Obviamente, o conhecimento que enredamos foi ainda embasado por uma análise de fontes e instrumentalizado por ferramentas teóricas, que ajudaram a compor representações de uma realidade passada. Em seu construto, em sua elaboração, trouxemos um discurso de verossimilhança sim, um desejo de verdade e de tocar a realidade. Mas, vale ainda dizer que, sobre a realidade foi possível apenas produzir versões, e não essências, e mais, que ela está carregada de significados de relações de um tempo vivido, sentido, percebido e representado; marcado por contradições e conflitos, denso e poroso, tendo sempre espaço para guardar seus segredos.

No entanto, ao selecionar, montar, combinar e compor as fontes neste trabalho, visamos conduzir falas de indivíduos para outros lugares, dando a conhecê-las, e trazendo por meio deste escrito seus múltiplos sentidos possíveis, as vezes desconhecidos, mesmo sendo de um evento conhecido como a migração. Assim, pensar uma maneira de dizer, citar e escrever neste trabalho, não se limitou a uma questão estilística, da redação de um texto, mas, implicou refletir sobre o próprio tratamento metodológico das fontes, e pensar maneiras de representar uma história que, neste caso particular, teve como objeto: as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo.

Tivemos a oportunidade também, especificamente no primeiro capítulo, de escutar sujeitos reeditando suas histórias, falando de um passado e de um desejo de conquistar um futuro melhor; este que foi representado como outrora sendo para os quixadaenses a cidade a qual se destinavam em São Paulo. Lugar em que se formaram, pois, segundo muito dos entrevistados, a faculdade deles foi mesmo materializada, não em escolas, mas com as experiências adquiridas com a migração. Na verdade, o que a todo tempo fizeram os entrevistados, e enfatizamos no capítulo inicial, foi apresentar outras cidades e um passado, para falar do presente e de um lugar implícito, à terra natal.

Apenas saber o que significou a migração para os entrevistados em um primeiro momento da dissertação, não nos saciou de todo o desejo de estudar nosso objeto, então, recorreremos à trajetória de vida de Margor-Marly, protagonista do segundo capítulo, que trouxe consigo um cabedal de fontes nos possibilitando pensar as motivações de um emigrar. Sua história, apesar de não representar a dos demais entrevistados, nos ajudou a problematizar a temática da migração. Deparamos-nos, não apenas com relatos orais, tivemos a nossa disposição também mais de quarenta correspondências, algumas remetidas a Margor-Marly, inclusive, antes mesmo de sua saída pela primeira vez, em 1976, para a capital bandeirante. Se no presente ela nos contou que foi do nada, pelas evidências em primeira mão, as missivas, que resistiram a décadas em seu baú, nos foi possível pensar redutos de sensibilidades, contextos e um passado da migrante; suas memórias se entrecruzaram, múltiplas foram as temporalidades detectadas em relatos orais e escritos. Fomos conduzidos pelos indícios, mesmo que virtualmente, para um pretérito, percebendo, ao portarmos as correspondências, o teor de relações, o grau de intimidade entre os missivistas, as preocupações, redes de boatos, trilhas sonoras que embalaram relações, tensões e sentimentos expressos no passado. Assim como contamos nossa versão de uma atração por São Paulo.

Mediante os rastros encontrados sobre as experiências de Margor-Marly, evidenciamos o quão polifônico são as motivações de uma migração, elas se apresentam de forma ambígua e contraditória, e transcendem a explicações unívocas e estruturais.

Na verdade, apesar da enriquecedora experiência, para nós, de encontrar Margor-Marly neste trabalho, sobretudo no segundo capítulo em que perguntamos: por que ocorreu uma emigração, nossa entrevistada voltou a morar em Quixadá semelhante aos demais entrevistados. Então, restávamos ainda uma inquietação que precisou ser trabalhada: por que todos os entrevistados voltaram a viver novamente na terra natal, depois de partirem para São Paulo buscando melhorias de vida? Ora, falamos então, no terceiro capítulo, das motivações de um retorno, pensando ainda: os conflitos, as conquistas e mudanças que aconteceram com a experiência da migração.

Como estratégia narrativa, partimos de um migrante modelo, o Sr. Américo Soares. Sobre as versões de sua história expostas em seus relatos orais, comparamos e entrecruzamos com outros indícios como: cartas, registros contidos em suas carteiras de trabalho, e com as próprias falas dos demais protagonistas desta pesquisa. Assim, pensamos uma memória social partindo de relatos individuais que, ao se cruzarem, nos revelaram toda uma tessitura, um conjunto de ideias com expressões de experiências coletivas. Mediante a abordagem, percebemos que falar de São Paulo como sendo um lugar do trabalho, de indústrias e onde o nordestino foi buscar um futuro melhor, condiz, sobretudo, com uma memória social da migração desses quixadaenses que entrevistamos.

Quanto as repostas possíveis sobre as motivações de um retorno à terra natal, elas nos chegaram aos pedaços, e de forma não generalizada. Cada quixadaense ao falar de seu regresso representou, a si, seu mundo e sua história; esta, marcada por conflitos, sentimentos, ressentimentos, escolhas individuais, e momentos específicos da vida dos quixadaenses. Restaram lembranças, como afirmou Margor-Marly, de um passado e uma cidade em São Paulo vivida pelos quixadaenses, cidades visíveis, de fato, sobretudo quando materializadas pelas representações dos indivíduos que entrevistamos.

No último capítulo, como destacamos, os quixadaenses voltaram depois de entender que concluíram uma etapa de suas histórias, posteriormente ao acumularem experiência com os processos que se deram no contexto de uma migração. Escolheram onde continuar vivendo, mudaram os horizontes e seus destinos, moldaram suas opiniões e retornaram à terra natal, visando melhorar de vida e constituir uma nova rotina.

Depois de conhecermos os doze entrevistados, analisarmos suas recordações e nos aventurarmos a tecer tramas pelos rastros de uma migração Quixadá – São Paulo, nós entendemos que o estudo sobre a migração configura-se também por versões de sujeitos que podem nos ajudar a evidenciar tessituras sociais, e mais, por suas histórias, acessadas pelos indícios encontrados, contribuir para que entendamos uma migração pulsante em subjetividades, enovelada por sensibilidades, ao trilharmos as veredas de uma história marcada pelo sensível.

Apesar de fazermos as considerações finais, não podemos deixar de destacar, por último, as nossas inquietações que ainda pairam sobre as evidências que temos, e não foram utilizadas para contar um pouco mais da história da migrante Margor-Marly, pois, na verdade ela se encorpou nesta pesquisa a tal ponto que precisamos sintetizar as suas motivações de um retorno à terra natal, no terceiro capítulo, para não desandarmos em nosso enredo, senão nos referiríamos a um tempo em que ela começou a namorar com o Manuel, relação que mudaria os rumos de sua vida.

Aliás, no ano de 1981, seu já esposo não era muito bem visto no distrito de Custódio por sua sogra, que informava sua procedência de ordem duvidosa através de uma missiva: “minha filha pesco que você não escreva tão cedo para o cabro-[Manuel] ele é em capais ele fais é pouco de você nas budegas quando ele está bebendo ele nojento namora com a [Selma] eu não vi mais tem quem diga (...)” (Carta datada de 02 abr. 1981). A referida correspondência foi endereçada a Margor-Marly, que na ocasião morava na capital paulista e esperava seu esposo. Este, por sua vez, disse por uma missiva: “si eu tivesi um asas a muito tempo eu teria avuado para onde está você” (Carta datada de 12 jun. 1981).

Entre as cartas de sua mãe e as do esposo de Margor-Marly, contabilizamos treze missivas, mas, na verdade, não realizamos ainda uma entrevista com o Manuel, e é bem provável que ele não recorde o conteúdo das cartas que enviava para sua outrora namorada, e depois esposa. Carecemos de fazer uma entrevista com ele sobre as suas correspondências remetidas.

Quanto às versões de uma emigração do Manuel, que envolve o próprio romance estabelecido com Margor-Marly, entre o final dos anos 1970 e 1986, quando retornam de São Paulo à terra natal, ainda não foi desta vez que pudemos contar, mas, talvez estejamos diante de mais uma trama e uma migração marcada por conflitos, ambiguidades, desencontros e encontros, sabores, dissabores e amores... Semelhantes as que foram contadas neste trabalho!

FONTES

Narrativas Oraís

Entrevistas com migrantes:

- José Américo Soares. Comerciante. Entrevista realizada em março de 2005, aos 49 anos.
- Alderiza Silva de Sousa. Vendedora. Entrevista realizada em junho de 2005, aos [44 anos?]
- Antônio Teixeira da Silva. Motorista e comerciante. Entrevista realizada em novembro de 2004, aos 38 anos.
- Antônio José Jorge. Mototaxista. Entrevista realizada em março de 2005, aos 52 anos.
- Gilberto Teixeira da Silva. Mototaxista. Entrevista realizada em abril de 2005, aos 34 anos.
- Gilberto Nunes da Silva. Vigilante. Entrevista realizada em setembro de 2005, aos 42 anos.
- Eliana Lima da Silva. Comerciante. Entrevista realizada em março de 2005, aos 42 anos.
- Valquíria de Holanda Miranda. Comerciante. Entrevista realizada em maio de 2005, aos 54 anos.
- Margor-Marly. Aposentada. Entrevistas realizadas em abril e junho de 2009, aos 58 anos.
- Pedro Dehon da Silva. Eletricista. Entrevista realizada em novembro de 2004, aos 44 anos.
- Nazareno Firmino da Silva. Comerciante. Entrevista realizada em outubro de 2006, aos 34 anos.
- Francisco Cláudio Laurentino de Lima. Motorista. Entrevista realizada em setembro de 2006, aos 45 anos.

Fontes escritas

Correspondências:

- Cartas doadas por Margor-Marly, datadas do período de 1972-1981. Total de correspondências utilizadas: 21.
- Cartas doadas por D. Oscarina Soares, datadas dos anos de 1977, 1979 e 1999. Total de correspondências utilizadas: 07.

Manuais:

BARBOSA, Osmar. **Como escrever bem:** guia de redação com 140 modelos de composições. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1970.

____. **Como escrever qualquer carta:** correspondência familiar, social, amorosa, comercial, oficial e forense. Requerimento, ofícios, telegramas e dedicatória. Rio de Janeiro, Tecnoprint, [ca. 1958].

MARIA, Dora. **Aprenda as boas maneiras.** Rio de Janeiro. Editora Tecnoprint. 1958.

____. **Modelos de cartas de amor:** mais de 150 modelos para noivos e namorados. Rio de Janeiro. Editora Tecnoprint. 1965.

Poesias:

MAIA, Ilka de Freitas. **Rei Bandeirante**, [s.n], [S.L]. Disponível em: <http://www.musicasantigas.mus.br/poesias/r_bandei.htm>. Acesso em: 01 fev., 2011.

____. **As botas de sete léguas**, [s.n], [S.L]. Disponível em: <http://www.musica.santas.mus.br/poesias/r_bandei.htm>. Acesso em: 01 fev., 2011.

Periódicos:

BARRETO, Eduardo de Paula. **São Paulo, senhora moderna.** SP 457 anos, Folha.com – Caderno Cotidiano – Celebridades e anônimos falam sobre a cidade de São Paulo. São Paulo, 25 jan., 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/864372celebridades-e-anonimos-falam-sobre-a-cidade-de-sao-paulo.html>> Acesso em: 25 jan. 2011.

DE MARI, Juliana. **Revista Veja**. Especial. [S.L], 13 ago. 1997. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/130897/p_096.html>. Acesso em: 26 abr. 2011.

Canções

- DEBAIXO DOS CARACÓIS DOS SEUS CABELOS. Data: 1971. (Erasmoo Carlos e Roberto Carlos).
- DEIXA O TEMPO CORRER. Data: 1972 (Jorge Paiva e Odair José).
- DISTANTE DOS OLHOS. Data [ca. 1971]. (S. Endrigo e S. Bardotti).
- ENCONTROS E DESPEDIDAS. Data: 1985 (Fernando Brant e Milton)
- ESPERE-ME. Data: [ca.1972]. (Agnaldo Timóteo).
- ESTRADA DE CANINDÉ. Data: 1950. (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira).
- FUTUROS AMANTES. Data: 1993. (Chico Buarque)
- PARABÉNS, PARABÉNS QUERIDA. Data: 1973. (Cláudio Fontana).
- SAMPA. Data: 1978. (Caetano Veloso)
- SÃO, SÃO PAULO. Data: 1968 (Tom Zé)
- SÓ LEMBRANÇAS. Data: 1976. (Bartô Galeno).

Carteira de trabalho

Carteiras de Trabalho e Previdência Social. José Américo Soares: 1) Emitida: em 15 set. 1980, São Paulo; 2) Emitida em: 31 dez. 1981, Lapa; 3) Emitida em: 24 jan. 1990, Lapa.

Carteira de Trabalho e Previdência Social. Alderiza Silva de Sousa: 1) Emitida em: 21 maio 1979, Ceará.

Carteira de Trabalho e Previdência Social. Antônio Teixeira da Silva: 1) Emitida em: 24 jan. 1986, Ceará.

Carteira de Trabalho e Previdência Social. Antônio José Jorge: 1) Emitida em: 22 mar. 1978, São Paulo.

Carteiras de Trabalho e Previdência Social. Gilberto Teixeira da Silva: 1) Emitida em: 15 ago. 1979, Quixadá; 2) Emitida em: 09 dez [1994?], Barueri; 3) Emitida em: 26 set. 1996, Barueri.

Carteira de Trabalho e Previdência Social. Eliana Lima da Silva: 1) Emitida em: 22 mar. 1985, Quixadá.

Carteiras de Trabalho e Previdência Social. Valquíria de Holanda Miranda: 1) Emitida em: 16 out. 1970, Fortaleza; 2) Emitida em: 04 set. 1978, São Paulo.

Carteira de Trabalho e Previdência Social. Nazareno Firmino da Silva: 1) Emitida em: 16 maio 1994, Quixadá.

Carteira de Trabalho e Previdência Social. Francisco Cláudio Laurentino de Lima: 1) Emitida em: 14 maio 1979, Ceará; 2) Emitida em: 08 jun. 1992, São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica. In: **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

____. As Sombras do Tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história In: Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente. (Org.). **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. - 2. ed - Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo; Cortez, 2001.

ALEXANDRE, Marcos. Representação Social: uma genealogia do conceito. **Revista Comum**, Rio de Janeiro, v.10 - nº 23, p. 122 a 138 – jul./dez., 2004.

ARAÚJO, Maria do Socorro de Sousa. No desenho dos mundos plurais, o mosaico de vidas singulares. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes. (Orgs.) **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

ARIÉS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: CHARTIER, Roger.(Org.). **História da Vida Privada 3: da Renascença ao século das luzes**. Companhia das Letras, São Paulo, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

BARROS, Vilarin Barbosa. Pensando um modo de fazer história através das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. In: **Travessias**. UNIOESTE, Ed.10, vol. 4. p.615-633. 2010.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Capistrano de Abreu e a correspondência feminina**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª edição, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUENO Silveira: minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: FTD, 2000.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CALDEIRA, Teresa do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34 / Edusp, 2000.

CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e a não-escrita. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 8ª Edição, 2006.

_____. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 13ª ed. 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

_____. Operação histórica. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Fco Alves, 1998.

CHAUÍ, Marilena. Sobre o medo. In: NOVAES, Adauto (Org). **Os sentidos da paixão**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

CROCI, Federico. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. **Revista de História**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, 2008.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIETRICH, Ana Maria. História Oral e Fotografia: desafios metodológicos. **Revista de História Contemporânea**, n.1, nov-abr 2008. Disponível em: <www.revistacontemporaneos.com.br>. Acesso em 01 mar., 2010.

DOSSE, François. **A história**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros: cotidiano e representações**. São Paulo, Humanitas/ FELCH/USP/ Fapesp/ Educ. 2003.

EULÁLIO, Maria do Carmo. A história oral: vetor do tempo para pessoas idosas. In: **Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória**. WHITARER, Dulce Consuelo Andreatta e VELÔSO, Thelma Maria (organizadoras)- Campina Grande EDUEP, 2005.

FARIAS, Cristiane Pessoa; COSTA, Douglas Felipe Vidal; MACHADO, Paulo de Almeida. **Da construção histórica das representações em torno da sexualidade no contexto católico à práxis contemporânea dos fiéis**. 2008. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Curso de Psicologia, Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2008.

FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. **Memória Social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa, Editora Teorema, s.d.

FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FREIRE, Laura Lúcia Ramos. **Perfil econômico do Ceará**. Fortaleza: Banco do Nordeste. 2002.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GISELE, Laura. **BNB Banco do Nordeste do Brasil**: histórico do Banco do Nordeste. Disponível em: <<http://giselelaura.blogspot.com/2007/10/bnb-banco-do-nordeste-do-brasil.html>>. Acesso em: 20 jun., 2011.

GOMES, Ângela de Castro. **Escritas de si, escrita da história**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: O breve século XX: 1914-1991. São Paulo; Companhias das Letras, 1995.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. Minidicionário Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

JANNUZZI, Paulo de Martino. Perfis etários da migração por motivos e acompanhantes da mudança: evidências empíricas para São Paulo entre 1980 e 1993. **Revista Brasileira Estudos Populacionais**. Brasília, 15 (2), 1998.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A polifonia urbana expressa na oralidade. In: Dossiê: História, memória e oralidade, **Revista Trajetos**, v.2, n.3. Departamento de História da UFC, Fortaleza, 2002.

KLÖCKNER, Luciano; PRATA Nair (org.). **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

KOUBI, Geneviève . Entre sentimentos e ressentimento: as incertezas de um direito das minorias. In: **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Orgs.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

LANGUE, Frédérique. Sussurro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França. In: Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente. (Org.). **História e Sensibilidade**. 1 ed. Brasília: Paralelo 15, 2006

LEVI, Giovanni. O microscópio infinito. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro. Ano 4, n. 41, Fevereiro de 2009.

LOPES, Ana Lúcia. A prática pedagógica e a construção de identidades. In: **Educação Africanidades Brasil**. Universidade de Brasília – UNB – Centro de Educação a distância, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **A cidade, a noite e o cronista**. São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

_____. **Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades**. Bauru, São Paulo, Edusc, 2005.

_____. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. São Paulo, EDUSC – Bauru, 2002.

MONTENEGRO, Antônio Torres. Ciências, história e memória: questões metodológicas. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder e PARENTE, Temis Gomes. **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

MUSTAFÁ, Izani. Rádio e as inovações tecnológicas em Joinville. In: KLÖCKNER, Luciano; PRATA Nair (org.). **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

NETO, Maria Inácia D'Ávila; NAZARETH, Juliana. Redes sociais na experiência migratória de Mulheres Nordestinas. In: ANAIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO, 2006, Minas Gerais. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/315.redessociaisnaexperienciamigratoriademulheresnordestinas.pdf>. Acesso em: 01 maio 2011.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. História, Ciências, Saúde. **Manguinhos**, vol.5, n° 1: p.115-123, Rio de Janeiro, mar.-jun. 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Apresentação do Dossiê: História Cultural & Multidisciplinaridade. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais. vol. 4., Dezembro de 2007.

_____. Esta história que chamam micro. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et. al., (org.). **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre, Ed. Universidade, UFRGS, 2002.

_____. **Os sete pecados da capital**. São Paulo: Hucitec, 2008.

PETERSEN, Sílvia Ferraz. A renovação da historiografia e o tema da vida cotidiana: desfazendo alguns equívocos. In: MUCH, Cláudia (org.) **Porto Alegre na virada do século 19**: cultura e sociedade. Porto Alegre/ Canoas / São Leopoldo: Ed. Universidade/ UFRS / Ed.ULBRA/ Ed. UNISINOS, 1994.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**, n°. 2, Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro, 1996.

_____. Forma e significado na história oral: A pesquisa como um experimento em igualdade. In: O que faz a História Oral diferente. **Projeto. História**, São Paulo, 14, fev. 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho – Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História** 15, Ética e História Oral; São Paulo, 1997.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Orgs.). **História da Vida Privada 5: da primeira Guerra a nossos dias**. Companhia das Letras, São Paulo, 2009.

REVEL, Jacques (Org.). Microanálise e construção do social. In: **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIOS, Kênia Sousa. **Coisas do amor: memórias de uma exposição no Museu do Ceará**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretária da Cultura o Estado do Ceará, 2005.

SALES, Telma Bessa. **Memórias e Experiências de canudenses na cidade de São Paulo - 1950-2000**. 2006. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia. Revista do Migrante**, Publicação do CEM – Ano XIII, Número Especial, Janeiro/ 2000.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n.13, julho de 2000.

SILVA, Sara Regina Moreira da. **Processos educativos e memórias de mulheres em processo de envelhecimento que vivem em um abrigo e participam de uma tertúlia musical dialógica**. 2008. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2008.

SOUSA, Thiago Romeu de. **A re-territorialização do retornado cearense: uma proposta de análise**. 2006. 174f. Dissertação (Mestrado em Ordenamento Territorial e Ambiental) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2006.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: **Projeto História**, São Paulo, n.15, abr. 1997.

TIN, Emerson (org.). **A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolônia, Erasmo de Rotterdam**, Justo Lipísio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Sensibilidades sociais e história de vida. **Fênix**: Revista de História e Estudos Culturais. Universidade Federal de Uberlândia. Fundação Casa de Rui Barbosa, vol. 6, Ano 6, nº3. 2009.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Memória guardada em papéis e livros. **Trajetos**. Revista de História UFC. Fortaleza, vol. 3, nº6, 2005.

VIEIRA, Eloy Santos; et al.. As redes e o novo consumidor de notícias. In: XII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, Campina Grande – PB, 10 a 12 de Jun, 2010. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R23-0425-1.pdf>>. Acesso em: 30 jun., 2011.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. São Paulo, Companhia das Letras. 2011.